

SABRINA DE CÁSSIA MARTINS

DICIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO DE EXPRESSÕES
CROMÁTICAS DA *FAUNA* E *FLORA*

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Orientador: Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia

São José do Rio Preto
2013

Martins, Sabrina de Cássia

Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da *Fauna* e *Flora*. / Sabrina de Cássia Martins. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2013.
220 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Cláudia Zavaglia

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Análise linguística. 2. Lexicografia especializada. 4. Dicionários onomasiológicos. 5. Expressões cromáticas. 6. *Fauna e Flora*. I. Zavaglia, Cláudia. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título

CDU – 81'374

SABRINA DE CÁSSIA MARTINS

Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da *fauna e flora*

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Gládis Maria de Barcellos Almeida
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Solange Aranha
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 30 de janeiro de 2013.

*Aos que tornam meus dias mais coloridos,
pelo carinho e compreensão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço

À minha mãe, Aparecida, pela eterna dedicação, incentivo e por ter me ensinado a caminhar e trilhar o meu caminho; e à minha irmã, Izabela, minha bebê e companheira incansável.

Ao Victor, pelas horas dedicadas à correção deste e de tantos outros textos, pela paciência, pelas palavras ditas nos momentos em que mais precisei, pelo apoio e pelo amor. Sei que muitas vezes fui dura, mas tenha certeza que você tem tornado meu caminho muito mais calmo e seguro.

Aos meus filhotes, o labrador Bonno Vox e o border collie Logan, pelo amor incondicional e pelos doces momentos de alegria.

À minha orientadora e amiga, Claudia, pelo apoio e carinho, pelas sábias palavras de incentivo e por compartilhar sua experiência e conhecimento. Você é um exemplo de profissional, mulher, de mãe, enfim, de tudo.

A todos os meus amigos que direta ou indiretamente motivaram esta pesquisa. Àqueles mais presentes que compartilharam minhas angústias e sofrimento e também àqueles que mesmo distantes continuam torcendo pelas minhas vitórias.

A todos os professores que cruzaram o meu caminho nos últimos anos e que contribuíram com sua experiência e ensinamentos.

À CAPES, por financiar a realização deste sonho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - O mundo é feito de cores	19
1.1 Retrospectiva do estudo das cores e sua evolução	21
1.2 Universalismo e Relativismo linguístico: raízes e consequências nos estudos das cores	22
1.3 Contra-argumentos à Teoria Universalista	29
1.4 Novas perspectivas	35
1.5 A cor do ponto de vista simbólico	40
1.6 A presença das cores no meio ambiente: a escolha pelo vocabulário da <i>Fauna e Flora</i>	43
CAPÍTULO 2 - Léxico e ciências	48
2.1 A Terminologia e sua face comunicativa	48
2.1.1 A intersecção entre o discurso comum e o discurso especializado e as variantes denominativas	51
2.1.2 O texto especializado	58
2.1.3 A unidade lexical especializada (ULE)	59
2.2 A Lexicografia e Terminografia: diferenças	62
2.3 Semelhanças entre a Lexicografia e a Terminografia: a Lexicografia Especializada	64
CAPÍTULO 3 - A onomasiologia: por que elaborar um dicionário onomasiológico e qual a sua contribuição	70
3.1 A Onomasiologia e o significado	71
3.1.1 A escola analítica e o triângulo de Ogden e Richards	72
3.1.2 O trapézio de Heger	74
3.2 Onomasiologia e Dicionários Onomasiológicos	76
3.3 A interdependência entre a Semasiologia e a Onomasiologia	80
3.4 Percurso onomasiológico x percurso semasiológico	83
3.4.1 O percurso onomasiológico nos dicionários	84
CAPÍTULO 4 - A estruturação lexicográfica do dicionário	87

4.1	A Macro e a microestrutura	88
4.2	A definição	91
4.2.1	A definição lexicográfica	92
4.2.2	A definição enciclopédica	94
4.2.3	A definição terminológica	95
4.3	A presença dos contextos	96
4.3.1	A utilização do <i>corpus</i> Web para a extração dos contextos	98
4.4	A sinonímia científica	101
4.5	A homonímia e a polissemia na Biologia	103
	CAPÍTULO 5 - Desenvolvimento e etapas metodológicas	106
5.1	Frequência	114
5.2	Características das definições dos cromônimos	115
5.3	Expressões cromáticas polissêmicas e homônimas	117
5.4	As ilustrações, o plano de classificação das ideias e o índice remissivo	119
6	CAPÍTULO 6 – Análises e resultados	123
6.1	Análises	123
6.1.1	As cores e o processo de criação lexical	123
6.1.2	A popularização científica	127
6.2	O dicionário	136
	Dicionário Onomasiológico de Expressões Cromáticas da <i>Fauna</i> e Flora	137
	CONCLUSÕES	210
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
	BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	219

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 1	Triângulo de Ogden e Richards	72
Figura 2	Triângulo de Ullmann	73
Figura 3	Vários nomes ligados por um significado (esquerda) e um único nome relacionado a diversos sentidos.	74
Figura 4	Trapézio de Heger	75
Figura 5	Percurso onomasiológico segundo Pottier	83
Figura 6	Percurso semasiológico segundo Pottier	84
Figura 7	Modelo de Macroestrutura	89
Figura 8	Classificação da expressão cromática <i>iguana-verde</i> na macroestrutura do dicionário proposto	90
Figura 9	Variação do nível de especialidade no vocabulário da Biologia	129
Figura 10	Interseção entre os níveis de especialidade	131
Figura 11	Variação do nível de especialidade entre as variantes	134

TABELAS

Tabela 1	Exemplos de sinonímia científica	103
Tabela 2	Exemplos de Expressões Cromáticas detectadas em dicionários e sites.	108
Tabela 3	Exemplos de definições de duas espécies da <i>Fauna</i>	115
Tabela 4	Exemplos de definições de duas espécies da <i>Flora</i>	116
Tabela 5	Estruturas gramaticais na formação das expressões cromáticas da Botânica e da Zoologia	125
Tabela 6	Exemplo de expressão cromática no domínio da Botânica	127
Tabela 7	Exemplo de expressão cromática no domínio da Botânica	128
Tabela 8	Dados obtidos a partir do <i>Corpus Web</i>	130
Tabela 9	Dados obtidos a partir do <i>Corpus Web</i>	132
Tabela 10	Espécies que apresentam apenas a expressão cromática além do nome científico	133
Tabela 11	Exemplo de várias expressões cromáticas denominando a mesma espécie	133

GRÁFICOS

Gráfico 1	Ocorrências totais dos subdomínios cromáticos	109
Gráfico 2	Ocorrências dos subdomínios cromáticos em Botânica e em Zoologia	109

Resumo: O presente projeto está inserido no conjunto de pesquisas em Análise Linguística, mais especificamente entre aquelas cujo tema é o Tratamento do Léxico. A presente proposta tem como objeto de estudo o vocabulário da *Fauna* e da *Flora* formado por nomes de cores, cujo interesse é motivado pelo papel ativo desses itens na expansão do léxico especializado denominando objetos, pigmentos, nomes geográficos, substâncias, processos, fatos históricos e principalmente as espécies vegetais e animais. Uma vez que nos propomos a organizar um dicionário monolíngue que contemple uma parte especial do léxico da língua portuguesa, a saber, expressões cromáticas (sintagmas nominais que possuam em seu interior nomes de cores) pertencentes aos seguintes subdomínios cromáticos *preto, branco, amarelo, azul, laranja, cinza, verde, marrom, vermelho, rosa, violeta, roxo e anil*, encontradas em duas subáreas da Biologia: a Botânica, especificamente as *Angiospermas*, e a Zoologia, exclusivamente os *Vertebrados* (peixes, mamíferos, aves, anfíbios e répteis), sugerimos uma arquitetura de macroestrutura onomasiológica que seja adequada ao tipo de vocabulário estipulado, sustentada nos princípios taxonômicos, e que possibilite a relação entre conceitos, isto é, espécies que compartilham de características semelhantes. O modelo de microestrutura foi elaborado de modo que contemplasse as informações necessárias para a compreensão do item lexical e que respondesse às necessidades do usuário, no caso, o especialista em Ciências Biológicas e áreas afins. Assim, optamos por um modelo que abordasse informações linguísticas, informações específicas da área, como o nome científico, a definição, bem como contextos em discurso especializado e comum. A presença de dois contextos justifica-se pelo interesse em investigar o uso das expressões cromáticas nos diversos níveis de especialidade de discurso. Por meio do *corpus*, comprovamos a hipótese de que as expressões cromáticas agem como intermediadoras entre o discurso especializado e o comum, proporcionando a difusão de conceitos e a comunicação entre especialistas e leigos. O estudo dos itens lexicais cromáticos é uma forma de evidenciar a importância da contribuição das cores para a linguagem e para a difusão das terminologias da *Fauna* e da *Flora*.

Palavras-chave: Lexicografia Especializada, dicionários onomasiológicos, discurso comum e discurso especializado, nomes de cores, expressões cromáticas, *Fauna* e *Flora*.

Abstract: This study belongs to the group of researches on Linguistic Analysis, specifically among those whose theme is the treatment of the lexicon. This research has as its object of study the vocabulary of *Fauna* and *Flora* composed of color names. Our interest is encouraged by the active role of these items to expand the specialised lexicon, naming objects, pigments, geographic names, substances, processes, historical facts and mainly species of animals and plants. We propose to organize a monolingual dictionary that includes a special part of Portuguese language lexicon, namely chromatic phrases (noun phrases composed of color names) belonging to the following chromatic subdomains: *black, white, yellow, blue, orange, gray, green, brown, red, pink, violet, purple* and *indigo*, found in two subfields of Biology, Botany, specifically the Angiosperms, and Zoology, only Vertebrates (fishes, mammals, birds, amphibians and reptiles). For this reason, we suggested an architecture of onomasiological macrostructure that was appropriated to the type of vocabulary provided, based on taxonomic principles, and that enabled the relationship between concepts, i.e., species that share similar characteristics. The microstructure model was elaborated in order to contemplate the necessary information for understanding the lexical item and responding to user needs, in this case, the expert in Biological Sciences and related fields. Thus, we chose a model that approached linguistic information, specific information of this area, such as scientific name, definition and contexts in specialized and common discourse. The presence of two contexts is justified by the interest in investigating the use of chromatic phrases in various levels of speciality of the discourse. Through the *corpus* we confirmed the hypothesis that the chromatic phrases act as intermediaries between specialized and common discourse, providing the diffusion of concepts and the communication between experts and laymen. The study of chromatic phrases is a way to highlight the importance of color contribution to the language and to dissemination of *Fauna* and *Flora* terminology.

Key-words: Specialized lexicography, onomasiological dictionaries, common discourse and specialized discourse, color names, chromatic phrases, *Fauna* and *Flora*.

INTRODUÇÃO

O léxico é o tesouro vocabular formado pelos símbolos verbais de uma cultura, “incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural” (BIDERMAN, 1992, p. 399), registrados no decorrer de sua história, constituindo a fisionomia de um povo (BORBA, 1991). É um conjunto de signos linguísticos que representa toda a experiência de uma sociedade, cristalizando os conceitos na forma de palavras e, por conseguinte, socializando-os para que sejam usados como instrumento de comunicação e interação social. É uma herança transmitida e ampliada de geração a geração. É um saber partilhado que está sujeito a todas as influências sócio-históricas da comunidade que o cria (BIDERMAN, 2001).

Nesse sentido, Zavaglia (2009) ressalta que

É o léxico, em forma de palavras e por meio da linguagem, que “conta” a história milenar de povo para povo; é o léxico que transmite os elementos culturais de um conjunto de indivíduos; é o léxico que “proíbe” manifestações ou então as “incita”; é o léxico que “educa” ou “deseduca”; é o léxico que permite a manifestação dos sentimentos humanos, de suas afeições ou desgostos, via oral ou via escrita. É o léxico que registra o desencadear das ações de uma sociedade, suas mudanças, seu progresso ou regresso (ZAVAGLIA, 2009, p. 8).

Vilela (1979) atenta para a importância do léxico ao afirmar que este é o elemento central da língua, constituindo a sua organização interna. O mesmo autor aventa que, entendido como competência lexical, o léxico representa um sistema de possibilidades que abrange as palavras reais, pautadas pela norma (documentadas), e as palavras possíveis (com base nas regras de formação).

Embora não concordemos, vale ressaltar que, além de remeter ao conjunto de signos linguísticos de uma determinada língua, a palavra *léxico* também é entendida como sinônimo de *dicionário*, uma obra que teria como objetivo compilar as unidades léxicas de uma língua.

Tal obra, por sua vez, tem recebido diferentes papéis no decorrer da história da Lexicografia, tais como: de guardião da moral e dos valores de uma nação; de promotor social; de inventário de lexemas de uma língua natural; de instrumento pedagógico que tem como objetivo educar, pois busca responder questões sobre o emprego e o significado das palavras e sua aceitabilidade; de instrumento de informação, já que define e populariza conceitos; de instrumento de normatização, pois uma palavra só é considerada como pertencente à norma se ela estiver registrada no dicionário; além disso, de instrumento de comunicação, visto que tem como objeto a língua nas suas mais variadas realizações.

Para além dessas visões de dicionário, consideramos tal obra como uma verdadeira manifestação discursiva impregnada pela ideologia, pela história e pela cultura de quem o elabora em todas as suas etapas, na seleção do *corpus*, na escolha da nomenclatura, dos exemplos e, sobretudo, na dissertação da definição que exige do lexicógrafo uma posição em relação à realidade que o cerca. Nunes (2006, p. 11) coloca que “se por um lado, o dicionário tem essa aura de ‘discurso do sério’, de um espaço sem falhas e de uma definição modelar e estável, por outro lado, ele tem sua historicidade: ele reproduz, se transforma, se renova e se atualiza”, acompanhando o desenvolvimento social e, conseqüentemente, o lexical.

Tais características que apontam para a discursividade do dicionário refletem a própria constituição do léxico, uma vez que este também é moldado pela sociedade que o utiliza e, por conseguinte, sofre todas as influências sócio-históricas e culturais vivenciadas por ela. Ademais, sendo o léxico um sistema aberto e em expansão, é frequentemente atualizado, de acordo com as necessidades advindas da evolução científica e tecnológica a que é submetida a comunidade. Assim, novas palavras são criadas, como também outras caem em desuso. É essa constante transformação do léxico que impossibilita que uma obra o abarque em sua totalidade ao longo da história. Um dicionário, por maior que seja, tratará do vocabulário em um determinado estágio da língua.

Biderman (1992, p. 399), baseando-se em Matoré (1972), destaca que as manifestações linguísticas exprimem a consciência que o ser humano tem do mundo ao seu redor e que os conceitos evoluem de acordo com as mudanças sofridas pela sociedade. No seu livro *Teoria Linguística*, de 1978,¹ a autora já defendia que a percepção, concepção e interpretação da realidade seriam registradas pelo falante e armazenadas na sua memória, por meio de uma forma semanticamente estruturada e fornecida pelo próprio conjunto lexical. Isto é, um processo mental de categorização do repertório lexical padronizada de acordo com os modelos já existentes e com o uso feito pela comunidade, que resulta tanto do conhecimento de mundo quanto do próprio esforço cognitivo em classificar o léxico de acordo com a estrutura semântica da língua.

Assim, cada unidade lexical abrangeria uma rede de significações de tamanho variável, o que a autora chama de *rede semântica* e define como uma incorporação estruturada de um conjunto de campos léxicos (BIDERMAN, 1981). Ilari (2002), por sua vez, enuncia que cada campo lexical abrange um conjunto de unidades lexicais que denominam um conjunto de conhecimentos de alguma forma análogos. Em outras palavras, um conjunto de microssistemas que compõem o “acervo léxico-cultural de uma sociedade” (ZAVAGLIA, 2007, p. 2).

Seguramente, um desses microssistemas é composto pelos cromônimos,² estruturas morfossintáticas que integram um campo léxico e são dotadas de significados semânticos específicos moldados por uma determinada cultura no decorrer de sua história, compondo uma rede semântica. Defendendo que cada cultura tem um modo particular de traduzir em palavras a realidade que a cerca, também “a percepção das cores será representada linguisticamente de forma diferenciada de uma cultura para outra” (ZAVAGLIA, 2006, p.

¹ Neste trabalho, utilizamos a terceira edição desse livro publicada em 2001.

² Itens lexicais que contêm em seu interior um nome de cor também chamados nessa trabalho de expressões cromáticas.

27), refletindo o ambiente social em que uma determinada comunidade se insere, sua complexidade cultural e econômica e suas necessidades.

Paralelamente à evolução do léxico, os nomes de cores também evoluíram, pois no decorrer de sua história, o homem foi aprimorando seu aparelho visual e, apoiado na evolução econômico-tecnológica que possibilitou a produção de novas cores, ampliou o vocabulário referente aos nomes de cores, dando à linguagem outros sentidos e tornando a relação linguístico - extralinguístico cada vez mais próxima. Aliado ao fator de desenvolvimento sócio-econômico, destaca-se a interação intensa entre as mais variadas culturas devido à globalização e à queda das barreiras antes tão bem delineadas. As mudanças estão refletidas não apenas na estrutura morfológica do vocabulário das cores como também na semântica, pois adquirem sentidos novos, na medida em que passam a exprimir outros conceitos.

No tocante ao registro do léxico em obras de referência, Béjoint (2000) menciona que o papel do dicionário, bem como a visão que o leitor tem dele, passou por uma constante transformação no decorrer de sua história. De acordo com o autor, sua tradição vem desde o século III a.C. quando os sumérios começaram a elaborar listas de palavras que tinham a função de normatização terminológica nas áreas administrativa e de relações comerciais. Já na Idade média, surgem as primeiras obras bilíngues temáticas, que tiveram um papel indispensável para a compreensão de textos em latim e grego, podendo ser consideradas antecessoras dos dicionários bilíngues, cujo desenvolvimento está associado ao início das relações culturais e comerciais entre sociedades de diferentes línguas.

Segundo Béjoint (2000), as primeiras obras lexicográficas monolíngues europeias são datadas do séc. XVI. Tratava-se de obras cuja função era a cultural e, sobretudo, a de autoaprendizagem. O mesmo autor ressalta que no séc. XVIII, tais obras sofreram uma série de mudanças, passando a desempenhar uma função escolar. Seu método era o indutivo, isto é, generalizações ou inferências baseadas na experiência, comprovadas a partir de um *corpus*

que, na época, era constituído por um conjunto de textos autênticos que refletiam os propósitos da obra. Além do mais, as obras lexicográficas contavam com características normativas e prescritivas. Ainda nesse período, passaram a apresentar traços linguísticos, como por exemplo, a tentativa de se tratar adequadamente as unidades lexicais polissêmicas e de definir as palavras funcionais. A linguagem abordada era aquela literária e os lexicógrafos sentiam que era seu dever indicar e apontar para o uso adequado da língua. Já nos séculos XIX e XX, os lexicógrafos passaram a visar a exaustividade, na tentativa de abordar o maior número possível de unidades lexicais nas suas variações linguísticas.

Por sua vez, no século XXI, observa-se um número cada vez mais crescente de dicionários específicos, ou seja, aqueles que privilegiam determinadas fatias do léxico, em paralelo aos dicionários gerais de língua. De fato, já no decorrer da segunda metade do século XX, com o advento da ciência e da tecnologia, além da globalização, intensificou-se o interesse pelo estudo das linguagens científicas, principalmente em relação à compilação de obras especiais e especializadas, com enfoque em microssistemas lexicais e áreas de domínio, respectivamente. Tosqui-Lucks (2008) destaca que são dicionários dirigidos a um público específico, formado não só por especialistas da área, como também, e principalmente, por tradutores e intérpretes.

O presente projeto se encaixa dentro do amplo leque de dicionários especializados e está inserido em um projeto maior, o *Dicionário Multilíngue de Cores (DMC)*, coordenado pela Prof^a Dr^a Claudia Zavaglia. A proposta de se elaborar um dicionário composto apenas por cromônimos explica-se pelo interesse em estudar a contribuição do vocabulário das cores na ampliação lexical, sobretudo no domínio do discurso especializado. Nossa proposta tenciona, portanto, contribuir para o estudo e tratamento das unidades lexicais especializadas,³ atentando para a popularização de conceitos referentes à Botânica e à Zoologia por meio da

³ Neste trabalho, *unidade lexical especializada (ULE)* e *item lexical especializado (ILE)* são entendidos como sinônimos de *unidade terminológica* ou *termo*.

utilização de expressões cromáticas como variantes denominativas na terminologia da área em questão.

Nesse sentido, uma vez realizado o levantamento de itens lexicais cromáticos que comprovou a grande frequência de cromônimos nessas subáreas do conhecimento, nossos *objetivos gerais* estiveram direcionados para a elaboração de um dicionário monolíngue organizado de forma onomasiológica que abordasse o vocabulário pertencente às Ciências Biológicas, em especial à Botânica e à Zoologia, e que contemplasse em sua nomenclatura expressões cromáticas, isto é, itens lexicais que contivessem em seu interior nomes de cores que fizessem parte da tipologia *preto, branco, amarelo, azul, laranja, cinza, verde, marrom, vermelho, rosa, violeta, roxo e anil*, como, por exemplo, *cipó-barba-branca, jacaré-de-papo-amarelo, ipê-roxo*, entre outros.

Nossos *objetivos específicos* estiveram concentrados 1. na formulação do modelo de macro e microestrutura que fosse o mais adequado para a fatia lexical escolhida e para o público visado, 2. na análise da composição dos cromônimos como variantes denominativas e 3. na sua transição entre os discursos especializado e comum, atentando para o papel de tais itens na divulgação do saber científico e na popularização das terminologias.

Cabe destacar que a nossa pesquisa não esteve restrita ao português brasileiro, mas sim a todas as suas variantes. Tal opção deveu-se à tentativa de abranger uma maior quantidade de expressões cromáticas no dicionário. Assim, não nos restringimos a utilizar contextos brasileiros na microestrutura, da mesma forma que também não descartamos cromônimos que apresentaram frequência na Web maior em sites de outros países, tais como *branca-ursina* e *melão-branco*.

Em se tratando da organização do dicionário, a hipótese feita é que a estrutura onomasiológica seja a mais adequada para o tipo de informação que pretendemos disponibilizar, já que a própria Biologia prevê uma divisão em categorias que obedecem a

uma hierarquia. Biderman (2001), entretanto, ressalta que a Lexicografia é tipicamente semasiológica, sendo que o lexicógrafo procura elencar todos os significados de um determinado item lexical no interior do verbete, de modo a organizar os campos semasiológicos dos lexemas. No entanto, durante o processo de elaboração de obras lexicográficas especiais, o lexicógrafo tem como trabalho preliminar a organização do mapa conceitual da área que será abordada, buscando em seguida seus significantes correspondentes. Dessa forma, o dicionário de orientação onomasiológica dá continuidade a uma atividade previamente estabelecida, além de facultar ao consulente a relação entre conceitos, no caso a conexão entre várias espécies de um mesmo grupo.

Durante a realização de um estágio de iniciação científica, comprovamos a grande recorrência de cromônimos no discurso especializado, utilizados na nomeação de processos, elementos químicos, fenômenos físicos e geográficos, fatos históricos e, sobretudo, na denominação das espécies da *Fauna* e da *Flora*. Uma vez que nesse campo os cromônimos são variantes denominativas dos nomes científicos utilizadas com o propósito de divulgação do saber, conjecturamos que as expressões cromáticas fossem parte integrante do discurso especializado, atuando como intermediadoras entre especialistas e leigos, sendo utilizadas em diferentes níveis de especialização de discurso. Nesse sentido, buscamos estudar a flutuação de tais expressões entre os domínios do discurso comum e do especializado por meio da frequência de uso no *Corpus Web*, buscando atribuir valores dentro de uma escala de especialização que inclui o nome científico da espécie, a expressão cromática e outras formas denominativas não compostas por nomes de cores.

Nas próximas páginas, forneceremos, no capítulo 1, um panorama dos estudos relacionados ao vocabulário das cores que têm estimulado nossa pesquisa; no capítulo 2, discorreremos sobre o léxico como objeto de estudo e seu tratamento em dicionários especializados; no capítulo 3, versaremos sobre o impasse entre semasiologia e

onomasiologia, suas diferentes abordagens, bem como sobre a formulação de um modelo de dicionário onomasiológico que satisfaça a todo o tipo de usuário, para então expormos, no capítulo 4, algumas questões referentes à elaboração de dicionários especializados e, no capítulo 5, os modelos de macroestrutura e microestrutura escolhidos e a metodologia adotada para a elaboração do dicionário proposto. Por fim, no capítulo 6, relataremos as análises realizadas, assim como apresentaremos os resultados obtidos.

O estudo dessa fatia lexical atenta para a riqueza do mecanismo da linguagem, bem como para a importância de se observá-la não como blocos claramente delineados, mas como um todo, além de evidenciar a importância da contribuição das cores para a ampliação vocabular e para a difusão das terminologias da *Fauna* e da *Flora*. A elaboração de dicionários temáticos busca atentar para a complexidade e evolução do léxico, bem como contribuir para o mercado das obras de referência. Justifica-se, assim, a presente pesquisa.

CAPÍTULO I

O MUNDO É FEITO DE CORES

Sem dúvida, as cores são parte essencial da nossa vida, fazendo-se presentes em tudo à nossa volta, desde elementos químicos, no meio ambiente, nos prédios das cidades, nos móveis, roupas, acessórios, até mesmo no nosso próprio corpo, tais como a cor dos olhos, cabelos, da pele, expressando características fundamentais para a nossa descrição. São tão essenciais à vida que chegam a atuar na nossa saúde física e mental, provocando em nossa psique, segundo Rousseau (1980), sensações morais e físicas.

Mas o que é a cor? A princípio, tal questão pode nos parecer óbvia, pois todos sabemos o que é *cor*. No entanto, é importante ressaltar que a palavra *cor* assume sentidos diferentes a depender de quem a emprega.

Para a Física, por exemplo, a cor é o resultado de reações eletromagnéticas visíveis, não existindo além do nível dos olhos. As manifestações luminosas são frutos de ondas eletromagnéticas que variam entre 380nm e 760nm⁴ e sua absorção estimula a retina, dando origem a um impulso nervoso que fará com que o ser humano perceba a cor. Rousseau (1980) a descreve como

[...] uma *luz*, isto é, uma radiação de um certo comprimento de onda. Sabe-se que a luz solar, formada de uma mistura de radiações simples, pode ser decomposta em seus elementos, por meio de *prismas* ou de *redes*. Essas radiações são classificadas segundo o seu comprimento de onda, que decresce imperceptivelmente do vermelho ao violeta. Dizemos *imperceptivelmente* porque a divisão do espectro solar em sete cores, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil, violeta, é arbitrária, pelo menos do ponto de vista do físico. Na realidade, a luz solar é composta de uma infinidade de nuances luminosas, das quais o olho humano pode distinguir setecentas tonalidades diferentes (ROUSSEAU, 1980, p.16).

⁴ Nanômetro (nm) é a unidade de medida utilizada para medir os comprimentos de onda e equivale à bilionésima parte de um metro (10⁻⁹).

O mesmo autor aventava que “toda cor pode se resumir a uma sensação colorida, isto é, a uma simples aparência” (Rousseau, 1980, p.37), afinal, um corpo é azul porque absorve todas as outras cores e reflete o azul. Além disso, a cor não só pode ser vista pelo prisma das propriedades físicas, mas também do biológico, no qual passa a assumir um significado, “na medida em que os fenômenos são classificados de acordo com uma hierarquia de valores e a seguir comparados entre si” (ROUSSEAU, 1980, p.11), e psíquico, influenciando nossos valores espirituais e morais.

É fato que desde os tempos mais remotos o homem vem estudando e estabelecendo relações com o espectro cromático, dando a este um papel fundamental no decorrer da história. Assim como em outras áreas do saber, tais como a Física, Psicologia, Medicina, Artes, as cores também estão presentes nos estudos relacionados à ciência da linguagem. De acordo com Berlin e Kay (1969), tal campo de estudo desperta interesse desde a antiguidade, porém, aqueles que tiveram como objeto a nomenclatura dos nomes de cores datam de meados do século XIX, tendo sido observados sempre em sua relação interdisciplinar, abordando os aspectos: *físico, psicofísico, psicossensorial, linguístico, perceptivo, cognitivo, cultural*.

Valenzuela (2008) relata que as cores não existem de maneira independente e objetiva na natureza. Os corpos absorvem parte do espectro cromático refletindo o remanescente, o que o ser humano percebe como cor. Cada língua segmenta de uma forma diferente a cor refletida pelos objetos. Cada língua/cultura desenvolve uma percepção cromática distinta, baseada nas suas particularidades de organização.

De fato, como bem afirma Zavaglia (2006, p.26) “o homem foi criando e registrando linguisticamente sua afetividade pelas cores [...] exprimindo suas emoções por meio de cromônimos – hoje tão incorporados a sua realidade”, e é esse uso, isto é, “a concretização em palavras das sensações e percepções provocadas na visão pela luz que os objetos refletem”

(ZAVAGLIA, 1996, p.3) que incita cada vez mais os linguistas a se adentrarem nos caminhos dos estudos do seu campo semântico. No entanto, como destacado por Wyler (1992), questionou-se muito (e ainda se questiona) como é feita a segmentação do espectro cromático pelas diversas comunidades culturais e procurou-se encontrar a estabilidade interlingual dos focos cromáticos, havendo o privilégio dos aspectos antropológicos e neurofisiológicos em detrimento dos linguísticos.

O movimento científico evolucionista do século XIX encontrou na literatura uma grande terminologia de cores. A partir da metade deste século, muitos foram os trabalhos voltados para o espectro cromático e sua evolução. Nas próximas linhas, faremos uma breve exposição baseada no texto de Grossmann (1988) sobre a evolução do estudo das cores a partir do século XIX, para então adentrarmos nas questões linguísticas relacionadas a tal campo de pesquisa.

1.1 Retrospectiva do estudo das cores e sua evolução

De acordo com Grossmann (1988), o primeiro trabalho relacionado ao estudo das cores foi realizado por Gladstone (1858), que tratava sobre o modo como a Grécia antiga as percebia, utilizando o critério da luminosidade que, segundo a autora, não era consistente. O segundo foi publicado em 1871 por Geiger que detectou pela primeira vez uma sequência na aquisição de nomes de cores (do maior para o menor comprimento de onda), destacando que a percepção cromática do homem 100 anos antes não era tão aperfeiçoada como no final do século XIX, e defendendo a ideia de um desenvolvimento da humanidade na percepção das cores ao longo da história. O primeiro crítico dessas teorias, segundo Grossmann (1988), foi Grant Allen (1879) que argumentava que não havia uma falta de desenvolvimento da capacidade perceptiva, acrescentando que, nas sociedades primitivas, os nomes de cores referiam-se a objetos que interessavam mais às pessoas, por isso a falta de nomes abstratos.

Ainda segundo Grossmann (1988), Magnus (1877), em concordância com as teses anteriores, afirmava que houve um desenvolvimento do órgão responsável pela visão que, a princípio, distinguia apenas o branco e o preto, fato que mudou gradualmente de forma e fez com que o homem passasse ou fosse capaz de perceber as diferentes tonalidades cromáticas. Após esse trabalho, concluiu que o aumento da complexidade do vocabulário das cores não refletia as mudanças na habilidade de discriminação entre elas, mas o aprimoramento do léxico.

Em oposição a tais teorias, Grossmann (1988) cita duas outras publicações: o trabalho de Allen (1879) no qual declara que um vocabulário restrito não justifica a falta de desenvolvimento na percepção das cores, e de Bénaky (1897) que, por sua vez, criticava a teoria evolucionista predominante no final do século XIX, declarando que as terminologias diferiam entre línguas e que estas foram se desenvolvendo no decorrer da história.

Na segunda metade do século XX, surgiram várias pesquisas sobre os nomes de cores (são exemplos: Berlin; Kay, 1969; Grossman, 1988; Arcaini, 1991; Zavaglia, 1996), sobre a arbitrariedade na qual as línguas codificam estes nomes, fruto de uma relação entre língua e pensamento, língua e comportamento não verbal. Tais estudos embasaram-se nas questões que giravam em torno do Relativismo e do Universalismo linguístico; o primeiro afirmando que a língua determina o modo de ver e de conceituar o mundo; e o segundo, que a língua não influencia no pensamento e comportamento. No entanto, a fim de tentar compreender melhor a evolução desses estudos, faremos uma breve retomada da história dessas duas correntes.

1.2 Universalismo e Relativismo linguístico: raízes e consequências nos estudos das cores

Como ciência, a Linguística é relativamente nova, uma vez que apenas no século XX foram definidas metodologias que assegurassem o estatuto de científico aos estudos

linguísticos. Antes disso, os estudiosos empregavam a abordagem comparativa de forma a delinear a evolução histórica das línguas.

Nesse período, surgiram duas correntes teóricas:

- a *Universalista* que defende a presença de propriedades comuns entre todas as línguas, argumentando que

[...] o homem viria com algum equipamento inato, que lhe permitiria adquirir nos primeiros anos de vida a língua de seu ambiente familiar, qualquer que ela fosse, pois já viria conhecendo as condições básicas da língua humana, condições que lhe permitiriam a aquisição rápida da modalidade da língua falada no ambiente que o rodeia, naqueles primeiros anos de vida (RODRÍGUEZ, 1998, p.29).

O problema, segundo Rodríguez (1998), é saber quais propriedades das línguas humanas podem ser consideradas ou não como universais, pois o que tem se encontrado são coincidências proporcionadas pela difusão cultural.

Para Rodrigues (2000, p. 164) “o universalismo seria uma estratégia para justificar e legitimar a exclusão da diferença, em nome de princípios supostamente gerais, racionais que pretensamente derivariam das próprias coisas e seriam universalmente aplicáveis”.

- a *Relativista* que “considera as línguas individualmente, sem que tenham que coincidir em todos ou mesmo em alguns dos atributos” (RODRÍGUEZ, 1998, p. 28). Dentre suas várias formas, destacamos aqui o relativismo cultural e o linguístico, os quais têm suas origens nas palavras de Wittgenstein e sua consagração com a hipótese de Sapir-Whorf, a qual afirma que os pensamentos são fortemente afetados pela língua e, por consequência, que alguns pensamentos de um indivíduo falante da língua “X” não possam ser compreendidos por um falante da língua “Y”.

Biderman (2001) destaca que

A hipótese de Sapir-Whorf foi muito divulgada em meio a linguistas e antropólogos sobretudo nas décadas de 50 e 60. Para essa teoria, a conceptualização da realidade se revela claramente nas estruturas gramaticais e semânticas das línguas. Em outras palavras: todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga. Ou ainda: cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas (BIDERMAN, 2001, p. 109).

De acordo com o trecho citado, tal teoria declara que a língua não é um mero recurso para a comunicação, mas sim constitui o mundo real em que vive uma determinada comunidade. Em outras palavras, o sistema linguístico é que molda por meio das suas estruturas lexicais, sintáticas e semânticas a percepção que um indivíduo tem da realidade a sua volta, nomeando as experiências de uma forma própria que reflete características sócio-históricas e culturais.

Em meio a todo esse debate e na busca pelos universais, com objetivo de combater os pressupostos relativistas, alguns autores propuseram a existência de traços fonéticos fixos, uma gramática universal tradicional com categorias encontradas na estrutura sintática comum às línguas, universais semânticos compostos por itens lexicais que designam pessoas, objetos, comportamentos, sentimentos, necessidades e, sobretudo, cores. E é nesse ponto que entra em foco o estudo sobre o espectro cromático.

Para demonstrar tal relatividade e a influência do pensamento sobre a linguagem, cientistas têm se valido desse vocabulário na tentativa de comprovar que o sistema linguístico afeta a cognição e que o número e os tipos dos nomes de cores básicos de uma língua determinam a forma como o sujeito vê o espectro.

Sendo assim,

1. A estrutura da língua pode determinar ou influenciar a visão de mundo do indivíduo e
2. A visão de mundo descreve um senso de existência consistente e integral e proporciona um aparato teórico para gerar, sustentar e aplicar o conhecimento.

Segundo Valenzuela (2007),

Talvez esta formulação seja tão superficial que nos faça franzir o cenho e descartá-la de antemão como algo exotérico e difícil de se acreditar. Porém, se substituirmos o abrangente termo “pensar” pelo mais específico “realizar determinadas tarefas cognitivas”, pode ser que os nossos valores iniciais mudem (VALENZUELA, 2007, p.15).⁵

É importante ressaltar que, já nessa época, muitos autores de ambas as correntes manifestaram sua opinião no que concerne ao extremismo dessas duas teorias. Chomsky, por exemplo, admitiu haver restrições em muitos universais, da mesma forma que a diversidade cultural e linguística não é tão grande a ponto de excluir a possibilidade de tradução.

Continuando com o panorama do estudo das cores, a Teoria Universalista teve grande repercussão com o livro de Berlin e Kay (1969), intitulado *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Tal livro trazia o estudo da divisão do continuum visual do espectro cromático em vinte línguas, dentre elas, árabe (Líbano), búlgaro (Bulgária), catalão (Espanha), cantonês (China), mandarim (China), inglês (Estados Unidos), hebraico (Israel), úngaro (Hungria), ibíbio (Nigéria), japonês (Japão), coreano (Coreia), espanhol (México), etc. Os autores tinham como questão principal “ Como o contínuo cromático é segmentado pelos membros de uma comunidade de fala, ou por uma língua natural, e quantos termos são utilizados para essa segmentação?”⁶ (WYLER, 1992, p. 18) de modo a comprovar a hipótese de que houvesse uma base conceitual universal. Tratava-se de um teste experimental, em que mostravam para os informantes uma tabela contendo diferentes tonalidades e estes, por sua vez, deveriam dar nomes às cores.

⁵ Quizás sea esta formulación tan generalista la que nos hace fruncir el ceño y descartarla de antemano como algo esotérico o difícil de creer. Pero si sustituimos el amplísimo término “pensar” por el más específico “realizar determinadas tareas cognitivas”, puede que nuestra valoración inicial cambie (todas as traduções são de nossa autoria).

⁶ How is the colour continuum segmented by members of a speech community, or rather one natural language, and how many terms are required for this segmentation?

No livro, os autores explicitam que tal pesquisa deveu-se às críticas por parte dos relativistas, linguistas e antropólogos norte-americanos, à doutrina universalista. Os autores, logo nas primeiras linhas, deixam claro que há um desentendimento em relação a essa teoria, o que culminou na contra-argumentação dos universais semânticos. Sendo assim, partem da hipótese de que a segmentação das cores apresenta uma correspondência muito grande entre as línguas, demonstrando que a categorização cromática não é casual e os pontos focais dos termos básicos são similares em todas as línguas.

No que diz respeito à categorização das cores, Yendrikhovskij (2001) destaca que se trata do agrupamento das sensações cromáticas em classes, podendo ser realizado em níveis diferentes do processo cognitivo-visual. Tal organização baseia-se na reflexão da luz nos corpos e sua evolução histórica. Segundo o autor, a grande vantagem da categorização é a redução das diferenças entre os estímulos de cores percebíveis. Não obstante, além das categorias ajudarem no compartilhamento de conhecimento, facilitam a comunicação entre os indivíduos. De acordo com o autor, a categorização das cores é determinada tanto por propriedades internas do sistema sensorial quanto por propriedades externas do meio ambiente, o que possibilita as diferenças de categorização de indivíduo para indivíduo.

De fato, os nomes de cores são constituídos por uma estrutura semântica de um conjunto de lexemas, e cada um deles faz referência a um determinado grupo de matizes. Por isso, cada língua segmenta o espaço das cores de modo diverso, podendo diferir quanto ao número de termos, a forma de distinção, o peso dado a cada dimensão da cor (GROSSMANN, 1988). No que diz respeito às diferenças dentro da mesma comunidade de fala, Grossmann (1988) salienta que tais fatores dependem do sexo, idade, instrução e classe socioeconômica. Por exemplo, o léxico usado pelas mulheres é muito mais sofisticado e preciso do que o dos homens. O ambiente social, por sua vez, também se mostra como um fator de grande importância, já que possibilita o refinamento da percepção das cores e da

atenção sobre elas. Pessoas de escolaridade mais baixa, por exemplo, tendem a dispor de um número mais limitado de nomes de cores em seu vocabulário ativo.

Ainda no tocante à problemática de Berlin e Kay (1969), baseados nos resultados obtidos, os autores afirmam que tais universais existem no domínio das cores e estão relacionados à evolução histórica das línguas e, embora elas apresentem um número diferente de cores básicas, existe um inventário universal de 11 categorias, que são *branco, preto, vermelho, verde amarelo azul, marrom, púrpura, rosa, laranja e cinza*. Além disso, ressaltam a presença de uma evolução dos nomes de cores básicos, existindo uma sequência fixa nos estágios evolutivos pelo qual a linguagem deve passar durante a implementação do vocabulário cromático. Tal evolução segue estágios históricos, sendo possível que uma cultura perca uma categoria num determinado momento, ou ganhe em outro. Sendo assim, se a língua não apresenta as onze categorias, ela apresentará a seguinte ordem de categorização:

1. todas as línguas contêm termos para branco e preto;
2. se a língua contém três termos, então ela tem um termo para vermelho;
3. se a língua contém quatro termos, então ela tem um termo para o verde ou para o amarelo (mas não para os dois);
4. se a língua contém cinco termos, então ela tem termos tanto para o verde, quanto para o amarelo;
5. se a língua contém seis termos, então ela tem um termo para o azul;
6. se a língua contém sete termos, então ela tem um termo para o marrom;
7. se a língua contém oito termos, então ela tem um termo para púrpura, rosa, laranja, cinza ou alguma combinação dessas (BERLIN; KAY, 1969, p.2-3).⁷

Ademais, caracterizam o nome de cor básico:

1. como monolexêmico;
2. com significação não incluída em outra categoria;
3. com implicação não restrita a uma classe delimitada de objetos;

⁷ 1. All languages contain terms for white and black. 2. If a language contains three terms, then it contains a term for red. 3. If a language contains four terms, then it contains a term for either green or yellow (but not both). 4. If a language contains five terms, then it contains terms for both green and yellow. 5. If a language contains six terms, then it contains a term for blue. 6. If a language contains seven terms, then it contains a term for brown. 7. If a language contains eight or more terms, then it contains a term for purple, pink, orange, grey, or some combination of these.

4. como sendo psicologicamente evidente para os informantes.

Segundo os autores, toda língua possui pelo menos duas categorias (preto e branco).

No entanto, se uma língua apresenta uma das categorias do último estágio, ela provavelmente apresentará todas as outras. E essa lista de onze elementos também pode se expandir, sobretudo quando se observa as línguas indo-europeias.

Em adição ao fato de que a evolução do vocabulário das cores obedeça a uma ordem temporal, os dados dos autores evidenciam que a evolução do léxico das cores está acompanhada e reflete o avanço tecnológico e cultural. Sendo assim, o vocabulário dos povos menos desenvolvidos tende a ser menor do que o de civilizações industrializadas.

Além disso, “toda língua tem um infinito número de expressões que denotam a sensação das cores”⁸ (BERLIN; KAY, 1969, p.5) e a possibilidade de combinação desses termos pelo homem é muito pequena, cerca de vinte e duas possibilidades. Por isso, os autores afirmam que os referentes dos nomes de cores básicas de todas as línguas parecem estar inseridos nessas onze categorias perceptuais universais, codificadas na história de uma língua numa ordem parcialmente fixa. Por fim, destacam que não evidenciaram diferenças na complexidade do léxico das cores básicas entre as línguas que refletissem diferenças perceptivas entre os falantes.

Assim, como argumentos a favor da teoria universalista, os autores destacam que

1. “a categorização da cor não é casual e os focos dos nomes de cores básicas são similares em todas as línguas”⁹ (BERLIN; KAY, 1969, p.10), visto que, frequentemente, os informantes designavam mais de uma amostra como sendo o foco do nome de cor.

2. a variação dos focos de cor não é maior em falantes de línguas diferentes em comparação aos falantes de mesma língua. Falantes que compartilhavam a língua mostraram variação maior entre eles do que entre falantes de línguas diferentes.

⁸ Every language has an indefinitely large number of expressions that denote the sensation of color.

⁹ Color categorization is not random and the foci of basic color terms are similar in all languages.

1.3 Contra-argumentos à Teoria Universalista

Sem dúvida, dado que as cores estarão sempre inseridas no interior de cada cultura, a utilização de unidades lexicais cromáticas pela Teoria Universalista comprovaria a existência dos universais, pois sua presença no léxico das mais variadas línguas é certa. No entanto, como toda teoria tem sua crítica, alguns autores questionaram a proposta de Berlin e Kay. Grossmann (1988) cita McNeil (1972), o qual afirma que as unidades lexicais são determinadas pela frequência de uso de cada cultura; já Cardona (1976) aponta que a concepção dos autores só seria apropriada para sociedades muito avançadas, ao passo que Tornay (1978) discute o aspecto evolucionista da teoria de Berlin e Kay e argumenta que uma teoria de percepção já bastaria para explicar o fenômeno de categorização das cores. Por sua vez, Wald (1978) explicita que os estímulos para a organização dos universos cromáticos diferem de uma língua para a outra.

Já na década de noventa, Wyler (1992) critica o privilégio dos aspectos antropológico e neurofisiológico em detrimento do linguístico, estando o problema muito mais relacionado à estabilidade interlingual dos focos cromáticos do que ao sentido dos nomes de cores. Arcaini (1991) e Wyler (1992) ressaltam que, numa abordagem linguística, não seria possível abrir mão do contexto linguístico em que esses nomes ocorrem, o que não é analisado na pesquisa feita por Berlin e Kay (1969). Não obstante, estes autores realizaram seu estudo levando em consideração apenas um falante (bilíngue) de cada língua, o que não garante representatividade. Para Wyler (1992), o estudo das cores não é o estudo da distância entre focos, mas o estudo semântico. Segundo o autor, perguntas como “Que propriedades os nome de cores têm dentro dos limites de uma língua natural?”¹⁰ e “Como essas propriedades são

¹⁰ What properties within a natural language do color terms have?

utilizadas pelos falantes e compreendidas pelos ouvintes da língua?”¹¹ (WYLER, 1992, p.18) não são analisadas. Kay e Regier (2003) afirmam que o trabalho é inconsistente, pois é intuitivo e puramente visual e, além disso, dezessete das vinte línguas analisadas são línguas escritas de sociedades industrializadas, fato que não suporta a generalização da existência de universais. Ainda segundo Kay e Regier (2003),

[...] a pior evidência contra as hipóteses universalistas é a de que existam línguas que parecem não se ajustarem ao padrão de universalidade proposto. Curiosamente, estas tendem a ser línguas ágrafas, de sociedades não industrializadas, fato que reafirma a ideia de que as similaridades na nomeação das cores podem estar limitadas a um escopo interlinguístico (KAY; REGIER, 2003, p. 9085).¹²

Não obstante o fato de que Berlin e Kay (1969) levaram em consideração apenas um falante de cada língua, os dados não foram recolhidos em ambiente em que se falava aquela língua, estando os falantes influenciados pela cultura estadunidense.

Segundo Fresu (2006, p.154), nas décadas posteriores, “discutiui-se amplamente sobre o valor cultural e simbólico que as cores podem assumir em cada sociedade e sobre a implicação de tal aspecto com as estruturas linguísticas na denominação das cores”.¹³ Em contrapartida aos pressupostos universalistas, a Teoria Relativista demonstra que

1. o recorte linguístico do espectro é feito de maneira arbitrária,
2. não existe uma relação biunívoca entre palavra e cor e
3. dependendo do sistema lexical, a tonalidade, luminosidade e saturação apresentam valores diferentes.

¹¹ How are these properties used by speakers and understood by hearers of that language?

¹² [...] the most damaging evidence against the universality hypothesis is that there are languages that appear not to fit the proposed universal pattern. Interestingly, these tend to be unwritten languages of non industrialized societies, consistent with the idea that similarities in color naming may be limited in cross-linguistic scope.

¹³ Si è lungamente discusso sul valore culturale e simbolico che i colori possono assumere per ogni società e sull'implicazione di tale aspetto con le strutture linguistiche nella denominazione dei colori.

Ademais, cada comunidade linguística percebe e concebe o mundo de uma forma diversa, existindo uma relação de casualidade entre a estrutura cognitiva dos membros de tal comunidade e a sua língua, um condicionamento linguístico da percepção e da concepção da realidade (GROSSMANN, 1988).

Para Wyler (1992), os relativistas não basearam suas pesquisas no reconhecimento e nomeação das amostras de cores, como fazem os Universalistas, mas sim, estiveram baseados em teorias do *campo léxico/semântico* que argumentam que há correlação entre conceitos de um determinado campo. A principal questão para esses pesquisadores é “‘Como o campo semântico está representado numa determinada língua?’ ou ‘Quais as relações entre essas unidades ou membros de um campo? Podemos perceber as fronteiras dos nomes individuais ou membros do campo, ou dos setores do campo e do campo como um todo?’” (WYLER, 1992, p. 19-20).¹⁴ Merece destaque o fato de os estudos não se restringirem aos nomes de cores básicas, mas observarem também as designações descartadas pelos universalistas. Desse modo, surgem outras questões, tais como, “‘De que forma os nomes são utilizados pelos usuários das línguas?’ ou ‘Como eles correspondem ou diferem entre as culturas’”¹⁵ e ainda “‘Como uma comunidade de fala segmenta e, conseqüentemente, verbaliza o contínuo cromático?’” (WYLER, 1992, p. 20)¹⁶ São perguntas que procuram ilustrar o processo mental de transformação dos objetos da natureza para a linguagem humana.

Tal vertente tem como defensores Ray (1952, 1953), que abre caminho para pesquisas empírico-culturais, Arcaini (1991), que faz uma análise comparativa do uso das cores em expressões nas línguas italiana e francesa, e Zavaglia (1996) que, influenciada pelo trabalho de Arcaini, analisa o uso dos nomes de cores nas línguas italiana e portuguesa do Brasil e,

¹⁴ ‘How is the semantic field represented in a particular language?’ Or ‘What relations hold between these terms or members of a field? Can we discern the boundaries of the individual term or field members, or the field sectors and of the field as a whole?’

¹⁵ ‘How are the terms actually used by language users? Or How do terms correspond or differ across cultures?’

¹⁶ ‘How does a speech community segment and consequently verbalize the colour continuum?’

devido ao grande número de expressões cromáticas nestes dois universos culturais, propõe a elaboração de um dicionário composto apenas por cromônimos.

Arcaini (1991) sustenta que, partindo do relativismo cultural, cada língua natural teria um modo singular de perceber e, por conseguinte, de descrever e representar o universo cromático. Segundo o autor,

[...] cada língua assumiria uma modalidade particular de perceber e, por consequência, de representar o espectro cromático que, portanto, estaria isento de objetividade. Linguisticamente, o problema consiste em correlacionar – por meio da análise de fatos empíricos – as descrições propostas por sistemas determinados de mundos que poderiam apresentar soluções bem delineadas no universo sensível (ARCAINI, 1991, p.238).¹⁷

No que concerne ao aspecto linguístico-cultural do estudo das cores, destaca-se a convicção de que há influência das características sócio-históricas e culturais de um povo em tal emprego. Para o autor, é necessário aproximar à descrição das cores o seu uso pela sociedade, isto é, há a necessidade de analisarmos o uso simbólico da cor ao longo da história, sincrônica e diacronicamente. Zavaglia (2006) estabelece, inclusive, que

Partindo-se da premissa de que cada língua tem uma maneira própria de compreender e divisar o mundo, o universo das cores é representado de acordo com as particularidades de cada cultura, ou seja, conotativamente e subjetivamente. Por conseguinte, a percepção das cores será representada linguisticamente de forma diferenciada de uma cultura para outra (ZAVAGLIA, 2006, p.26).

Contudo, Arcaini (1991) admite que é muito mais fácil conhecer a resposta linguística do interlocutor às solicitações de percepção do que as realidades psicofísicas e neurobiológicas. Tanto ele como Zavaglia (2007) defendem que é possível estabelecer uma

¹⁷ [...] ogni lingua assumerebbe una particolare modalità per percepire e, di conseguenza, per rappresentare le gamme cromatiche che risulterebbero pertanto prive di oggettività. Linguisticamente il problema consiste nel correlare – attraverso l'analisi dei fatti empirici – le descrizioni offerte da sistemi determinati a mondi che potrebbero avere soluzioni ben delineate nell'universo sensibile.

tipologia das cores, como a proposta por Berlin e Kay (1969). Porém, o autor frisa que “não existe nenhuma consideração de caráter histórico e a descrição sincrônica traz como subjacente uma relação entre percepção e existência denominativa, independente do dinamismo da língua”¹⁸ (ARCAINI, 1991, p. 239).

Arcaini (1991) considera ainda que

- o conhecimento e o estudo comparativo dos sistemas linguísticos podem e devem levar em consideração as diversidades tipológicas;
- o estudo comparativo das diversas entidades culturais deve ser feito a partir das cores fundamentais (dominantes) hierarquizadas, o que permite analisar com precisão as formas idioletais e as variantes alocromáticas;
- o estudo sincrônico é o ponto de partida para a pesquisa das “justificativas” diacrônicas e para a compreensão dos movimentos devido ao dinamismo linguístico e cultural que leva à interpenetração dos sistemas mesmo quando são sustentados por uma forte tradição histórica, como ocorre com o francês e o italiano (ARCAINI, 1991, p.239).¹⁹

Em sua análise comparativa entre os universos da língua francesa e da italiana, Arcaini (1991) conclui, em primeiro lugar, que ambas reconhecem quase do mesmo modo o espectro cromático, sendo mínimas as diferenças; em segundo, que algumas denominações da cor são conexas a fatos etimológicos, condições históricas e fenômenos culturais. O mesmo autor reflete sobre a noção de universalidade, interando que as fronteiras entre os conceitos limítrofes não são precisamente delineadas e que tal noção pode assumir nuances diversas. Por exemplo, em relação às cores primárias e secundárias, o autor afirma que tal distinção tem um valor relativo, uma necessidade de acordo com o uso social e cultural, que faz com que um determinado matiz seja percebido por uma sociedade.

¹⁸ [...] non appare nessuna considerazione di carattere storico e la descrizione sincronica dà come sottesa una relazione tra percezione e esistenza denominativa, indipendente dal dinamismo della lingua

¹⁹ - la conoscenza e lo studio comparativo dei sistemi linguistici può e deve tener conto delle diversità tipologiche; - lo studio comparativo delle diverse entità culturali deve essere effettuato a partire dai colori fondamentali (dominanti) che sono gerarchizzati e questo consente di analizzare con maggiore finezza le forme idioletali e le varianti allocromatiche; - lo studio sincronico è il punto di partenza per la ricerca delle “giustificazioni” diacroniche e per la comprensione dei “movimenti” dovuti al dinamismo linguistico e culturale che porta all’interpenetrazione dei sistemi, anche quando sono sostenuti da una forte tradizione storica, come accade per il francese e l’italiano.

Passando para uma análise semântica mais profunda do espectro das cores e seu uso, Arcaini (1991) argumenta que o estudo linguístico não deve ser o estudo da tipologia das cores de uma língua, mas da combinação delas com elementos a elas ligados e que caracterizam um determinado uso. Dessa forma, tal estudo deve priorizar as propriedades estabelecidas entre os nomes de cores e as linguagens naturais e como essas propriedades são usadas e compreendidas pelos falantes. Zavaglia (2006) frisa que

[...] se em determinadas culturas verifica-se a ausência de certas unidades lexicais cromáticas, isso não significa que os falantes dessas línguas não possuam habilidades fisiológicas de percepção do universo cromático. Antes, acreditamos que essas cores não sejam relevantes ou, ainda, não desfrutem de referências para tais universos culturais (ZAVAGLIA, 2006, p.27).

Arcaini (1991) ainda destaca a ocorrência de combinações de palavras, como adjetivos e substantivos, com as diversas cores que irão formar as expressões cromáticas (as combinatórias sintagmáticas) características de cada língua. Para o autor, “as combinatórias sintagmáticas não representam construções neutras. Uma determinada expressão requer em uma língua alguns adjetivos, ao mesmo tempo que outra língua adota uma solução permitida, às vezes a única possibilidade, em uma língua específica e que não está presente em uma outra língua ainda”²⁰ (ARCAINI, 1991, p. 240), frisando as diferenças de percepção entre as culturas, uma vez que duas línguas podem perceber e denominar a mesma realidade física, porém de formas diferentes, com um subdomínio cromático diverso.

²⁰ Le combinatorie sintagmatiche non rappresentano delle costruzioni neutre. Una determinata espressione richiede in una lingua alcuni aggettivi, ma un'altra adotta la soluzione consentita, a volte l'unica, in una lingua specifica e che non è presente in un'altra.

1.4 Novas perspectivas

Após décadas de estudo, o embate entre universalistas e relativistas continua presente nas pesquisas relacionadas ao vocabulário das cores. Para muitos estudiosos, a sua categorização representa um caso no infinito debate sobre a origem, o significado e as propriedades dos sistemas de categorização, debate este que tem uma raiz histórica amparada na visão dicotômica de linguagem: moldada pelo pensamento ou completamente independente dele. O que se observa, entretanto, é a constante abordagem psico-cognitivista em detrimento da linguística. Tais estudos têm girado em torno de duas questões fundamentais:

1. Os nomes de cores são um problema de arbitrariedade linguística entre as línguas?
2. As diferenças entre as línguas na nomeação das cores são a causa de diferenças correspondentes na percepção das cores?

Para Kay e Regier (2006), do ponto de vista do relativismo, a resposta para as duas questões seria *sim*. Já para os universalistas, seria *não*. No entanto, as pesquisas recentes “sugerem que existem tendências de universais na nomeação das cores, mas que diferenças na nomeação entre as línguas causam diferenças na cor”²¹ (KAY; REGIER, 2006, p.1).

Em texto anterior (KAY; REGIER, 2003, p. 9085), os autores colocam que “por um lado, o significado é direcionado por aspectos universalmente compartilhados de percepção, cognição, ou de meio ambiente; por outro, é determinado, sobretudo, por convenções linguísticas arbitrárias de uma determinada língua”.²²

Atualmente, embora a crença nos universais tenha predominado, acredita-se que a língua e a cultura afetam de algum modo a percepção das cores. Trabalhos recentes (Roberson

²¹ [] suggest instead that there are universal tendencies in color naming, but that naming differences across languages do cause differences in color.

²²In one view, meaning is constrained by universally shared aspects of perception, cognition, or the environment; in the other, it is determined principally by the arbitrary linguistic conventions of a particular language.

et al. (2002); Kay; Regier (2003; 2006); Baronchelli et al. (2010)) mostram que há novas evidências para os universais cromáticos e que, embora os focos sofram variação entre as línguas, esta é muito menor entre falantes de mesma língua. São pressupostos que abrem caminhos para questões como: “Quais aspectos da cognição da cor molda a linguagem, e quais aspectos são moldados pela linguagem? Como essas influências recíprocas trabalham juntas?”²³ (KAY; REGIER, 2006, p.3).

De acordo com Baronchelli et alli (2010), pesquisas utilizando dados coletados no World Color Survey (WCS) demonstraram que a categorização das cores não é um mero problema de convenções, mas sim depende muito das características psicológicas e cognitivas, e que existem *traços* de universalidade na denominação das cores, tanto em culturas industrializadas, como nas não-industrializadas. Kay e Regier (2003) argumentam que

A aplicação de testes estatísticos para os dados de nomes de cores do WCS estabeleceu que: (i) existem claras tendências estatísticas interlinguísticas nas chamadas categorias de cores, agrupadas em certos pontos privilegiados no espaço perceptual das cores; (ii) esses pontos privilegiados são similares tanto em línguas ágrafas de comunidades não industrializadas como em línguas dotadas de sistema de escrita de sociedades industrializadas; e (iii) esses pontos privilegiados geralmente estão próximos, embora não sempre, às cores vermelho, amarelo, verde, azul, púrpura, marrom, alaranjado, rosa, preto, branco e cinza em inglês (KAY; REGIER, 2003, p.9089).²⁴

Brown e Lindsey (2009) realizaram um estudo com 2116 falantes de 110 línguas com 330 amostras de cores do WCS, cada uma apresentada separadamente, que revelou a existência de oito grupos de nomes de cores básicas: *vermelho*, *verde*, *azul*, *verde-azul*,

²³ Which aspects of color cognition shape language, and which are shaped by it? How do these reciprocal influences work together?

²⁴ The application of statistical tests to the color naming data of the WCS has established three points: (i) there are clear cross-linguistic statistical tendencies for named color categories to cluster at certain privileged points in perceptual color space; (ii) these privileged points are similar for the unwritten languages of non industrialized communities and the written languages of industrialized societies; and (iii) these privileged points tend to lie near, although not always at, those colors named red, yellow, green, blue, purple, brown, orange, pink, black, white, and gray in English.

amarelo-alaranjado, marrom, rosa e violeta. Tais padrões foram observados em diversas línguas que não estabeleciam nenhum tipo de relação entre si, cada um deles caracterizado por regularidades de nomeação das cores de cada indivíduo. O resultado inesperado foi a diversidade dos padrões dentro das línguas e a similaridade entre os sistemas de nomeação das cores de indivíduos de línguas completamente diversas. Para os autores, tais resultados são de suma importância quando se considera que a comunicação intracultural provoca a padronização intralinguística do léxico das cores,

Assim, esperava-se que a ausência de contato entre culturas geograficamente distantes facilitaria a diversidade entre as línguas. Ao invés disso, os padrões de nomeação das cores giram em torno de um pequeno número de características distintivas. Desse modo, independentemente de suas causas proximais, a escolha do léxico das cores por um indivíduo é altamente estimulada (BROWN; LINDSEY, 2009, p. 19789).²⁵

Ao questionarem o que provoca os universais de um lado e as particularidades entre os falantes de uma mesma língua de outro, os autores defendem que indivíduos dentro de uma cultura podem vivenciar situações diferentes, a depender das necessidades, hábitos ou do seu papel na sociedade. Também é possível que algumas dessas necessidades e características diferentes possam ser universais entre as culturas, contribuindo para o estabelecimento destes padrões cromáticos. Acrescentam ainda que

É difícil de imaginar que as características, e os nomes de cores que elas contêm, poderiam ser tão similares entre as línguas na falta de universais neurobiológicos ou fatores cognitivos, o que mostra a variação individual, mas que são comuns a todos e que estimulam o desenvolvimento do léxico das cores de cada falante (BROWN; LINDSEY, 2009, p.19789).²⁶

²⁵Likewise, a lack of contact between cultures that are widely separated geographically is expected to facilitate diversity across languages. Instead, patterns of color naming worldwide coalesce around a small number of distinctive motifs. Thus, whatever its proximal causes, an individual's choice of a color lexicon is highly constrained.

²⁶However, it is hard to imagine that the motifs, and the color terms that they contain, would be so similar across cultures in the absence of some universal neurobiological or cognitive factors, which show individual variation but which are common to all people and constrain the development of individual speakers' color lexicons.

No que concerne à percepção categorial das cores, ao contrário do que era sugerido, que a língua era a sua causa, tais pesquisas concluíram que a distinção entre as categorias cromáticas são anteriores à aquisição da linguagem e parecem ser reforçadas, moduladas ou eliminadas ao aprender uma língua em especial.

Para Roberson et al. (2002), a base psicológica da visão cromática é a mesma para todos os seres humanos, isto é, tricromática. O que divergiria, no caso, é a forma como o continuum das cores visíveis é segmentado pelo indivíduo ou pelo grupo ao qual pertence, pois algumas línguas usam menos nomes de cores, enquanto outras usam mais. Porém, embora exista essa diversidade na nomeação, dados obtidos nesse estudo sustentam a hipótese dos universais cognitivos na categorização das cores.

Os autores analisaram as hipóteses relativistas e universalistas da categorização, comparando a aquisição das cores em crianças de duas línguas e culturas diferentes, de modo a compreender as diversidades e similaridades do aprendizado entre elas, por meio da nomeação e compreensão dos nomes de cores e organização cognitiva da cor durante um período de três anos. Para tanto, usaram um conjunto de vinte e duas cores, as onze cores básicas mais onze cores intermediárias. Além disso, as crianças foram entrevistadas em seu próprio ambiente de convivência e em condições naturais.

Os resultados mostraram que as crianças não têm um conjunto universal de categorias pré-determinadas, mas adquirem gradualmente a organização das categorias que são adequadas para sua língua e cultura. Assim, os erros no reconhecimento das cores, que nesse caso foram muito similares para as duas culturas, estavam muito mais relacionados à distância entre as cores do que às categorias propostas. Os grupos não mostraram uma ordem fixa de aquisição das cores e as primárias não foram aquelas aprendidas primeiramente, como argumentavam Berlim e Kay (1969). Para crianças que não conheciam esse vocabulário, o aprendizado das cores focais não trouxe nenhuma vantagem. Por fim, os resultados mostraram

que as crianças refinam progressivamente durante alguns anos as categorias conceituais cromáticas.

Claidière et al. (2008), por sua vez, em estudo feito com participantes que tiveram que nomear fichas de cores e após algum tempo lembrá-las, constataram que, em condição verbal, os pressupostos universalistas não são encontrados e que as capacidades cognitivas interferem na discriminação e categorização das cores.

Pesquisas neurofisiológicas (tais como a realizada por Siok et al. (2009)) têm demonstrado fortes evidências de que a categorização das cores tem relação de dependência com o hemisfério neural, além de que, em comparação com cores de difícil nomeação, as cores de fácil nomeação ativam fortemente a região temporoparietal posterior. Segundo Siok et al. (2009), ao contrário do que dizia Whorf, essas pesquisas argumentam a favor de que as categorias linguísticas filtram alguns *inputs* perceptuais e que tais fatores influenciam na sua constituição.

Nesse estudo, os autores investigaram os mecanismos neurais, evidenciando os efeitos da hipótese de Whorf em adultos. Foram escolhidas quatro cores numa graduação que variava do azul ao verde, sendo também usada uma cor para a distração do entrevistado, pertencente à mesma ou a uma categoria lexical diferente. Os participantes foram convidados a indicar em qual lado, direito ou esquerdo, se encontrava a cor e os estudiosos comprovaram que há fortes ativações do circuito neural atribuídas à percepção das cores, de regiões responsáveis pelo registro lexical e semântico. Tal ativação indica que sua informação linguística é rapidamente ativada e representada no cérebro. Além disso, os autores concluíram que as regiões responsáveis pela linguagem participam na percepção das categorias cromáticas quando submetidos a tal tipo de incentivo.

Recentemente, a matemática e a computação têm explorado essa área e têm feito experimentos para verificar as hipóteses relacionadas a esse problema e, assim, sugerir novas

questões e perspectivas. Para Baronchelli et al. (2010, p. 2), “a categorização da cor tem sido abordada também nos estudos computacionais que investigam o quanto a língua e as categorias perceptualmente fundamentadas influenciam umas às outras e como uma determinada população estabelece um repertório compartilhado de categorias”.²⁷ Tais estudos têm demonstrado que a negociação puramente cultural está relacionada à coevolução das categorias e sua sistematização linguística. O estudo dos autores evidencia a existência de universais no sistema dos nomes de cores, mas mostra que a transmissão cultural pode influenciar nesses padrões.

Como se pode observar, entre os universalistas e relativistas a balança tem pendido muito mais para a primeira vertente do que para a segunda, uma vez que as pesquisas em psicolinguística têm apoiado a independência entre a linguagem e outros processos mentais. De fato, tais pesquisas optaram por uma abordagem muito mais relacionada aos fatores psicocognitivistas do que aos linguísticos, não considerando o contexto em que esses nomes ocorrem. No entanto, é bom ressaltar, como bem afirma González (2008), que não se pode sustentar extremamente nenhuma das duas versões, e mesmo que o debate entre as duas teorias tenha beneficiado os estudos da área, a realidade é muito mais complexa e “talvez a evidência empírica nos mostre que a verdade está em algum ponto intermediário” (GONZÁLEZ, 2008, p. 62).²⁸

1.5 A cor do ponto de vista simbólico

Muito já foi dito sobre as cores e, ainda assim, muito ainda resta a ser investigado. Isso se deve ao papel fundamental desempenhado pelas cores no decorrer da história perante a

²⁷ Color categorization has been used as a reference problem also in computational studies that investigate how much language and perceptually grounded categories influence each other and how a population of individuals establish a shared repertoire of categories.

²⁸ quizás, la evidencia empírica lo que nos muestra es que la ‘verdad’ está en algún punto medio.

sociedade. De fato, é um papel que vai além da visão, agindo psicológica e espiritualmente no ser humano. A influência sobre nossa psique é tamanha que a medicina admitiu seu poder e adotou o tratamento com radiações cromáticas.²⁹

Rousseau (1980) afirma que “as cores parecem signos de alcance universal”, sendo universais “válidos para o mundo psíquico” que nos conduzem ao plano das ideias (imagens) ou dos arquétipos. Linguisticamente falando, o homem, pertencendo ele a qualquer cultura, industrializada ou não, se vale dessa propriedade para expressar o mundo em palavras, ou melhor, em cores.

Toda cultura, por sua vez, é dotada de uma arbitrariedade semântica em relação às outras culturas no relato de suas experiências, o que significa dizer que cada língua organiza de uma forma particular e própria o seu universo lexical. Dessa forma, as experiências cromáticas serão vivenciadas de um determinado modo e a elas será dado certo valor com base nos fatos sócio-históricos em que a cultura se insere.

Moraes Filho (1995, p. 23) argumenta que as cores “são frequentemente usadas como veículos semióticos de comunicação”, invadindo o nível do simbólico e estimulando (por meio de uma motivação, o símbolo) uma interpretação incomum, não convencional. Acrescenta que “o simbólico não só permite ‘nomear’ a experiência mas também organizá-la e, portanto, constituí-la como tal, tornando-a pensável e comunicável” (MORAES FILHO, 1995, p. 24). O termo simbólico, então, remete a um sentido figurado, indireto, traçado culturalmente ao longo das décadas e atribuído ao léxico das cores.

Nesse sentido, o autor ressalta que “quando falamos em semiótica das cores, nos referimos ao universo das relações sgnicas entre significante e significado (expressão e

²⁹ Nos últimos trinta anos, devido à evolução da tecnologia e da ciência, a cromoterapia tem sido motivo de investigação no campo da medicina, sobretudo nas áreas relacionadas à psicologia. Uma vez que muitas doenças agem primeiramente no nível emocional/mental para então atingirem o físico, a cromoterapia atua no equilíbrio energético dos órgãos e sistemas por meio de fatores neuro-endócrinos. Trata-se de uma técnica que vem adquirindo sucesso devido a sua simplicidade, facilidade de aplicação e eficácia, mas que não dispensa o tratamento médico.

conteúdo), no campo léxico-semântico dos termos designativos das cores” (*Idem, Ibidem*, p. 25), uma linguagem baseada em conceitos construídos que, inicialmente, baseavam-se em analogias referentes ao homem e à natureza, mas que pouco a pouco ganharam vida própria, afastando-se das associações iniciais.

De acordo com Rousseau (1980), na simbólica, ciência que interpreta e explica os símbolos, cada cor representa determinados sentidos que variam de acordo com a cultura e o grau de civilização e que também transparecerá na linguagem. A seguir, resumiremos as observações feitas por Rousseau (1980) e por Moraes Filho (1995) sobre a simbologia das cores.

Verde - é a cor associada à origem da vida, à vegetação, à clorofila. Representa a renovação, a esperança, o frescor. Atualmente, com a preocupação geral pelas condições climáticas e naturais do planeta, o verde tem sido usado como símbolo da preservação ambiental.

Azul, violeta e anil - tais cores frias sugerem a calma, a doçura, o repouso, a nobreza, a contemplação, como também a tristeza, medo, frio, luto. O azul é cor do céu e representa a elevação da alma, simbolizando o divino.

Vermelho, laranja e amarelo - tais cores quentes sugerem o calor que faz brotar a vida. O vermelho é a cor do fogo e do sangue que representa o calor e simboliza a vida, da mesma forma que representa o sangue derramado pela violência. O laranja representa o poder das vitaminas e a energia, como também a ingenuidade e o amor da cor vermelha influenciado pela sabedoria da cor amarela. Esta, por sua vez, simboliza o sol, o ouro, a riqueza e o dinheiro, como também a traição e o perigo. Representa a energia presente nos alimentos, bem como a Luz, o Amor e a Sabedoria Espiritual.

Branco - é a reunião de todas as cores, simbolizando, assim, a Luz e o Divino. Sugere a ideia de consciência moral, de pureza, de integridade, divindade, porém, também representa o frio e, portanto, a morte.

Preto - é a ausência de todas as cores, simbolizando a falta de luz, energia e, por consequência, a morte, a mudança de estado dos alimentos, a putrefação. Está associado à noite e, por isso, à escuridão, representando o perigo e a maldade.

Marrom - representa na natureza a cor das árvores, da terra. Da mesma maneira que o preto, carrega a ideia de morte, degradação, luto, a decomposição física e também a degradação moral.

Cinza - o cinza, assim como as outras cores escuras, também é signo de luto, expressando uma dor profunda, o obscurecimento da razão. Além disso, representa a idade avançada, a tristeza, monotonia, escuridão e contrariedade.

Rosa - é o amor caracterizado pela constância, moderação e prudência. Indica calma e otimismo, fazendo referência ao romance.

1.6 A presença das cores no meio ambiente: a escolha pelo vocabulário da fauna e da flora

De acordo com Gracci (2003), em algumas culturas, os nomes dos seres representam a cor por eles refletida. Na Índia, por exemplo, o termo *kalapam* que significa *jovem elefante* deriva de *kalam*, termo que pode ser traduzido por *de cor negra/preta*. Tal termo faz referência à cor do animal e, sobretudo, ao seu período de cio, fase em que o elefante se torna altamente perigoso ao homem. Já na China antiga, a palavra *ts'ing* era aplicada a tonalidades muito específicas de azul ou de verde, referindo-se ao verde das árvores e ao azul do céu em uma determinada época do ano.

A escolha em trabalhar com o vocabulário da *Flora* e da *Fauna* deve-se à presença marcante das cores nesses domínios. Com efeito, na natureza tudo são cores, e nós, seres humanos, somos privilegiados com a beleza e o colorido presente a nossa volta. Para além da beleza, as cores nesses domínios da Zoologia e da Botânica designam funções diversas e são de fundamental importância para a denominação e descrição das espécies, refletindo a variação intraespecífica ou fatores ambientais.

Nos animais, as cores correspondem a valores adaptativos ao meio ambiente. Nas aves, por exemplo, como uma consequência da seleção sexual, os machos apresentam penas modificadas e de cores mais brilhantes, características que estão envolvidas com a exibição e o comportamento sexual. Por conseguinte, as fêmeas se mostram mais atraídas e se acasalam preferencialmente com esses machos. Isso porque as “cores brilhantes dos machos podem ser uma indicação do bom estado nutricional e dessa forma podem dar subsídios às fêmeas para avaliarem os méritos dos vários parceiros em potencial” (POUGH, 1993, p. 620).

No entanto, as cores podem ser uma característica prejudicial aos pássaros, uma vez que podem ajudar aos predadores que se guiam visualmente na sua captura. Sendo assim, é normal a troca de penas após a corte. Algumas aves terrícolas se valem das cores para a camuflagem com o meio ambiente, o que impossibilita sua captura por parte do predador. Os pavões, por exemplo, usam sua cauda colorida para atrair os predadores, enquanto a fêmea protege o ninho com sua coloração acinzentada, o que dificulta que o inimigo a perceba.

Também as flores, assim como todo ser ou objeto presente no planeta, têm a capacidade de refletir a luz. Órgão reprodutor das plantas designadas angiospermas, a flor, com suas cores vivas, perfume, formas, sempre causou profunda impressão aos olhos do ser humano. Segundo Rousseau (1980)

Sua aparição é relativamente tardia na história da Terra, pois não encontramos vestígio de flores verdadeiras na Era Primária que foi, incomparavelmente, o período geológico mais extenso no tempo. Durante as primeiras idades, as

criptógamas e as gimnospermas (com sementes a descoberto) se espalharam pelos continentes. Mas, nos tempos que se seguiram, surgem esses órgãos de forma tão delicada e com coloridos tão matizados, que parecem ser filhas da própria luz. (ROUSSEAU, 1980, p.62)

A função da reflexão dos raios ultravioletas, no entanto, só foi descoberta há pouco. Endress (1994) assevera que a cor e a forma das flores são de extrema importância para a polinização. O autor afirma que uma de suas funções principais é a de atrair os insetos polinizadores, possibilitando que seus receptores ultravioletas detectem a luz polarizada, uma ferramenta de grande importância para a orientação.

Da mesma forma que o homem percebe o espectro cromático, geralmente influenciado pelo estado evolutivo em que se encontra (social e tecnológico), as cores das flores também são direcionadas para diferentes tipos de insetos, a depender de seu grau de evolução. As flores amarelas, por exemplo, recebem uma grande variedade de insetos, sobretudo aqueles mais primitivos. As flores azuis, que se encontram num nível médio-alto na escala evolucionária das angiospermas, recebem geralmente abelhas mais evoluídas. As flores vermelhas estão associadas a beija-flores e grupos de borboletas muito avançados. Já as flores brancas são frequentemente noturnas, pois são mais visíveis no escuro.

Suas cores são inúmeras. Endress (1994) afirma que todo o espectro cromático pode ser visto nas flores, o que envolve vários tipos de moléculas com diferentes pigmentos:

1. os flavanóides (azul, violeta e vermelho), a antoxantina (amarelado, branco e ultravioleta), o antocloro (amarelo e ultravioleta), a betalaina (rosa ou vermelho), que são encontrados nos vacúolos;
2. a clorofila (verde), os carotenóides (vermelho) e as xantofilas (amarelo), que são encontrados no citoplasma;
3. na parede celular, um outro pigmento ainda desconhecido.

Nas angiospermas mais evoluídas, percebe-se uma grande vastidão cromática, com exceção do azul, que está presente em apenas algumas famílias, como *Rosidae* e *Liliidae*. Já o pólen é geralmente amarelo, devido ao acúmulo de carotenóides. Ele reflete comprimentos de ondas mais longos do que os da flor e tem a capacidade, assim, de atrair os insetos polinizadores.

Endress (1994) destaca ainda que esses pigmentos estão geralmente localizados na epiderme das flores, o que dá brilho à coloração. Além disso, ressalta que as estruturas da superfície do órgão, bem como os espaços intercelulares na mesófila, influenciam nos efeitos da cor.

O mesmo autor fala também sobre a troca de cor das flores. Segundo ele, esse fenômeno está ligado à polinização, uma vez que se restringe a flores mais velhas que aumentam a atratividade da inflorescência e ao mesmo tempo se distinguem das flores mais novas.

Quicke (1996) defende que as cores não deveriam ser usadas como fator de identificação, pois são características individuais que podem variar, cabendo à Taxonomia retratar as características da espécie como um todo. Entretanto, o que se observa é a grande frequência de expressões cromáticas nesse campo do saber.

É tomando por base os estudos anteriormente descritos e visando a cooperação disciplinar que nos propomos a investigar o uso e a organização linguística das cores e formular um dicionário composto por expressões cromáticas da *Fauna* e *Flora*. Nosso trabalho está baseado nas tipologias já propostas, a saber, *preto*, *branco*, *vermelho*, *verde*, *amarelo*, *azul*, *marrom*, *rosa*, *alaranjado* e *cinza*, sendo acrescentado a estas as cores *roxo*, *violeta* e *anil*, uma vez que tais nomes de cores são muito utilizados em língua portuguesa e são encontradas nas subáreas em questão.

Entendendo a importância do léxico das cores para a ampliação vocabular, nos propomos a estudar tal fatia lexical, analisando a forma como unidades lexicais tão presentes no discurso comum atuam no discurso especializado. Nas próximas páginas, discutiremos algumas questões cruciais para o tratamento do léxico especializado que proporcionaram a ascensão da Teoria Comunicativa da Terminologia, perspectiva teórica defensora da observação do contexto de uso para a definição e delimitação das terminologias e da visão de linguagem como um todo composto por diversas manifestações discursivas constantemente influenciadas e dependentes.

CAPÍTULO II

LÉXICO E CIÊNCIAS

O século XX foi um período revolucionário para os estudos relacionados à linguagem. Se antes seus objetos e metodologias não estavam marcadamente definidos, a virada do século XIX para o XX trouxe novas perspectivas que deram novos rumos para os estudos linguísticos. Em se tratando do léxico, despontam os estudos em Lexicografia que colocaram a antiga prática no patamar de ciência. Ascende ainda uma nova disciplina, a Terminologia, transcorrendo uma evolução gradual no que concerne aos seus pressupostos teóricos e metodológicos.

Como dito anteriormente, a presente pesquisa aborda o léxico especializado da língua e sua compilação em dicionários especializados. Nas próximas linhas, daremos um panorama geral dos estudos em Terminologia e sua influência para a Lexicografia Especializada. Desde já, esclarecemos que, a nosso ver, Terminologia e Lexicologia, bem como Terminografia e Lexicografia não são disciplinas totalmente díspares, mas sim se complementam na medida em que têm como objeto de estudo o léxico de uma ou mais línguas.

2.1 A Terminologia e sua face comunicativa

De acordo com Cabré (1993), a terminologia enquanto reunião de unidades lexicais especializadas (doravante ULEs) é tão antiga quanto à presença de línguas de especialidade, as quais se manifestam desde a Antiguidade. Analisando sua história, Krieger e Finatto (2004) observam que no século XVII houve o reconhecimento da existência de vocabulários específicos pertencentes a determinadas áreas e a inclusão de terminologias nos dicionários clássicos ao passo que no século XVIII, botânicos, zoólogos e químicos começaram a

expressar a necessidade do estabelecimento de regras para a formação dos nomes científicos, surgindo a discussão sobre as propriedades e os problemas que envolvem as línguas de especialidade. Já no século XIX, com a internacionalização das ciências, surgiu a necessidade de criar estratégias para unificar a comunicação científica internacionalmente.

No início do século XX, surgem as *Escolas Clássicas de Terminologia* que, em poucas palavras, procuravam estabelecer padrões terminológicos nos campos de especialidade, além de regras para a formação das terminologias que visavam sua normatização internacional. Silva (2008) salienta três dessas escolas: 1. a *Escola de Moscou*, fundada por Lotte e Caplygin, cujo objetivo era solucionar problemas de caráter prático, como a padronização das ULEs e de seus conceitos, construindo um sistema nocional com base na terminologia de uma área; 2. a *Escola de Praga*, cujo objetivo também era a padronização, porém, os adeptos dessa escola basearam-se na Linguística Funcional para elaborar normas para a construção das terminologias, sistemas de designações de conceitos inseridos em um contexto de línguas de especialidade; 3. a *Escola de Viena*, defensora da monorreferencialidade e que tem como fundador Eugen Wüster, estudioso considerado o pai da Terminologia moderna por ter dado origem aos princípios que fundaram a *Teoria Geral da Terminologia* (doravante TGT).

A TGT é considerada a base dos estudos terminológicos e empregou uma perspectiva normativa e prescritiva na observação do uso e funcionamento das ULEs, sendo estas contempladas como designações de conhecimento, cuja função era eliminar ambiguidades nos textos técnicos. Nesse momento, a Terminologia era considerada uma disciplina autônoma, cujo objeto restringia-se aos “termos técnico-científicos”, associando-se à busca pelo controle das terminologias em escala global. Tal teoria descartava toda e qualquer forma de ambiguidade, assim como os fenômenos da sinonímia e da polissemia, a fim de garantir a precisão conceitual.

Como ressalta Krieger (2001a), a reflexão sobre o funcionamento dos “termos” e sobre a questão da univocidade aponta para o reconhecimento da face linguística da Terminologia por parte do fundador da TGT. No entanto, para a referida autora, a teoria não considerava os aspectos comunicativos e pragmáticos característicos das linguagens de especialidade, o que resultou a perda de credibilidade desses estudos pelos estudiosos da linguagem.

No decorrer da segunda metade do século XX, houve uma revisão dos pressupostos teóricos da TGT, o que abriu novos caminhos para o estudo descritivo em Terminologia que enfocaram aspectos comunicativos, variacionistas e cognitivos. Temos, assim, um segundo enfoque que compreendeu as ULEs por um ponto de vista descritivo, tendo abordado a terminologia técnico-científica como questões da linguagem geral e não como problemas restritos ao discurso especializado, ressaltando a importância de observar a ULE em seu contexto e criticando a ausência da realidade dos usos terminológicos nos glossários e dicionários técnicos. A Terminologia assumiu o *status* de ciência e passou a integrar os estudos da linguagem, tendo se desenvolvido tanto em sua vertente teórica quanto na prática (elaboração de glossários e dicionários), possibilitando a expressão e a comunicação profissional (KRIEGER, 2006).

Desponta, nesse período, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) criada por Maria Teresa Cabré (1999), que se baseia nos aspectos comunicativos das linguagens especializadas, proporcionando maior conhecimento sobre a estrutura e funcionamento das ULEs em seu contexto. Tal vertente reconhece a presença da polissemia e variação terminológica nesse tipo de vocabulário, repensando a questão da univocidade.

Dessa forma, a partir da década de noventa, os estudos em Terminologia passam a focalizar o contexto em que as ULEs ocorrem, atentando para seu comportamento e sua importância no processo de comunicação. Nesse sentido, o texto especializado assume um

papel crucial nos estudos terminológicos, sendo de fundamental importância para a definição e delimitação das ULEs. Nas páginas que seguem, trataremos mais detalhadamente sobre algumas questões que permeiam os estudos nessa área, tais como a demarcação de uma linha divisória entre o que é entendido por geral e o que é entendido por especializado, a variação terminológica, a importância do contexto para a descrição das unidades lexicais especializadas e o tratamento de tais itens em obras de referência.

2.1.1 A intersecção entre o discurso comum e o discurso especializado e as variantes denominativas

No mesmo período em que a Terminologia começa a ganhar força como ciência, uma questão irrompe no horizonte das pesquisas relacionadas aos estudos da linguagem e permanece até hoje: é possível delinear claramente os limites entre o comum e o especializado?

De acordo com Cabré (1999), o caráter da comunicação do mundo atual, definido pelo plurilinguismo e pela especialização, fez aumentar a necessidade de formação em línguas para usos específicos e introduziu o conceito de línguas de especialidade, isto é, línguas consideradas artificiais, utilizadas para a transmissão do conhecimento. Desse modo, surge a oposição entre conhecimento geral e conhecimento especializado (ou científico) e, por consequência, a oposição entre linguagem geral e linguagens de especialidade.

No tocante à questão anterior, Edo Marzá (2012), baseando-se em Ahmad et al. (1995), destaca as seguintes posturas:

1. Aqueles que acreditam que há uma linha divisória claramente nítida que separa o geral do especializado;

2. Aqueles que acreditam que a linguagem especializada possa ser considerada como uma variante da linguagem geral;
3. Aqueles que acreditam que as linguagens de especialidade são subconjuntos pragmáticos da língua geral, compartilhando com esta algumas características.

A esse mesmo respeito, Bergholtz e Tarp (1995) acrescentam outras duas posturas:

4. Aqueles que consideram que todas as formas de expressão da linguagem geral podem ser encontradas na linguagem especializada, e que, portanto, tais formas de expressão seriam típicas da linguagem especializada que caracterizam o discurso como tal. De acordo com esse ponto de vista, a linguagem geral seria considerada como um subconjunto da linguagem especializada.

5. Aqueles que defendem que cada uso da linguagem é específico para uma determinada situação e que existam diferentes níveis de especialização se considerarmos as diferentes formas de discurso, isto é, entre especialistas, entre especialistas e leigos, o discurso de banalização intermediado pelos meios de comunicação e o produzido entre os leigos.

Cabré (1999) questiona a existência de critérios que sejam suficientes para estabelecer uma linha divisória entre geral e especializado, afirmando que tal delineamento não é tão simples na prática como o proposto pela teoria. Em texto anterior (CABRÉ, 1993), a autora afirma que a concepção de que linguagem especializada e linguagem comum sejam totalmente díspares não se fundamenta, uma vez que, ao se comparar dois textos, chegaremos à conclusão de que apresentam características em comum, advindas de um mesmo sistema.

Sager, no prefácio do livro de Cabré (1993), atenta para a interação e o equilíbrio entre a linguagem comum e a especializada. A aceitação desse equilíbrio, para o autor, permite a eficiência da aprendizagem, uma melhor utilização do conhecimento e, conseqüentemente, proporcionará o sucesso na comunicação. Segundo o autor,

[...] o estudo da terminologia pressupõe a refutação da concepção de uma língua como um instrumento unitário multifuncional e a aceitação de uma concepção de língua como um conjunto de diversas linguagens de variado grau de especificidade, que têm em comum um grande número de elementos fonológicos e morfológicos, um número menor de elementos sintáticos e uma coincidência semântica, até o ponto de permitir uma função metalinguística a um nível mais geral (SAGER, 1993, p. 12, apud CABRÉ, 1993).³⁰

E da mesma forma que existem diferentes níveis de conhecimento, em que o especialista ocupa o nível mais alto, seguido pelos mediadores da comunicação entre eles e o público em geral, por exemplo, tradutores e jornalistas, e por fim os leigos, também existem diferentes níveis de linguagem, isto é, aquela utilizada entre os especialistas de uma mesma área, outra utilizada para estabelecer a comunicação entre especialista de diferentes áreas, uma outra utilizada pelo discurso de divulgação, aquela utilizada entre especialistas e leigos e, por fim, uma outra utilizada entre os leigos.

Maciel (2001) destaca que a linguagem especializada é o “repertório linguístico” das áreas de especialidade, ou seja, é o uso da língua em uma situação específica, compartilhando de todas as características do sistema linguístico da língua geral, porém com algumas peculiaridades. Em texto posterior (MACIEL, 2010), a autora destaca que a linguagem especializada é composta pelos recursos linguísticos utilizados numa situação de comunicação que aborde uma especialidade de forma a possibilitar a compreensão entre os pares de uma mesma área, diferenciando-se do discurso comum pelo seu léxico, ou seja, a terminologia em questão, como também por fatores gramaticais, sintáticos e textuais.

Assim, com base nos autores citados, ênfase para Cabré (1999), Maciel (2010) e Edo Marzá (2012), salientamos que a linguagem comum é aquela compartilhada pela maioria dos falantes e utilizada em situações não marcadas. Já a linguagem especializada é aquela usada

³⁰ El estudio de la terminología presupondría el rechazo de la concepción de una lengua como un instrumento unitario multifuncional, y la aceptación, en cambio, de una concepción de la lengua como un conjunto de diversos lenguajes de variado grado de especificidad, que poseen en común un gran número de elementos fonológicos y morfológicos, un número menor de elementos sintáticos y una coincidencia semántica, hasta el punto de permitir una función metalinguística a un nivel más general.

em situações específicas, tais como a comunicação entre especialistas, caracterizadas por particularidades lexicais, sintáticas e semânticas. Ambas compartilham de traços (fonéticos, lexicais, sintáticos, semânticos, gramaticais), são interdependentes e estão em relação de inclusão com um sistema maior, a linguagem geral, um sistema complexo e heterogêneo que pode ser analisado em diferentes níveis tanto na vertical (níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático, discursivo), quanto na horizontal (variedades dialetais e funcionais).

Atualmente, adota-se a denominação *discurso especializado* em detrimento de *linguagem especializada*, pois se acredita que uma posição discursiva possa explicar melhor o funcionamento das ULEs e de suas redes conceituais, uma vez que são considerados fatores sociodiscursivos, textuais, cognitivos, gramaticais e terminológicos. Cabré (1999) menciona que as ULEs incorporam-se ao léxico do falante à medida que este reúne conhecimento por meio dos discursos especializados, por isso, é absolutamente válido substituir “a denominação *linguagem especializada* por *discurso especializado*, já que o primeiro representa uma concepção muito estática (código, conjunto de peças de um sistema), enquanto que o segundo retoma uma perspectiva mais processual e holística, cognitiva e social”³¹ (CABRÉ et al., 2007).

Ademais, o enfoque discursivo torna relevante questões como a variação interna (variação denominativa, polissemia e sinonímia) e externa (gêneros, registro e tipos de textos) e a densidade (aspectos linguísticos, cognitivos e comunicativos) (CABRÉ et al., 2007), questões essas que sustentam os argumentos de Edo Marzá (2012). Para essa autora, a visão que parece ser “menos questionável” é a de que, dentro do discurso especializado, existam diferenças que permitem a distinção em níveis de especialização que variam desde o marcadamente especializado até o fronteiro com o discurso comum.

³¹ (...) la denominación *lenguaje de especialidad* a *discurso especializado*, ya que el primero representa una concepción muy estática (código, conjunto de piezas de un sistema), mientras que el segundo se inscribe en una perspectiva más procesual y holística cognitiva y social.

No entanto, Cabré (1999) vai além e destaca que, muitas vezes, definir o que significa “ser especializado” e o que se entende por “graus de especialização” não é uma tarefa fácil. Com efeito, para a autora os textos especializados transmitem a conceituação do ponto de vista do especialista e não do falante comum e acrescenta ainda que

[...] a especialização de um texto não se baseia apenas na temática que veicula, mas sobretudo em como essa temática está sendo veiculada [...] Um texto altamente especializado é preciso, conciso e sistemático; a terminologia utilizada tende a ser monossêmica e unívoca. À medida que o grau de especialização diminui, o discurso vai adquirindo características que o aproximam do discurso não especializado: no plano semântico, variação conceitual, redundância, ambigüidade, falta de precisão estrita; no plano formal, variação sinonímica de base léxica e principalmente o uso elevado de fórmulas parafrásticas que explicam analiticamente o mesmo conceito que em um nível especializado seria feito sinteticamente (CABRÉ, 1999, p. 89).³²

Por isso, a autora relata algumas características da comunicação, do discurso e dos textos especializados. Segundo ela, a comunicação especializada, assim como a comunicação geral, apresenta diferentes variedades estilísticas caracterizadas 1. pela semântica global; 2. pelas características formais gerais; 3. pela relevância do léxico; 4. pela especificidade do léxico; 5. pela temática, que delineará o léxico a ser utilizado, características estas adaptadas a cada nível de especialização. O discurso especializado, por sua vez, pode variar no seu grau de precisão conceitual, na concisão em relação à forma e sistematicidade estrutural, a depender da circunstância em que ocorre e de seus interlocutores. Por conseguinte, os fatores que melhor definem os textos especializados são: 1. o textual, pois são compostos de uma configuração global que os diferencia das demais tipologias; 2. o lexical, isto é, as terminologias, sendo que estas podem variar de acordo com o tema e apresentar diferentes

³² [...] la especialización de un texto, pues, no se basa tanto en la temática que vehicula, sino en como vehicula esta temática. [...] Un texto altamente especializado suele ser preciso, conciso y sistemático; la terminología que utiliza tiende a la monosemia y a la univocidad. A medida que disminuye el grado de especialización, el discurso va adquiriendo características que lo acercan al discurso no especializado: en el plano semántico, variación conceptual, redundancia, ambigüedad falta de precisión estricta; en el plano formal, variación sinonímica de base léxica, pero sobre todo uso muy elevado de fórmulas parafrásticas que explican analiticamente el mismo concepto que en un nivel especializado se hace sintéticamente

graus de especialização, de acordo com a relação estabelecida entre os destinatários; 3. o pragmático, o que caracteriza os textos especializados e os diferencia dos gerais, definido pelo grau de compreensão interlinguística entre os interlocutores.

Dessa forma, entendemos que são as particularidades envolvidas na situação comunicacional que determinam o grau de especialização do discurso especializado, particularidades estas que envolvem fatores contextuais e circunstanciais, o grau de especialização dos interlocutores e os propósitos da comunicação. Nesse sentido, uma determinada temática pode ser abordada em diferentes graus de complexidade e especificidade, em diferentes tipos de texto, tanto pelo discurso especializado (formulado em concordância com as características acima mencionadas) quanto pelo discurso comum, e portanto (quase) isento de recursos que o caracterizariam como especializado.

Embora todos os autores citados compartilhem da conclusão de que é impossível estabelecer uma linha divisória entre discurso comum e especializado, também concordam que a presença das ULEs é uma característica distintiva da comunicação especializada. Cada área possui uma terminologia que apresenta tanto uma dimensão cognitiva (pois expressa o conhecimento especializado), quanto uma dimensão linguística (pois forma o componente lexical especializado ou temático das línguas).

Criadas em concordância com as regras do léxico comum, as unidades lexicais especializadas só passam a existir quando a elas é designado um conceito. Por conseguinte, a homogeneidade configurada a tais unidades, que por muito tempo perdurou nos estudos em Terminologia, deu lugar à conscientização da variação terminológica existente entre os diversos níveis de especialização de linguagem. Nesse sentido, é de comum acordo que a terminologia de uma dada área se adapta a cada nível de especialidade, que varia de acordo com a finalidade do texto e quantidade de informação compartilhada entre o emissor e o receptor e o grau de abstração conceitual.

De acordo com Faulstich (2006), Wüster, em 1931, dizia que a variação linguística é uma alteração da unidade linguística. Entretanto, a autora critica essa concepção purista da linguagem, ressaltando que as variantes decorrem do uso e que seu estudo é de fundamental importância. A autora enfatiza que a língua não é um bloco homogêneo, mas está sujeito a variações (sincrônicas e diacrônicas). Sendo a linguagem especializada parte integrante da linguagem geral, também estão sujeitas a todas as formas de variação.

Assim, a observação do uso em diferentes níveis de discurso, o científico, o técnico, de divulgação, inclusive o linguajar do dia a dia, nos permite identificar e categorizar as variantes terminológicas em seus diversos níveis de tecnicidade de acordo com a descrição das características linguísticas do contexto em que figuram as unidades lexicais especializadas. Nesse sentido, Faulstich (1995) assinala que, para tal estudo, é imprescindível observar as ULEs tanto na sua manifestação escrita como também na oral, atentando para sua ocorrência tanto na estratificação vertical, quanto na horizontal. Além disso, é importante analisar a ULE na interação entre os seus usuários, refletindo sobre o seu uso nas diversas manifestações discursivas, isto é, o discurso científico, o técnico, o didático, o de vulgarização, etc.

Como bem assinala a autora, as ULEs são entidades variantes que podem ocorrer em diversas situações comunicativas, sendo submetivas a evoluções sincrônicas e diacrônicas e podendo assumir diversos valores, de acordo com o contexto em que ocorrem e a função que a variável desempenha. No caso da terminologia da *Fauna* e da *Flora*, além dos nomes científicos dotados de um grau de abstração conceitual maior e utilizada apenas no discurso especializado, verificamos ainda a existências de diversas variantes denominativas criadas com o intuito de adequação ao nível de especialização da linguagem e do discurso. Dentre essas formas encontram-se as expressões cromáticas. Trataremos sobre o nível de

especialização de tais unidades a partir da página 127. A seguir, discorreremos sobre a importância do texto especializado na identificação das terminologias.

2.1.2 O texto especializado

Krieger e Finatto (2004) destacam que atualmente os estudiosos reconhecem que o texto é o *habitat* das terminologias, bem como um meio de comunicação entre o produtor do texto e a quem este se destina. Assim como qualquer outro texto, o especializado também é a produção de um sujeito que busca estabelecer uma relação de comunicação com um interlocutor. Dessa forma, pode-se afirmar que esse tipo de texto é não só uma forma de manifestação de um discurso, seja ele científico ou tecnológico, como também produto de um contexto sócio-histórico e cognitivo.

Além disso, baseando-se nos pressupostos da TCT, as autoras afirmam que uma unidade lexical adquire o estatuto de termo apenas no cenário comunicativo em que está inserido. Nesse sentido, torna-se fundamental a observação do comportamento dos termos em seu contexto, já que estes, dentro do texto, se comportam de forma natural e sofrem influências sintáticas e pragmáticas dos diferentes discursos que servem como base para a comunicação especializada.

O texto é a realização da linguagem, o que explica a mudança de foco do “termo” para o texto, pois é dentro dele que se pode analisar e explicar o uso linguístico especializado, a preferência por determinados recursos linguísticos. O texto, portanto, passa a ser requisito essencial para as investigações terminológicas não apenas teóricas, como também aplicadas, uma vez que são entendidos como frutos de uma prática social de linguagem de um

determinado grupo profissional que se expressa de um modo convencional e culturalmente estabelecido.

Com isso, evidencia-se a importância do contexto para a identificação das terminologias, pois seu estudo na perspectiva comunicativa considera o seu universo contextual para sua identificação e delimitação. No próximo item, trataremos dos elementos que compõem as terminologias.

2.1.3 A unidade lexical especializada (ULE)

As unidades lexicais especializadas, a princípio, foram caracterizadas pela monorreferencialidade e monossêmia associadas à precisão conceitual tão requerida para a fixação dos conceitos pela comunidade científica e para o intercâmbio comunicacional entre especialistas de diversas áreas ao redor do globo.

Silva (2008) ressalta o caráter unívoco dado a tais unidades pela TGT, uma vez que a cada conceito era dada uma denominação. Trata-se do princípio de univocidade tão visado pelos estudiosos da época e que tinha por objetivo a normatização que garantia a precisão à comunicação especializada. Nesse sentido, tais itens lexicais eram considerados rótulos criados para evitar as ambiguidades encontradas no léxico comum, não sendo portanto considerados como elementos das línguas naturais.

Assim, o “termo” era entendido pela TGT como monorreferencial e monossêmico, podendo nomear apenas um conceito, não sendo admitidas variantes denominativas. Tais características, destaca Silva (2008), é que diferenciavam os “termos” das “palavras”, pois aqueles se restringiam à ocorrência em um determinado domínio de conhecimento, não sendo

influenciados por fatores sócio-históricos, culturais e ideológicos como as palavras do léxico comum.

Entretanto, Krieger (2001b, p. 66) atenta para a importância de se entender as terminologias como unidades lexicais técnicas que adquirem sentido especializado quando inseridas em um campo de conhecimento, destacando que o “termo” é uma unidade lexical especializada que tem a função primordial de “expressar o conhecimento de caráter científico, técnico e tecnológico” e, aliado a essa função, de transferir o conhecimento veiculado pela comunicação humana.

Ainda segundo a referida autora, para além da concepção de rótulo ou etiqueta, antes tão arraigada às ULEs, estamos diante de um revisionismo proporcionado pela mudança de visão do próprio conceito de ciência que repercute nas tipologias e configurações morfossintáticas de tais unidades, cujo reconhecimento só pode ser realizado quando inseridas em seu *habitat*, quer dizer, seu uso em contexto.

Concernente à estrutura das ULEs, além de siglas, acrônimos, abreviaturas e fórmulas, elas assumem principalmente a forma de lexias simples ou estruturas sintagmáticas complexas. Desse modo, a delimitação de seus limites torna-se uma tarefa complexa, pois é preciso examinar o grau de coesão entre as partes que as integram. Além disso, é de fundamental importância para a descrição da tipologia terminológica que se considere 1) a origem e os tipos de constituintes, 2) os processos de formação das unidades lexicais especializadas e 3) sua natureza (neologismos, empréstimos, etc.).

Contrariamente às terminologias de natureza taxonômica, as novas ULEs acompanham as tendências de formação lexical do discurso comum, estando em consonância com os sistemas linguísticos e os padrões morfossintáticos das línguas, o que contribui para o aumento de sentidos terminológicos nos verbetes dos dicionários de língua geral e sustenta os

argumentos de que tais itens sejam unidades linguístico-pragmáticas que compõem as línguas naturais.

Nesse sentido, Cabré (1993) declara que as ULEs são unidades que representam a realidade, possibilitando o intercâmbio de pensamentos e a organização da estrutura conceitual de uma disciplina, e que são formadas por três dimensões: linguística, cognitiva e comunicativa. Em texto posterior (CABRÉ, 1999), a autora destaca que é essa poliedricidade que confere às terminologias a “condição de linguagem natural”, aproximando-as dos signos comunicacionais.

Entendendo a comunicação especializada como parte integrante do funcionamento da linguagem, concordamos que características tão distantes do discurso comum, como a monorreferencialidade e a monossemita, não passam de um ideal longínquo e ultrapassado. As terminologias, portanto, são compostas por unidades lexicais do discurso especializado que compõe o léxico global de uma língua, uma vez que atuam morfológica e sintaticamente como qualquer outra unidade do léxico comum, porém carregam um conceito específico.

Conseqüentemente, se as terminologias são integrantes do léxico geral, seu tratamento pelas obras lexicográficas fica inquestionavelmente explicado. No entanto, há ainda um impasse sobre a configuração ou não das ULEs nessas obras, sobretudo no que diz respeito ao modo como elas são descritas no dicionário. Nas próximas linhas, discorreremos sobre sua compilação, abordando as diferenças e semelhanças entre Lexicografia e Terminografia para o tratamento de tais unidades, bem como sua inclusão nos dicionários lexicográficos

2.2 A Lexicografia e Terminografia: diferenças

A Lexicografia é uma arte milenar de caráter prático, cuja proposta era inicialmente apenas a composição de dicionários e que ganhou impulso teórico no século XX, consagrando-se como ciência e passando a ter um caráter descritivo. Tal campo de estudo tem como objeto o léxico, analisando-o do interior dos discursos (tanto escritos, como orais) individuais ou coletivos, sua composição e sua história dentro da linguagem, apreendendo seus valores semânticos e descrevendo-os.

Dapena (2002) ressalta ainda que a Lexicografia, além de ser vista como arte ou prática e, portanto, como saber teórico-prático dedicado à elaboração de dicionários, pode ser entendida também como um verdadeiro saber científico, consistindo no estudo do léxico, assim como a Lexicologia. Dessa forma, o autor a divide em duas vertentes: a prática e a teórica, sendo esta considerada semelhante à Lexicologia, já que aborda a análise linguística, e o tratamento teórico das técnicas usadas no dicionário.

Zavaglia (2009), por sua vez, define a Lexicografia como uma ciência que, portanto, está sujeita a teorias e etapas metodológicas que exigem do lexicógrafo conhecimento para saber descrever as relações sintáticas estabelecidas entre os itens lexicais, bem como suas relações semânticas e pragmáticas.

A Terminografia, por outro lado, é a ciência que se dedica à produção de dicionários técnico-científicos, investigando as propriedades linguísticas, conceituais e pragmáticas das ULEs (KRIEGER; FINATTO, 2004). Fundamentada nos estudos terminológicos, não se reduz à aplicação de seus postulados, mas sim, segue uma metodologia própria, analisando seu objeto e propondo novos modelos para o seu tratamento (BARROS, 2004).

Por conseguinte, a Terminografia tem a função de estabelecer a padronização terminológica usada nas comunicações profissionais, dedicando-se não apenas à elaboração

de obras de referência, como glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados, como também aos estudos terminológicos que fornecem subsídios para a produção de instrumentos de referência (BARROS, 2004), levando o terminógrafo a refletir sobre questões como a funcionalidade da obra, adequações das definições terminológicas e a pertinência de informações gramaticais.

A fim de reafirmar os confins entre esses dois domínios, foram criados alguns fatores metodológicos míticos que diferenciariam as obras lexicográficas daquelas terminográficas. Bergenholtz e Tarp (1995) citam que as obras lexicográficas costumam ser relacionadas à compilação do léxico geral da língua, enquanto as obras terminográficas têm como foco o uso especializado da língua e, por conseguinte, as ULEs. Além disso, estabelecem que a Lexicografia é descritiva e auxilia na decodificação, enquanto a Terminografia é prescritiva e atua na codificação.

Outro fator, como salientado por Bowker (2003), diz respeito à organização macroestrutural, pois os lexicógrafos tendem a adotar uma abordagem semasiológica, enquanto os terminógrafos, partindo do mapeamento conceitual, optariam por uma abordagem onomasiológica que está em concordância com tal mapeamento. Embora a abordagem onomasiológica seja a ideal para a elaboração das obras terminográficas, na realidade há uma preferência pela organização semasiológica por parte dos próprios especialistas devido à facilidade de consulta.

Bevilacqua e Finatto (2006) mencionam que as diferenças são expressas, sobretudo, no modelo de microestrutura adotado por tais obras, caracterizado pelas concepções teóricas de cada disciplina, concepções essas que influenciam, por exemplo, no modo de lematização, nas informações que compõem o verbete e, principalmente, na elaboração da definição, pois quanto maior o grau de conhecimento do usuário sobre a área abordada no dicionário, maiores serão as suas exigências e mais completa deverá ser a definição.

Por fim, um último fator a ser mencionado concerne ao perfil de usuário visado por tais obras. As obras terminográficas têm como público-alvo os especialistas, enquanto que as obras lexicográficas visam o público em geral.

Ressaltamos que essas são dicotomias criadas por uma visão tradicional da Terminologia para distinguir as obras em questão. De fato, acreditamos, que tanto a Lexicografia quanto a Terminografia possam ser descritivas e prescritivas, auxiliando na codificação e na decodificação, de caráter semasiológico ou onomasiológico, dependendo do escopo da obra formulada. Nas próximas linhas discorreremos sobre as semelhanças entre Lexicografia e Terminografia.

2.3 Semelhanças entre Lexicografia e Terminografia: a Lexicografia Especializada

Como pôde ser visto nas linhas anteriores, ainda é amplamente difundido que Lexicografia e a Terminografia tratam de objetos díspares, cada qual com suas características próprias, seguindo abordagens metodológicas diferentes e estando seus limites nitidamente demarcados.

Entretanto, embora não haja ainda um consenso entre os teóricos sobre até que ponto as duas disciplinas estejam relacionadas, defendemos que a Lexicografia e Terminografia estabelecem pontos de correlação, pois como salientado por Cabré (1999, p. 28), as duas disciplinas se confundem na medida em que “o processo de trabalho tanto da Lexicografia quanto da Terminografia conduzem a uma compilação de unidades léxicas ou terminológicas em dicionários”.³³ Além do mais, é interessante ressaltar que os dicionários de língua,

³³ [...] proceso de trabajo tanto de la lexicografía como de la terminografía conducen a la recopilación de unidades léxicas o terminológicas en diccionarios.

sobretudo aqueles que tentam abordar a totalidade do léxico, costumam registrar as terminologias, o que se explica pelo fato de estas atuarem na sua composição.

Wüster já destacava no início do século passado que a Terminologia reúne conhecimentos linguísticos de todos os domínios da vida. A esse mesmo respeito, Aubert (1996) ressalta a presença das terminologias no nosso cotidiano, afirmando que o próprio conceito de línguas de especialidade engloba todo um conjunto do fazer humano que reúne tanto a ciência e a tecnologia, como também atividades domésticas, tais como a culinária e o artesanato. Enfim, vocabulários que não deixam de ser específicos, mesmo estando presentes no nosso dia a dia e sendo portadores de traços culturais.

Entendendo a linguagem como um todo composto por diversas manifestações discursivas, podemos afirmar que tanto a Lexicografia como a Terminografia têm como objeto de estudo o léxico dentro do discurso ao qual pertencem, observando seu funcionamento e seus significados dentro deste, uma vez que, muitas vezes, será o contexto de uso o fator fundamental que definirá se uma unidade lexical será considerada ou não especializada. É importante ressaltar que as terminologias não formam uma língua à parte, ao contrário, são itens que sofrem todos os efeitos sintáticos, semânticos e pragmáticos, afinal, as regras que governam o funcionamento das unidades lexicais gerais são as mesmas que governam o funcionamento das unidades lexicais especializadas (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Em concordância com Edo Marzá (2012), não pensamos que a Terminologia seja uma disciplina independente, de abordagem teórico-prática e metodológica completamente diferente da Lexicologia. Ao contrário, ambas tratam do mesmo objeto, a saber, a língua natural, sendo que a Lexicologia estuda os vocábulos quanto ao seu significado, sua classificação (formal ou semântica), sua constituição e variação, enquanto a Terminologia

aborda as unidades lexicais utilizadas em contextos especializados que ativam uma série de traços semânticos que as distingue do léxico comum da língua.

Nesse mesmo sentido, Terminografia e Lexicografia se aproximam na medida em que aquela se vale dos conceitos desta para análise dos aspectos morfossintáticos, colocacionais, e contextuais das unidades temáticas, e esta utiliza os pressupostos teóricos da primeira para o estudo das ULEs. Dessa forma, embora tais disciplinas difiram quanto a alguns aspectos teóricos, ambas lidam com o mesmo problema: o tratamento do léxico. Assim, a Terminografia complementa a Lexicografia, na medida em que se dedica ao léxico da linguagem técnico-científica.

Tampouco é válida, como bem afirma Edo Marzá (2012), a distinção metodológica entre Lexicografia e Terminografia. Para a autora, são distinções artificiais que vão contra a abordagem linguístico-comunicativa da Terminologia. Segundo Bowker (2003), ambos, lexicógrafos e terminógrafos, trabalham de um modo que combina elementos das duas abordagens. Dessa forma, embora seja muito mais frequente a elaboração de obras lexicográficas semasiológicas, isso não significa que tal metodologia seja uma regra, ao contrário, é uma forma de organização cuja característica primordial é a simplicidade e que, portanto, é preferida, convencionalmente, tanto pelos dicionários lexicográficos quanto pelos terminográficos.

Entre esses supostos extremos encontra-se a Lexicografia Especializada, que Edo Marzá (2012, p. 111) define como “uma Lexicografia que estuda as unidades tematicamente especializadas e que aborda todo o tipo de dicionários ou inventários léxicos especializados devido à temática”³⁴ e que está em concordância com os pressupostos teórico-metodológicos da TCT e que alia tanto elementos terminográficos quanto lexicográficos.

³⁴ Una lexicografía que estudia las unidades tematicamente especializadas y que abarca todo tipo de diccionarios o inventarios léxicos especializados por la temática.

Considerada uma parte da Lexicografia geral dedicada à elaboração de obras especializadas, a Lexicografia Especializada tem uma longa tradição que vem desde os tempos de Aristóteles, embora seu mercado seja bem mais recente. Atualmente, seus avanços contam com uma colaboração mútua entre linguistas e especialistas de diversas áreas para a elaboração de tais obras.

Com efeito, autores como Bergeholtz e Tarp (1995), entre outros, reafirmam a relação intimamente estabelecida entre Lexicografia, Terminologia e Terminografia, já que a Lexicografia Especializada também trabalha com o léxico especializado, sua macroestrutura pode ser organizada tanto de forma onomasiológica quanto semasiológica, equilibra-se entre o caráter descritivo e prescritivo, e visa tanto à decodificação quanto à codificação, sendo ótimas fontes de consulta para uma área específica, tanto para o leigo quanto para o especialista, a depender das circunstâncias de elaboração da obra. Para eles,

- como uma parte especial da Lexicografia em geral, a Lexicografia Especializada trabalha com as terminologias;
- a Lexicografia Especializada trabalha tanto com macroestruturas sistemáticas quanto alfabéticas, decidindo de acordo com cada caso qual é a mais apropriada;
- a Lexicografia Especializada deve necessariamente num grau maior ou menor ser tanto descritiva quanto prescritiva.
- a Lexicografia Especializada destina-se ao público em geral e aos especialistas;
- a Lexicografia Especializada prepara dicionários tanto com fins de codificação como de decodificação (BERGENHOLTZ; TARP, 1995, p. 11).³⁵

Edo Marzá (2012) entende a Lexicografia Especializada como uma Terminografia de base linguística e comunicativa que vai muito além da reunião de uma parte do conhecimento. Segundo essa autora, o dicionário especializado não é um amontoado de itens especializados com suas traduções e/ou definições básicas, ao contrário, é uma obra complexa que reflete

³⁵ As a special part of lexicography in general, LSP lexicography certainly does work with LSP terms; LSP lexicography works with both systematic and alphabetic macrostructures, deciding in each individual case which is the more appropriate; LSP lexicography must necessarily to a greater or lesser degree be both descriptive and prescriptive; LSP lexicography addresses itself to laypeople and experts alike; LSP lexicography prepares dictionaries for both encoding and decoding purposes.

padrões das mais variadas obras de referência, descrevendo as ULEs tanto em seu plano linguístico quanto conceitual.

No tocante às características dos dicionários especializados, Bowker (2003) assinala que tais obras podem ser distinguidas:

1. pelo objeto abordado - os dicionários especializados versam sobre uma determinada fatia lexical, descrevendo conceitos de campos específicos, podendo cobrir um grupo de domínios, um único domínio ou até mesmo um subdomínio;

2. pela língua - podem ser monolíngues, bi ou plurilíngues;

3. pelo usuário e objetivo - o seu objetivo é facilitar a comunicação, por isso, o nível de conhecimento da área do público-alvo (especialistas, semiespecialistas, leigos) influenciará na escolha das informações, no modo como estas serão transmitidas e nas funções comunicativas (produção e recepção);

4. pela macroestrutura - muitos lexicógrafos especializados optam por uma macroestrutura onomasiológica, opção esta que deve ser feita após a análise dos benefícios que serão proporcionados aos usuários. Como bem destaca Bowker (2003), a ordem alfabética é familiar ao usuário e, portanto, mais fácil de usar, porém não proporciona uma visão da estrutura conceitual da área em questão;

5. pela microestrutura – dependente da fixação do público-alvo, objetivos e número de línguas, poderá conter informações gramaticais, pronúncia, exemplos de uso, definições, sinônimos, entre outros.

Diante do explanado anteriormente, é dentre as obras lexicográficas especializadas que se enquadra o presente trabalho, visto que

1) aborda o vocabulário pertencente a um determinado campo de estudo, a saber, da Biologia, em particular a Botânica e Zoologia;

- 2) é composto por expressões cromáticas, ou seja, um microssistema lexical característico do discurso comum, cada vez mais presente no discurso especializado;
- 3) É dedicado a um público específico composto pelos especialistas do meio ambiente e áreas afins;
- 4) A microestrutura apresenta informações linguísticas, informações específicas da área, além de contextos de uso e definição que transita entre o modelo lexicográfico, terminológico e enciclopédico;
- 5) Seu modelo de macroestrutura é onomasiológico, estando em concordância com os pressupostos taxonômicos.

No tocante ao último item, salientamos que, para a elaboração de um dicionário do tipo, é preciso atentar para a forma mais adequada de organização macroestrutural, de modo a facilitar a visão do campo conceitual, bem como a fixação das relações entre os conceitos. No capítulo que segue, discorreremos sobre algumas questões cruciais que giram em torno da Onomasiologia e que fundamentam os dicionários onomasiológicos, além de expormos os fatores que nos levaram à escolha por tal modelo.

Por fim, ressaltamos que a realização deste projeto tem por objetivo complementar o mercado das obras de referência, assim como reafirmar a importância do estudo do léxico em sua relação transdisciplinar, assumindo a importância da cooperação entre as disciplinas acima mencionadas.

CAPÍTULO III

A ONOMASIOLOGIA: POR QUE ELABORAR UM DICIONÁRIO ONOMASIOLOGICO E QUAL A SUA CONTRIBUIÇÃO

Atualmente, nos deparamos com uma variedade enorme de dicionários classificados a partir de diferentes critérios – dicionários da língua geral, analógicos, ideológicos, especializados ou terminológicos, etimológicos, históricos, entre outros - e pertencentes a duas metodologias de organização macroestrutural: a semasiologia ou dicionários semasiológicos e a onomasiologia ou dicionários onomasiológicos, cuja diferença está, *grosso modo*, na sua forma de organização, uma vez que enquanto os primeiros são organizados a partir da forma para se chegar ao conceito, os segundos organizam-se em função de conceitos para então se chegar à forma.

Landau (1989, p. 108) destaca que as duas formas de organização não são completamente diferentes, visto que “ambos dependem de uma lista alfabética de palavras. Porém, enquanto a organização conceitual conduz o leitor a partir do índice a conjuntos de palavra relacionadas por seus significados, o outro tipo de organização fornece uma lista de sinônimos logo após a entrada”.³⁶ Entretanto, acrescenta que a organização conceitual, num mesmo espaço, pode fornecer uma quantidade de palavras muito maior, além de garantir que o usuário encontre a palavra que está buscando. Por outro lado, “a organização alfabética é mais fácil de usar, uma vez que o leitor pode encontrar sinônimos procurando em apenas um local, em vez de dois ou mais” (LANDAU, 1989, p. 108).³⁷ Zavaglia (2009) enfatiza o sucesso de obras classificadas alfabeticamente, visto o rápido manuseio e a garantia de uso

³⁶ Both rely on an alphabetic listing of words. But whereas the conceptual organization leads the reader from the index to clusters of words centered upon a congeries of related meanings, the dictionary type of organization strings out the synonyms directly after the index entry.

³⁷ (...) the alphabetical dictionary arrangement is easier to use, since the reader can often find synonyms by looking in one place rather than two or more.

eficaz, porém ainda afirma que a classificação a partir da estruturação da realidade também traz um valor indiscutível para uma obra.

Para Babini (2001)

Os dicionários convencionais, organizados em ordem alfabética, permitem apenas encontrar os "significados" de palavras, isto é, as ideias que representam a partir da sua "forma". Mas como encontrar uma palavra quando conhecemos apenas a sua "ideia", o "conceito"? Em outras palavras, os dicionários deveriam possibilitar que encontrássemos tanto **“as palavras pelas ideias”** quanto **“as ideias pelas palavras”** (BABINI, 2001, p. 67-68, grifos do autor).³⁸

O mesmo autor afirma que, embora recebam denominações diferentes, os *dicionários ideológicos, analógicos e onomasiológicos*, podem ser considerados como repertórios de orientação onomasiológica, visto que todos têm como finalidade partir do conceito para se alcançar a forma.

A presente proposta enquadra-se nessa categoria de dicionários. Nas próximas linhas, faremos algumas considerações sobre o conceito de onomasiologia e as finalidades de se elaborar um dicionário do tipo, bem como exporemos os motivos que nos levaram a propor o presente projeto.

3.1 A Onomasiologia e o significado

Quando tratamos de Onomasiologia, é impossível não abordar as questões que giram em torno do significado. Considerado um dos termos “mais ambíguos e controversos da teoria da linguagem” (ULLMANN, 1964, p. 111), o significado representa um “complexo de relações contextuais” (FIRTH, 1935, apud ULLMANN, 1964, p. 112) manuseado de forma

³⁸ Les dictionnaires traditionnels, classés par ordre alphabétique, ne permettent que de trouver les ‘signifiés’ des mots, c’est-à-dire les ‘idées’ qu’ils représentent en partant de leur ‘forme’. Mais comment pouvoir retrouver un mot, quand on ne possède que son ‘idée’, son ‘concept’? en d’autres termes, ces dictionnaires devraient permettre de retrouver aussi bien **‘les mots par les idées’**, que **‘les idées par les mots’**.

diferente seja pela fonética, pela gramática, semântica ou Lexicografia. Ullmann (1964), estabelece que o significado das palavras foi um assunto muito abordado e que há duas escolas que merecem especial atenção a *analítica* ou *referencial* e a *operacional*. Trataremos apenas da primeira, uma vez que estabelece relações estreitas com a onomasiologia.

3.1.1 A escola analítica e o triângulo de Ogden e Richards

Essa escola tem como modelo de análise o triângulo de Ogden e Richards, como segue:

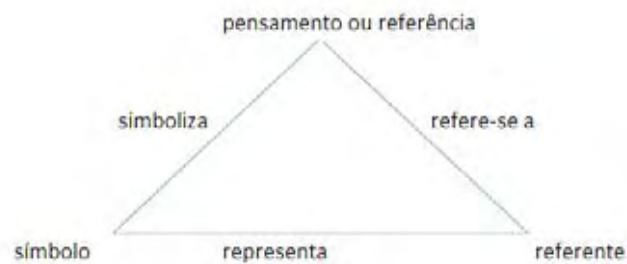


Figura 1: Triângulo de Ogden e Richards

Para Ullmann (1964),

A característica essencial deste diagrama é que distingue três componentes do significado. Segundo esta interpretação, não há relação direta entre as palavras e as coisas que elas “representam”: a palavra “simboliza” um “pensamento ou referência” que, por sua vez, se “refere” ao aspecto ou acontecimento de que estamos a falar (Ullmann, 1964, p. 115).

Baseado nesse triângulo e nos estudos de Saussure, o autor propõe um triângulo com uma nova estruturação, definindo, como pode ser observado na figura abaixo, *nome* como a

configuração fonética da palavra, *sentido*, a informação comunicada pelo nome ao ouvinte, e *coisa*, ou o referente não-linguístico.

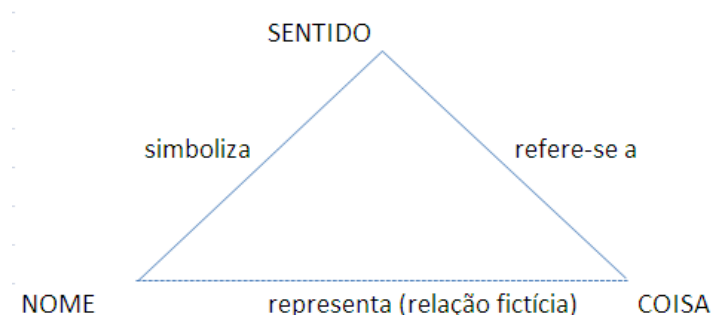


Figura 2: Triângulo de Ullmann

Além de criticar a presença do referente, Ullmann (1964) chama a atenção para o fato de o triângulo proposto tratar apenas da palavra atuando no ouvinte e desconsiderar o ponto de vista do falante. Segundo esse autor, “há uma relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido” (ULLMANN, 1964, p.117), o que remete à coisa ao ouvir a palavra e à palavra quando se pensa no referente. Assim, da mesma forma que o *nome* se conecta à *coisa* por meio do sentido, também ocorre o caminho inverso. É essa relação “recíproca e reversível entre o som e o sentido” (ULLMANN, 1964, p. 117) que Ullmann dá o nome de significação.

É importante observar, porém, que a definição referencial do significado não propõe que cada palavra seja considerada isoladamente, ao contrário, admite que vários nomes podem estar ligados por meio de um único sentido, assim como um nome pode estar ligado a diversos sentidos.

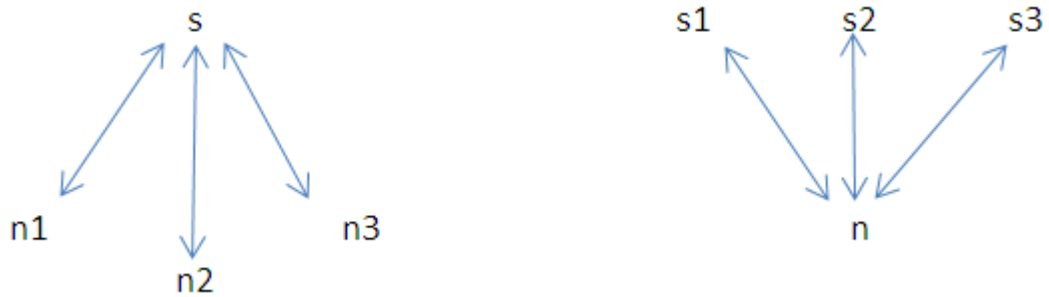


Figura 3: Vários nomes ligados por um significado (esquerda) e um único nome relacionado a diversos sentidos.

De acordo com Ullmann (1964), alguns estudiosos chegaram a afirmar que todo estudo linguístico deve partir da forma, e não do significado. No entanto, tal modelo demonstra a interdependência existente entre a semasiologia e a onomasiologia, reafirmando que o significado pode ser analisado tanto a partir do nome, como fazem os dicionários alfabéticos, quando do sentido, como fazem os dicionários dedicados às diversas áreas de conhecimento, ou seja, aqueles conceituais. A esse respeito, Baldinger (1966, p. 26) explicita que “a posição no campo semasiológico determina ao mesmo tempo a posição no campo onomasiológico”, o que fundamenta a concepção de que tais processos se complementam.

3.1.2 O trapézio de Heger

Heger (1965 apud BABINI, 2001) critica tanto a versão de Ullmann quanto a de Baldinger do triângulo supracitado e propõe um novo esquema em forma de trapézio que separa o significado do conceito. Para Baldinger (1970), as críticas são válidas, uma vez que o próprio autor percebe que ele mesmo altera a concepção do signo linguístico proposta por Saussure. Segundo o autor, na sua interpretação do triângulo, a reunião do significante e do significado não constituem um signo linguístico porque o seu conteúdo contém mais de um

conceito, isto é, um campo semasiológico, da mesma forma que um conceito pode se materializar em mais de uma forma. Ademais, o fato de o conteúdo ser entendido como uma parte mental (o ponto de partida para a onomasiologia) e estar unido a um significante por meio de uma significação tem provocado mal entendidos.

Assim, Heger (1965) propõe um esquema que possibilita a análise do conteúdo sem alterar a unidade do signo linguístico. De acordo com Baldinger (1970), Heger (1965) argumenta que o significado é um conjunto de todos os sememas de um significante. O sema é uma unidade mínima distintiva da substância do conteúdo ou um traço semântico. O monema é uma unidade mínima de significado e é composto por uma forma de expressão e uma forma de conteúdo. Assim, Heger elabora um novo modelo de signo linguístico, cuja forma é o seguinte trapézio:

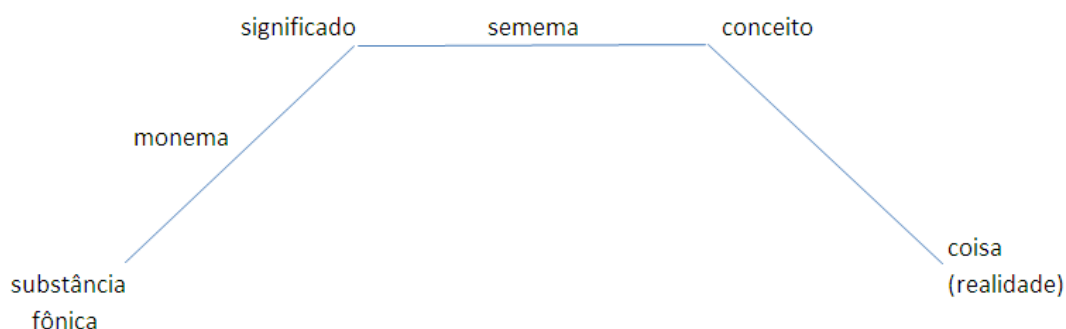


Figura 4: Trapézio de Heger

Com efeito, onomasiologia e semasiologia situam-se no plano do conteúdo: a semasiologia parte do significado para então examinar as diferentes significações; já a onomasiologia parte do conceito para encontrar as variadas designações, buscando os monemas que expressam o conceito referente. Por conseguinte, no campo semasiológico está representada a estrutura interna de apenas um significado, assim como no campo

onomasiológico estão representados todos os sememas relacionados a diferentes significados, porém um mesmo conceito.

3.1. Onomasiologia e Dicionários Onomasiológicos

No que concerne à elaboração de obras lexicográficas organizadas de modo onomasiológico, Oliveira (2011, p. 1) destaca que “os *onomástica* egípcios e clássicos, anteriores a era cristã, constituem os primeiros exemplos deste tipo de dicionário e correspondem a uma tentativa de organização e categorização do mundo, algo inerente à espécie humana”.³⁹ A esse mesmo respeito, Riva (2009) menciona que o desenvolvimento de dicionários onomasiológicos, durante muito tempo, esteve relacionado ao estudo comparativo entre as línguas românicas, que geralmente partiam do latim, língua que definia os parâmetros para a comparação, abordando, por exemplo, o vocabulário da *Flora* e da *Fauna* e elementos da vida humana. De fato, ainda segundo Oliveira (2011), a Lexicografia onomasiológica é uma ferramenta de conhecimento que nasce com o objetivo de fixar os princípios universais que orientam o mundo e o ser humano.

Segundo Babini (2001), o termo *onomasiologia* tem origem em 1903 quando empregado por Zauner em seu estudo comparativo entre as línguas românicas sobre as partes do corpo humano. Em 1935, Vittorio Bertoldi publica a *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere o Arti*, em cuja introdução escreve

Entende-se por onomasiologia um aspecto particular da pesquisa linguística que, partindo de uma determinada ideia, analisa as várias maneiras por meio das quais a mesma encontrou expressão na palavra. Uma vez que estuda os vocabulários, comparando-os entre si cronológica e geograficamente, a *onomasiologia* foi chamada de *lexicologia comparada*, e se aproxima, portanto, no que diz respeito aos objetivos e à metodologia, da *semasiologia*, isto é, a busca pelos significados. As

³⁹ Los *onomastica* egipcios y clásicos, anteriores a la era cristiana, constituyen los primeros ejemplos de este tipo de diccionario y corresponden a un intento de organización y categorización del mundo, algo inherente a la especie humana.

duas vertentes se completam e esclarecem uma à outra. (BERTOLDI, 1935, apud BABINI, 2001, p. 18).⁴⁰

Em outras palavras, para Bertoldi, a onomasiologia lida com os aspectos relacionados à denominação, partindo da ideia para se chegar ao signo. Quando é feita a comparação entre várias línguas, tomando-se por base tais aspectos, estamos tratando, segundo o autor, de lexicologia comparada.

Ainda de acordo com Babini (2001), embora o termo *onomasiologia* tenha surgido em 1903 no estudo de Zauner, a ideia de organizar o vocabulário por domínios surgiu com o *Thesaurus of English Word and phrases* de Roget (1852). O objetivo da obra era propor uma nova forma de organização, isto é, dispor as palavras não em ordem alfabética, como tradicionalmente se propunha, mas sim ordená-las de acordo com a ideia que expressavam.

Sobre essas duas formas de organização, Roget diz:

O objetivo de um dicionário comum é simplesmente o de explicar o significado das palavras; e o problema para o qual afirma fornecer a solução pode ser assim declarado: - à palavra dada, encontrar o seu significado ou a ideia que se pretende transmitir. O objetivo da presente proposta é exatamente o oposto a esse: a saber, - à ideia dada, encontrar a palavra, ou palavras, pelas quais essa ideia possa ser melhor expressa. Por isso, as palavras e frases são aqui classificadas não de acordo com o seu som ou a sua ortografia, mas estritamente de acordo com a sua significação (ROGET, 1956, p. xxiii apud BABINI, 2001, p. 71).⁴¹

⁴⁰ Per onomasiologia s'intende un aspetto particolare dell'indagine linguistica che, movendo da una determinata idea, esamina i vari modi con cui, essa ha trovato espressione nella parola. In quanto studia fatti di vocabolario comparandoli fra di loro nell'ordine cronologico e geografico, l'*onomasiologia* fu detta pure *lessicologia comparata* e venne quindi avvicinata nei fine e nei procedimenti alla *semasiologia*, la ricerca, cioè, dei significati. I due aspetti si completano e si lumeggiano dunque l'uno l'altro.

⁴¹ The purpose of an ordinary dictionary is simply to explain the meaning of the words; and the problem of which it professes to furnish the solution may be stated thus: - the word being given, to find its signification, or the idea it is intended to convey. The object aimed at in the present undertaking is exactly the converse of this: namely, - the idea being given, to find the word, or words, by which that idea may be most fitly and aptly expressed. For this purpose, the words and phrases of the language are here classed, not according to their sound or their orthography, but strictly according to their signification.

O autor dividiu sua obra em seis classes de categorias: *relações abstratas, espaço, mundo material, intelecto, volição, consciência e moral*, cada uma com várias subdivisões. Assim, ele observou que algumas palavras poderiam ser inseridas em várias subcategorias. Por isso, incluiu um índice, a fim de auxiliar os leitores a encontrarem o item procurado. Landau (1989) cita essa obra criticando-a, pois afirma que se trata de um agrupamento conceitual não natural para todos os falantes de uma língua. Alguns falantes poderiam até encontrar a palavra com facilidade, mas a maioria não. Por esse motivo, as edições mais atuais da obra aconselham ao leitor a começar a busca pelo índice.

No entanto, foi em 1952 com a obra *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie*, de Hallig e Wartburg que os estudos sobre onomasiologia e sobre questões teóricas que giram em torno da Lexicografia onomasiológica ganharam força. Para Babini (2001, p. 51), tais autores apresentam um sistema de classificação de conceitos que, segundo eles, tem valor universal, o que reacendeu o debate sobre a escolha entre a classificação alfabética ou ideológica e culminou em milhares de críticas feitas aos autores.

No que concerne à estruturação dos dicionários onomasiológicos, Baldinger (1970) considera pertencente a essa tipologia aqueles que classificam as unidades lexicais em função dos conceitos por elas representados. Em contrapartida, são semasiológicos os dicionários que classificam as unidades lexicais em função da sua forma, ou seja, por ordem alfabética. Em trabalho anterior (BALDINGER, 1966), o mesmo autor destaca que os dicionários por ordem alfabética (ou fonológica) e os organizados por conceitos se complementam e, como acrescentado por Babini (2001), cada um busca resolver os problemas de uma forma inversa que o outro.

Tosqui-Lucks (2008) determina que

[...] na estruturação do léxico, a onomasiologia representa a face das designações, compreendendo todos os significantes de um dado significado, ao passo que a semasiologia representa a face das significações, compreendendo todos os significados possíveis que possam traduzir um determinado significante (TOSQUI-LUCKS, 2008, p. 232).

Em outras palavras, enquanto nos dicionários cuja classificação é feita pela ordem alfabética podemos apenas apreender o significado da palavra por meio de sua forma, os dicionários onomasiológicos nos permitem fazer relações de sentido entre itens pertencentes a uma determinada área do saber. Ao dicionário onomasiológico, então, cabe partir de uma ideia para examinar os vários sentidos que a ela estão relacionados, isto é, parte de um conceito para chegar à forma. Desse modo, todas as obras cuja nomenclatura estiver organizada sistematicamente serão consideradas onomasiológicas e possibilitarão o percurso *ideia (ou noção/conceito) → unidade lexical*, isto é, permitirão que uma unidade lexical seja encontrada a partir de um conceito.

No que diz respeito à tradição lexicográfica onomasiológica, Oliveira (2011) destaca que embora ela exista e seja relativamente forte, há uma desproporção entre o número de dicionários semasiológicos e os onomasiológicos, fato que pode ser explicado pela “supremacia da noção de palavra sobre a de conceito”⁴² (OLIVEIRA, 2011, p. 3), além, é claro, da complexidade de sua elaboração e dificuldade na consulta.

Com base em uma pesquisa feita em alguns dicionários onomasiológicos, a mesma autora aventa que existem algumas características acerca de sua estrutura e informações de uso que abundam em todos eles. Para ela, sobram índices, remissões e referências cruzadas, procedimentos que buscam revelar a facilidade da busca. No entanto, para a pesquisadora, na grande maioria das obras faltam informações sobre os seus pressupostos teórico-metodológicos, da mesma forma que abunda subjetividade na classificação, uma vez que os resultados obtidos a partir dessa classificação podem não ser satisfatórios para todos.

⁴² [...] supremacía de la noción de palabra sobre la de concepto.

3.3 A interdependência entre a Semasiologia e a Onomasiologia

As relações entre a Semasiologia e a Onomasiologia situam-se, segundo Baldinger (1966), entre o século XIX e XX, quando a atenção dos estudos linguísticos se movimentou do *som* para a *palavra*. Para o autor, tanto uma como outra estão a favor da lexicologia histórica, porém:

A semasiologia, é certo, considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um conceito particular, vale dizer, uma multiplicidade de expressões que formam um conjunto. A onomasiologia implica, pois, desde o começo, numa preocupação de ordem estrutural (BALDINGER, 1966, p. 8).

A semasiologia e a onomasiologia estabelecem entre si uma relação tão necessária quanto a instaurada entre um dicionário organizado por conceitos e outro organizado por ordem alfabética. É nesse cenário também que surge o impasse entre semasiologia e onomasiologia em Lexicografia. Segundo o autor, a polêmica contra os dicionários alfabéticos argumentava que tal organização decompunha “o sistema orgânico da língua” (BALDINGER, 1966, p. 8), uma vez que distanciava palavras que mantinham traços semânticos semelhantes. No início do século passado, a semasiologia chegou até mesmo a ser considerada como um “erro da linguística” (WEISGERBER, 1927 apud BALDINGER, 1966, p. 9) que impossibilitava a apreensão do sentido e evolução do conteúdo linguístico.

Como bem assinala Baldinger (1966), a semasiologia não foi extinta. Tão pouco emerge a onomasiologia como opção mais apropriada para a análise do conteúdo semântico. Segundo o autor, restrições também foram relacionadas aos estudos onomasiológicos, tendo alguns pesquisadores argumentado que a onomasiologia omitia o conteúdo dos conceitos. Nesse sentido, Riva (2009, p. 64) menciona os frequentes questionamentos ao longo da

evolução dos estudos lexicológicos e lexicográficos, uma vez que “defendia-se que na onomasiologia havia certa ‘abstração’, uma subjetividade idiossincrática, na classificação extralinguística”.

O fato é que, da mesma forma que a semasiologia não pode resolver os problemas da onomasiologia, o contrário também se verifica. Assim, Baldinger (1966) segue discorrendo sobre as considerações teórico-metodológicas em semasiologia e onomasiologia.

Com efeito, primeiramente, examina as obras de Raynouard e Levy e conclui que as diversas significações que uma palavra pode apresentar estabelecem alguma relação entre si, sendo agrupadas “em torno de um nó de significações” (BALDINGER, 1966, p. 11) ou um campo de significações. Para ele, o “estabelecimento dos campos semasiológicos é a tarefa central de qualquer léxico alfabético e sincrônico. Eis aqui uma verdade banal que, como outras verdades banais, é frequentemente negligenciada, pelo menos em suas consequências” (BALDINGER, 1966, p. 13). Afirma, inclusive, que é o conhecimento do campo semasiológico que proporciona a interpretação de contextos, o reconhecimento de “falsos amigos” e significações específicas decorridas do emprego da palavra numa situação particular.

Desse modo, conclui que a semasiologia tem algumas tarefas, tais como, “o aprofundamento da estrutura sincrônica, ou, mais precisamente, das estruturas sincrônicas que diferem segundo as épocas e os lugares” (BALDINGER, 1966, p. 18); a identificação, com base em fatores históricos e sociais, do nascimento de uma nova significação, estudando “a modificação da estrutura semasiológica” (BALDINGER, 1966, p. 19) e as modificações no sistema lexicológico.

Com base ainda na análise dessas obras, esse mesmo autor destaca que a facilidade encontrada para o reconhecimento do campo semasiológico não é a mesma para o campo onomasiológico. Para ele, o lugar ocupado por uma significação no primeiro campo determina

sua posição no segundo. Assim, se uma palavra ocupar o centro semasiológico, ela também ocupará o centro do campo onomasiológico, considerado como elemento base e cercado por outros elementos lexicais que designam noções secundárias.

Desse modo, após traçar a estrutura semasiológica da palavra *travailler* e a estrutura onomasiológica da noção *travailler*, o autor pontua que existe uma interdependência entre semasiologia e onomasiologia. Para ele, assim como, ao longo dos séculos, *trabalhar* se deslocou para o centro do campo onomasiológico *travailler*, paralelamente, a significação de *travailler* também se deslocou para o centro do campo semasiológico. Tal deslocamento diacrônico simultâneo evidencia essa interdependência. Sua explicação, como aponta Baldinger (1966), pode ser demonstrada no triângulo de Ullmann (baseado nos pressupostos teóricos de Saussure e no triângulo de Ogden e Richards) já mencionado neste capítulo.

Não obstante, acrescenta que uma forma pode ter várias significações, assim como um conceito pode ter diversas designações. Para o autor,

A estrutura onomasiológica é baseada na sinonímica, a estrutura semasiológica é baseada na polissemia. A onomasiologia visualiza os problemas sob o ângulo do que fala, daquele que deve escolher entre diferentes meios de expressão. A semasiologia focaliza os problemas sob o ângulo do que ouve, do interlocutor que deve determinar a significação da palavra que ele entende dentre todas as significações possíveis (BALDINGER, 1966, p. 30).

Por fim, o autor destaca que, embora tenham surgido críticas sobre a abordagem onomasiológica, é ela que possibilita o estudo comparativo da base estrutural entre as diversas línguas, estudando “a realização linguística dos conceitos em qualquer domínio do léxico” (BALDINGER, 1966, p. 34) e nos incitando “a uma análise linguística mais profunda da língua” (RIVA, 2009, p. 64).

3.4 Percurso onomasiológico x percurso semasiológico

Em seu livro, Babini (2001) analisa os modelos semânticos de Pottier (da obra *Sémantique générale* de 1992), de Heger (da obra *Teoría semántica: hacia una semantica moderna* de 1974, vol. II) e de Baldinger (da obra *Teoría semántica: hacia una semantica moderna* de 1970).

De acordo com o Babini (2001), Pottier propõe dois percursos de enunciação: um analisado do ponto de vista do emissor, quer dizer, o percurso onomasiológico que parte da intenção de dizer ao enunciado, e outro analisado do ponto de vista do receptor, ou seja, o percurso semasiológico que parte do enunciado à sua interpretação.

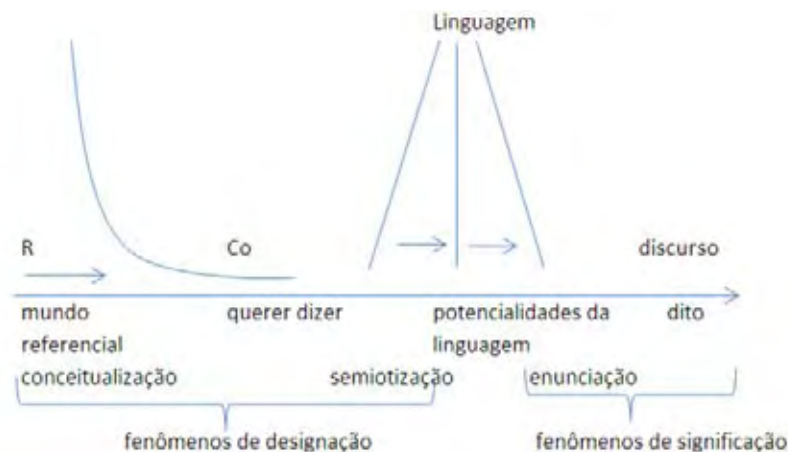


Figura 5: Percurso onomasiológico segundo Pottier

O emissor parte do mundo referencial (R) conceituando (Co) sua intenção de dizer por meio de um processo de semiotização dos signos em um sistema semiótico (língua natural ou conjunto de elementos enunciativos que proporcionam as realizações discursivas). A passagem da conceitualização à semiotização é chamada por Pottier de fenômenos de designação, isto é, fenômenos que estabelecem a relação entre o mundo referencial e os sistemas das

línguas naturais. A enunciação é a passagem da capacidade de realização aos discursos portadores de significação, designada pelo autor como fenômenos de significação.

O percurso semasiológico, por sua vez, parte do sentido contrário ao do emissor, isto é, do discurso, um texto oral ou escrito, para chegar à compreensão. A compreensão do texto/discurso é possível por meio da identificação e interpretação dos diferentes elementos discursivos que o compõem.

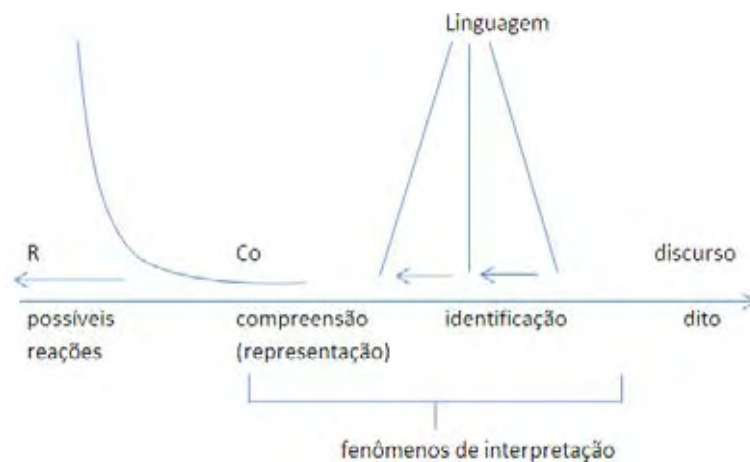


Figura 6: Percurso semasiológico segundo Pottier

3.4.1 O percurso onomasiológico nos dicionários

Após analisar alguns dicionários publicados entre os séculos XIX e XX, Babini (2001) assevera que são os elementos das macro e microestruturas que possibilitam a realização do percurso onomasiológico.

O autor conclui, então, que existem características comuns a todos os dicionários analisados, mecanismos que podem variar e serem expressos em diferentes formas. Segundo ele, existem seis possibilidades de realização do percurso que possibilitam encontrar a unidade lexical a partir do conteúdo semântico que podem ou não serem usadas

concomitantemente. São elas “o sistema nocional ou plano de classificação das ideias (conceitos) apresentados no início das obras; a classificação sistemática das entradas; o conteúdo semântico das entradas; a sinonímia; a antonímia; a analogia”⁴³ (BABINI, 2001, p. 162).

Assim, segundo o autor, um dicionário onomasiológico deveria apresentar, na medida do possível, macro e microestruturas que permitissem a realização desse percurso. O autor propõe um novo modelo de *dicionário terminológico onomasiológico* que, para ele,

[...] neste tipo de repertório, os termos *relacionados*, *análogos* ou *associados* (*related terms*) são termos de um mesmo domínio, entre os quais existem relações não-hierárquicas (ou seja, são termos do mesmo domínio que estão localizados em diferentes campos ou subcampos nocionais), mas que podem ser associados entre si por afinidade semântica (analogia). Em um dicionário terminológico onomasiológico devemos tentar expressar tudo o que se conhece sobre um termo, podendo ele ser encontrado por analogia por meio de uma unidade lexical ou terminologia chave ou ainda por meio de outro termo próximo pertencente a um mesmo domínio (BABINI, 2001, p. 163).⁴⁴

Um bom dicionário onomasiológico, então, busca não apenas representar todas as relações entre as noções de um mesmo domínio como também fornecer os dois percursos: tanto o onomasiológico quanto o semasiológico, para que não falte ao consulente a possibilidade de alcançar o seu objetivo.

Nesse sentido, proveremos ao nosso consulente a possibilidade de estabelecer relações de sentido entre o léxico abordado por meio de um plano de classificação das ideias e pela classificação sistemática das entradas, uma vez que estas serão ordenadas dentro de cada

⁴³ Le système notionnel ou plan de classement des idées (concepts) présentés au début des ouvrages; Le classement systématique des entrées; Le contenu sémantique des entrées (sémème); La synonymie; L’antonymie; L’analogie.

⁴⁴ [...] dans ce type de répertoire, les termes *corrélatifs*, *analogues* ou *associés* (*related terms*) sont donc des termes du même domaine, entre lesquels, il existe des rapports non hiérarchiques (autrement dit, ce sont des termes du même domaine qui se trouvent dans des différents champs ou sous-champs notionnels), mais qui peuvent être associés les uns aux autres par affinité sémantique (analogie). Dans un dictionnaire terminologique onomasiologique on doit donc essayer d’exprimer toutes ces ne connaît pas un terme, on peut le retrouver par analogie à travers un unité lexicale ou terminologique clef ou encore par un autre terme proche appartenant au même domaine.

grupo, a saber, da Botânica e da Zoologia, a partir da classe a qual pertencem e de acordo com as famílias em que se inserem.

Em concordância com Babini (2001), julgamos de grande valia que seja proporcionado ao usuário os dois percursos. Por isso, forneceremos também um índice remissivo em ordem alfabética no qual será indicada a página em que se encontra a expressão cromática. Tal possibilidade permitirá aos leitores uma busca mais rápida e simples que aguçará a curiosidade por descobrir o funcionamento do dicionário e incentivará a leitura de outros verbetes.

Por fim, como bem enfatiza Baldinger (1966), os dicionários semasiológico e onomasiológico não devem ser vistos como díspares, mas sim como dois caminhos paralelos que levam a informações que se complementam. Um dicionário composto por esses dois percursos busca aliar as virtudes de cada um. No próximo capítulo, detalharemos a estrutura lexicográfica do dicionário e, então, relataremos os motivos que nos levaram à escolha por elaborar uma obra de estrutura onomasiológica que abordasse expressões cromáticas da *Fauna* e da *Flora* e discorreremos sobre a metodologia empregada.

CAPÍTULO IV

A ESTRUTURAÇÃO LEXICOGRÁFICA DO DICIONÁRIO

Segundo Zavaglia (2009, p. 18-19), são seis os princípios gerais que regem os dicionários: i) o número de línguas (o que distingue os dicionários unilíngues dos plurilíngues); ii) o eixo temporal (dicionários sincrônicos ou diacrônicos); iii) matéria léxica registrada (se são exaustivos, representativos ou reduzidos); iv) critérios linguísticos (se são normativos ou descritivos); v) eixo sintagmático (que procura descrever as relações sintático-semânticas entre as palavras de uma língua) ou paradigmático (que se baseia nas relações paradigmáticas entre as palavras); vi) ordenação da nomenclatura (semasiológica ou onomasiológica).

Seguindo tais critérios, a presente proposta trata-se de uma obra *unilíngue*, uma vez que aborda apenas a língua portuguesa, *reduzida*, sendo composta por expressões cromáticas especializadas que se inserem no domínio das Ciências Biológicas, *sincrônica*, pois as descreve no estado atual da língua, *descritiva*, já que aponta para o uso de tais expressões em discurso comum e especializado, bem como suas variantes, *paradigmática*, visto que o registro das expressões é feito de acordo com as relações paradigmáticas dentro do plano do conteúdo, e *onomasiológica*. Em seguida, descreveremos os fatores que direcionaram a estruturação lexicográfica do dicionário.

4.1 A macro e a microestrutura

Durante o processo de elaboração de obras lexicográficas temáticas, isto é, que abordam uma determinada parte do léxico da língua, o lexicógrafo parte da organização dos conceitos pertencentes a um determinado campo do saber, buscando em seguida seus significantes correspondentes. A esse respeito, Bergenholtz e Tarp (1995) atentam para a importância de uma classificação sistemática como delimitação da área a ser abordada, argumentando que tal forma de organização apresenta algumas vantagens para o usuário, tais como, oferecer um panorama geral da área abordada, permitindo que este visualize as relações entre os conceitos, além de proporcionar uma pesquisa que forneça ao usuário informações extras. Dessa forma, o dicionário com estrutura onomasiológica não dificulta o trabalho do lexicógrafo, mas sim dá continuidade a uma atividade previamente estabelecida.

De fato, muitas são as críticas feitas a tal forma de organização, um exemplo é a tese de que a divisão do dicionário quando feita por conceitos não seria tão objetiva quanto à organização semasiológica, uma vez que a procura do item lexical poderia levar mais tempo para ser concluída. Carballo (2003) salienta que, do ponto de vista do consulente, a organização onomasiológica é complicada e até mesmo inútil, uma vez que ele só conseguirá manusear uma obra do tipo com o auxílio de um índice alfabético. Entretanto, o dicionário onomasiológico tem a vantagem de levar a uma análise mais profunda do campo conceitual, já que agrupa itens que estabelecem relações de sentido ou características em comum, sendo tão objetivo quanto o semasiológico, já que pode oferecer também este percurso por meio de um índice, além da ordenação alfabética das entradas dentro dos agrupamentos.

Para o vocabulário abordado na presente proposta, o enfoque onomasiológico é o mais adequado. Tal afirmativa se explica pelo fato de a Sistemática, ramo da Biologia, também se servir dos princípios da Onomasiologia para categorização das espécies. Segundo Amabis e

Martho (2001), a proposta desse ramo é nomear os seres de forma a agrupá-los de acordo com as características em comum, identificando-os e proporcionando seu estudo. Desse modo, foi criada uma classificação decrescente que vai do *Reino* (mais genérico) até a *Espécie* (mais específico). O sistema taxonômico permite, então, o agrupamento dos seres vivos conforme o grau de parentesco e possibilita ainda compreender a evolução destes.

Portanto, concluímos que a estrutura onomasiológica seja a mais adequada para um dicionário que contemple o tipo de vocabulário com o qual nos propomos a trabalhar, já que essa forma de organização está em harmonia com a Sistemática. Tal estrutura foi configurada com o auxílio de uma profissional⁴⁵ da área de Ciências Biológicas que pudesse nos orientar nas especificidades concernentes ao léxico dessa área para a elaboração dos verbetes do dicionário. A partir de entrevistas realizadas com nossa consultora, e em concordância com os princípios acima mencionados, formulamos uma estrutura que fosse ordenada de acordo com os grupos hierárquicos, a saber:

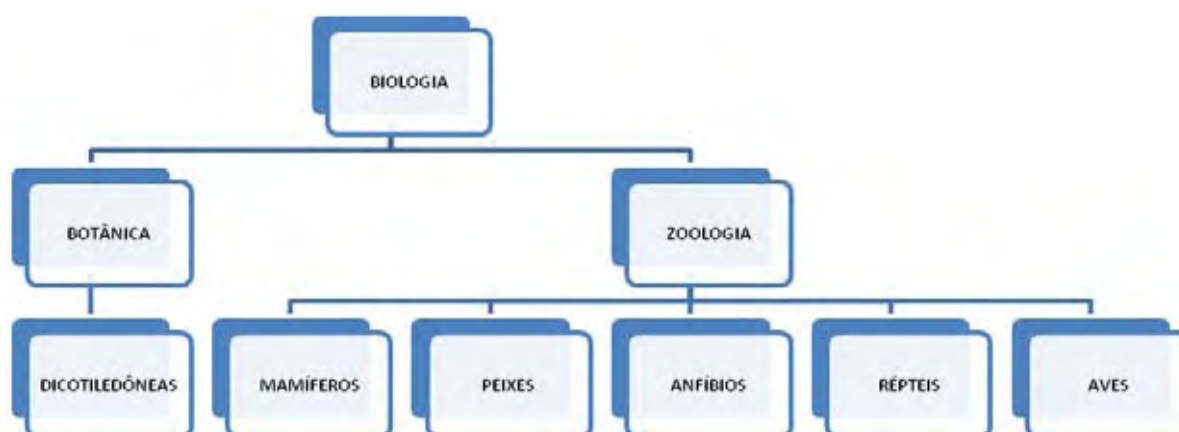


Figura 7: Modelo de Macroestrutura.

⁴⁵ Nosso trabalho foi auxiliado pela bióloga Maristela Previato, Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-IBILCE), campus de São José do Rio Preto.

Os verbetes foram agrupados de acordo com o reino (*Animalia* ou *Plantae*), o filo (*Chordata*) ou a divisão (*Angiospermae*), e as classes. Dentro destas, foram ordenados alfabeticamente de acordo com as ordens e as famílias as quais pertencem. Como exemplo, citamos a classificação do item “iguana-verde”, no interior do dicionário:



Figura 8: Classificação da expressão cromática *iguana-verde* na macroestrutura do dicionário proposto

No tocante à microestrutura, segundo Dapena (2002), esta é a base e o fundamento do dicionário. Segundo o autor, “o verbete tem por objetivo oferecer uma série de informações sobre a palavra ou unidade léxica estudada, informações que podem se referir a múltiplos aspectos, entre os quais, geralmente, tem prioridade o semântico”⁴⁶ (DAPENA, 2002, p. 182). Nesse sentido, pretendemos formular um modelo de verbete de fácil compreensão, procurando reunir o máximo de informações possíveis em uma definição redigida de forma clara, além de exemplos de uso e sinônimos. Retomando as palavras de Zavaglia (2009), ressaltamos que um dicionário pode ser tanto onomasiológico quanto semasiológico. Com efeito, este dicionário é dotado de um modelo onomasiológico de macroestrutura, que agrupa as expressões cromáticas de acordo com os conceitos, e um modelo semasiológico de

⁴⁶ El artículo lexicográfico tiene por objeto ofrecer una serie de informaciones acerca de la palabra o unidad léxica que estudia, informaciones que pueden referirse a múltiples aspectos, entre los cuales se da, generalmente, prioridad al semántico.

microestrutura, estando o verbete organizado no sentido *palavra-entrada* → *significado/conceito*.

4.2 A definição

Para Welker (2004), a definição é a arte suprema da Lexicografia. Tal afirmação é muito bem defendida por Dapena (2002) ao explicar que

De todas as atividades do lexicógrafo a mais difícil e a mais comprometedora é, sem dúvida, a definição, que também tem despertado grande interesse entre os estudiosos da Lexicografia teórica ou metaLexicografia, constituindo-se como principal obstáculo durante a redação lexicográfica e, ao mesmo tempo, o ponto em que se concentram em grande parte as críticas dirigidas ao dicionário monolíngue tradicional (DAPENA, 2002, p. 266-67).⁴⁷

De fato, a definição é vista como o principal componente do dicionário e o mais procurado pelos consultentes (GUERRA, 2003). Entretanto, ainda nas palavras de Dapena (2002), a definição tem sido alvo de críticas devido a sua circularidade e imprecisão, não sendo, muitas vezes, levada a sério tanto pelo consultente, quanto pelo próprio lexicógrafo, muitas vezes um dicionarista, na verdade, que se ampara no caráter prático do trabalho lexicográfico e aproximativo das definições.

Segundo Krieger e Finatto (2004), a definição é um todo de sentido que aborda o pragmaticamente indispensável para a comunicação no estado atual da cultura. Guerra (2003) destaca que a definição é a expressão ou verbalização dos sentidos comprovados pelo uso de uma determinada unidade lexical. Sem dúvida, a elaboração da definição é o momento em que o lexicógrafo mais se destaca em sua obra, expressando sua visão de mundo, cultura,

⁴⁷ De todas las actividades del lexicógrafo la más difícil y a la vez más comprometida es sin duda la definición, la cual pese a ser el punto que siempre ha despertado mayor interés entre los estudiosos de la lexicografía teórica o metalexicografía, sigue constituyendo el principal escollo dentro de la redacción lexicográfica y, al mismo tiempo, el punto sobre el que se han venido centrado en buena medida las críticas dirigidas al diccionario monolingüe tradicional.

ideologia, conhecimento sobre os mais variados assuntos e até mesmo sua curiosidade e bom senso na escolha das informações que comporão o texto explicativo.

Para Finatto (2001), da mesma forma que os dicionários seguem uma categorização, as definições também são categorizadas como:

- a) Definições lexicográficas que se caracterizam pela predominância de informações linguísticas, tratando mais de “palavras”;
- b) Definições enciclopédicas que se ocupam mais de referentes e de descrição de “coisas”;
- c) Definições terminológicas que trazem predominantemente conhecimentos formais sobre “coisas” ou fenômenos (FINATTO, 2001, p. 120).

A seguir, vejamos cada categoria mais detalhadamente.

4.2.1 A definição lexicográfica

De acordo com Biderman (1993, p.23), “a definição lexicográfica baseia-se numa análise conceptual, sendo que o lexicógrafo faz uma análise semântica da palavra a ser definida”, devendo conter, como bem destaca Marelló (1996, p. 121), “aquilo que é universal, necessário, constitutivo da competência do falante nativo (...)”.⁴⁸ Nesse sentido, Marelló (1996) salienta que, uma das dificuldades para o lexicógrafo é estabelecer qual parte da informação é a necessária, culminando em soluções empíricas nem sempre coerentes.

Dapena (2002, p. 269) define a definição lexicográfica como “todo tipo de equivalência estabelecida entre a entrada e qualquer expressão explicativa desta em um dicionário monolíngüe”,⁴⁹ sendo ela composta pelo objeto definido ou *definiendum*,⁵⁰

⁴⁸ Ciò che è universale, necessario, costitutivo della competenza del parlante nativo (...).

⁴⁹ todo tipo de equivalencia establecida entre la entrada y cualquier expresión explicativa de la misma en un diccionario monolingüe.

⁵⁰ De acordo com Biderman (1993, p. 23), o *definiendum* pode ser “1) uma classe como por exemplo: um animal, uma planta, etc.); 2) uma propriedade dos seres ou objetos (entendendo essa palavra no sentido mais genérico

representado pela entrada, e pelo definidor ou *definiens*, que é a expressão explicativa composta por um conjunto de palavras sujeitas a restrições sintáticas (sintagma nominal, verbal, adjetival, de acordo com a categoria gramatical do definido).

Dapena (2002) assevera que toda definição lexicográfica apresenta algumas características que derivam da sua estrutura formal e dos princípios que a condicionam, o que não garante que a definição em um determinado dicionário seja a mais correta. Para ele, temos que entender até que ponto as explicações ou equivalentes definem as entradas e quais são os princípios e condicionamentos que fazem com que as explicações e equivalentes sejam considerados corretos. O autor destaca quatro princípios para a elaboração de definições lexicográficas:

1. A equivalência, em que o *definiens* deverá conter o *definiendum*.
2. A mutabilidade, i.e., os termos precisam ser intercambiáveis em qualquer contexto.
3. A identidade categorial, i.e., os termos precisam pertencer a mesma categoria gramatical.
4. A análise, transparência e autossuficiência.

No que diz respeito à tipologia das definições lexicográficas, com base nos autores citados anteriormente, destacamos:

1. A definição por sinônimos ou antônimos – considerado o método menos científico, pode causar o problema da circularidade;
2. Perifrástica – dividida em substancial, caracterizando o *definiendum*, e relacional, estabelecendo relações entre o definido e outras palavras da língua (DAPENA, 2002).
3. Extensional – proposta por Béjoint (2000) é um tipo de definição em que se enumera vários exemplos de *definiendum* (por exemplo, *planeta*: Terra, Marte, Júpiter, etc.);

possível): a beleza, o comprimento, etc.; 3) uma função: vocábulos que exprimem ações, processos, etc. e 4) uma relação: a ligação entre os signos linguísticos (instrumentos gramaticais: preposição, conjunção) ou a substituição de outro elemento do discurso (pronomes)”.

4. Analítica, lógica ou aristotélica – composta pelo *genus proximum* ou hiperônimo e pelas *differentiae specificae*, é considerada por Béjoint (2000) e Dapena (2002) o tipo mais adequado de definição.

Por fim, destacamos que a definição de um dicionário monolíngue precisa conter o mínimo indispensável para que os falantes no estado atual da língua entrem em concordância (MARELLO, 1996), contendo o necessário para compreensão do item e evitando problemas como a circularidade.

4.2.2 A definição enciclopédica

No tocante à definição enciclopédica, Dapena (2002) afirma que se trata de uma descrição pormenorizada das realidades que uma determinada palavra representa, atribuindo a essa modalidade também o nome de *descritiva*, uma vez que procura descrever as características reais do objeto.

Para o autor, de todas as características da realidade, a língua baseia-se apenas em algumas para estabelecer os traços distintivos. Porém, algumas vezes a escolha de um traço em detrimento de outro não fica linguisticamente clara e a definição acaba por depender do conhecimento do mundo real armazenado pelo lexicógrafo que abordará certas características e não outras. Nesses casos, o lexicógrafo não tem outra alternativa a não ser acumular conhecimento enciclopedicamente. Baseando-se em Coseriu (1977), Dapena (2002) assume que as terminologias, sobretudo o léxico da *Fauna* e *Flora*, não refletem as estruturas linguísticas, mas características do mundo real, o que provoca a confluência entre significação e designação, razão pela qual “os dicionários unilíngues têm grandes dificuldades para definir linguisticamente os termos em questão e devem recorrer, para tanto, à terminologia científica

ou a descrições e imagens dos objetos designados”⁵¹ (COSERIU, 1977, p.99, apud DAPENA, 2002, p.280).

4.2.3 A definição terminológica

De acordo com Finatto (2001), a definição terminológica é formada por uma escolha diferenciada do que será apresentado na definição, a depender do público alvo, sendo o lexicógrafo, num primeiro momento, orientado pelas definições lexicográficas e enciclopédicas, a fim de construir um terceiro padrão de definição, fruto da combinação de fatores como as necessidades de veiculação de uma determinada porção de conhecimento e o perfil epistemológico e textual da área de especialidade. Para a autora, “definir, no âmbito das terminologias, é estabelecer um vínculo entre um termo, um conceito e um significado. E, toda vez que isso ocorre, verificamos a ativação do conjunto das propriedades inerentes à linguagem humana” (FINATTO, 2001, p.118).

A definição terminológica estabelece, portanto, um laço entre a definição lexicográfica e a enciclopédica, uma vez que, além de particularizar e classificar um objeto como no vocabulário comum, apresenta valores de significação específicos da área e de uma situação específica, descrevendo detalhadamente os elementos relevantes da unidade lexical especializada.

Tal categoria é, portanto, o elo que liga as definições lexicográficas e enciclopédicas, refletindo o conhecimento acumulado pelo profissional, bem como sua ideologia e as influências sócio-históricas e culturais. No caso da *Fauna e Flora*, como dito anteriormente, a definição está baseada na visão que o lexicógrafo tem de uma determinada espécie no mundo

⁵¹ los diccionarios unilíngües tienen grandes dificultades para definir lingüísticamente los términos en cuestión y deben recurrir para ello a la terminología científica o bien a descripciones e imágenes de los objetos designados.

real. No capítulo 5, descreveremos detalhadamente a metodologia adotada para a elaboração das definições deste dicionário.

4.3 A presença dos contextos

Baldinger (1970) põe a seguinte questão: se as palavras podem ter vários significados, como podemos compreendê-los em cada caso? Para o autor, uma vez que não nos comunicamos por meio de palavras soltas, a determinação do significado só é feita pelo contexto em que uma unidade lexical se insere.

De acordo com Ullmann (1964), surgem na primeira metade do século XX duas escolas que tratam da questão do significado: a *analítica* ou *referencial*, já tratada no capítulo 3, e a *operacional* ou *contextual*. Esta considera o “caráter puramente operacional de conceitos científicos” (ULLMANN, 1964, p. 131), alastrando-se dos vocabulários especializados para o léxico comum. Ainda segundo o autor, o principal ponto positivo dessa escola é a definição do significado por meio dos contextos.

No tocante à transposição dos significados para o dicionário, Baldinger (1970) suscita outra questão: como podem existir dicionários se eles abrigam palavras isoladas? A esse respeito, Ullmann (1964) destaca que os lexicógrafos

Fariam bem em atentar que o significado de uma palavra só se pode averiguar pelo estudo do seu uso. [...] O investigador deve começar por reunir um número adequado de contextos e abordá-los com espírito aberto, permitindo que o significado ou significados brotem dos próprios contextos. Uma vez concluída esta fase, pode passar com segurança para a fase “referencial” e procurar formular o significado ou significados assim identificados. A relação entre os dois métodos, ou antes, entre as duas fases da investigação, é, em última análise, a mesma que existe entre a língua e a fala: a teoria operacional trata do significado na fala, a referencial, do significado na língua. [...] cada uma maneja o seu lado próprio do problema e nenhuma delas é completa sem a outra (ULLMANN, 1964, p. 137).

Em relação à presença dos contextos e abonações em obras lexicográficas, a princípio esses tinham caráter normativo, servindo como modelo para o uso. Já no século XX, com a introdução de tendências descritivas em Lexicografia, tais informações começam a ter o papel de ilustrar e complementar as definições (ALVES, 2011). Atualmente, temos observado a reflexão sobre o papel e a importância dos contextos na microestrutura dos dicionários, cujo objetivo é complementar as informações ali presentes, além de refletir, concretamente, a definição.

Alves (2011) faz uma distinção entre três tipos de exemplos: o criado, o adaptado e o documentado. Para a autora, os dois primeiros são mais adequados para informações gramaticais, no entanto, são artificiais. Já o terceiro tem a vantagem de ser autêntico e oferecer a situação real de uso da palavra.

Welker (2004), por sua vez, ressalta que há uma discussão sobre qual seria a melhor opção para figurar na microestrutura do dicionário e acrescenta que as funções dos exemplos são: 1. comprovar que o lexema ocorre, de fato, na respectiva acepção; 2. mostrar que os bons autores usaram o lexema; 3. mostrar o lexema num contexto estilisticamente belo, ou incomum; 4. mostrar o uso real do lexema, auxiliando, desse modo, na produção de textos; 5. auxiliar na compreensão do lexema consultado.

Pérez Hernández (2002) acrescenta que o uso determina o significado e, por conseguinte, toda e qualquer forma de estudo linguístico deve partir do exame detalhado de contextos reais. Béjoint (2000) argumenta ainda que, além de fornecerem explicações sintáticas e semânticas adicionais, os contextos revelam também valores culturais. Entendendo a importância da presença da contextualização na microestrutura das obras lexicográficas, optamos pela inserção de tal paradigma, apontando para o uso real dos cromônimos e mostrando sua variação de especialização entre os diferentes níveis de comunicação.

4.3.1 A utilização do Corpus Web para a extração dos contextos

Segundo Béjoint (2000), os lexicógrafos começaram a usar *corpus* no século XVIII, na época um conjunto de textos escritos, autênticos, geralmente literários, de onde extraíam as unidades lexicais que comporiam as obras e as abonações. Nas últimas décadas do século XX, a Lexicografia se depara com a construção de *corpora* informatizados e vê na Linguística de *Corpus* uma aliada para o desenvolvimento de sua prática. De fato, o advento dos *corpora* transformou o desenvolvimento do trabalho lexicográfico, pois uma vez que o uso é um pré-requisito fundamental para a constituição do dicionário, tal ferramenta proporciona maior facilidade e rapidez na compilação de textos, na sua análise e na escolha dos itens que farão parte da microestrutura.

Para Pérez Hernández (2002)

Com a introdução do uso de *corpora* textuais informatizados, as possibilidades de análise linguística que os lexicógrafos puderam realizar no processo de compilação das entradas se multiplicaram de forma absurda. A linguística de *corpus* tornou evidente a importância de se derivar a descrição linguística a partir de uma análise detalhada da língua usada de forma natural, já que esse estudo pode auxiliar a revelar muitas regularidades (e irregularidades) do nosso uso da língua que não tinham sido observados ainda, ou podem nos auxiliar a observá-las de modo mais uniforme, com uma perspectiva mais ampla e com índices de frequência relativa mais confiáveis (PÉREZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 41).⁵²

⁵² Con la introducción del uso de los *corpora* textuales informatizados, las posibilidades de análisis lingüístico que los lexicógrafos pueden llevar a cabo en el proceso de compilación de las entradas se han multiplicado de forma magnífica. La lingüística de *corpus* ha hecho patente la importancia de derivar la descripción lingüística de un análisis detallado de la lengua usada de forma natural, ya que este estudio puede ayudar a revelar muchas regularidades (e irregularidades) en nuestro uso de la lengua que antes no se habían observado, o pueden ayudarnos a verlas de forma más uniforme, con una perspectiva más amplia y con índices de frecuencia relativa más fiables.

Berber Sardinha (2004) define um *corpus* como um conjunto de textos autênticos representativo da linguagem, em formato eletrônico e, portanto, podendo ser processado por computador, organizado a partir de critérios linguísticos e predeterminados e que tem função de auxiliar a pesquisa linguística, sendo de extrema importância para a verificação das hipóteses teóricas e para a elaboração de dicionários. Para a realização desta pesquisa, era imprescindível que o *corpus* fosse abrangente quanto aos tipos de texto e gigantesco quanto ao número de palavras, uma vez que temos conhecimento da baixa frequência dos cromônimos.

Desse modo, a World Wide Web tem se mostrado como uma solução aceitável e a mais adequada para a presente proposta, visto que os mecanismos de busca são capazes de acessar bilhões de páginas nas mais variadas línguas.

De criação recente, a World Wide Web é um dos recursos mais utilizados em pesquisas das mais variadas naturezas. Considerada uma revolução também dos meios de comunicação, a Web proporciona não só a conexão entre as pessoas, como também o compartilhamento de informações.

Colson (2007) ressalta alguns contrapontos ao se adotar a Web como o *corpus* para a pesquisa. Primeiramente, o autor atenta para a ausência de uma base metodológica que leve em conta as variações, o registro, o estilo, as diferenças entre a linguagem escrita e falada e que possa ser considerado um modelo da linguagem padrão. Como salientado pelo autor, apesar de a Web ser uma combinação interessante de construções corretas, também está repleta de erros linguísticos das mais variadas espécies. Uma segunda objeção evidenciada pelo autor diz respeito ao tipo de uso linguístico que, para ele, é um uso intermediário entre a linguagem falada e a escrita, não sendo um modelo para outros tipos de situações comunicativas.

Aliado a estes fatores, há de se considerar a rapidez com que as páginas são removidas, o que causa a baixa confiabilidade de grande parte do material disponível e que faz com que o uso da Web como *corpus* seja condenado por muitos linguistas.

Para Berber Sardinha (2003, p. 192), entretanto, “o conjunto das interações e informações disponibilizadas na rede, continuamente, em qualquer parte do mundo em que a infraestrutura esteja presente, resulta num gigantesco *corpus* dessa interação”. Devido ao tamanho, abrangência, variedade linguística, representatividade, renovação e baixo custo, a Web pode ser considerada como um dos maiores *corpus* que temos à disposição atualmente.

No que concerne aos textos escritos, o mesmo autor salienta que muito do material presente nos *corpora* tradicionais também podem ser encontrados na Web, o que torna essas duas ferramentas um pouco mais semelhantes. Desse modo, consideramos a Web como uma ferramenta legítima, na medida em que reúne diversas formas de manifestação linguística no ambiente digital, o que faz com que tenha adquirido grande representatividade nos últimos anos.

Entendemos que a Internet aborda diversos gêneros textuais, que variam desde textos que se aproximam muito à linguagem falada, como blogs e fóruns, além de textos jornalísticos, literários, artigos científicos, manuais, entre outros, podendo ser vista como uma representação da norma, o que faz dessa ferramenta a mais apropriada para a elaboração deste dicionário. Com efeito, a Web nos proporcionou não apenas os contextos que validaram os verbetes, como também nos forneceu outras fontes de pesquisa para o levantamento de expressões cromáticas e informações para a elaboração das definições.

As correntes comunicativas da Terminologia afirmam que uma unidade lexical adquire o estatuto de *especializada* quando inserida num cenário comunicativo pertinente. Visto que a WEB fornece os mais variados universos linguístico-comunicacionais em que figuram as expressões cromáticas, pudemos demonstrar que estas estão presentes em todas as formas de

linguagem, em diversos níveis de especialização, atuando como verdadeiras intermediadoras entre especialistas e leigos, além de contribuírem ativamente para a criação e expansão lexical.

4.4 A sinonímia científica

De acordo com Ullmann (1964), embora alguns estudiosos, tais como Bloomfield e Bréal, neguem a possibilidade da sinonímia, tal fenômeno existe, sendo muito observado nas terminologias. É bem verdade, como destaca o autor, que geralmente palavras diferentes apresentam alguma distinção no significado, já que poucas delas são totalmente permutáveis em qualquer contexto, sem que haja alteração no “significado objectivo, do tom sentimental ou do valor evocativo” (ULLMANN, 1964, p.284). Para ele,

O facto de os termos científicos serem precisamente delimitados e emocionalmente neutros permite-nos averiguar de modo absolutamente definido se dois deles são completamente permutáveis, e a sinonímia absoluta não é, de modo algum, pouco vulgar. (ULLMANN, 1964, p. 282)

Estudos apontam que muitos dos sinônimos surgem junto com uma nova invenção, um novo conceito, podendo conviver por tempo indeterminado. Muito comuns são os casos em que diferentes denominações são criadas concomitantemente, a partir de radicais diferentes, por exemplo, um grego e outro latino. Outra forma é a coexistência em algumas nomenclaturas de um termo em língua nativa e outro criado a partir de radicais greco-latinos.

Segundo Ullmann (1964), duas ou mais palavras são sinônimas quando compartilham o mesmo semema, isto é, o mesmo *genus proximum* e as mesmas *differentiae specificaе*, podendo figurarem no mesmo contexto de uso sem alteração do sentido. No entanto, como bem destaca o autor, casos de sinônimos absolutos são extremamente raros, pois por mais

traços semânticos que compartilhem, cada unidade lexical tem suas peculiaridades, seu traços específicos, sua própria identidade que as diferem das demais.

No que concerne ao domínio das especialidades, Zgusta (1971 apud LANDAU, 1989, p. 105) especifica três aspectos do significado lexical: “[...] o *designatum*, a conotação e o campo de aplicação. O *designatum* refere-se às propriedades essenciais da coisa ou o conceito que a define; a *conotação* refere-se às características associadas; o *campo de aplicação* refere-se à variedade de contextos em que a palavra pode ser usada”,⁵³ definindo a sinonímia absoluta quando duas unidades lexicais especializadas correspondem nos três aspectos de *designatum*, conotação e campo de aplicação, fato considerado raro por Zgusta entre as unidades da língua geral, porém relativamente frequente entre as terminologias.

É comum encontrarmos casos de sinonímia na taxonomia. De acordo com Quicke (1996), o ideal seria que cada espécie tivesse um único nome científico, porém, o autor admite a grande frequência desse fenômeno e afirma que tal fato se deve a dois motivos: i) mais de um grupo de pesquisa trabalhando numa mesma entidade, o que resulta na competição de dois ou mais nomes para a denominação de uma espécie; ii) a não concordância entre os pesquisadores sobre o número de táxons envolvidos num determinado grupo, podendo resultar na subdivisão da classificação. O autor ainda coloca que, por regra, cada táxon deve haver apenas um nome válido, que é geralmente o primeiro nome proposto, mas o que observamos na realidade é a presença documentada desses sinônimos em dicionários da área, enciclopédias e sites especializados.

No decorrer da nossa pesquisa, muitos foram os casos de expressões cromáticas que apresentavam sinonímia em relação ao nome científico. Todos os sinônimos foram registrados no dicionário. Alguns exemplos são citados na tabela abaixo:

⁵³ [...] the *designatum*, connotation, and range of application. *Designatum* refers to the essential properties of the thing or concept that define it; *Connotation* refers to associated features; and *range of application* refers to the variety of contexts in which the word may be used [...]

Família	Expressões cromáticas	Nomes científicos
Leguminosae-Mimosoideae	ANGICO-VERMELHO	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan, <i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan
Leguminosae-Mimosoideae	ANGICO-AMARELO	<i>Peltophorum dubium</i> , <i>Brasilettia dubia</i> , <i>Caesalpinia dubia</i> , <i>Peltophorum vogelianum</i> , <i>Baryxylum dubium</i>
Leguminosae-Mimosoideae	ANGICO-BRANCO	<i>Anadenanthera colubrina</i> , <i>Albizia polycephala</i> , <i>Piptadenia zehntneri</i> Harms, <i>Piptadenia colubrina</i> (Vell.) Benth, <i>Piptadenia macrocarpa</i>
Boraginaceae	BABOSA-BRANCA	<i>Cordia superba</i> , <i>Cordia atrofusca</i> Taub., <i>Cordia blanchetti</i>
Ranunculaceae	CIPÓ-BARBA-BRANCA	<i>Clematis dioica</i> L., <i>Clematis brasiliiana</i> DC., <i>Clematis campestris</i> , <i>Clematis hilarii</i>

Tabela 1: Exemplos de sinonímia científica.

4.5 A homonímia e a polissemia na biologia

De acordo com Ullmann (1964), a ambiguidade ocorre devido a (i) fatores fonéticos, (ii) fatores gramaticais e (iii) fatores lexicais. Para o autor, estes últimos são os de maior importância, pois tratam da “polivalência das palavras”, podendo assumir duas formas:

1. Casos em que uma palavra tem dois ou mais significados, diz-se polissemia, e
2. Casos em que dois ou mais significados apresentam o mesmo som, diz-se homonímia.

No que diz respeito à *polissemia*, Zavaglia (2003) destaca que:

É um fenômeno que está naturalmente presente em uma língua natural; é um fator de economia e flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles, se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa (ZAVAGLIA, 2003, p. 244).

Assim, dizemos que a polissemia se dá quando uma unidade lexical comporta várias significações, porém preservando um núcleo sêmico comum, podendo ocorrer devido às mudanças de aplicação da palavra, à especialização num meio social, à linguagem figurada, aos homônimos reinterpretados e à influência estrangeira (ULLMANN, 1964).

Tanto Zavaglia (2003) quanto Ullmann (1964) e Biderman (1991) concordam que a frequência das palavras está intimamente ligada ao fenômeno da polissemia, pois quanto maior for o uso, maiores as chances de surgirem novos sentidos.

A homonímia, por sua vez, embora seja menos comum e complexa, apresenta efeitos “igualmente graves e até mais dramáticos” (ULLMANN, 1964, p. 350), pois “enquanto fenômeno da língua natural, não é mais intrigante e enigmática do que a sua própria definição, ou seja, a sua compreensão e delimitação” (ZAVAGLIA, 2003, p. 250).

De fato, muitas são as propostas de conceituação da homonímia que, segundo Zavaglia (2003, p. 250), têm variado entre “critérios diacrônicos, convergência fonética, divergência semântica, influência estrangeira, polissemia homonímica, critérios sintáticos e morfológicos, distinções estilísticas e sociais, ortografia, entre outros”. Contudo, é de comum acordo que tal fenômeno se dê quando uma mesma palavra apresenta dois ou mais significados completamente diferentes. A mesma autora propõe a seguinte definição:

A homonímia é o fenômeno linguístico em que se tem a identidade de duas lexias no plano da expressão, ou seja, formas perfeitamente iguais que se distinguem semanticamente (um significante para dois significados, no plano do conteúdo) ou a identidade de duas construções gramaticais, gerando ambiguidade. O primeiro refere-se à homonímia lexical e o segundo à homonímia estrutural (ZAVAGLIA, 2003, p. 250, grifo da autora).

Da mesma forma que a sinonímia é um fenômeno recorrente nas línguas de especialidade, também nos deparamos com a polissemia e a homonímia. Com efeito, é comum encontrarmos no domínio da Biologia um mesmo nome, ou seja, uma mesma

expressão cromática, que denomine diferentes espécies, pertencentes tanto à mesma família e a gêneros diferentes, quanto a famílias diversas. Segundo Quicke (1996), isso ocorre quando pesquisadores utilizam o mesmo nome científico para denominar diferentes táxons, fruto da expressão das características físicas dos animais por meio do vocabulário latino ou grego, ou também por meio do vocabulário da língua materna, o que torna muito provável que eles utilizem a mesma palavra.

Embora se trate de uma determinada área do saber humano e, por conseguinte, de uma determinada terminologia, a presença de tais expressões nos domínios de especialidade e seu comportamento reforçam os argumentos a favor do caráter comunicativo das unidades lexicais especializadas e de sua variação linguística.

Dessa forma, é absolutamente válido considerarmos como caso de polissemia, isto é, “formas que apresentam ao menos um sema em comum” (ZAVAGLIA, C.; ZAVAGLIA, A. 2002, p. 241), a expressão *CAMBUÍ-ROXO* que faz referência tanto à espécie *Eugenia candolleana* quanto à espécie *Myrtus rubra*, ambas pertencentes à família Myrtaceae e que, portanto, apresentam algumas características em comum.

Do mesmo modo, também é válido considerarmos como caso de homonímia, isto é, “formas que possuem mais de um significado para um mesmo significante” e que possuem ao menos um traço semântico distintivo (ZAVAGLIA, C.; ZAVAGLIA, A., 2002, p. 241). Por exemplo, a expressão *BRANCA-URSINA* que faz referência à espécie *Acanthus mollis* da família Acanthaceae e à espécie *Heracleum sphondylium* da família Apiaceae. Uma vez que não pertencem à mesma família, não compartilham dos mesmos traços distintivos, sendo consideradas como formas homônimas. No próximo capítulo descreveremos a metodologia adotada para a configuração das formas polissêmicas e das homônimas no dicionário.

CAPÍTULO V

DESENVOLVIMENTO E ETAPAS METODOLÓGICAS

Landau (1989) destaca que o processo de elaboração de obras lexicográficas exige do lexicógrafo o planejamento detalhado tanto do mercado ao qual será submetido, bem como da obra em si, de forma a atender as expectativas e necessidades do público-alvo. No que diz respeito aos dicionários especializados, é preciso ponderar a metodologia mais adequada, sendo de fundamental importância para o seu sucesso que o profissional atente para alguns pontos.

O primeiro deles é a escolha dos itens que compõem o dicionário. De acordo com Béjoint (2000), o dicionário representa uma porção do léxico de uma língua, uma vez que é impossível abarcá-lo em sua totalidade, pois frequentemente novas palavras são criadas para denominar conceitos técnico-científicos que surgem, realidades sociais, manifestações e expressões, da mesma forma que outras palavras caem em desuso.

No caso desta pesquisa, tal escolha se deve a um processo de recortes lexicais: o primeiro deles, o interesse em trabalhar com expressões cromáticas especializadas, deveu-se a um estágio de iniciação científica realizado juntamente com nossa orientadora, cuja proposta era inventariar expressões cromáticas que fizessem parte dos mais variados campos de conhecimento para então elaborar verbetes e inseri-los no *Dicionário Multilíngue de Cores (DMC)*; o segundo, a escolha em se dedicar ao domínio das Ciências Biológicas, resultou do levantamento feito nesse estágio em que observamos a grande ocorrência de expressões cromáticas nessa área. Devido ao tempo reduzido do mestrado e para uma melhor estruturação do dicionário, optamos por fazer um terceiro recorte, priorizando em sua nomenclatura somente expressões que contivessem em seu interior nomes de cores, segundo a tipologia proposta por Berlin e Kay (1969), Arcaini (1991) e Zavaglia (1996), a saber,

vermelho, verde, azul, amarelo, preto, branco, cinza, marrom, rosa, laranja, roxo, violeta e anil, e que pertencessem aos subdomínios das *angiospermas*, em especial as dicotiledôneas, e dos *vertebrados*, isto é, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos.

Para a coleta das expressões cromáticas, partimos, primeiramente, das seguintes obras lexicográficas monolíngues brasileiras:

i) *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*

ii) *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*

Nesse primeiro levantamento, buscamos pelos nomes de cores que compõem a tipologia acima descrita por meio das ferramentas de pesquisa dos dicionários, para então encontrarmos os sintagmas nominais pertencentes às duas subáreas em questão. Tais ferramentas nos permitiram delimitar a classificação gramatical, procurar o item no início ou no fim do sintagma nominal, e até mesmo encontrar o item desejado no interior deste.

Aliado a estes dois dicionários, fizemos uso também das obras que seguem para complementação da definição e para levantamento de itens lexicais:

i) *Dicionário brasileiro de botânica*, de Pereira e Putzke;

ii) *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, de Corrêa;

iii) *Dicionário das plantas úteis do Brasil*, de Cruz;

iv) *Dicionário zoológico*, de Tierno;

v) *Dicionário dos mamíferos do Brasil*, de Carvalho.

Tal levantamento foi aprimorado e alimentado na medida em que demos seguimento à nossa pesquisa por meio de consultas em sites da WEB para a extração de contextos, tais como revistas eletrônicas, sites do governo relacionados ao meio ambiente, sites sobre as propriedades medicinais das plantas e de espécies em extinção, bem como consultas a dicionários e glossários online, por exemplo, a *Avibase*, a *Biota Neotropica* e a *Flora Brasiliensis*. À medida que procurávamos por informações a respeito dos itens lexicais já

levantados, encontrávamos outras expressões cromáticas formantes de listas de espécies encontradas nos sites mencionados que enriqueceram o nosso levantamento.

A título de exemplificação, listamos a seguir uma amostra dos itens encontrados até o momento:

	Reino Planta Angiospermas	Reino Animal Vertebrados
Branco	abeto-branco, abóbora-branca, açai-branco, amoreira-branca, loiro-branco	anambé-branco, andorinha-de-rabo-branco, anu-branco, beija-flor-de-papo-branco, lavadeira-de-cabeça-branca, rolinha-branca;
Preto	caapiá-preto, cabeça-de-negro, coração-de-negro, feijão-preto, jurema-preta;	badejo-preto, boca-preta, coruja-preta, garoupa-preta, urso-negro;
Vermelho	aroeira-vermelha, bicuíba-vermelha, bredo-vermelho, cacho-vermelho, caeté-vermelho;	bodião-vermelho, boto-vermelho, garça-vermelha;
Amarelo	ameixa-amarela, batatão-amarelo, camarú-amarelo, juá-amarelo;	bagre-amarelo, moreia-amarela, periquito-de-testa-amarela;
Verde	caroba-de-flor –verde, coração-verde, feijão-verde, heléboro-verde, ingá-verde;	beija-flor-de-garganta-verde, japu-verde, Martim-pescador-verde, moreia-verde;
Azul	loto-azul, maracujá-azul, tento-azul, tremoço-de-flor-azul;	donzela-azul, frango-d'água-azul, juriti-azul, saí-açu-azul;
Anil	anil-bastardo, anil-bravo, anil-trepador;	----
Roxo	angico-roxo, cambará-roxo, espinho-roxo, gervão-roxo;	anambé-roxo, bico-roxo;
Violeta	cipó-violeta, pau-violeta, violeta-africana;	beija-flor-de-orelha-violeta;
Cinza	Araçá-cinzentos	tubarão-cinzentos-da-Groenlândia, tartaranhão-cinza, boto-cinza;
Marrom	----	donzelinha-marrom;
Rosa	cedro-rosa, dedal-de-rosa, ipê-rosa, jambo-rosa, loiro-rosa, malva-rosa;	pescada-rosa, boto-cor-de-rosa, camarão-rosa, congro-rosa;

Tabela 2: Exemplos de Expressões Cromáticas detectadas em dicionários e sites.

Como pode ser observado a partir da tabela acima e do seguinte gráfico,

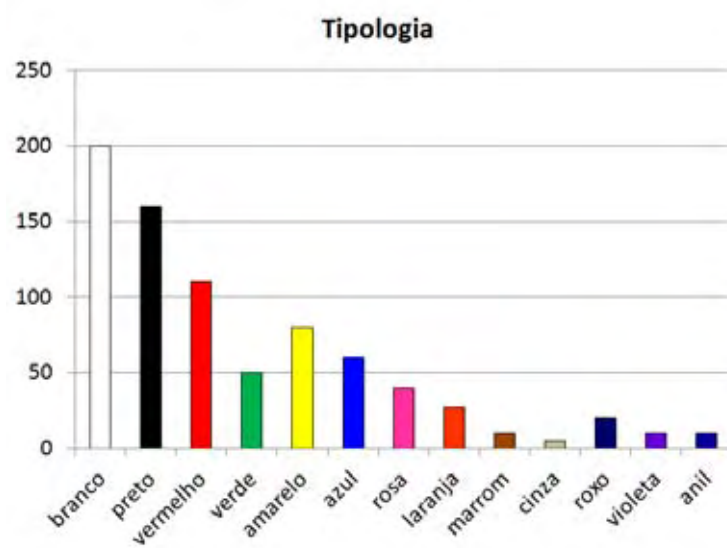


Gráfico 1: Ocorrências totais dos subdomínios cromáticos.

a maior parte das expressões insere-se no subdomínio *branco*, seguido por *preto*, *vermelho*, *amarelo*, *azul* e *verde*. No próximo gráfico, exporemos a frequência de cada subdomínio cromático na Botânica e na Zoologia:

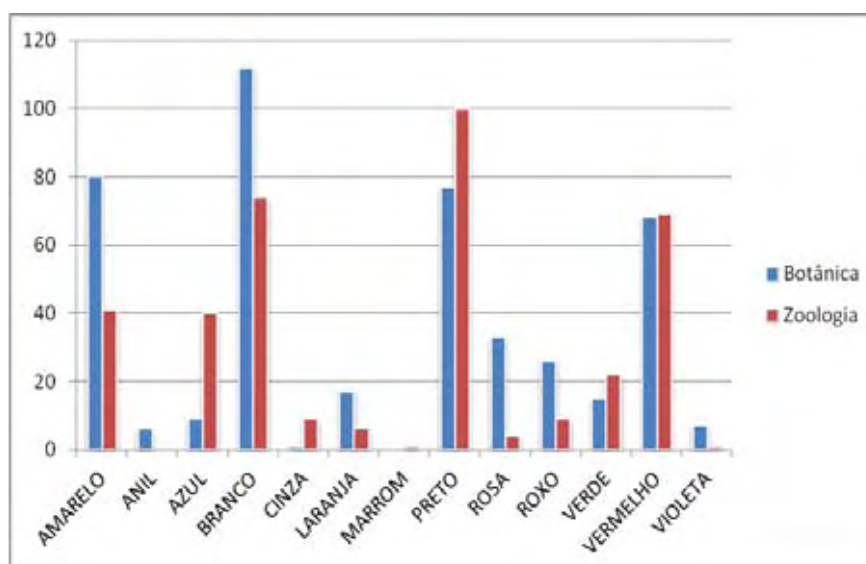


Gráfico 2: Ocorrências dos subdomínios cromáticos em Botânica e em Zoologia.

De um modo geral, observa-se que a Botânica apresenta uma frequência maior de expressões cromáticas do que a Zoologia, domínio este que se destacou apenas em relação a *azul, cinza, marrom, preto e verde*. O subdomínio *anil* foi encontrado, até o momento, apenas no domínio da *Flora* e, mesmo assim, em pequena quantidade, da mesma forma que o *marrom* se concretizou apenas no domínio da Zoologia.

O segundo ponto refere-se à *delimitação do perfil do usuário*, que busca caracterizar o tipo de consulente que será privilegiado, especialistas, estudantes ou o público em geral. Segundo Béjoint (2000), estudos sociológicos sobre a Lexicografia têm sido feitos na Inglaterra e Alemanha, na tentativa de responder a questões que tentam traçar o perfil dos compradores do dicionário geral, tais como classe social, idade e sexo. Para o autor, pesquisas do tipo colaboram para o delineamento do conteúdo e o layout do dicionário. Nesse caso, tal perfil foi traçado a partir do delineamento prévio do vocabulário abordado. Por conseguinte, buscamos focar os profissionais e estudantes das Ciências Biológicas e áreas afins, de forma a fornecer um conjunto de informações adequadas a esse perfil e distribuídas em concordância com os preceitos dessa área de estudo.

Destaca-se como outro ponto a ser considerado o design da macro e da microestrutura do dicionário. De acordo com Béjoint (2000), a macroestrutura é geral quando aborda todo e qualquer tipo de léxico, sincrônica e diacronicamente; em contrapartida, é especializada quando se restringe a uma determinada fatia do léxico. Referente à microestrutura, esta será considerada geral se fornecer um conjunto de informações abrangentes sobre a entrada, por exemplo, pronúncia, exemplos, etimologia, sinônimos, regência, etc.; por outro lado, será considerada específica se as informações forem direcionadas a um público também específico, por exemplo, informações próprias da área e definições compostas pela sua terminologia.

Dessa forma, propomos que o verbete seja composto por:

- Expressão cromática especializada (ECE), seguida da classificação gramatical, forma plural, variantes e seu nome científico.
- Definição da ECE, composta por informações discriminantes da espécie. Como o consulente é um especialista, as definições são compostas pelo léxico especializado da área.
- Contextualização real da ECE, uma vez que nos propomos a investigar a intersecção proporcionada pelas expressões cromáticas entre o discurso comum e o especializado, destacando o seu funcionamento em ambas as formas de comunicação. Os contextos foram retirados do *Corpus Web*.
- Sinônimos da ECE, quando detectados.

Tal proposta é adaptada de Zavaglia, C. e Zavaglia, A. (2002) que propõem um modelo de microestrutura dividida em paradigmas *informacional, de formas equivalentes, pragmático e definicional*, enfatizando a importância dos dois últimos para a compreensão do item por parte do leitor.

O verbete será organizado e formatado da seguinte forma:

1. palavra-entrada, na fonte Bookman Old Style, tamanho 12, em negrito e letras maiúsculas.
2. Informações linguísticas, referentes ao gênero gramatical e ao plural, na fonte Times New Roman, tamanho 12.
3. Nome científico da espécie, na fonte Times New Roman, tamanho 12, em itálico.
4. A definição precedida do símbolo ●, na fonte Bookman Old Style, tamanho 11.

5. Dois exemplos de contextos: o primeiro, precedido do símbolo ➔, pertencendo ao discurso especializado, que será retirado de revistas da área, livros, sites que tratem especificamente do domínio em questão, tais como enciclopédias livres (wikiaves, por exemplo), e textos jornalísticos; o segundo, precedido pelo símbolo ⇨, pertencendo ao discurso comum, retirado de blogs, fóruns, etc.
6. Sinônimos na fonte Bookman Old Style, tamanho 12, em negrito e letras maiúsculas, seguidos pela indicação **SIN.** (também na mesma formatação) e não serão seguidos por ponto final.

Ao final do verbete serão fornecidas as fontes em que foram retirados os contextos, em discurso especializado e em seguida em discurso comum.

Assim, teremos o seguinte modelo de verbete:

CROMÔNIMO [inf. linguísticas] *nome científico* ● definição ➔ *contexto em discurso especializado* ⇨ *contexto em discurso comum* **SINÔNIMOS**

Que dará origem a verbetes como:

ORDEM: ERICALES; FAMÍLIA: LECYTHIDACEAE

MATAMATÁ-BRANCO [s.m./f.; pl. matamatás-brancos; var. matamatá branco] *Eschweilera coriácea*, *Eschweilera grandiflora*, *Eschweilera pedicelata* ● Árvore nativa da Amazônia, com ocorrência no Brasil, Guianas, Colômbia e Venezuela, de aproximadamente 35 m de altura e 60 cm de diâmetro. Apresenta tronco retilíneo e copa globosa e densa; folhas oblongas e subcoriáceas; flores em panículas de coloração branca ou amarelada; sementes oleaginosas muito procuradas pela fauna. Seus cerne e alburno são de coloração marrom-avermelhado-claro; sua madeira é nobre, resistente e moderadamente dura ao corte transversal manual. É utilizada em estrutura de cobertura (viga, caibro e ripa) e torneado. ➔ *Os resultados apresentados aqui fazem parte de um estudo que investigou as consequências para o matamatá branco (Eschweilera coriacea), uma espécie de árvore de dossel comum na Amazônia, da perda de potenciais dispersores de sementes por causa da fragmentação da floresta no leste da região. ⇨ Esta(e) é a(o) Matamatá-branco. Ela(e) é uma das espécies presentes em nosso projeto biomapas.*

<http://www.seb-ecologia.org.br/viiceb/resumos/438a.pdf>
www.flickr.com/photos/petrobras/4515169543/

MATAMATÁ-ROXO [s.m.; pl. matamatás-roxos; var. matamatá roxo] *Eschweilera pedicellata* ● Árvore nativa da Amazônia, ocorrendo no Brasil e Guianas, de aproximadamente 30 m de altura e 60 cm de diâmetro. Apresenta tronco retilíneo e copa globosa e densa; folhas oblongas e subcoriáceas; flores em panículas de coloração rosada; sementes oleaginosas muito procuradas pela fauna. Seus cerne e albúrnio são de coloração marrom-avermelhado-claro; sua madeira é nobre, inodora, resistente e moderadamente dura ao corte transversal manual. → *Existe uma exceção: o matamatá roxo (Eschweilera pedicellata), árvore de sub-bosque comum, amplamente distribuída nas florestas do Rio Negro, não emite odores detectáveis pelos sentidos humanos, nem mesmo pela tecnologia empregada para extrair e identificar aromas.* ⇨ *Pedrinho, meu amigo seringueiro que vive lá no Rio Tejo, acha que aquele é um desenho do matamatá roxo.*

<http://ecologia.ib.usp.br/guiaigapo/images/livro/RioNegro04.pdf>
altino.blogspot.com/2006/12/rvore-ou-castanheira.html

Todo o dicionário terá a configuração *justificado e espaçamento simples*.

Nos casos em que duas ou mais expressões cromáticas denominem uma mesma espécie no interior de uma única família, o critério para a inserção do cromônimo como entrada será sempre o da frequência na Web. As outras ECEs também figuram na nomenclatura do dicionário, porém com uma remissiva àquela mais frequente na seguinte formatação: a expressão cromática em Bookman Old Style, tamanho 12, em negrito; informações linguísticas em Times New Roman, tamanho 12; nome científico na fonte Times New Roman, tamanho 12, em itálico; a indicação V. (ver) em Bookman Old Style, tamanho 12, em negrito, seguida pela expressão cromática na mesma formatação. Todas as ECEs serão dispostas alfabeticamente dentro de cada família. Como exemplo citamos a expressão *rapútia-branca*:

RAPÚTIA-BRANCA [s.f.; pl. rapútias-brancas] *Raputia Alba* **V. ARAPOCA-BRANCA**

É importante ressaltar que apenas constam na nomenclatura do dicionário os sinônimos cuja composição inclui os nomes de cores anteriormente mencionados. Dessa forma, ficam excluídas da nomenclatura toda variante denominativa que não atenda a esse parâmetro. Até o momento, nosso dicionário conta com 220 expressões cromáticas.

5.1 Frequência

No tocante à frequência das expressões cromáticas na Web, ressaltamos que esse foi um fator crucial na composição dos verbetes, principalmente no que diz respeito ao contexto e à definição.

De fato, os cromônimos têm como característica a baixa frequência, por isso, o número de ocorrências na Internet não foi um fator de exclusão. Uma vez que a grande maioria das expressões cromáticas foram encontradas em listas de espécies em sites da Internet, estabelecemos que todo item lexical seria considerado desde que tivéssemos reunidas pelo menos o conjunto necessário de informações para a composição da definição (nos casos em que a expressão cromática não estivesse presente na macroestrutura dos dicionários anteriormente mencionados) e desde que encontrássemos contextos adequados, isto é, em forma de frase e que validasse e complementasse a definição. Se não tivéssemos adotado esse princípio, teríamos tido de que descartar um grande número de expressões.

No que diz respeito à extração dos contextos, nos deparamos com muitos casos de frequência baixa (< que 10), e outros que apresentavam uma frequência razoável (> que 1000), porém composta por resultados referentes a sites de dicionários ou a listas de espécies pertencentes a levantamentos do governo, por exemplo. Entendendo que o contexto tem uma função de fornecer informações complementares ao usuário dentro da microestrutura, concluímos que esse tipo de contexto não seria adequado para figurar no dicionário, sendo portanto desconsiderados. Uma vez feita a opção pela presença do contexto na microestrutura do dicionário, decidimos que expressões cromáticas que não apresentassem contextos que contivessem as informações exigidas não figurariam na macroestrutura do dicionário. Dentre as mil expressões cromáticas encontradas até o momento, 47 expressões da *Fauna* e 32 da *Flora* foram descartadas por falta de contexto adequado aos padrões definidos.

5.2 Características das definições dos cromônimos

Sobre o formato e características das definições dos cromônimos, destacamos que ela parte do gênero ou hiperônimo para as características específicas, aborda as informações necessárias para a compreensão de um conceito, e descreve as relações do objeto com o mundo real.

Como o dicionário é destinado diretamente a especialistas das ciências biológicas, além de outras áreas afins, a definição é composta pela terminologia da área, reunindo informações específicas que diferenciem a expressão cromática de outras espécies da mesma família, porém, sem reportar informações muito gerais, como pode ser observado na tabela 3 abaixo:

JIBOIA-VERDE	Serpente amazônica de aproximadamente 2,2 m de comprimento, que apresenta corpo de coloração verde na região dorsal com listras transversais branco-amareladas, e região ventral amarela. É uma espécie constritora, não peçonhenta e de hábitos arborícolas e noturnos. Alimenta-se de roedores, pequenas aves e répteis.
JIBOIA-VERMELHA	Serpente encontrada na Venezuela, Guianas, Peru e na região amazônica do Brasil. De aproximadamente 2,2 m de comprimento, apresenta dorso pardo-avermelhado com manchas negras e ventre amarelado. Alimenta-se de roedores, lagartos e pequenas aves. Não é peçonhenta e é muito utilizada como animal de estimação devido a sua beleza.

Tabela 3: Exemplos de definições de duas espécies da *Fauna*.

Na tabela acima, citamos duas espécies da *Fauna* que pertencem à mesma família, a *Boidae*. Como pôde ser observado, compõem a definição unidades lexicais próprias da Biologia, por exemplo, *constritora*, *peçonhenta*, *ventre*, *dorso*, pois se presume que um profissional, ou mesmo um estudante, já esteja familiarizado com esse léxico. Além disso, nestas definições, não tivemos como objetivo apontar todas as características comuns às serpentes, conhecimento que subjaz ao profissional, mas sim, destacar aquelas que as

diferenciam de outras espécies. Nesse sentido, elaboramos um modelo de paradigma definitório que vale para as espécies da *fauna* composto por:

Gênero próximo + origem geográfica + *habitat* + aspecto + hábitos + características complementares.

Na tabela 4, citaremos dois exemplos referentes à *Flora*:

CANELA-ROSA	Planta nativa do Brasil, muito frequente no sudeste e sul do país, de até 20 m de altura e 60 cm de diâmetro. Apresenta madeira vermelha, folhas elípticas, oblongas, flores vilosas, em panículas, e bagas esféricas. Sua madeira é muito procurada pela beleza e cor avermelhada. É utilizada na construção civil e marcenaria, bem como no paisagismo.
UCUUBA-BRANCA	Planta nativa do Brasil que pode ser encontrada nas margens alagáveis dos rios e igapós, como também em várzeas, principalmente nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá, Pará, Tocantins, Maranhão e Ceará e nos países da Amazônia Central. É uma árvore de grande porte, medindo aproximadamente 30 a 35 m de altura e 60 a 100 cm de diâmetro, com troncos retos, horizontais. As folhas são alternas, dísticas, curto-pecioladas e simples; a lâmina possui formato oblongo, oblongo-lanceolado ou lanceolado, consistência coriácea, 10-25 cm de comprimento e 2-5 cm de largura; as flores são de coloração amarelo-pálido. Sua madeira possui textura média, alborno de coloração creme-claro e cerne mais escuro, levemente rosado até castanho-vermelho intenso. É empregada em construção de interiores, carpintaria, marcenaria e na fabricação de caixas, palitos de fósforo, laminados, compensados, celulose e papel.

Tabela 4: Exemplos de definições de duas espécies da *Flora*.

Assim como para as definições dos itens lexicais relativos à *fauna*, também para os itens da *flora* elaboramos um modelo de paradigma definitório composto por:

Gênero próximo + origem geográfica + *habitat* + aspecto + características complementares.

Para a elaboração das definições, fizemos uso dos dicionários mencionados na página 108 e, sobretudo, das informações contidas no nosso *corpus*. Cabe destacar a grande dificuldade de se elaborar definições que pertençam aos campos em questão. De fato, muitas expressões cromáticas foram encontradas na Web, não constando em dicionários. Na grande maioria desses casos, não encontramos informações suficientes que satisfizessem às nossas necessidades como lexicógrafos, devido à baixa frequência dos cromônimos no *corpus*.

Por isso, embora as definições sigam um mesmo padrão de elaboração já explanado anteriormente, não apresentam o mesmo número de informações, como pode ser visto na tabela acima. No entanto, procuramos fornecer, na medida do possível, pelo menos o conteúdo necessário para a compreensão dos itens lexicais por parte do leitor-especialista.

5.3 Expressões cromáticas polissêmicas e homônimas

As ULEs polissêmicas serão registrados no dicionário na mesma entrada, porém, aparecerão dentro do verbete separadas pelo gênero ao qual pertencem, numeradas e seguidas da definição e contextos apropriados. O endereço eletrônico do contexto será inserido no final do verbete. Como exemplo, citamos duas espécies da família Lauraceae:

ORDEM: LAURALES; FAMÍLIA: LAURACEAE

CANELA-AMARELA [s.f.; pl. canelas-amarelas; var. canela amarela] **1.** *Nectandra lanceolata* (Nees & Mart.), *Nectandra leucantha*, *Nectandra oreadum*, *Nectandra pichurim*, *Nectandra puberula*, *Nectandra weddellii*, *Ocotea pichurim*, *Cryptocarya moschata*
 ☉ Árvore endêmica da Mata Atlântica, de médio porte que não ultrapassa os 25 m de altura e 90 cm de diâmetro. Sua madeira foi muito usada durante décadas no Brasil na confecção de aberturas, (portas e janelas) por ser uma madeira muito resistente e de fácil manejo. Por consequência, hoje quase não se encontra espécie adulta desta árvore, já que leva em torno de 25 a 35 anos para atingir seu auge.
 → *Caso do pirapitinga, peixe que se alimenta das sementes da canela amarela, árvore que na região de Visconde de Mauá ocorre em 90% da mata ciliar.* ⇨ *A canela amarela e a canela preta fizeram parte da vida de muitos brasileiros que se quer tiveram conhecimento, serviram de assoalhos e tetos durante anos.* **SIN. CANELA-DA-VÁRZEA, CANELA-**

FEDORENTA, CANELA-LOURO, CANELA-VERMELHA, ESPORA-DE-GALO

2. *Nectandra ambigua* ● Árvore nativa do Brasil, podendo ser encontrada em todo o país. De aproximadamente 10 m, apresenta madeira de coloração amarelada; folhas coriáceas; flores aromáticas de coloração branco-amareladas; bagas ovoides; raiz de casca amarga e tônica. Sua madeira é muito utilizada na marcenaria e carpintaria.

SIN. CANELA-SECA 3. *Ocotea diospyrifolia* ● Árvore nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil, ocorrendo nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do país. Pode ser encontrada em florestas estacionais semidecíduais, florestas ciliares e em várzeas. Tal espécie é típica de formações abertas, principalmente em matas de galeria e savanas úmidas. De aproximadamente 10 m de altura, apresenta casca tanífera; suas folhas são coriáceas; as flores são suavemente perfumadas e em panículas piramidais; as bagas são globosas. Sua madeira é de boa qualidade, sendo muito utilizada para postes e tábuas de assoalho. **SIN. CANELA-BARAÚNA, BATALHA, CANELA, LOURO-AMARELO, CANELA-LOURO, CANELÃO, CANELÃO-DE-MÓVEIS, CANELEIRO 4.** *Ocotea aciphylla* (Nees)

Mez, Ay dendron Tenellum ● Árvore nativa do Brasil, ocorrendo principalmente nos estados do Amazonas, Minas Gerais e São Paulo, de aproximadamente 20 m. Apresenta folhas esparsas, flores brancas em panículas terminais e casca aromática.

SIN. LOURO-AMARELO, CANELA-AMARELA-DE-CHEIRO, CANELA-BRANCA, CANELA-POCA, CANELA-PORCA, CANELA-PORCA, LOURO-AMARELO-DE-CHEIRO, LOURO-INAMUÍ-DA-TERRA-FIRME

<http://www.viscondeesconde.com.br/historias01.asp?pp=101>

<http://canelasecanelas.blogspot.com.br/>

Cada uma das acepções será precedida por um número na fonte Bookman Old Style, tamanho 12, em negrito. Optamos pela presença do contexto em apenas uma das acepções, escolha essa devida à baixa frequência das expressões cromáticas e, portanto, à dificuldade de se encontrar um exemplo adequado em que figurasse tanto o cromônimo quanto o nome científico, cuja informação é essencial para a distinção da espécie.

As ULEs homônimas, ao contrário, serão registradas em entradas separadas e incluídas dentro das respectivas famílias das quais fazem parte, constando no final do verbete uma remissiva que fará referência à outra espécie e sua família. Tal remissiva será constituída pela abreviatura de *ver*, isto é, V., seguida do cromônimo em letras maiúsculas e da família em itálico. A fonte será Consolas, tamanho 12, sublinhado.

Como exemplo, citamos:

ORDEM: APIALES; FAMÍLIA: APIACEAE

BRANCA-URSINA [s.f.; pl. brancas-ursinas; branca ursina] *Heracleum sphondylium*
 ● Planta nativa da Europa que pode chegar a 1,5m de altura. Apresenta caule longo e rígido; folhas verde-acinzentadas grandes e recortadas; flores brancas agrupadas em umbela. → Há uma grande confusão a respeito do nome “**Branca ursina**” usado popularmente para designar duas plantas diferentes: *Heracleum sphondylium* e *Acanthus mollis*. ⇨ Em Portugal a espécie da mesma família é a *Heracleum sphondylium* L., também conhecida como **Branca-ursina**. **SIN. CANABRÁS, ESFONDILIO V. BRANCA-URSINA, família Acanthaceae**

http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/arquivos/arquivo_212_cesaho.pdf
www.proz.com/kudoz/english.../2277115-giant_hogweed.html

ORDEM: LAMIALES; FAMÍLIA: ACANTHACEAE

BRANCA-URSINA [s.f.; pl. brancas-ursinas; var. branca-ursina] *Acanthus mollis* ● Planta herbácea originária da região mediterrânea. De aproximadamente 2 m de altura, apresenta grandes folhas de cor verde escuro e flores tubulares de cor branca, lilás ou rosa com espinhos verdes ou arroxeados, surgindo acima da folhagem. Floresce no final da primavera ou início do verão. Ela cresce em áreas secas, e é tolerante à seca e à sombra. Suas folhas, flores e raízes apresentam propriedades medicinais, como: adstringente, analgésico, antidiarreico, anti-inflamatório, expectorante, laxante e cicatrizante. → Os sintomas seguintes erradamente foram incluídos na versão anterior do Radar como pertencentes a esta planta devido ao o nome popular **Branca ursina** ser usado para duas espécies diferentes. ⇨ Popularmente é conhecida por **Acanto, erva gigante e branca-ursina**. É uma herbácea vivaz e robusta, originária da região mediterrânica. **SIN. ACANTO, ACANTO-NEGRO, ERVA-GIGANTE, PÉ-DE-URSO, GIGANTE, ACANTO-MANSO V. BRANCA-URSINA, Família Apiaceae**

http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/arquivos/arquivo_212_cesaho.pdf
mariapuresa.blogspot.com/2011/10/acanto-ou-branca-ursina.html

5.4 As ilustrações, o plano de classificação das ideias e o índice remissivo

A respeito das ilustrações, Landau (1989) salienta que não se deve dedicar a elas uma importância maior do que à definição. Porém, sua presença pode ajudar na compreensão do item em alguns casos, sobretudo na descrição de animais e plantas. Referente aos dicionários especializados, Bergenholtz e Tarp (1995) argumentam que as ilustrações fornecem

informações complementares, servindo como suporte para as informações linguísticas e enciclopédicas presentes nos verbetes. Os autores também atentam para a sua função estética que torna o dicionário mais atraente aos olhos do comprador, dando vida e cor à obra.

A nossa proposta inicial de dicionário não contava com a presença das ilustrações. Porém, à medida que fomos caminhando no processo de elaboração da obra, consideramos tal possibilidade, visto que poderíamos oferecer um recurso a mais ao nosso usuário para a compreensão de nosso verbete. No entanto, demo-nos conta que a identificação da espécie e sua correspondente imagem é uma tarefa difícil para quem não é especialista no assunto e acreditamos que deva ser realizada por um profissional da área. Salientamos que não se trata de uma simples procura em ferramentas de busca, como o Google Imagens, já que muitas das fotos disponibilizadas na Web não correspondem à espécie. Devido a tais fatores, optamos pela ausência dessa informação neste momento, mas que poderá ser introduzida posteriormente.

Assim, uma segunda proposta de microestrutura que contenha as imagens é exemplificada com os verbetes a seguir:

ORDEM: SOLANALES; FAMÍLIA: CONVULVULACEAE

CAMPAINHA-AMARELA [s.f.; pl. campainhas-amarelas] *Merremia tuberosa*, *Operculina*



tuberosa Meissn. ● Planta que pode ser encontrada em zonas de clima tropical, crescendo apoiada sobre uma superfície. Apresenta raiz tuberosa, folhas palmatissectas, flores amarelas, e cápsulas globosas. → A *trepadeira elefante* (*Argyreia nervosa*), não deve ser confundida com a **campainha-amarela** (*Merremia tuberosa*), pois em inglês os nomes são parecidos (*Hawaiian Baby Woodrose* e *Hawaiian Woodrose*). ⇨ As folhas são em forma de coração e as flores roxas tem 5 a 7 cm e transformam em belas vagens que parecem os botões da **campainha-amarela**

(*Merremia tuberosa*). **SIN. CIPÓ-BRASIL, FLOR-DE-MADEIRA, FLOR-DE-PAU, CAMPAINHA-DE-OURO**

http://azarius.pt/encyclopedia/6/Trepadeira_elefante/

<http://todaoferta.uol.com.br/comprar/argyreia-nervosa-var-havaiana-100-sementes-frete-gratis-RTAXUEU1SW#rmcl>

(Imagem retirada de: [http://ecflora.cavehill.uwi.edu/...](http://ecflora.cavehill.uwi.edu/))

CAMPAINHA-VERMELHA [s.f.; pl. campainhas-vermelhas] *Ipomoea quamoclit*,



Ipomoea Horsfalliae ☉ Planta originária da América que pode ser encontrada em zonas de clima tropical, subtropical e temperado, crescendo apoiada sobre uma superfície, e podendo chegar aos 6m de altura. Apresenta caule herbáceo, volúvel, ascendente e ramificado; folhas em forma de pena, lobadas com segmentos afilados, de coloração verde-clara; flores pequenas, tubulares, com abertura em forma de estrela de cinco pontas e coloração vermelho escarlate, com anteras brancas; os frutos são cápsulas glabras, com grandes sementes marrom-avermelhadas. →A *campainha-vermelha* cresce bem subindo

em treliças ou latadas. ⇨Planta *Ipomoea Horsfalliae* (*Campainha-vermelha*), trepadeira volúvel de folhagem permanente e escura, produz muitas flores vermelhas brilhantes e pendentes. **SIN. BOA-TARDE, CAMPAINHA, ESQUELETO, CARDEAL, CIPÓ-ESQUELETO, CORDA-DE-VIOLA, CORRIOLA, FLOR-DE-CARDEAL, PRIMAVERA, PRIMAVERA-GRANDE, PRÍMULA**

<http://www.soflor.com.br/produtos.asp?produto=2681>

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070120192041AA1hfuN>

(Imagem retirada de:<http://www.finegardening.com/plantguide/ipomoea-quamoclit-cypress-vine.aspx>)

No tocante ao plano de classificação das ideias, Babini (2001) aventa que esta é uma das ferramentas que auxiliam no percurso onomasiológico, uma vez que contém o sistema conceitual que descreverá a estruturação do dicionário. Tal dicionário também conterà o plano de classificação que será organizado de acordo com o modelo de macroestrutura anteriormente descrito, classificando as expressões cromáticas do reino até as famílias correspondentes.

Como a nossa proposta busca fornecer tanto o percurso onomasiológico como o semasiológico, no final do dicionário será fornecido um índice remissivo com os cromônimos organizados em ordem alfabética e seguidos pelo número da página em que se encontram.

O exemplo abaixo representa, primeiramente, o Plano de Classificação das Ideias que serve para a estruturação de todas as unidades lexicais especializadas de nossa proposta de dicionário e representa o percurso onomasiológico no dicionário. De fato, ela auxilia o leitor na sua busca qualitativa concernente às ULEs, da seguinte forma:



ORDEM: CRYPTODIRA; FAMÍLIA: EMYDIDAE

TARTARUGA-DE-ORELHA-VERMELHA [s.f.; pl. tartarugas-de-orelha-vermelha; var. tartaruga de orelha vermelha] *Trachemys scripta elegans* ● Espécie originária do sul dos Estados Unidos e no norte do Golfo do México que pode chegar a 40 cm de comprimento. Tem esse nome porque possui uma mancha vermelha na lateral da cabeça. É muito comercializado como animal de estimação, porém no Brasil a venda dessa espécie foi proibida pelo IBAMA. Vive em média 40 anos. → *A tartaruga de orelha vermelha é um cágado (tartaruga de água doce), que vive em rios, lagos e regiões alagadiças, frequentando ambientes secos quando necessário.* ⇒ *Uma cliente nossa encontrou uma Tartaruga de Orelha Vermelha (Trachemys scripta elegans) na via rápida em Taveiro-Coimbra e trouxe-a para a ajudarmos a encontrar um novo dono, que felizmente aconteceu no mesmo dia, como se vê nas fotos, um dos nossos clientes que veio buscá-la para o tanque de um amigo bastante espaçoso e com água corrente.*

<http://www.veterinariaiguatemi.com.br/docs/tigredagua.asp>

<http://vetcondeixa.blogspot.com.br/2008/07/tartaruga-de-orelha-vermelha.html>

Assim, o que está em azul reflete justamente essa classificação; em seguida, apresentamos a ordem em que se insere a espécie, seguida da família a qual pertence e a estruturação lexicográfica da ULE. Assim, torna-se visualmente possível indentificar que “tartaruga-de-orelha-vermelha” pertence à ordem da Cryptodira, da família da Emydidae, da classe Reptilia, do filo Chordata, do reino Animalia.

Ao final do dicionário, apresentamos o Índice das ULEs que serve para a identificação imediata das entradas do dicionário pelo percurso semasiológico, visto que oferece a página na qual se encontra o verbete. Com isso, nosso dicionário oferece as ULEs organizadas onomasiologicamente, mas indica também ao usuário uma classificação semasiológica, com vistas a facilitar a sua busca. No próximo capítulo, descreveremos as análises advindas desta pesquisa e, posteriormente, apresentaremos nosso resultado maior, isto é, o dicionário.

CAPÍTULO VI

ANÁLISES E RESULTADOS

6.1 Análises

Nas páginas anteriores detalhamos a metodologia seguida para a execução do dicionário, indicando os fatores que levaram às escolhas da macro e da microestrutura. Nas próximas páginas relataremos, primeiramente, análises feitas e as conclusões obtidas para então apresentarmos o dicionário.

6.1.1 As cores e o processo de criação lexical

Como sabido, o léxico é um vasto universo constituído pela totalidade das experiências de uma sociedade, acumuladas ao longo da história. Da mesma forma que a sociedade se modifica, o léxico de uma língua também sofre alterações que refletem o uso que os falantes fazem das unidades lexicais e da estrutura da língua. Assim, temos unidades que entram em desuso, como também conceitos que surgem e unidades que são criadas para nomeá-los a partir dos processos de formação já existentes.

No que diz respeito aos processos da criação e renovação lexical, Bizzocchi (1998) coloca que

Cada língua realiza certas opções e demonstra certas preferências por um ou outro processo de criação lexical. Essas opções e preferências obviamente mudam ao longo do tempo, de modo que o aspecto do léxico de uma língua numa determinada etapa sincrônica de seu desenvolvimento é o resultado de todas as tendências lexicogênicas verificadas nessa língua desde o início de sua história até aquele momento (BIZZOCCHI, 1998, p. 39).

Tais tendências são o que moldam o léxico num determinado recorte sincrônico e influenciam as possíveis criações, uma vez que, com o tempo, podem chegar a fazer parte da norma ou até mesmo do sistema. Nesse sentido, de acordo com o autor, podemos falar de uma *ideologia lexical* direcionadora das escolhas na formação do léxico, sendo que cada um dos conjuntos de vocabulários que o compõem tem um comportamento próprio, orientado pelo seu universo de discurso.

No caso da Botânica e da Zoologia, o homem se vale de vocabulários já cristalizados, isto é, o campo lexical dos animais/plantas juntamente com o campo das cores, para denominar as espécies. Nesse processo, a propriedade física influencia diretamente suas escolhas, pois o indivíduo, para memorizar uma realidade, baseia-se numa palavra já categorizada acrescentando uma característica composta de outra palavra também categorizada para ressaltar os traços que diferenciam uma espécie de outras já conhecidas.

Concernente aos processos de formação de palavras, Ilari (2002), baseado em Sandman (1989), argumenta que os mais usados no português são, respectivamente, a sufixação, a prefixação e a composição. No tocante às expressões cromáticas pertencentes à Zoologia e à Botânica, podemos dizer que, de um modo geral, estas se encaixam no conjunto das composições, uma vez que apresentam associações sintagmáticas cujo núcleo é, geralmente, um adjetivo ou um nome e suas estruturas gramaticais são variadas, como pode ser observado na tabela abaixo:

Para a Zoologia	SN → nome + prep + SN (nome + adjetivo (cor))	tartaruga-de-orelha-amarela, beija-flor-de-gravata-vermelha, tucano-de-bico-vermelho
	SN → nome (verbo + nome) + adjetivo (cor)	pica-pau-vermelho
	SN → nome (verbo + nome) + SN (nome + adjetivo (cor))	beija-flor-de-barriga-branca
	SN → nome (cor) + prep + SN (nome + adjetivo)	azulão-de-cabeça-encarnada
	SN → nome + adjetivo (cor)	anu-branco, coruja-branca, gralha-branca
Para a Botânica	SN → nome + adjetivo (cor)	araçá-vermelho, açucena-branca, guarabu-branco
	SN → nome (cor) + nome/adjetivo	anil-trepador, rosa-louca
	SN → nome + prep + SN (nome + adjetivo (cor))	coroba-de-flor-verde, jabuticaba-de-polpa-rosa

Tabela 5: Estruturas gramaticais na formação das expressões cromáticas da Botânica e da Zoologia.

Ainda no que diz respeito à composição das expressões cromáticas especializadas, destacamos o papel fundamental dos adjetivos de cores em tais unidades lexicais, pois possibilitam a formação de novas denominações por meio da expressão formal das características distintivas das espécies.

Com base nessa pequena lista, podemos observar que:

1. A cor pode fazer referência a uma parte da espécie, por exemplo, *tartaruga-de-orelha-amarela*, sendo que a região amarelada na lateral da cabeça a distingue de outras espécies. Outro exemplo é *coroba-de-flor-verde*, cuja denominação reflete a característica da flor, isto é, sua coloração verde. Temos ainda o caso *jabuticaba-de-polpa-rosa* que é, de certa forma, duplamente especificada, isto é, faz referência a uma parte do fruto da jabuticabeira, a sua polpa.
2. O item cor é utilizado genericamente, não sendo especificada a parte que comporta a característica distintiva, por exemplo, *araçá-vermelho*.

3. O item cor pode confundir-se com o nome da espécie, tendo já sido cristalizado, por exemplo, *azulão* em *azulão-de-cabeça-encarnada* e *anil* em *anil-trepador*.
4. O item cor pode confundir-se com o nome da espécie já cristalizado, sendo acompanhado por um adjetivo que remete à aparência da espécie, por exemplo, *rosa-louca*, em que o adjetivo *louca* se deve à variação de cor da flor durante o dia.
5. A cor ainda pode fazer referência a um objeto relacionado à parte do corpo, por exemplo, *beija-flor-de-gravata-vermelha* em que *gravata* faz referência à região sob a cabeça. Tais casos são muito mais escassos.
6. A denominação da espécie é feita por hiponímia, sendo o sintagma constituído por uma determinada parte da espécie, isto é, a flor ou o fruto, e o item cor, por exemplo, *açucena-branca*.

A forma mais comum de composição das expressões cromáticas tanto no campo da Botânica quanto no campo da Zoologia é aquele composto por *nome + adjetivo de cor*, tais como, *araçá-branco*, *anu-branco*, *amoreira-preta*, *urso-branco*. Casos mais raros são os que a cor se confunde com o nome da planta ou do animal, por exemplo, *anil-trepador* e *azulão-de-cabeça-encarnada*. Uma observação que merece ênfase é a presença de mais de uma expressão cromática na denominação da mesma espécie. São casos que tiveram uma frequência relativamente alta e que ocorreram de cinco maneiras:

1. Com a utilização de uma forma variante de um mesmo subdomínio cromático na denominação da espécie, por exemplo, *acácia-negra* e *acácia-preta*;
2. Com a utilização de um mesmo nome de cor, porém com variação no nome que acompanha o item cor, por exemplo, *jurema-preta* e *espinheiro-preto*, *cambará-roxo* e *lantana-roxa*;
3. Nomes de cores diferentes pertencentes a uma mesma gradação, por exemplo, *angico-vermelho* e *angico-rosa*;

4. Variações no item cor, por exemplo, *pau-roxo* e *pau-violeta*, e no nome que o acompanha, por exemplo, *pau-roxo* e suas variantes *pau-roxo-da-caatinga*, *pau-roxo-da-várzea*, *pau-roxo-da-terra-firme*;
5. Nomes de cores diferentes e que indicam uma mudança da espécie, por exemplo, *araçá-amarelo* e *araçá-vermelho*, cuja variação no nome de cor indica o amadurecimento do fruto.

6.1.2 A popularização científica

É sabido que um dos objetivos da terminologia é a comunicação por meio da popularização do conhecimento. Visto que a ciência e a tecnologia são cada vez mais objetos de notícia, as unidades lexicais especializadas passam a figurar também entre os leigos, por meio da ampla divulgação de seus conceitos proporcionada pela mídia.

Da mesma forma que as ULEs com alto grau de especialização são usadas diariamente na linguagem cotidiana, o discurso de divulgação também se vale da criação de variantes denominativas que ajudarão na transmissão do saber. No campo da Biologia, por exemplo, além dos nomes científicos, que continuam restritos à comunicação entre especialistas, observamos a criação de sinônimos que variam numa escala de especialidade. Atentemos para a tabela 6:

Família	Nome científico	Nomes comuns	Expressão cromática
Moraceae	<i>Morus alba</i>	amora-do-mato, amora-brava,	amora-branca, amoreira-branca

Tabela 6: Exemplo de expressão cromática no domínio da Botânica.

A espécie *Morus alba*, da família *Moraceae*, além do nome científico que serve como padrão para o reconhecimento da espécie em toda a comunidade científica, apresenta outros

nomes que, apesar de serem técnicos, pois pertencem a esse domínio específico, são mais comuns, como *amora-do-mato*, *amora-brava*, possibilitando a difusão do conceito para a comunidade leiga. Trata-se de denominações diferentes que apresentam as mesmas funções e condições de uso, sendo consideradas variantes do nome científico.

Verificamos ainda que o recurso da utilização das cores para ampliação vocabular, tão frequente no discurso comum, também é recorrente no discurso especializado, sobretudo no domínio das Ciências Biológicas. Ainda em relação ao exemplo citado, além dos nomes *amora-do-mato* e *amora-brava*, a espécie *Morus Alba* também é conhecida por *amora-branca* (referente ao fruto) e *amoreira-branca* (referente à árvore).

Outro exemplo está representado na tabela 7:

Família	Nome científico	Nomes comuns	Expressão cromática
Myrtaceae	<i>Psidium albidum</i>	araçá-cotão, araçá-do-mato, cumati,	araçá-branco

Tabela 7: Exemplo de expressão cromática no domínio da Botânica.

A espécie *Psidium albidum* também apresenta uma variedade de denominações em um grau menor de especialização, sendo uma delas composta por um nome de cor. É interessante notar que nestes dois exemplos, os nomes científicos (*Psidium albidum* e *Morus alba*) refletem as características físicas cromáticas: *albidum* e *alba* fazem referência à cor dos frutos dessas plantas. Tal fato, contrário à fala de Quicke (1996) de que a Taxonomia deve retratar a espécie como um todo, comprova a importância das cores na caracterização das espécies.

Nesse sentido, um ponto crucial no estudo das cores, amplamente abordado nas pesquisas atuais e que está presente nesses exemplos, merece destaque: a percepção do espectro pelo homem. As cores nesses exemplos refletem as características dos frutos que, na verdade, não são brancos, mas de uma coloração amarelo-pálida, quase branca. Desse modo, houve uma aproximação da característica “clara” para a tonalidade “branca”.

Por meio de uma pesquisa realizada no *Corpus Web*, observando a frequência das expressões cromáticas e seu uso, constatamos que tais expressões são muito mais utilizadas em ambas as formas de discurso, especializado e comum, do que os nomes que não contêm o item cor. Importa esclarecer, em primeiro lugar, que não restringimos de nenhuma forma o *corpus* em questão; em segundo, que para a análise foram considerados os primeiros cinquenta resultados; em terceiro, que sites de dicionários não foram levados em conta.

Atentemos para a figura abaixo:

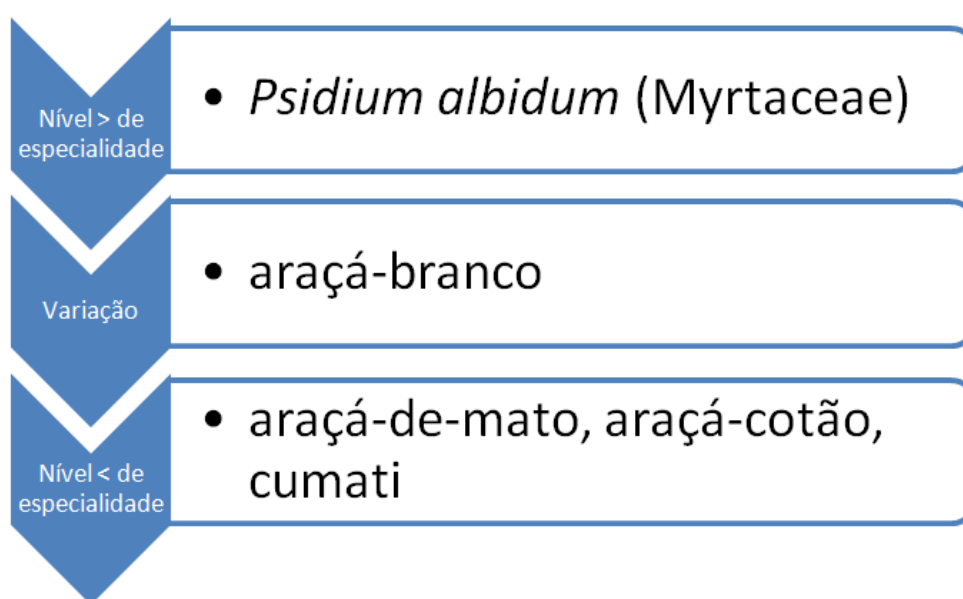


Figura 9: Variação do nível de especialidade no vocabulário da Biologia.

O nome científico da espécie situa-se em um nível de especialidade extremo, sendo utilizado apenas por especialistas dentro da comunidade científica. A expressão cromática, por sua vez, transita em todos os níveis de discurso (entre especialistas, de divulgação, entre leigos), sendo muito mais frequente em textos especializados do que os nomes sem o item cor. Analisando os cinquenta primeiros resultados das 1.890 ocorrências, constatamos que treze deles pertenciam ao discurso especializado, isto é, sites do governo, pesquisas científicas e artigos; dez pertenciam ao discurso comum, isto é, blogs e fóruns, sendo as demais ocorrências relativas a dicionários. Já *cumati* apresentou 205.000 ocorrências, sendo dez,

dentre as cinquenta primeiras, relacionadas ao discurso especializado e sete relacionadas ao discurso comum. O item *araçá-do-mato*, por sua vez, apresentou 10.400 ocorrências. Dentre os primeiros cinquenta exemplos, onze eram especializados e dezoito não especializados. O restante das ocorrências estava relacionado a dicionários. O item *Araçá-cotão* apresentou 851 ocorrências, sendo que dentre as cinquenta primeiras, duas pertenciam ao discurso especializado e uma ao discurso comum, estando o restante delas relacionadas a páginas de dicionários. Nesse sentido, entendemos que o emprego das cores na denominação das diversas espécies age como um ponto de intersecção entre os profissionais da área e os leigos, e as expressões cromáticas atuam como mediadoras diretas na comunicação entre essas duas classes.

Para uma melhor visualização dos dados, propomos a seguinte tabela:

Varição denominativa	Número de ocorrências totais	Número de ocorrências no discurso especializado (considerando apenas as 50 primeiras ocorrências)	Número de ocorrências no discurso comum (considerando apenas as 50 primeiras ocorrências)
cumati	205.000	10	7
araçá-do-mato	10.400	11	18
araçá-branco	1.890	13	10
araçá-cotão	851	2	1

Tabela 8: Dados obtidos a partir do *Corpus Web*.

Referente à espécie *Morus alba*, atentemos para o representado na figura abaixo:

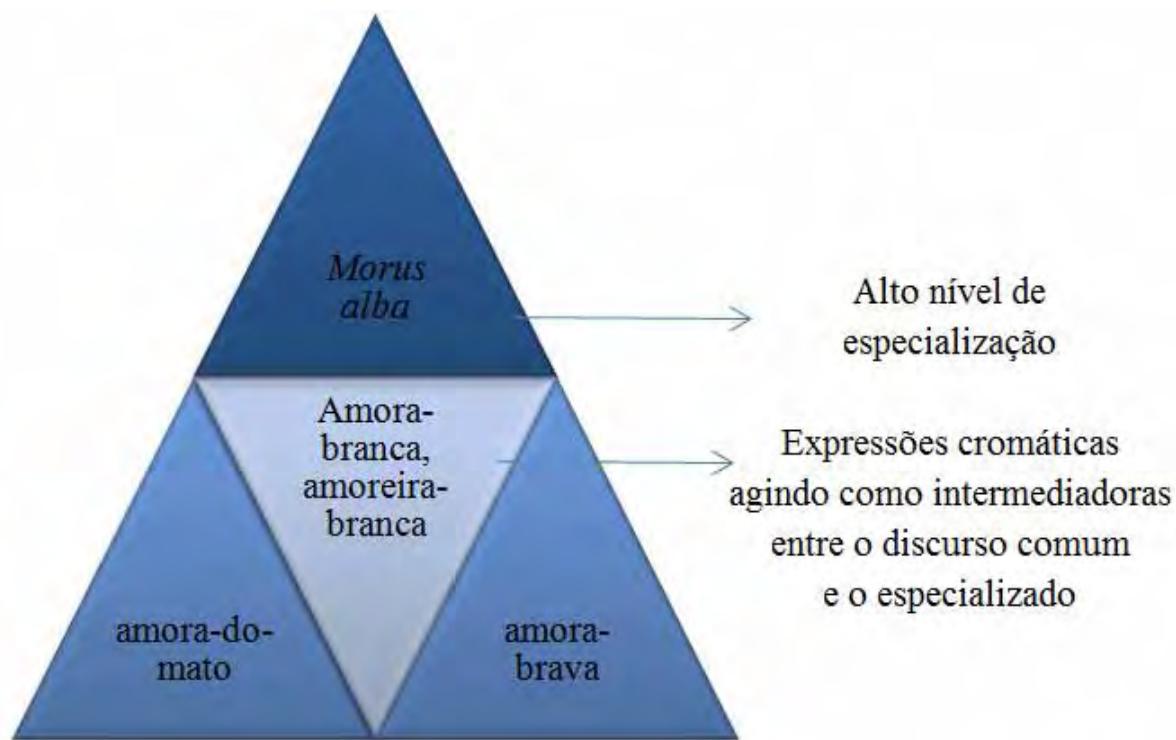


Figura 10: Interseção entre os níveis de especialidade.

O nome científico da espécie situa-se num nível de especialização extremo, ocupando o maior nível na escala e sendo utilizado apenas por especialistas dentro da comunidade científica. As expressões cromáticas, por sua vez, refletem a denominação científica e simbolizam a interação entre ao discurso especializado e a comum, transitando em todos os níveis de especialização. Já *amora-do-mato* e *amora-brava* representam, nesse exemplo, a difusão do discurso científico, tendo uma frequência maior entre a comunidade leiga.

Outro exemplo que também demonstra o caráter mediador das expressões cromáticas presentes no subdomínio da Botânica é a espécie *Heracleum sphondylium* que tem como denominações popularizadas: a expressão cromática *branca-ursina* com 278 ocorrências, sendo a maioria pertencente ao discurso especializado; *canabrás* que, embora tenha apresentado mais de nove mil ocorrências, apenas uma era especializada dentre as cinquenta primeiras; e *esfondilio* com 870 ocorrências, sendo a maioria de blogs e dicionários e apenas uma especializada.

Observemos um exemplo referente à Zoologia:

Varição denominativa	Número de ocorrências totais	Número de ocorrências no discurso especializado (considerando apenas as 50 primeiras ocorrências)	Número de ocorrências no discurso comum (considerando apenas as 50 primeiras ocorrências)
araçari-de-bico-branco	22.600	36	14
araçari-de-minhoca	6.700	5	-
araçari-minhoca	1.470	7	-
tucano-de-cinta	538	5	2
araçari-da-mata	29	7	1

Tabela 9: Dados obtidos a partir do *Corpus Web*.

A espécie *Pteroglossus aracari* tem como variante de maior frequência a expressão cromática *araçari-de-bico-branco* com 36 ocorrências (dentre as primeiras cinquenta) em sites especializados. As outras denominações apresentam uma frequência em sites do tipo muito menor e, inclusive, nula em blogs ou fóruns, sendo quase a totalidade dos resultados relativos a dicionários.

Outro exemplo, ainda pertencente a esse subdomínio, é a espécie *Ursus maritimus* que apresenta como variantes *urso-polar*, com um número de ocorrências total de 6.750, doze dentre as cinquenta primeiras pertencendo ao discurso especializado ou ao discurso de divulgação; *urso-branco* com um total de 1.750 ocorrências, oito especializadas entre as cinquenta primeiras; *urso-do-mar* com apenas 27 ocorrências e *urso-do-norte* com oito ocorrências no total.

Outro fator que sustenta a hipótese de que as expressões cromáticas atuem como mediadoras entre especialistas e leigos é a presença de uma única denominação popular composta pelo item cor. Citamos como exemplos:

Botânica		Zoologia	
<i>Myrciaria floribunda</i>	Cambuí-vermelho	<i>Knipolegus striaticeps</i>	Maria-preta-acinzentada
<i>Plinia grandifolia</i>	Jabuticaba-roxa	<i>Psittacus erithacus</i>	Papagaio-cinzentofricano
<i>Anadenanthera peregrina</i>	Angico-branco-domorro	<i>Cacatua Alba</i>	Cacatua-branca
<i>Piptadenia pterosperma</i> , <i>Piptadenia cebil</i>	Angico-roxo	<i>Ceratotherium simum</i>	Rinoceronte-branco
<i>Acacia farnesiana</i>	Acácia-amarela	<i>Ursus americanus</i>	Urso-negro
<i>Euterpe oleracea</i> var. branco	Açaí-branco	<i>Chromis multilineata</i>	Donzela-marrom
<i>Prunus domestica</i>	Ameixa-vermelha	<i>Gobiodon citrinus</i>	Góbio-amarelo

Tabela 10: Espécies que apresentam apenas a expressão cromática além do nome científico.

Uma constatação interessante é a presença de duas ou mais expressões cromáticas denominando a mesma espécie, como pode ser observado na tabela 11:

Família	Nome científico	Nomes comuns	Expressão cromática
Myrtaceae	<i>Psidium cattleianum</i>	Araçá-de-coroa, Araçá-de-comer, Araçá-comum, Araçá-da-praia	Araçá-vermelho, Araçá-rosa, Araçá-amarelo

Tabela 11: Exemplo de várias expressões cromáticas denominando a mesma espécie.

Constam aqui vários nomes comuns para essa espécie, dentre eles três nomes de cores, o vermelho, o rosa e o amarelo. Neste caso, temos que *araçá-vermelho* tem uma frequência muito maior que as outras denominações, sendo também muito utilizado no discurso especializado. *Araçá-rosa* tem uma frequência muito baixa, sendo geralmente empregado como sinônimo de *araçá-vermelho*. Já *araçá-amarelo* tem uma frequência similar a *araçá-vermelho* e tudo indica que faça referência à coloração do fruto quando ainda num estado de maturação não tão avançado. Numa escala de especialização e frequência desta espécie, teríamos:

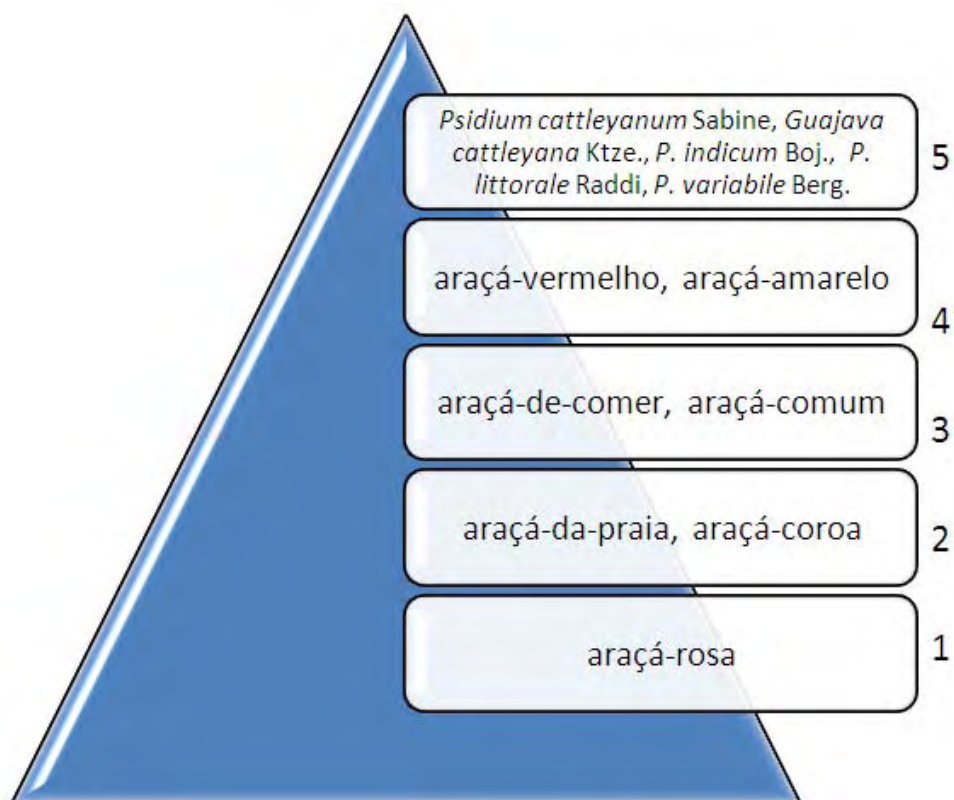


Figura 11: Variação do nível de especialidade entre as variantes.

em que *araçá-vermelho* e *araçá-amarelo* são seguidos por outros quatro nomes sem item cor, dispostos na figura segundo sua ocorrência, e por *araçá-rosa*, muito menos frequente e quase não usado no meio científico. Assim, se pudéssemos estabelecer uma escala de especialização, o nome científico ocuparia o nível mais elevado que, na figura acima, é representado pelo número 5 e está seguido por duas expressões cromáticas representadas pelo número 4. Em seguida, aparecem duas expressões sem o item cor com um nível de especialização menor, seguidos por outra expressão cromática que ocupa o nível mais baixo da escala, pouco frequente e não utilizada entre especialistas.

Tomando por base tais exemplos, a hipótese de que as expressões cromáticas atuem como mediadoras entre especialistas e leigos estaria comprovada. Entretanto, é preciso ressaltar que o que foi declarado anteriormente não vale para todas as espécies que figuram no dicionário. Algumas expressões, como *melão-branco*, apresentaram frequência maior que a variante sem o item cor, no caso, *melão-caipira*, porém, figuram em menor frequência em

sites considerados especializados. Tais casos se apresentam em maior quantidade no subdomínio da Botânica do que no da Zoologia. Outras expressões, ainda, apresentaram tanto a frequência total quanto o número de ocorrências em sites especializados menor que a denominação sem o item cor. Como exemplo, citamos a espécie *Ursus arcto*, cujas variantes são *urso-cinzento* com 9.450 ocorrências, sendo onze dentre as cinquenta primeiras em sites especializados, e *urso-pardo*, com 118.000 ocorrências, dezenove dentre os cinquenta primeiros resultados em sites especializados.

De um modo geral, pudemos observar a partir desta pesquisa que as expressões cromáticas ocupam uma posição mediadora entre *menor nível de especialização* e *maior nível de especialização*, intermediando o discurso entre especialistas e leigos. Tal fato confirma a hipótese lançada no início deste texto e a nossa pesquisa alimenta a concepção de que os nomes de cores ultrapassaram o domínio do discurso comum, atuando assiduamente no discurso especializado. Ademais, o reflexo das características físicas das espécies na sua denominação aponta para uma qualidade distintiva da nossa cultura que estabelece uma relação intrínseca com a posição geográfica que ocupamos. É essa hipótese que dará continuidade ao nosso trabalho e a pesquisas futuras.

6.2 O dicionário

Nas linhas acima, relatamos as análises decorridas da observação do comportamento das expressões cromáticas como vocabulário integrante das terminologias da *Fauna* e da *Flora*. Nas próximas páginas apresentaremos a concretização desta pesquisa, isto é, o dicionário que conta até o momento com aproximadamente 220 verbetes.

**DICIONÁRIO
ONOMASIOLÓGICO DE
EXPRESSÕES CROMÁTICAS DA
*FAUNA E FLORA***

PLANO DE CLASSIFICAÇÃO DAS IDEIAS

Fauna

Filo	Classe	Ordem/Famílias	Espécie/Expressões Cromáticas	Página
Chordata	Reptila			146
		Ordem: Cryptodira; Família: Emydidae		146
			tartaruga-de-orelha-vermelha	146
		Ordem: Testudinata; Família: Cheloniidae		146
			tartaruga-verde	146
		Ordem: Squamata; Família: Iguanidae (Subordem: Sauria)		
			iguana-verde	147
		Ordem: Squamata; Família: Boidae (Subordem: Ophidia)		147
			jiboia-verde	147
			jiboia-vermelha	147
			pítton-verde-da-árvore	148
			sucuri-amarela	148
			sucuri-preta	148
			sucuri-verde	148
		Ordem: Squamata; Família: Viperidae (Subordem: Ophidia)		
			jararaca-do-rabo-branco	148
			jararaca-verde	149
			jararaquinha-do-rabo-branco	149
	Amphibia			
		Ordem: Anura; Família: Hylidae		150
			sapo-verde	150
			perereca-azul	150
	Gnathostomata			
		Ordem: Anguilliformes; Família: Muraenidae		151
			moreia-amarela	151
			moreia-preta	151
		Ordem: Beloniformes; Família: Hemiramphidae		151
			agulha-branca	151
			agulha-preta	152
		Ordem: Characiformes; Família: Curimatidae		152
			branquinha	152
		Ordem: Peciformes; Família: Acanthuridae		152
			aracaúna-azul	152
			barbeiro-amarelo	152
			barbeiro-azul	152

	cirurgião-azul	153
	peixe-cirurgião-azul	153
	sangrador-azul	153
	Ordem: Peciformes; Família: Istiophoridae	153
	agulhão-azul	153
	agulhão-branco	153
	agulhão-negro	153
	marlim-azul	153
	marlim-branco	154
	Ordem: Peciformes; Família: Haemulidae	154
	coró-branco	154
	salema-branca	155
	Ordem: Peciformes; Família: Percidae	155
	perca-amarela	155
	Ordem: Peciformes; Família: Pomacanthidae	155
	peixe-anjo-de-banda-amarela	155
	Ordem: Peciformes; Família: Pomacentridae	156
	damizela-de-cauda-amarela	156
	donzela-amarela	156
	donzela-azul	156
	donzela-azul-de-cauda-amarela	157
	donzela-azul-de-rabo-amarelo	157
	donzela-marrom	157
	donzelinha-amarela	157
	maria-preta	157
	saberê-amarelo	158
	Ordem: Peciformes; Família: Scombridae	158
	albacora-azul	158
	albacora-branca	158
	atum-amarelo	158
	atum-azul	158
	atum-branco	158
	atum-de-barbatana-azul	158
	atum-preto	159
	atum-vermelho	159
Aves		
	Ordem: Anseriformes; Família: Anatidae	160
	cisne-negro	160
	Ordem: Caprimulgiformes; Família: Caprimulgidae	160
	bacurau-branco	160
	bacurau-de-rabo-branco	160
	Ordem: Columbiformes; Família: Columbidae	161
	asa-branca	161
	pomba-asa-branca	161

Ordem: Cuculiformes; Família: Cuculidae	161
anu-branco	161
Ordem: Passeriformes; Família: Hirundinidae (Subordem Passeri)	161
andorinha-de-rabadilha-branca	161
andorinha-de-sobre-branco	162
Ordem: Passeriformes; Família: Tityridae (Subordem Tyranni)	
anambé-branco-de-bochecha-parda	162
anambé-branco-de-rabo-preto	162
araponguinha-de-cara-preta	163
araponguinha-de-rabo-preto	163
Ordem: Passeriformes; Família: Tyrannidae	163
maria-preta-de-bico-azulado	163
maria-preta-de-garganta-vermelha	163
Ordem: Piciformes; Família: Ramphastidae	164
araçari-de-bico-branco	164
araçari-negro	164
araçari-preto	164
Ordem: Psittaciformes; Família: Cacatuidae	164
cacatua-branca	164
cacatua-de-crista-amarela	165
Ordem: Psittaciformes; Família: Psittacidae	165
arara-amarela	165
arara-azul-e-amarela	165
arara-de-asa-verde	165
arara-vermelha	165
papagaio-cinzento-africano	166
papagaio-de-cabeça-azul	166
papagaio-de-cara-roxa	166
papagaio-de-fronte-azul	167
papagaio-de-peito-roxo	167
peito-roxo	167
Mammalia	
Ordem: Cetacea; Família: Delfinidae	168
boto-cinza	168
Ordem: Cetacea; Família: Iniidae	168
boto-branco	168
boto-cor-de-rosa	168
boto-vermelho	169
Ordem: Cetacea; Família: Monodontidae	169
baleia-branca	169

Ordem: Perissodactyla; Família: Rhinocerotidae	169
rinoceronte-branco	169
rinoceronte-negro	169
Ordem: Artiodactyla; Família: Cervidae	170
veado-roxo	170
veado-vermelho	170
Ordem: Carnivora; Família: Ursidae	171
urso-branco	171
urso-cinzentos	171
urso-negro	171
Ordem: Primates; Família: Callithricidae	172
sagui-branco	172
Ordem: Primates; Família: Cebidae	172
cuxiú-de-nariz-branco	172
cuxiú-negro	172
cuxiú-preto	172
macaco-prego-de-peito-amarelo	173
uacari-de-cabeça-preta	173
uacari-negro	173
uacari-preto	173
Ordem: Primates; Família: Cercopithecidae	173
macaco-tota-verde	173
macaco-verde	173
macaco-verde-africano	174
Ordem: Primates; Família: Pitheciidae	174
uacari-branco	174
uacari-de-cabeça-vermelha	174
Ordem: Rodentia; Família: Muridae	174
rato-branco-de-laboratório	174
rato-preto	174

Flora

Reino	Classe	Ordem/Famílias	Espécie/Expressões Cromáticas	Página
Plantae				176
	Magnoliophyta			176
	Magnoliopsida (Angiospermas)			176
		Ordem: Alismatales; Família: Araceae		176
		mangarito-roxo		176
		Ordem: Apiales; Família: Apiaceae		176
		branca-ursina		176
		Ordem: Arecales; Família: Arecaceae		177

	açaí-branco	177
Ordem: Asparagales; Família: Iridaceae		177
	açafrão-amarelo	177
Ordem: Asterales; Família: Asteraceae		177
	assa-peixe-branco	177
	assa-peixe-roxo	178
	cambará-branco	178
	cambará-do-branco	178
Ordem: Brassicales; Família: Moringaceae		178
	acácia-branca	178
Ordem: Cucurbitales; Família: Cucurbitaceae		178
	abóbora-branca	178
	melão-branco	179
Ordem: Ericales; família: Lecythidaceae		179
	matamatá-branco	179
	matamatá-roxo	179
Ordem: Ericales; Família: Sapotaceae		180
	abiurana-preta	180
Ordem: Fabales; Família: Fabaceae (Mimosidae)		180
	acácia-amarela	180
	acácia-negra	180
	acácia-preta	181
	angico-amarelo	181
	angico-branco	181
	angico-branco-do-morro	182
	angico-rosa	182
	angico-roxo	182
	angico-vermelho	182
	espinheiro-preto	183
	jurema-preta	183
	jurema-vermelha	183
Ordem: Fabales; Família: Fabaceae (Caesalpinioideae)		183
	braúna-preta	183
	pau-roxo	184
	pau-roxo-da-caatinga	184
	pau-roxo-da-terra-firme	184
	pau-roxo-da-várzea	184
	pau-violeta	185
	roxinho	185
	violeta	185
Ordem: Lamiales; Família: Acanthaceae		185
	branca-ursina	185
	acanto-negro	185
Ordem: Lamiales; Família: Boraginaceae		185

	babosa-branca	185
Ordem: Laurales; Família: Lauraceae		186
	canela-amarela	186
	canela-amarela-de-cheiro	186
	canela-branca	187
	canela-preta	187
	canela-rosa	188
	canela-vermelha	188
	cedro-preto	188
	louro-amarelo	188
	louro-amarelo	188
	louro-amarelo-de-cheiro	188
	louro-vermelho	188
Ordem: Liliales; Família: Lilaceae		188
	açucena-branca	188
Ordem: Magnoliales; Família: Myristicaceae		189
	bicuíba-branca	189
	ucuúba-branca	189
	ucuuba-vermelha	190
Ordem: Malpighiales; família: Flacourtiaceae		190
	cacau-branco	190
	cacaueiro-branco	190
Ordem: Malpighiales; Família: Euphorbiaceae		190
	pião-roxo	190
	pinhão-roxo	190
Ordem: Myrtales; Família: Myrtaceae		191
	araçá-amarelo	191
	araçá-cinzento	191
	araçá-rosa	191
	araçá-roxo	191
	araçá-verde	192
	araçá-vermelho	192
	cambuí-vermelho	192
Ordem: Pinales; Família: Pinaceae		193
	abeto-branco	193
Ordem: Poales; Família: Cyperaceae		193
	tiririca-amarela	193
	tiririca-roxa	193
Ordem: Poales; Família: Bromeliaceae		194
	abacaxi-branco	194
Ordem: Rosales; Família: Cecropiaceae		194
	embaúba-branca	194
	embaúba-vermelha	195
	embaúva-branca	195

	embaúva-preta	195
	umbaúba-branca	195
Ordem: Rosales; Família: Moraceae		195
	ameixa-amarela	195
	ameixa-roxa	195
	ameixa-vermelha	196
	ameixeira-amarela	196
	ameixeira-roxa	196
	ameixeira-vermelha	196
	amora-branca	196
	amora-negra	196
	amora-preta	197
	amora-vermelha	197
	amoreira-branca	197
	amoreira-preta	197
	amoreira-vermelha	197
	rosa-canina	197
	rosa-selvagem	197
Ordem: Sapindales; Família: Anarcadiaceae		198
	aroeira-branca	198
Ordem: Sapindales; Família: Burseraceae		198
	breu-branco	198
	breu-branco-verdadeiro	198
	breu-preto	199
	breu-vermelho	199
Ordem: Sapindales; Família: Meliaceae		199
	cambará-rosa	199
Ordem: Sapindales; Família: Rutaceae		199
	amarelão	199
	amarelinho	199
	amarelo-cetim	199
	arapoca-branca	200
	pau-amarelo	200
	rapútia-branca	200
Ordem: Sapindales; Família: Sapindaceae		200
	camboatã-branco	200
Ordem: Solanales; Família: Convolvulaceae		201
	campainha-amarela	201
	campainha-vermelha	201
Ordem: Solanales; Família: Solanaceae		201
	coerana-amarela	201
	jasmim-verde	202
	saia-branca	202
Ordem: Zingiberales; Família: Musaceae		203

banana-branca	203
Ordem: Zingiberales; Família: Zingiberaceae	203
çafrão-vermelho	203
cana-branca	203



ORDEM: CRYPTODIRA; FAMÍLIA: EMYDIDAE

TARTARUGA-DE-ORELHA-VERMELHA [s.f.; pl. tartarugas-de-orelha-vermelha; var. tartaruga de orelha vermelha] *Trachemys scripta elegans* ● Espécie originária do sul dos Estados Unidos e no norte do Golfo do México que pode chegar a 40 cm de comprimento. Tem esse nome porque possui uma mancha vermelha na lateral da cabeça. É muito comercializado como animal de estimação, porém no Brasil a venda dessa espécie foi proibida pelo IBAMA. Vive em média 40 anos. → *A tartaruga de orelha vermelha é um cágado (tartaruga de água doce), que vive em rios, lagos e regiões alagadiças, frequentando ambientes secos quando necessário.* ⇨ *Uma cliente nossa encontrou uma Tartaruga de Orelha Vermelha (Trachemys scripta elegans) na via rápida em Taveiro-Coimbra e trouxe-a para a ajudarmos a encontrar um novo dono, que felizmente aconteceu no mesmo dia, como se vê nas fotos, um dos nossos clientes que veio buscá-la para o tanque de um amigo bastante espaçoso e com água corrente.*

<http://www.veterinariaiguatemi.com.br/docs/tigredagua.asp>

<http://vetcondeixa.blogspot.com.br/2008/07/tartaruga-de-orelha-vermelha.html>

ORDEM: TESTUDINATA; FAMÍLIA: CHELONIIDAE

TARTARUGA-VERDE [s.f.; tartarugas-verdes; var. tartaruga verde] *Chelonia mydas* ● Espécie marinha que pode ser encontrada em todos os oceanos das zonas tropicais e subtropicais. Com cerca de 1,2 m de comprimento e 250 Kg, apresenta corpo achatado com casco em formato de lágrima de coloração que varia do oliva-marrom ao preto. No Brasil essa espécie desova nas praias do Rio de Janeiro ao Amapá. Encontra-se ameaçada de extinção. → *Assim, este trabalho teve como objetivo analisar populações de tartarugas verdes (Chelonia mydas) que frequentam a região de Cananéia, SP, com base na variedade haplotípica das seqüências gênicas correspondentes ao tRNA-Pro+D-loop do DNA mitocondrial.* ⇨ *A Tartaruga Verde recebeu esse nome devido à cor de sua gordura localizada abaixo de sua carapaça.* **SIN. ARUANÃ, DEPEIA, JEREBÁ, SUÇUARANA, SURUANÃ, TARTARUGA-ARUANÃ, TARTARUGA-DO-MAR, TARTARUGA-PEDRÊS**

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41131/tde-11122009-104641/pt-br.php>

www.achetudoeregiao.com.br/animais/tartaruga_verde.htm

ORDEM: SQUAMATA; FAMÍLIA: IGUANIDAE (SUBORDEM: SAURIA)

IGUANA-VERDE [s.f.; pl. iguanas-verdes; var. iguana verde] *Iguana iguana* ● Lagarto nativo da América Central e do Sul que pode chegar a 180 cm de comprimento, 10 Kg. Os machos são mais robustos com cristas e poros femorais mais desenvolvidos. Apresenta uma crista parecida com espinhos ao longo do dorso e da cauda, uma escama grande e arredondada abaixo dos tímpanos e uma prega-gular bem desenvolvida. Tem coloração verde intensa quando jovem e verde-amarronzado quando adulto com listras verticais escuras distribuídas ao longo do corpo e da cauda. É um animal herbívoro e terrestre que vive em média 20 anos. → *A iguana-verde começa a se reproduzir cedo, a partir do segundo ou terceiro ano de vida, quando atinge a maturidade sexual.* ⇨ *A Iguana verde é um gênero de réptil nativo das zonas tropicais da América Central, do Sul e das Caraíbas e é um dos répteis mais criados em cativeiro, isto porque embora as Iguanas verdes possam atacar quando se sentem ameaçadas, a popularidade deve-se exatamente à sua enorme docilidade, comparada com outros répteis, e a facilidade de adaptação e interação com o homem.*

<http://www.museudezoologia.ufv.br/bichodavez/edicao06.htm>

<http://blogdosbichos.blogs.sapo.pt/1171682.html>

ORDEM: SQUAMATA; FAMÍLIA: BOIDAE (SUBORDEM: OPHIDIA)

JIBOIA-VERDE [s.f.; pl. jiboias-verdes; var. jiboia verde] *Corallus caninus* ● Serpente amazônica de aproximadamente 2,2 m de comprimento, que apresenta corpo de coloração verde na região dorsal com listras transversais branco-amareladas, e região ventral amarela. É uma espécie constritora, não peçonhenta e de hábitos arborícolas e noturnos. Alimenta-se de roedores, pequenas aves e répteis. → *Pode-se também encontrar o jacaré-tinga (*Caiman crocodilus*), o jacaré-açu (*Melanosuchus niger*), as cobras surucucu (*Lachesis muta*) e jibóia-verde (*Corallus caninus*), além de cinco variedades de rãs.* ⇨ *Cobra papagaio, periquitambóia, jibóia verde ou *Corallus caninus* exibindo seu look para a copa do mundo.* **SIN. COBRA-PAPAGAIO, JIBÓIA-DA-AMAZÔNIA, ARABÓIA, ARARAMBÓIA, ARAUEMBÓIA, BOA, BOA-ARBORÍCOLA-ESMERALDA, PERIQUITAMBÓIA, PÍTON-VERDE-DA-ÁRVORE**

http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/mre000041.pdf

<http://cunhabio.blogspot.com.br/2010/05/cobra-papagaio-periquitamboa-jiboia.html>

JIBOIA-VERMELHA [s.f.; pl. jiboias-vermelhas; var. jiboia vermelha] *Epicrates cenchria cenchria* ● Serpente encontrada na Venezuela, Guianas, Peru e na região amazônica do Brasil. De aproximadamente 2,2 m de comprimento, apresenta dorso pardo-avermelhado com manchas negras e ventre amarelado. Alimenta-se de roedores, lagartos e pequenas aves. Não é peçonhenta e é muito utilizada como animal de estimação devido a sua beleza. → *Moradores do Povoado Rajada, próximo ao município de Carnaúba dos Dantas, encontraram na manhã desta terça-feira (4), uma cobra do tipo salamanta, conhecida também como jiboia vermelha, medindo 2.20m.* ⇨ *Ela também é conhecida como Uaçubói e Jiboia Vermelha. Ela tem várias Cores pelo Corpo, como Vermelho, Preto e Branco.* **SIN. SURUCUCU-DE-FOGO, SALAMANTA, SUAÇU, UAÇUBÓI**

http://www.dnonline.com.br/app/noticia/cotidiano/2011/10/04/interna_cotidiano,82420/cobra-com-mais-de-dois-metros-e-encontrada-no-interior-do-rn.shtml
brunochavesanimais.blogspot.com/2011/10/salamanta.html

PÍTON-VERDE-DA-ÁRVORE [s.m.; pl. pítons-verdes-da-árvore; pítones-verdes-da-árvore] *Corallus caninus* **V. JIBOIA-VERDE**

SUCURI-AMARELA [s.f.; pl. sucuris-amarelas; var. sucuri amarela] *Eunectes notaeus*
 ● Serpente originária da América do Sul, podendo ser encontrada em todo o Brasil. De aproximadamente 8 m e 150 Kg, possui corpo amarelo ou verde-amarelado com grandes manchas negras no dorso. Alimenta-se de peixes, aves e pequenos roedores. → *A sucuri amarela é protegida por lei da caça e da venda ilegal, mas seu maior inimigo é o desmatamento, que destrói as florestas em que vive e provoca alterações no regime hídrico dos rios, matando muitas delas pela seca e falta de abrigo.* ⇨ *A sucuri-amarela é menor que a sua prima, a sucuri-verde, e por isso tem uma variedade menor de presas, sua alimentação consiste basicamente de peixes, aves, pequenos roedores até capivaras jovens.*

www.zoologico.sp.gov.br/repteis/sucuriamarela.htm
<http://animal-planet-brasil.blogspot.com.br/2010/07/sucuri.html>

SUCURI-PRETA [s.f.; pl. sucuris-pretas] *Eunectes murinus* **V. SUCURI-VERDE**

SUCURI-VERDE [s.f.; pl. sucuris-verdes; var. sucuri verde] *Eunectes murinus* ● Serpente originária da América do Sul, muito comum no Pantanal e em pântanos e brejos. De aproximadamente 8 m e 200 Kg, possui coloração do corpo que varia de verde-oliváceo com grandes manchas negras circulares no dorso até a coloração completamente negra; sua cabeça tem formato triangular e é atravessada por dois riscos, um deles surgindo do olho e o outro, da região superior da cabeça. Alimenta-se de peixes, aves e pequenos roedores. → *É uma sucuri verde, considerada a mais pesada e mais grossa de todas as cobras do mundo.* ⇨ *A sucuri verde (Eunectes Murinus) é a maior e mais conhecida serpente brasileira, pode ser encontrada no cerrado, pantanal e na Amazônia.* **SIN. SUCURI-PRETA, SUCURI, SUCURIÚ, SUCURIJU, SUCURUJU, SUCURIJUBA, SUCURUJUBA, BOIAÇU, BOIGUAÇU, BOIUÇU, BOIOÇU, BOIÇU, BOIUNA, BOITIAPOIA, ARIGBOIA, ANACONDA, VIBORÃO**

fantastico.globo.com/.../0,,MUL1681383-15605,00-FANTASTICO+...
joacienciaegeografiaaeronaves.blogspot.com/.../sucuri-verde-ou-suc...

ORDEM: SQUAMATA; FAMÍLIA: VIPERIDAE (SUBORDEM: OPHIDIA)

JARARACA-DO-RABO-BRANCO [s.f.; pl. jararacas-do-rabo-branco; var. jararaca do rabo branco] **1.** *Bothrops neuwiedi, Bothrops leucurus* ● Serpente que pode ser encontrada no Paraguai, Bolívia, Uruguai, Argentina e no Brasil, em regiões da Mata Atlântica. Tem em média 1,50 m de comprimento e apresenta coloração que varia entre cinza, marrom ou pardo, de acordo com a subespécie, além de manchas escuras em forma de trapézio, contornadas por uma coloração mais clara e com o fundo cinza; os animais jovens apresentam a ponta da cauda branca, daí seu nome. Seu veneno destrói as fibras musculares e os tecidos. Alimenta-se de pequenos

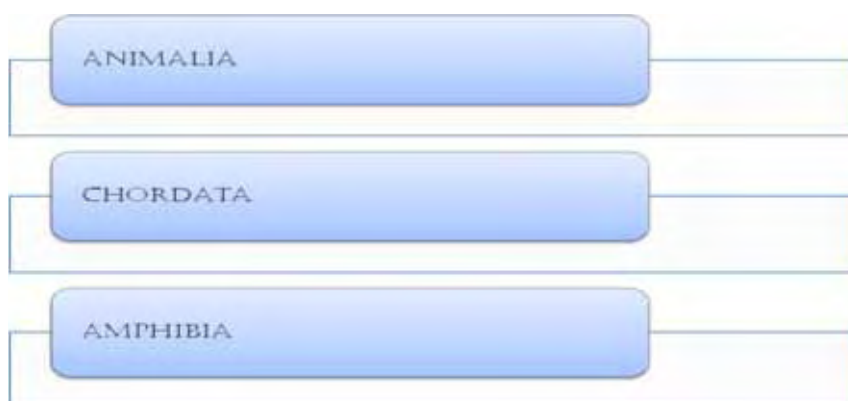
lagartos, anfíbios e roedores. → *Este trabalho trata do estudo farmacológico do veneno de Bothrops leucurus, conhecida como jararaca-do-rabo-branco. ⇒ O nome popular Jararaca do Rabo Branco, se deve ao fato de os jovens e, alguns indivíduos adultos, terem a extremidade da cauda clara, geralmente amarelada.* **SIN. BOCA-DE-SAPO, BOCUDA, JARARACA-PINTADA, JARARACA-CRUZEIRA, JARARAQUINHA, RABO-DE-OSSO, TIRAPÉIA, URUTU, JARARAQUINHA-DO-RABO-BRANCO, JARARACA-DO-NORDESTE** **2.** *Bothrops atrox* ● Serpente que pode ser encontrada na Amazônia em capoeiras, matas e lugares inundados. De aproximadamente 1,50 m, apresenta coloração que varia do marrom ao pardo com manchas triangulares contornadas por uma cor um pouco mais clara. É venenosa, podendo matar em pouco tempo. **SIN. JARARACA-DO-NORTE, JARARACA-DA-AMAZÔNIA, SURUCUCU, ACUAMBÓIA, CUAMBÓIA, COMBÓIA, CAMBÉUA**

libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000215207
<http://www.flogao.com.br/animlsplanet/114961929/1>

JARARACA-VERDE [s.f.; pl. jararacas-verdes] *Bothriopsis bilineata, Bothrops bilineatus* ● Serpente encontrada, sobretudo, na região equatorial do Brasil, na Amazônia e nas matas do Leste do país. De aproximadamente 1 m de comprimento, apresenta coloração dorsal verde, a região inferior esbranquiçada e faixas laterais amareladas. Alimenta-se de ratos, pássaros, lagartos e rãs. É uma espécie arborícola, venenosa e rara. → *Dentre os répteis, apesar do pequeno número de espécies registradas, merece destaque a jararaca-verde ou jararaca-pingo-de-ouro, Bothrops bilineatus (Figura 5), que representa o primeiro registro dessa espécie em Minas. ⇒ A última foto é da Jararaca-verde Bothrops bilineatus nativa da Mata Atlântica pode ser encontrada no Rio de Janeiro e é também venenosa.* **SIN. BICO-DE-PAPAGAIO, PAPAGAIA, JARARACA-PINGO-DE-OURO**

<http://www.phyllomedusa.esalq.usp.br/articles/volume1/number2/12105111.pdf>
<http://www.ecologiaonline.com/cobra-verde-e-venosa/>

JARARAQUINHA-DO-RABO-BRANCO [s.f.; pl. jararaquinhas-do-rabo-branco] *Bothrops neuwiedi, Bothrops leucurus* **V. JARARACA-DO-RABO-BRANCO**



ORDEM: ANURA; FAMÍLIA: HYLIDAE

SAPO-VERDE [s.m.; pl. sapos-verdes; var. sapo verde] *Phyllomedusa bicolor* ● Anfibio encontrado na Amazônia, que apresenta corpo de aproximadamente 11 cm de comprimento com dorso de coloração verde-azulado, ventre rosado e dedos rosados com as pontas brancas. → Em nota no final do artigo, o autor aproxima o uso da secreção do *sapo-verde* àquele da *ayahuasca* e esclarece que os Amahuaca “também bebem *ayahuasca* para induzir visões de espíritos, mas não para auxiliá-los na caça”. ⇨ O *sapo verde* - *phyllomedusa bicolor* é a maior espécie do gênero da família Hylidae, que ocorre na Amazônia. **SIN. RÃ-KAMBO, KAMBÔ, CAMBÔ, PERERECA-AZUL**

http://www.bialabate.net/wp-content/uploads/2010/10/Lima_Labate_Expansao_Urbana_Kambo1.pdf
profedrika.blogspot.com/2011/03/sapo-falante.html

PERERECA-AZUL [s.f.; pl. pererecas-azuis] *Phyllomedusa bicolor* **V. SAPO-VERDE**



ORDEM: ANGUILLIFORMES; FAMÍLIA: MURAENIDAE

MOREIA-AMARELA [s.f.; pl. moreias-amarelas; var. moreia amarela] *Gymnothorax ocellatus* ● Peixe ósseo, anguiliforme, que pode ser encontrado no Atlântico ocidental tropical, de Cuba ao Sul do Brasil, em estuários, lagoas salobras, manguezais e praias abertas. De aproximadamente 1 m de comprimento e 30 Kg, apresenta corpo cilíndrico de coloração marrom-amarelada com pequenas manchas brancas arredondadas, ventre esbranquiçado, barbatana dorsal com uma série de manchas escuras e espaçadas e vários pontos negros ao redor dos olhos. → *Um acidente deveu-se a uma moreia amarela (Gimnothorax ocellatus), e um a mandijuba (Pimelodus maculatus), o único acidente causado por peixe de água doce (0,33% do total ou 8,33% dos acidentes em aquários).* ⇒ *Moreia Amarela pequena (15cm) ideal p/ aquários pequenos, muito difícil de ser encontrada nesse tamanho. R\$87,00.* **SIN. MIRORÓ, MORÉIA, MORÉIA-PINTADA, MUTUCA, MUTUTUCA**

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0365-05962004000200004&script=sci_arttext
www.reefcorner.org/forum/topic.asp?TOPIC_ID=20085

MOREIA-PRETA [s.f.; pl. moreias-pretas] *Muraena augusti* ● Peixe ósseo, anguiliforme, que pode ser encontrado no Atlântico norte oriental até o mar Mediterrâneo. De aproximadamente 1,50 m de comprimento, apresenta corpo cilíndrico de coloração preta, geralmente com pontos brancos, olhos esbranquiçados. → *Em Portugal, na faixa acessível à maioria dos mergulhadores, existem 4 espécies, sendo que, destas, apenas a moreia-pintada é habitualmente observada em mergulhos no Continente. As restantes espécies (moreão, moreia-preta e moreia-víbora) existem e são vistas pelos mergulhadores nos Arquipélagos dos Açores e Madeira.* ⇒ *Nos buracos entre a secção rochosa do fundo, vive a moreia-preta.*

<http://www.horta.uac.pt/Projectos/MSubmerso/old/200310/Moreias.htm>
www.visitadores.com/pt-pt/experience-the-azores/.../radares

ORDEM: BELONIFORMES; FAMÍLIA: HEMIRAMPHIDAE

AGULHA-BRANCA [s.f/m.; pl. agulhas-brancas; var. agulha branca] *Hyporhamphus unifasciatus* ● Peixe teleósteo beloniforme que pode ser encontrada no Atlântico e no Pacífico, sendo comum no litoral brasileiro. Apresenta corpo cilíndrico com aproximadamente 28 cm de comprimento, dorso oliváceo e ventre prateado, rostro alongado e mandíbula escura com a ponta de coloração avermelhada. É muito utilizado na culinária brasileira. → *Diversos sistemas pesqueiros, como a pesca de siri ou*

agulha branca, foram avaliados levando em conta os aspectos que compõem o conceito de sustentabilidade, como o econômico e a degradação do meio ambiente. ⇒ Junto com as patas de caranguejos, ela havia trazido filés de *agulha branca*, pequenos e fininhos pedaços de um peixe simples e saboroso. **SIN. PANAGUAIÚ, PEIXE-AGULHA, TARANGALHO, TARNAGALHO**

www.fundaj.gov.br/.../newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?...monstronacozinha.blogspot.com/2008/.../monstra-na-cozinha.html

AGULHA-PRETA [s.f./m.; pl. agulhas-pretas] *Hyporhamphus brasiliensis*, *Hemiramphus brasiliensis* ● Peixe teleósteo beloniforme que pode ser encontrada no Atlântico e no Pacífico, sendo comum no litoral brasileiro. Apresenta corpo cilíndrico de tamanho variável, dorso azul-esverdeado, laterais prateadas e ventre mais claro, rostro alongado e mandíbula preta, fina e com a ponta de coloração avermelhada. → O objetivo do presente trabalho foi verificar a morfohistologia dos ovários do peixe *agulha-preta*, *Hemiramphus brasiliensis* (Linnaeus, 1758) (Osteichthyes: Hemiramphidae) capturados das águas costeiras de Caiçara do Norte, do Estado do Rio Grande do Norte. ⇒ Conhecido popularmente como *agulhinha* ou como *agulha-preta*, esse peixe aí na foto tinha uns 45 cm e pesava uns 2 quilos. **SIN. AGULHINHA**

<http://www.seb-ecologia.org.br/viiceb/resumos/71a.pdf>
guizo.blogspot.com/2009/02/agulha-preta.html

ORDEM: CHARACIFORMES; FAMÍLIA: CURIMATIDAE

BRANQUINHA [s.f.; pl. branquinhas] *Potamorhina latior* ● Peixe teleósteo, caraciforme, tipicamente fluvial que ocorre na Amazônia, Guiana e Paraguai. Apresenta corpo fusiforme prateado de até 15 cm de comprimento; boca pequena desprovida de dentes. → O trabalho teve como objetivo avaliar a presença de Cd, Cr e Al no tecido de peixes das espécies: *piranha* (*Serrasalmus* spp.), *branquinha* (*Potamorhina* spp.) e *tucunaré* (*Cichla* spp.) coletadas no rio Gelado, tendo em vista a preservação da saúde da população que consome estas espécies. ⇒ O Ibama também apreendeu na madrugada de terça-feira (17/2) 4.000 quilos de pescado de água doce no Portinho, em São Luís. Os peixes eram das espécies *branquinha*, *curimatá*, *traíra* e *piauí*, vindos do município de Conceição do Lago-Açu (MA).

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/holos/article/viewArticle/3668>
<http://www.guiadapesca.com.br/geral/maranhao-ibama-apreende-seis-toneladas-de-peixe/>

ORDEM: PECIFORMES; FAMÍLIA: ACANTHURIDAE

ACARAÚNA-AZUL [s.f.; pl. aracaúnas-azuis] *Acanthurus coeruleus* **V. CIRURGIÃO-AZUL**

BARBEIRO-AMARELO [s.m.; pl. barbeiros-amarelos] *Acanthurus coeruleus* **V. CIRURGIÃO-AZUL**

BARBEIRO-AZUL [s.m.; pl. barbeiros-azuis] *Acanthurus coeruleus* **V. CIRURGIÃO-AZUL**

CIRURGIÃO-AZUL [s.m.; pl. cirurgiões-azuis] *Acanthurus coeruleus* ● Peixe teleósteo perciforme que pode ser encontrado em todo o litoral brasileiro em profundidade que varia entre 2 e 40 metros em meio a corais, rochas e em terrenos arenosos. Apresenta corpo achatado com cerca de 35 cm de comprimento, olho posicionado no alto da cabeça e boca pequena e baixa, com formato de bico; nadadeira dorsal contínua; sua cor varia do amarelo brilhante, quando jovem, amarelo e azul durante a adolescência, e corpo acinzentado com nadadeiras azuis, quando adulto. Caracteriza-se por espinhos muito afiados posicionados em sentido oblíquo no pedúnculo caudal, usados quando se sente ameaçado. Alimenta-se principalmente de algas que raspa do substrato ou que engole junto com a areia. → *O cirurgião-azul (Acanthurus coeruleus) é o que possui distribuição geográfica mais restrita, correndo principalmente no Nordeste, sendo muito abundante nos recifes de corais de abrolhos, porém raros nas águas mais frias da região Sudeste. São facilmente identificados pela presença de um espinho em forma de lâmina, tão afiado quanto um bisturi (daí seu nome popular). Este espinho localiza-se nas laterais do peixe, na altura do pedúnculo caudal. ⇨ O cirurgião-azul é facilmente identificado por possuir o seu corpo com coloração uniforme variando entre tons de azul, do royal ao escuro, com o espinho branco destacando-se da coloração do corpo.*

SIN. ACARAÚNA-AZUL, SANGRADOR-AZUL, BARBEIRO, PEIXE-CIRURGIÃO-AZUL, BARBEIRO-AMARELO, BARBEIRO-AZUL, LANCETA, PEIXE-DOUTOR

http://www.lajeviva.org.br/arquivos/coluna/11-maio_2009.pdf

<http://mergulhoautonomo.blogspot.com.br/2009/05/peixe-cirurgiao-africano-visita-laje-de.html>

PEIXE-CIRURGIÃO-AZUL [s.m.; pl. peixes-cirurgiões-azuis] *Acanthurus coeruleus* **V. CIRURGIÃO-AZUL**

SANGRADOR-AZUL [s.m.; pl. sangradores-azuis] *Acanthurus coeruleus* **V. CIRURGIÃO-AZUL**

ORDEM: PECIFORMES; FAMÍLIA: ISTIOPHORIDAE

AGULHÃO-AZUL [s.m.; pl. agulhões-azuis] *Makaira nigricans* **V. MARLIM-AZUL**

AGULHÃO-BRANCO [s.m.; pl. agulhões-brancos] *Tetrapturus albidus* **V. MARLIM-BRANCO**

AGULHÃO-NEGRO [s.m.; pl. agulhões-negros] *Makaira nigricans* **V. MARLIM-AZUL**

MARLIM-AZUL [s.m.; pl. marlins-azuis; var. marlin-azul; marlim azul] *Makaira nigricans* ● Peixe teleósteo, oceânico, encontrado nas águas tropicais e subtropicais do Atlântico e do Pacífico. Trata-se de uma espécie de grande porte que pode chegar a 4 m de comprimento e 700 kg. Apresenta corpo roliço e mais alto no início da nadadeira dorsal, afinando em direção à cauda com uma faixa longitudinal marrom nos flancos; seu dorso é preto-azulado, o ventre é branco-prateado, a primeira nadadeira dorsal é preta ou azul-escura e as restantes são de coloração marrom-escuras a azul-escuras; a nadadeira caudal é furcada e grande, uma característica

dos peixes velozes. Tal espécie é muito apreciada na pesca esportiva. → *Um pescador pegou, por acaso, um marlim azul na manhã desta terça-feira na praia de Ponta das Canas, norte da Ilha de Santa Catarina. O animal, que tem 2,24m de comprimento e pesa 27 kg, enroscou-se na rede de pesca. ⇒ No Brasil, o maior peixe fígado foi um marlim-azul de 636 quilos e 4,62 metros de comprimento. O feito aconteceu em Vitória, no Espírito Santo, em 29 de fevereiro de 1992. SIN. AGULHÃO, AGULHÃO-AZUL, AGULHÃO-NEGRO*

<http://oglobo.globo.com/pais/pescador-captura-marlim-azul-de-224-metros-em-praia-de-florianopolis-3012400>

<http://estranhocuriosidades.blogspot.com.br/2008/09/quantos-quilos-tinha-o-maior-peixe.html>

MARLIM-BRANCO [s.m.; pl. marlins-brancos; var. marlin branco] *Tetrapturus albidus*
 ● Peixe teleósteo, pelágico, encontrado nas águas do oceano Atlântico. Tal espécie pode chegar a 3 m de comprimento e cerca de 60Kg, apresentando corpo fusiforme e comprimido com uma linha lateral bem evidente, de coloração azulada-enegrecida no dorso, branco-prateada no ventre; nadadeira dorsal alta e dupla, afinando em direção à caudal que é grande e furcada; nadadeiras peitorais grandes e falcadas; as ventrais são rudimentares. Sua maxila superior é prolongada, com o formato de uma lâmina. Tal espécie é muito apreciada na pesca esportiva. → *Um exemplo concreto são as ações de sustentabilidade desenvolvidas na costa brasileira que objetivam a diminuição das capturas incidentais dos agulhões-vela e a proibição das capturas e comercialização do marlim-azul e do marlim-branco em todo o território nacional através da Instrução Normativa SEAP Nº- 12, de 14 de Julho de 2005 (anexo), já que a sua pesca excessiva não ameaça apenas a sustentabilidade dos estoques naturais, mas a própria atividade esportiva e extrativista, incluindo vários postos de trabalho engajados nos processos de produção e comercialização. ⇒ Um MARLIM BRANCO, um grande lutador, ESSSPETACULAR, de arrancada tomou 200 metros de linha, saltou fora d'água, nadou metros e metros em pé (só com a cauda dentro d'água!). SIN. AGULHÃO, AGULHÃO-BRANCO, AGULHÃO-DE-PRATA, BICUDA*

http://www.cedes.ufsc.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/390/Digital_Esporte,%20Lazer%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas%20na%20Regi%C3%A3o%20dos%20Lagos%20OK%20Final.pdf?sequence=1#page=33

<http://comunidade.papasiri.com/?p=2134>

ORDEM: PECIFORMES; FAMÍLIA: HAEMULIDAE

CORÓ-BRANCO [s.m.; pl. corós-brancos; var. coró branco] *Pomadasys corvinaeformis*
 ● Peixe que pode ser encontrado no Atlântico ocidental, sobretudo na Colômbia, Antilhas Holandesas e em todo o litoral brasileiro. Tal espécie de pequeno porte não ultrapassa 35 cm e 800 g. Alimenta-se de moluscos, crustáceos e algas. → *Dos 6401 peixes capturados foram identificadas 98 espécies, sendo os dez peixes mais frequentes: Pomadasys corvinaeformis (Coró branco) com 2.838 exemplares (...). ⇒ Como isca viva gosto muito de utilizar o Barbudo ou Coró-branco, a Aracanguira, também ótima, mas gosto de usar ela ate 7cm, pois é um peixe muito arisco e enrola toda a pernada no chicote. SIN. CORÓ, CORÓ-CABEÇA-DURA, CORÓ-MARINHEIRO, GULOSA, SANHOÁ, SAUARA, CHOUPA, CAICANHA, SAGUÁ, TIMBEBA, RONCADOR*

<http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/1060.htm>

http://www.pescanordeste.com.br/index.php?option=com_content&task=view§ionid=6&id=114

SALEMA-BRANCA [s.f.; pl. salemas-brancas; var. salema branca] *Anisotremus virginicus*
 ● Peixe teleósteo perciforme que pode ser encontrado nas águas tropicais do oceano Atlântico, mais comumente em recifes de corais entre 2 e 20 metros de profundidade. De corpo elevado e levemente comprimido lateralmente, tal espécie atinge em média 30 cm de comprimento e 700 g. Sua coloração é cinérea azulada, caracterizado por seis a oito faixas longitudinais amareladas da cabeça até a barbatana caudal. As nadadeiras são amarelas, sendo a dorsal baixa com o terceiro acúleo maior, as peitorais falcadas, as ventrais triangulares, a anal também é baixa, com o segundo acúleo mais forte, e a caudal é furcada com o lobo superior bastante desenvolvido. → *Centenas de peixes da espécie salema branca estão sendo achados no trecho entre Ponta Negra e Touros.* ⇨ *Popularmente conhecido por roncador-listado, ferrugem, frade, mercador, salema-branca, sambuari ou apenas salema esta espécie marinha pertence à família Haemulidae.* **SIN. RONCADOR-LISTADO, FERRUGEM, FRADE, MERCADOR, SAMBUARI, SALEMA**

www.sistemas.ufrn.br/agecom/clippings/01/02/2012

<http://pescarvic.blogs.sapo.pt/2009/10/>

ORDEM: PECIFORMES; FAMÍLIA: PERCIDAE

PERCA-AMARELA [s.f.; pl. percas-amarelas; var. perca amarela] *Perca flavescens*
 ● Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado em águas calmas e profundas de rios. Com corpo fusiforme de cerca de 15 cm de comprimento, apresenta dorso negro com o restante do corpo dourado com listras pretas; ventre amarelo pálido e nadadeiras avermelhadas. Alimenta-se de peixes menores. → *No entanto, em estudos mais recentes realizados com juvenis de perca amarela e com bagre-do-canal (Twibell et al., 2001; Twibell et al., 2003), respectivamente, não houve melhora na conversão alimentar dos peixes alimentados com as dietas com CLA.* ⇨ *A perca amarela atinge a idade adulta ao cabo de três anos.*

<http://www.scielo.br/pdf/rbz/v36n5s0/a04v3650.pdf>

<http://www.netpiratas.com/aquaticos/39723-peixes-de-agua-doce-4.html>

ORDEM: PECIFORMES; FAMÍLIA: POMACANTHIDAE

PEIXE-ANJO-DE-BANDA-AMARELA [s.m.; pl. peixes-anjos-de-banda-amarela] *Pomacanthus maculosus*
 ● Espécie teleóstea, perciforme, que pode ser encontrado em recifes numa profundidade que varia entre 4 e 30 metros. Possui corpo ovalado que mede 50 cm, de coloração azulada com uma banda amarela nos lados, boca pequena e prostrátil com dentes em forma de cerdas e focinho levemente saliente. É dotado de longos filamentos dorsais e anais. → *O peixe-anjo-de-banda-amarela vive num sistema social organizado, onde o harém tem um papel muito importante e no qual cada macho controla entre duas a cinco fêmeas.* ⇨ *O peixe-anjo-de-banda-amarela começa a sua vida como fêmea, mas pode transformar-se em macho.*

<http://www.oceanario.pt/cms/161/>

<http://avidamarinha-biodiversidade.blogspot.com.br/2011/10/peixe-vindo-do-ceu-o-peixe-anjo-rei.html>

ORDEM: PECIFORMES; FAMÍLIA: POMACENTRIDAE

DAMIZELA-DE-CAUDA-AMARELA [s.f.; pl. damizelas-de-cauda-amarela; var. damizela de cauda amarela] *Chrysiptera parasema*, *Abudefduf hemicyaneus* ● Peixe teleósteo, perciforme, originário do oeste do Oceano Pacífico, podendo ser encontrado nos mares tropicais e em recifes de corais. Apresenta corpo ovalado e comprimido lateralmente que atinge em média 5 cm de comprimento. Sua coloração é azul intensa com uma fina linha preta na região dos olhos e nadadeira caudal amarela. → *Com este componente principal do biótopo, são compatíveis as damizelas de cauda amarela, os camarões limpadores e os ouriços-do-mar.* ⇨ *Damizela de Cauda Amarela ou Donzela Azul de Cauda Amarela (Chrysiptera parasema) É um peixe do grupo Peixes Donzelas. O peixe Donzela de Cauda Amarela, quando adulto, atinge, em média, cerca de 5 cm de comprimento.* **SIN. DONZELA-AZUL-DE-CAUDA-AMARELA, DONZELA-AZUL-DE-RABO-AMARELO**

<http://www.sera.de/fileadmin/epapers/marine-biotop-pt/page15.html#/12>

<http://www.flickr.com/photos/flaviocb/5768732842/>

DONZELA-AMARELA [s.f.; pl. donzelas-amarelas; var. donzela amarela] *Stegastes variabilis*, *Abudefduf biocellatus* ● Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado nos recifes e fundos rochosos do oeste do Pacífico e do Mar Vermelho. De corpo ovalado e comprimido lateralmente, atinge em média 10 cm de comprimento. Apresenta coloração que varia entre o marrom escuro com pontos azuis no dorso, incluindo a cabeça e a nadadeira dorsal, ao amarelo intenso na região ventral e nas nadadeiras peitorais, pélvicas, anal e caudal. Apresenta ainda uma linha que acompanha o perfil de suas costas e uma mancha negra contornada por uma linha azul no pedúnculo caudal. O interesse comercial por essa espécie é apenas ornamental. → *Depois de vários anos de investigações, estudaram os efeitos em espécies de arrecife como o peixe palhaço, a donzela amarela e os depredadores.* ⇨ *Pelos anos da minha mulher (06/02/2011) meu cunhado ofereceu este peixe, na loja disseram que é uma donzela amarela, eu tenho duvidas.* **SIN. ANJO, CARÁ, CASTANHETA, DONZELA, DONZELA-CACAU, DONZELINHA-AMARELA, SABERÊ-AMARELO**

107.20.242.0/.../1523-dioxido-carbono-mares-afeta-sobrevivencia-p...

www.reefforum.net/showthread.php?21342-que-peixe-%E9-este

DONZELA-AZUL [s.f./m.; pl. donzelas-azuis; donzela azul] *Pomacentrus caeruleus*, *Abudefduf assimilis*, *Abudefduf Cyaneus*, *Microspathodon chrysurus* ● Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado em recifes dos mares tropicais, sobretudo nos indo-pacíficos, geralmente em cardumes. De corpo alongado e comprimido lateralmente, atinge em média 10 cm de comprimento. Apresenta coloração azul intensa com manchas azuis mais claras por todo o corpo e uma fina linha preta na região dos olhos e amarelo-claro na região inferior do corpo. Tal espécie é muito utilizada para fins ornamentais. → *A donzela-azul forma, ocasionalmente, pequenos grupos que nadam sobre fundos de cascalho em lagunas e na periferia dos recifes de coral. Tal como os restantes membros da família, depositam os ovos no fundo. Depois, o macho encarrega-se de protegê-los até à eclosão.* ⇨ *Gostaria de saber por que meu peixe donzela azul está mudando de cor, pois de alguns dias para cá, ele de azul está meio acinzentado, ficando apenas um pouco azul, mas muito fraco.*

<http://www.oceanario.pt/cms/162/>
www.ipaq.org.br/vb/showthread.php?52495-PEIXE...DE...

DONZELA-AZUL-DE-CAUDA-AMARELA [s.f.; pl. donzelas-azuis-de-cauda-amarela] *Chrysiptera parasema*, *Abudefduf hemicyaneus* **V. DAMIZELA-DE-CAUDA-AMARELA**

DONZELA-AZUL-DE-RABO-AMARELO [s.f.; pl. donzelas-azuis-de-rabo-amarelo] *Chrysiptera parasema*, *Abudefduf hemicyaneus* **V. DAMIZELA-DE-CAUDA-AMARELA**

DONZELA-MARROM [s.f.; pl. donzelas-marrons; var. donzela marrom] *Chromis multilineata* ● Peixe teleósteo, perciforme, de corpo alto, ovalado e comprimido lateralmente, boca pequena, nadadeiras caudal furcada, dorsal e anal com raios médios mais desenvolvidos. Seus dorso e flancos são de uma coloração que varia entre o marrom-acinzentado ao esverdeado; o ventre é branco-acinzentado; nadadeira dorsal com extremidades marrons e contornada por uma linha amarela na parte superior; nadadeira caudal com os lobos superiores e inferiores escurecidos e com a parte central e as pontas amareladas. Apresenta uma mancha negra na axila da nadadeira peitoral e uma pequena pinta amarela entre as nadadeiras dorsal e caudal. O interesse comercial por essa espécie é apenas ornamental. → “Quando mergulho, procuro verificar, por exemplo, se o macho está protegendo a desova e a defendendo dos predadores”, diz, acrescentando que observa especialmente três espécies, todas bem representativas do litoral paulista e batizadas com nomes populares: “sargentinho”, muito comum; “donzela”, muito agressiva; e “**donzela marrom**”, que tem ecologia reprodutiva diferente das outras, é de superfície e difícil de encontrar. ⇨ A **Donzela-marrom**, *Chromis multilineata*, da Família Pomacentridae, ocorre em águas tropicais e subtropicais de todo o Atlântico, sendo que no Brasil aparece de Norte ao Sudeste.

<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2003/jusp635/pag1011.htm> Donzelinha amarela
<http://marabertoinfobio.blogspot.com.br/2009/04/donzela-marrom-chromis-multilineata-da.html>

DONZELINHA-AMARELA [s.f.; pl. donzelinhas-amarelas] *Stegastes variabilis*, *Abudefduf biocellatus* **V. DONZELA-AMARELA**

MARIA-PRETA [s.f.; pl. marias-pretas] *Stegastes fuscus* ● Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado na região costeira ocidental do Oceano Atlântico. De corpo alongado e comprimido lateralmente, atinge em média 15 cm de comprimento. Apresenta coloração que varia, quando jovens, entre o cinza-escuro no dorso ao cinza mais claro no ventre com manchas azuis espalhadas por todo o corpo, sobretudo na região superior, e com estrias verticais escuras. Quando adultos, seu corpo tem coloração marrom-oliva repleto de estrias verticais escuras com pequenos pontos azulados, principalmente na região da cabeça. Tal espécie é muito utilizada para fins ornamentais. → O maria-preta ou castanheta (*Stegastes fuscus*) é uma espécie de peixe marinho da família dos pomacentrídeos, podendo ser encontrado em boa parte da costa atlântica do continente americano. ⇨ Ao todo eu registrei neste mergulho 32 espécies de peixes, sendo a **maria preta** (*Stegastes fuscus*) a mais frequente, aparecendo em todos os quatro transectos onde cheguei a registrar 82 indivíduos em um único transecto. **SIN. CASTANHETA, DONZELA-ESCURA**

http://pt.goldenmap.com/Stegastes_fuscus

<http://pivnilogbook.blogspot.com/2010/03/04032010-caramuanas-sul-fora.html>

SABERÊ-AMARELO [s.f.; pl. saberês-amarelos] *Stegastes variabilis*, *Abudefduf biocellatus* **V. DONZELA-AMARELA**

ORDEM: PECIFORMES; FAMÍLIA: SCOMBRIDAE

ALBACORA-AZUL [s.m.; pl. albacoras-azuis] *Thunnus thynnus* **V. ATUM-VERMELHO**

ALBACORA-BRANCA [s.f.; pl. albacoras-brancas] *Thunnus alalunga* **V. ATUM-BRANCO**

ATUM-AMARELO [s.m.; pl. atuns-amarelos] *Thunnus albacares* ☉ Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado em mares de água quente e no Atlântico ocidental. De corpo alongado e robusto, atinge três metros de comprimento, pesando em média 200 kg. Apresenta coloração azul-escura no dorso, flancos e ventre cinza-prateados, a primeira nadadeira dorsal negra e possui uma faixa longitudinal dourada na parte média. Alimenta-se de peixes, lulas, crustáceos pelágicos e zooplâncton, caracterizando-se por caçar cardumes de peixes pequenos em cooperação com golfinhos. → *Juvenis foram coletados de estômagos de atum-amarelo (Thunnus albacares), dourado (Coryphaena hippurus), agulhão-vela (Istiophorus albicans) e agulhão-branco (Tetrapturus albidus), capturados com espinhel atuando até 90m de profundidade no sudeste/sul do Brasil (23°S - 34°S, de 1972 a 1985).* ⇨ *O estadunidense Mike Livingston quebrou o recorde mundial ao pescar um atum-amarelo (também conhecido como albacora-da-lage) de quase 184 quilos no golfo do México.* **SIN. ALBACORA-DE-LAJE, ATUM-DE-GALHA, ALBACORA-DE-GALHA, LAJEIRA**

<http://www.puc-campinas.edu.br/centros/ccv/Bioikos/artigos/v22n2a1.pdf>

<http://chuza.gl/story/estadounidense-bate-recorde-pesca-do-atum-amarelo-com-peixe-184>

ATUM-AZUL [s.m.; pl. atuns-azuis] *Thunnus thynnus* **V. ATUM-VERMELHO**

ATUM-BRANCO [s.m.; pl. atuns-brancos; var. atum branco] *Thunnus alalunga* ☉ Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado em mares tropicais e subtropicais, sendo muito comum no nordeste do Brasil. De corpo alongado e robusto, atinge um metro e meio de comprimento e 40 kg, apresentando coloração azul-escura no dorso, cinza-prateado no ventre, com nadadeiras peitorais muito desenvolvidas. → *No entanto, sob pressão da indústria do atum, que movimentava bilhões de dólares dos Estados Unidos, o atum branco foi retirado do aviso.* ⇨ *As águas da Madeira também são ricas em atum branco, albacore, atum rabilho, tubarão azul, tubarão martelo, barracuda, bonito e espadarte.* **SIN. VOADOR, ALBACORA-BRANCA, CAROROCOATÁ, TOMBO, ALBACORA, ALVACORA, ATUM-ALBINO, BANDOLIM, PEIXE-MANINHA**

seashepherd.org.br/as-ilhas-froe-e-o-mercurio-na-comida-marinha/

www.madeira-web.com/PagesP/big_game_fishing.html

ATUM-DE-BARBATANA-AZUL [s.m.; pl. atuns-de-barbatana-azul] *Thunnus thynnus* **V.**
ATUM-VERMELHO

ATUM-PRETO [s.m.; pl. atuns-pretos; var. atum preto] *Thunnus atlanticus* ☉ Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado nas águas temperadas do Atlântico ocidental. De corpo alongado, não ultrapassa de um metro de comprimento e 20 Kg. Apresenta coloração azul bem escura no dorso, ventre cinza-prateado, nadadeiras dorsal e anal negras, pínulas negras com bordas brancas, apresentando também uma faixa longitudinal dourada na parte média, o que faz com que a espécie seja confundida com o *atum-amarelo*. No entanto, distingue-se desta, pelo seu tamanho. → *Os 50 quintais incluíam metade de atum branco e metade de atum preto. O alvará recebeu valor de carta por postila feita em Lisboa, a 14 de Abril de 1553. ⇨ Ao contrário da maioria dos madeirenses, gosto do atum preto; é mais saboroso...* **SIN. ATUNZINHO**

<http://digitalq.dgarq.gov.pt/details?id=4613237>

<http://www.petiscos.com/smf/index.php?topic=640.5;wap2>

ATUM-VERMELHO [s.m.; pl. atuns-vermelhos; var. atum vermelho] *Thunnus thynnus* ☉ Peixe teleósteo, perciforme, que pode ser encontrado na região oeste do Mar Mediterrâneo e no Oceano Atlântico. De corpo alongado e robusto, atinge três metros de comprimento e 300 a 700 Kg. Apresenta coloração azul-escura no dorso, parte inferior cinza-prateada, e a primeira nadadeira dorsal amarelada. Corre sério risco de extinção devido o seu alto valor comercial e às práticas agressivas de pesca. → *A conferência da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas da Fauna e da Flora Silvestres (Cites) rejeitou nesta quinta-feira (18), em Doha, a proposta de Mônaco, que suspenderia o comércio de atum vermelho no leste do Atlântico e no Mediterrâneo. ⇨ O atum vermelho ou de barbatana azul (Thunnus thynnus) é o maior dos atuns e também um dos pescados de maiores espinhas do mundo, pois pode chegar a medir três metros e pesar 700 quilos. Trata-se de um dos peixes com maior valor comercial.* **SIN. ATUM-DE-BARBATANA-AZUL, ATUM-AZUL, ALBACORA-AZUL, ATUM-VERDADEIRO, ATUM-LEGÍTIMO**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ambiente/ult10007u708698.shtml>

<http://www.ahau.org/atum.0.html>



ORDEM: ANSERIFORMES; FAMÍLIA: ANATIDAE

CISNE-NEGRO [s.m.; pl. cisnes-negros; var. cisne negro] *Cygnus atratus* ☉ Ave nativa da Austrália, aquática de água doce, que atinge aproximadamente 2 m de envergadura das asas e 9 Kg. Apresenta plumagem predominantemente negra, exceto pelas rêmiges que são brancas; bico vermelho com a extremidade branca e patas pretas. Alimenta-se de vegetação aquática. Forma colônias e constrói seus ninhos em amontoados de vegetação flutuante. → *O Cisne Negro além de ser um belo animal de ornamentação, também é um negócio rentável, uma vez que sua manutenção é muito simples, necessitando de cuidados básicos, tais como: ração, possuir um lago, uma região de pastagem e ninhos para reprodução.* ⇨ *Ave de grande porte o cisne negro tem hábitos nômades, ou seja, tem padrões irregulares de imigração.*

<http://www.universodasaves.com.br/ManualCriacaoCisneNegro.pdf>

<http://www.essaseoutras.com.br/tudo-sobre-cisnes-especies-habitat-curiosidades-e-fotos-incriveis/>

ORDEM: CAPRIMULGIFORMES; FAMÍLIA: CAPRIMULGIDAE

BACURAU-BRANCO [s.m.; pl. bacuraus-brancos] *Caprimulgus candicans* V.
BACURAU-DE-RABO-BRANCO

BACURAU-DE-RABO-BRANCO [s.m.; pl. bacuraus-de-rabo-branco] *Caprimulgus candicans* ☉ Ave nativa do cerrado brasileiro, ocorrendo nos estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Espírito Santo. De aproximadamente 23 cm de comprimento, apresenta plumagem de coloração marrom-clara com uma faixa branca na asa e no abdômen, e laterais das retrizes brancas. Alimenta-se de insetos. Está ameaçada de extinção. → *O bacurau-de-rabo-branco é considerado endêmico ao bioma Cerrado, com ocorrências em fisionomias abertas, do tipo “campo sujo” e “campo limpo”.* ⇨ *O bacurau-de-rabo-branco (Eleothreptus candicans) foi descrito em 1867 e hoje é uma das aves mais ameaçadas no Cerrado.* **SIN. BACURAU-BRANCO**

www.teses.usp.br/teses/disponiveis/64/64135/tde.../TeseSady.pdf

<http://www.oeco.com.br/es/noticias/23677-dia-de-foto-bacurau-de-rabo-branco>

ORDEM: COLUMBIFORMES; FAMÍLIA: COLUMBIDAE

ASA-BRANCA [s.f.; pl. asas-brancas] *Patagioenas picazuro*, *Columba picazuro* **V. POMBA-ASA-BRANCA**

POMBA-ASA-BRANCA [s.f.; pl. pombas-asas-brancas] *Patagioenas picazuro*, *Columba picazuro* ● Ave endêmica da América do Sul, ocorrendo em todo o Brasil, desde florestas, cerrados e campos, até os centros urbanos. Tem aproximadamente 34 cm de comprimento e apresenta uma faixa branca nas partes superiores da asa, visível durante o voo, colar incompleto escamoso e anel perioftálmico vermelho. Devido sua resistência à seca, inspirou a música *Asa branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. → A *pomba-asa-branca* nidifica em todos os meses do ano no sudeste do Brasil. ⇨ Um caso em especial foi de uma *pomba-asa-branca* (*Patagioenas picazuro*) que se instalou em uma área de construção, em Atibaia/SP. **SIN. ASA-BRANCA, POMBA-PEDRÊS, POMBA-TROCAZ, POMBA-TROCAL, POMBA-CARIJÓ, POMBA-VERDADEIRA, POMBÃO**

<http://www.scientificcircle.com/pt/48325/comportamento-nidificacao-pomba-asa-branca-columba-picazuro/>
danianderson.blogspot.com/2010_03_01_archive.html

ORDEM: CUCULIFORMES; FAMÍLIA: CUCULIDAE

ANU-BRANCO [s.m.; pl. anus-brancos] *Guira guira* ● Ave encontrada em áreas campestres na Bolívia, Argentina, Uruguai e em todo o Brasil, sobretudo no sul e sudeste. De aproximadamente 40 cm de comprimento, apresenta corpo franzino com plumagem branco-amarelada, penas do alto da cabeça eriçadas, bico alaranjado e curvo, cauda comprida com fita negra. É uma espécie carnívora, alimentando-se de artrópodes e filhotes de outras aves, além de frutas e sementes. Geralmente constrói seus ninhos em forquilhas de troncos. → Os adultos de *anu-branco* (*Guira guira*), comumente observados em áreas campestres nativas e antropizadas do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina (Payne 1999), são conhecidos pelo hábito de se agarrar e pular em meio aos galhos e ramarias com seus fortes pés zigodáctilos. ⇨ O *anu-branco* se alimenta de grandes artrópodes, pererecas, pequenas aves e pequenos mamíferos como camundongos. **SIN. RABO-DE-PALHA, PELINCHO, PIRIRIGUA, ANU-DO-CAMPO, ANUM-DO-CAMPO, ANU-GALEGO**

http://www.ao.com.br/download/ao149_66.pdf
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anu-branco>

ORDEM: PASSERIFORMES; FAMÍLIA: HIRUNDINIDAE (SUBORDEM PASSERI)

ANDORINHA-DE-RABADILHA-BRANCA [s.f.; pl. andorinhas-de-rabadilha-branca] *Tachycineta leucorrhoea* **V. ANDORINHA-DE-SOBRE-BRANCO**

ANDORINHA-DE-SOBRE-BRANCO [s.f.; pl. andorinhas-de-sobre-branco] *Tachycineta leucorrhoa* ● Ave nativa da América do Sul, ocorrendo na Argentina, Bolívia e Chile. No Brasil, ocorre no sul e no sudeste do país. De aproximadamente 14 cm de comprimento e 20 gramas, apresenta plumagem do dorso e da cabeça de coloração verde-azulada brilhante, das laterais da cabeça de coloração negra e do loro e do peito de coloração branca. Alimenta-se de pequenos insetos, como cupins, formigas e moscas. Nidifica em buracos de troncos. → *Pousa nas galhadas parcialmente submersas ou raízes saindo de barrancos, às vezes junto com a andorinha-de-sobre-branco (Tachycineta leucorrhoa) e andorinha-serradora (Stelgidopteryx ruficollis).* ⇨ *Lembro que eu estava de serviço e uma criança fez a entrega de três filhotes de andorinha-de-sobre-branco, aparentemente abandonadas pela mãe ou talvez a mãe tenha sido atacada por algum predador, tendo em vista que costumam ficar muito vulneráveis em época de reprodução, pela necessidade constante de buscar alimentos para tratar dos seus filhotes.* **SIN. ANDORINHA-DE-RABADILHA-BRANCA**

<http://www.wikiaves.com.br/andorinha-do-rio>
<http://www.vitormoreira.net.br/pagina7.htm>

ORDEM: PASSERIFORMES; FAMÍLIA: TITYRIDAE (SUBORDEM TYRANNI)

ANAMBÉ-BRANCO-DE-BOCHECHA-PARDA [s.m.; pl. anambés-brancos-de-bochecha-parda] *Tityra inquisitor* ● Ave que pode ser encontrada nas matas do México até a Argentina. No Brasil, pode ser encontrada em todo o país, sobretudo no sul e sudeste. Com aproximadamente 20 cm de comprimento e 45 gramas, o macho apresenta plumagem das costas acinzentada, face e bico negros e parte inferior da face e peito branca; a fêmea apresenta plumagem do dorso com estrias castanhas, das laterais da cabeça ruiva e a parte superior da cabeça negra. Nidifica em ocos da parte superior de árvores de grande porte. → *O anambé-branco-de-bochecha-parda (Tityra inquisitor) foi pela primeira vez registrado na fazenda Nhumirim, e sua ocorrência no Pantanal já é conhecida (Tubelis & Tomas, 2003).* ⇨ *Às vezes, a ave parece não ter nada de especial, até você descobrir o nome dela. É o caso da maria-cavaleira-do-rabo-enferrujado, ou do anambé-branco-de-bochecha-parda. Todas as aves podem ser discretas, mas sempre existem outras por perto que tentam roubar a cena.* **SIN. ARAPONGA-DA-HORTA, ARAPONGUINHA-DE-CARA-PRETA, ARAPONGUIRA, CANJICA, URUBUZINHO**

<http://www.cpap.embrapa.br/teses/online/DST38.pdf>
<http://www.bonitobrazil.com.br/NOTICIA-PANTANAL-850-PROGRAMA+TERRA+DA+GENTE+EXIBE+AVES+DE+BONITO.htm>

ANAMBÉ-BRANCO-DE-RABO-PRETO [s.m.; pl. anambés-brancos-de-rabo-preto] *Tityra cayana* ● Ave nativa da América do Sul, ocorrendo em todos os países, com exceção do Chile e do Uruguai. No Brasil, pode ser encontrada em todo o país, sobretudo no sul e no sudeste. Tem aproximadamente 21 cm de comprimento e 80 g. O macho apresenta plumagem de coloração preta no alto da cabeça, cinzenta nas costas e branca no peito; a fêmea apresenta plumagem amarronzada no alto da cabeça e costas e peito com estrias pretas. É comum em florestas úmidas e de galeria, bem como em plantações, formando seus ninhos em troncos mortos ou buracos. Alimenta-se de frutas e insetos. É considerado agressivo e raramente é visto perto de outras aves. → *Interessante notar é que algumas espécies observadas como Anambé-branco-de-rabo-preto (Tityra cayana; Black-tailed Tityra) e Saíra-sete-cores*

(*Tangara seledon*; *Green-headed Tanager*) são representantes característicos de matas ou florestas, mas são avistadas nesta praia, ainda que em pequeno número. ⇨ Em quanto sua fêmea buscava alimento numa fruteira, este macho de **Anambé-branco-de-rabo-preto** buscava os primeiros raios de sol no alto de uma árvore. **SIN. ARAPONGUINHA, ARAPONGUINHA-DE-RABO-PRETO**

<http://www.ultimaarcadenoe.com.br/praiado-rosa/>

<http://avesdejoinville.blogspot.com.br/2012/02/em-quanto-sua-femea-buscava-alimento.html>

ARAPONGUINHA-DE-CARA-PRETA [s.m.; pl. araponguinhas-de-cara-preta] *Tityra inquisitor* **V. ANAMBÉ-BRANCO-DE-BOCHECHA-PARDA**

ARAPONGUINHA-DE-RABO-PRETO [s.m.; pl. araponguinhas-de-rabo-preto] *Tityra cayana* **V. ANAMBÉ-BRANCO-DE-RABO-PRETO**

ORDEM: PASSERIFORMES; FAMÍLIA: TYRANNIDAE

MARIA-PRETA-DE-BICO-AZULADO [s.f.; pl. marias-pretas-de-bico-azulado] *Knipolegus cyanirostris* ● Ave que pode ser encontrada em áreas semiabertas do sul e sudeste brasileiros. Medindo cerca de 14 cm, o macho apresenta plumagem negra e bico branco azulado; a fêmea tem plumagem parda com parte inferior do corpo acinzentado, asas com duas faixas amareladas na parte superior e a parte inferior com estrias marrom escuras. → A única ave migratória observada regularmente no inverno é a **maria-preta-de-bico-azulado** *Knipolegus cyanirostris*. Um estudo interessante sugerido por Silva (1992) é a observação de migrações verticais entre a mata de altitude e a mata das áreas mais baixas da Serra, o que já foi observado em outras montanhas do sudeste brasileiro. ⇨ Tem passarinhos com nomes tão engraçados por lá! A **maria-preta-de-bico-azulado**, por exemplo, é uma ave migratória;

<http://www.japi.org.br/aves.html>

<http://www.canalkids.com.br/cidadania/autoban/joia.htm>

MARIA-PRETA-DE-GARGANTA-VERMELHA [s.f.; pl. marias-pretas-de-garganta-vermelha; var. Maria preta de garganta vermelha] *Knipolegus nigerrimus* ● Ave endêmica do Brasil que pode ser encontrada nas matas ou montanhas do Sudeste brasileiro, bem como nos estados de Alagoas, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul, construindo seus ninhos em fendas rochosas. Apresenta plumagem de cor negra, bico esbranquiçado com ponta negra, a íris avermelhada e uma faixa branca escondida nas rêmiges visível quando abertas, principalmente durante o voo. A fêmea apresenta estrias castanhas na região da garganta. Alimenta-se de pequenos insetos e frutas. → Destas espécies, apenas o uru, a saracaura-do-mato, o bacurau-tesoura-grande, o teque-teque e a **maria-preta-de-garganta-vermelha** não foram registradas na área da RPPN. ⇨ A **maria preta de garganta vermelha**, uma das minhas novidades no wikiaves, foi uma das aves vista próxima a Cachoeira do Fraga.

<http://www.avelavrinha.com.br/arquivos/avifauna.pdf>

<http://www.fotosdabahia.com.br/chapadadiamantina/riodecontas-enquete-bio/>

ORDEM: PICIFORMES; FAMÍLIA: RAMPHASTIDAE

ARAÇARI-DE-BICO-BRANCO [s.m.; pl. araçarís-de-bico-branco] *Pteroglossus aracari*

● Ave originária da América do Sul que pode ser encontrada em todo o Brasil, além das regiões amazônicas das Guianas e da Venezuela. De aproximadamente 43 cm de comprimento, é identificado pela maxila branca que contrasta com o negro na mandíbula; a plumagem da região do ventre é amarelada com uma faixa vermelha horizontal. A plumagem do dorso é de coloração verde-oliva e a da cabeça, negra. Alimenta-se de frutos, artrópodes e pequenos invertebrados. → *Entre as espécies com resultados positivos, estão o araçari-banana (Pteroglossus bailloni) e o araçari-de-bico-branco (Pteroglossus aracari), ambas sem publicações prévias relacionadas à C. psittaci.* ⇨ *O araçari-de-bico-branco é uma ave piciforme da família Ramphastidae.* **SIN. ARAÇARI-DA-MATA, ARAÇARI-DE-MINHOCA, ARAÇARI-MINHOCA, TUCANO-DE-CINTA**

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-84782012000700018&script=sci_abstract&tlng=pt
www.arautonews.com/?p=1175

ARAÇARI-NEGRO [s.m.; pl. araçarís-negros] *Selenidera culik, Selenidera piperivora*

● Ave amazônica de aproximadamente 33 cm de comprimento, de plumagem negra, bico grande e negro com base avermelhada e região ao redor dos olhos azul-reluzente. Alimenta-se de frutos, insetos e artrópodes. → *O uirapuru-estrela (acima) e o araçari-negro são aves endêmicas do norte do rio Amazonas e oeste do rio Negro (Luiz A. Coltro Jr.).* ⇨ *O Araçari-negro é uma espécie de ave bem recorrente na floresta amazônica.* **SIN. ARAÇARI-PRETO, SARIPOCA-CULIQUE**

<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/aventura-no-amapa/>
http://www.guiapetecia.com.br/raca_449-aracari+negro.htm

ARAÇARI-PRETO [s.m.; pl. araçarís-pretos] *Selenidera culik, Selenidera piperivora* **V. ARAÇARI-NEGRO**

ORDEM: PSITTACIFORMES; FAMÍLIA: CACATUIDAE

CACATUA-BRANCA [s.f.; pl. cacatuas-brancas; var. cacatua-branca; cacatua branca]

Cacatua Alba ● Ave nativa da Ásia, sendo encontrada, especialmente, nas ilhas da Indonésia. De aproximadamente 46 cm e 800 g, apresenta plumagem toda branca, exceto pela parte inferior das asas e cauda que são amarelo-pálidas; sua crista é comprida e alargada, visível quando surpreendidas; o bico é preto e a zona ao redor dos olhos é azul-clara. Vivem em casais ou pequenos bandos, nidificando em ocos de grandes árvores. Alimenta-se de sementes, frutos e pequenos insetos. → *É a menor cacatua branca no mundo, medindo 31 centímetros de comprimento e pesando apenas 300 gramas.* ⇨ *A cena mais incrível do Ney era com uma cacatua branca, belíssima com seu topete de plumas, que havia pertencido a uma cantora lírica.*

www.noticiaanimal.com.br/viewpost.php?idpost=557
<http://www.luhli.mpbnet.com.br/textos/causos.htm>

CACATUA-DE-CRISTA-AMARELA [s.f.; pl. cacatuas-de-crista-amarela; var. catatua-de-crista-amarela; cacatua de crista amarela] *Cacatua galerita leonora* ♂ Ave nativa da Austrália, de aproximadamente 55 cm e 800 g. Apresenta plumagem toda branca, exceto pela sua crista comprida e alargada, que é de coloração amarela; o bico, os olhos e as patas são pretos. Vive em casais e são territoriais, nidificando em ocos de grandes árvores. Alimenta-se de sementes, frutos e pequenos insetos. → *Os demais 22 animais que não foram dispostos no Quadro 1 referem-se a apenas um indivíduo de cada espécie de ave, sendo estas: Amazona farinosa (Papagaiomoleiro), Cacatua galerita (Cacatua-de-crista-amarela), (...) ⇨ Estou muito interessado em comprar uma cacatua de crista amarela (macho). Preciso saber quanto ela custa e também o custo do transporte.*

www.scielo.br/pdf/pvb/v28n11/v28n11a05.pdf

<http://guarulhos.olx.com.br/itc/comment-about-nova-racao-pet-shop-e-veterinaria-id-24649152-c-1>

ORDEM: PSITTACIFORMES; FAMÍLIA: PSITTACIDAE

ARARA-AMARELA [s.f.; pl. araras-amarelas] *Ara ararauna* **V. ARARA-AZUL-E-AMARELA**

ARARA-AZUL-E-AMARELA [s.f.; pl. araras-azuis-e-amarelas; var. arara azul e amarela] *Ara ararauna* ♂ Ave endêmica da América do Sul, podendo ser encontrada especialmente na região amazônica. Medindo cerca de 90 cm e de aproximadamente 1 Kg, apresenta a plumagem do peito e a parte inferior das asas de coloração amarela, parte anterior da coroa esverdeada, garganta e bico de cor negra, auriculares amarelas e a parte superior do corpo de cor azul-viva. Constrói seus ninhos em ocos de palmeiras e alimenta-se de frutos, flores e sementes. → *Também da América do Sul tropical provém a Arara Azul e Amarela. Seu bico grande e curvado parece muito perigoso, embora esta ave seja dócil. ⇨ Precisamos manter a gaiola da Arara-Azul-e-Amarela sempre bem limpinha claro, devemos evitar que as Araras fiquem em lugares com correntes de ar ou que fiquem expostas ao Sol direto. SIN. ARARA-CANINDÉ, ARARI, ARARA-AMARELA, ARARAÍ, CANINDÉ*

<http://www.ninha.bio.br/biologia/araras.html>

<http://animaisfofinhossa.blogspot.com.br/2011/06/arara-azul-e-amarela.html>

ARARA-DE-ASA-VERDE [s.f.; pl. araras-de-asa-verde] *Ara chloroptera* **V. ARARA-VERMELHA**

ARARA-VERMELHA [s.f.; pl. araras-vermelhas] *Ara chloroptera* ♂ Ave endêmica da América do Sul. Medindo cerca de 95 cm e pesando em média 1,5 Kg, apresenta plumagem vermelha na região ventral, na parte superior do dorso e na cabeça. As asas maiores são verdes marginadas de azul-claro, a parte superior da cauda é azul e vermelha; a região abaixo dos olhos é isenta de penas; a parte superior do bico é clara, a inferior é negra. As patas são zigodáctilas. Alimenta-se de frutos e folhas. Voam sempre em bandos e os casais estão sempre juntos. → *Uma arara-vermelha que estava sofrendo maus-tratos foi apreendida por militares do Corpo de Bombeiros e Polícia Militar Ambiental na manhã desta sexta-feira (22), no bairro Mangueiral, em Ladário. ⇨ A arara-vermelha é uma das diversas espécies de araras existentes no Brasil. Pode ser encontrada principalmente na Amazônia e no Pantanal. SIN. ARARA-DE-ASA-VERDE*

<http://www.correiodecorumba.com.br/?s=noticia&id=5920%22>
pesquisa-total.com/animais/arara-vermelha.htm

PAPAGAIO-CINZENTO-AFRICANO [s.m.; pl. papagaios-cinzentos] *Psittacus erithacus*
 ● Ave endêmica das regiões da África Central e Ocidental, desde a Serra Leoa até o Quênia. De aproximadamente 40 cm de comprimento e 500 g, apresenta plumagem em diversos tons de cinza, exceto a região dos olhos que é de coloração branca, as penas caudais que são avermelhadas e pretas; seu bico é acinzentado. Alimenta-se de sementes e frutos. → *Os especialistas afirmam que o seu trabalho com este papagaio-cinzento-africano, que morreu de causas naturais em 2007, aos 31 anos, revolucionou os nossos conhecimentos sobre a inteligência, o comportamento e a destreza comunicativa dos animais. Uma história que daria origem à Fundação Alex para o estudo das capacidades cognitivas e de aprendizagem dos papagaios. ⇒ O papagaio-cinzento-africano é considerado uma ave altamente inteligente.*

http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=62:o-papagaio-filosofo&catid=6:artigos&Itemid=80
asnossasaves.blogspot.com/2009/.../papagaio-cinzento-do-congo.htm...

PAPAGAIO-DE-CABEÇA-AZUL [s.m.; pl. papagaios-de-cabeça-azul; var. papagaio de cabeça azul] *Pionus menstruus* ● Ave endêmica da América Central e do Sul, podendo ser encontrada no Brasil na Amazônia e no nordeste do país. De aproximadamente 28 cm de comprimento, apresenta cor verde predominante, porém com cabeça e peito azuis, penas subcaudais avermelhadas, rêmiges primárias azuis, bico preto e patas zigodáctilas. Alimenta-se de sementes, flores e frutos. → *Os papagaios-de-cabeça-azul vivem em florestas de folha caduca, incluindo “cerrados”, em florestas úmidas, florestas secundárias, florestas sazonalmente alagadas (“várzeas”), florestas de galeria, plantações, clareiras e áreas semiabertas com árvores dispersas incluindo o gênero Mauritia. ⇒ Bem dentro do Ecuador Charles Bergman segue as pisadas do negócio ilegal dos animais (aqui temos uma cria de Papagaio de cabeça azul)*

<http://www.zoo.pt/animais.aspx?ID=1761>
<http://maguitoexoticos.blogspot.com.br/2011/08/trafico-de-animais-selvagens.html>

PAPAGAIO-DE-CARA-ROXA [s.m.; pl. papagaios-de-cara-roxa] *Amazona brasiliensis*
 ● Ave endêmica da Mata Atlântica, típica dos estados do sul e São Paulo. De aproximadamente 36 cm de comprimento, apresenta plumagem de coloração vermelha na testa e losos, as laterais da cabeça azuis, garganta de coloração roxa, cauda de coloração amarelada e com uma faixa subterminal vermelha; o restante de seu corpo é de coloração verde-amarelada. Atualmente, pode ser encontrado apenas no litoral de São Paulo e Paraná. Está ameaçada de extinção. → *O papagaio-de-cara-roxa (Amazona brasiliensis) é uma das espécies de psitacídeos mais ameaçadas do mundo e sua ocorrência no estado de São Paulo está limitada a uma faixa estreita de restinga do litoral sul do estado. ⇒ Esta semana, nossa coluna apresenta o papagaio-de-cara-roxa (Amazona brasiliensis), espécie endêmica da Mata Atlântica e ameaçada de extinção, justamente por que muitos indivíduos morrem nestas cenas que assistimos na televisão.*

http://www.rc.unesp.br/ib/ecologia/fenologia/pdf/Galetti_CaraRoxa_SBO.pdf
<http://www.sosma.org.br/blog/papagaio-de-cara-roxa-tenta-sobreviver-ao-contrabando/>

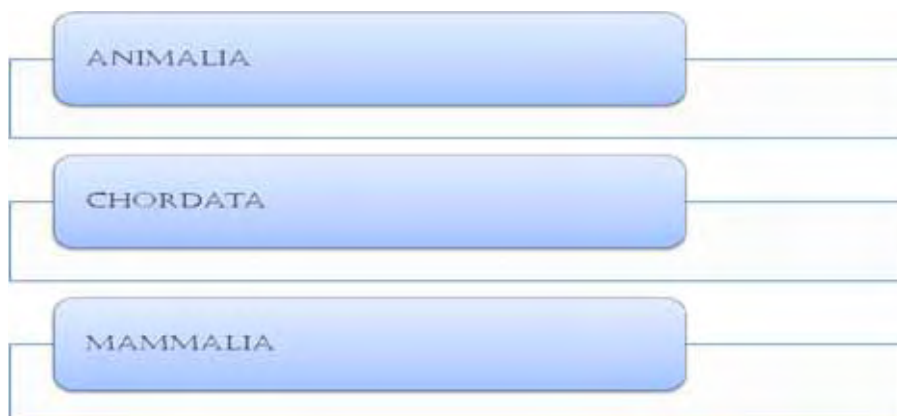
PAPAGAIO-DE-FRONTE-AZUL [s.m.; pl. papagaios-de-frente-azul; var. papagaio de frente azul] *Amazona aestiva aestiva* ● Ave endêmica do Brasil, podendo ser encontrada em toda a parte oriental do país, habitando o cerrado e as florestas subtropicais. De aproximadamente 37 cm de comprimento e 400 g, apresenta corpo com plumagem predominantemente verde; sua cabeça é amarelada com a frente e a garganta azul; dobra das asas vermelha; as patas são zigodáctilas. Alimenta-se de frutos e sementes das mais variadas espécies. Constrói seus ninhos em buracos nas partes altas das árvores. → *Vive em bandos de tamanho variável. Conhecido também como papagaio-de-frente-azul, curau, papagaio-grego, papagaio-comum, ajuru-etê, papagaio-curau, trombeteiro (Mato Grosso) e louro, como aliás são chamados todos os papagaios domésticos em nosso País.* ⇨ *O Papagaio de Frente Azul é inteligente e está entre os pássaros que melhor imitam a voz humana. Brincalhão e ativo, precisa de bastante exercícios.* **SIN. PAPAGAIO-VERDADEIRO, AJURUETÊ, AJURUJURÁ, PAPAGAIO-COMUM, PAPAGAIO-CURAU**

http://www.mundodasespecialidades.com.br/resources/pasta_de_classes_agrupadas.pdf
<http://www.wazlawik.com.br/index.php/aves.html>

PAPAGAIO-DE-PEITO-ROXO [s.m.; pl. papagaios-de-peito-roxo] *Amazona vinacea* ● Ave endêmica da Mata Atlântica, habitando originalmente desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, o sudeste do Paraguai e o nordeste da Argentina. Ocorre em habitats que variam da floresta úmida tropical e subtropical e mata de pinhais às beiras dos campos, do cerrado e do pantanal. De aproximadamente 30 cm de comprimento, apresenta plumagem arroxeadada no peito com aspecto escamoso; dorso e cauda verde-amarelados; extremidade da asa verde-azulada; frente e base do bico vermelhos; bico vermelho com a ponta acinzentada; íris vermelha. Alimenta-se de frutas e sementes. Corre risco de extinção, sobretudo, devido à devastação da Mata Atlântica. → *O papagaio-de-peito-roxo Amazona vinacea (Kuhl, 1820) é uma espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo desde o estado da Bahia até o Rio Grande do Sul, além do leste do Paraguai e norte da Argentina (SICK 1997, COCKLE et al. 2007).* ⇨ *"Você sabia que existe um projeto que visa reintroduzir o papagaio-de-peito-roxo (Amazona vinacea) no Parque Nacional das Araucárias, no oeste catarinense?"* **SIN. PAPAGAIO-CABOCLO, CURRALEIRO, CORALEIRO, JURUEBA, PAPAGAIO-CURRALEIRO, TÊU-TÊU, CRAU-CRAU, AIURUEBA, ANACÃ, JURUEBA, PAPAGAIO-DE-COLEIRA, PARACUÃ, PEITO-ROXO, QUERO-QUERO, XAUÁ**

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81752008000100021&script=sci_arttext
http://www.sarapi.hospedagemdesites.ws/index.php?option=com_content&view=article&id=239:cultura-corporal-projeto-capoeira&catid=41:noticias

PEITO-ROXO [s.m.; pl. peitos-roxos] *Amazona vinacea* **V. PAPAGAIO-DE-PEITO-ROXO**



ORDEM: CETACEA; FAMÍLIA: DELFINIDAE

BOTO-CINZA [s.m.; pl. botos-cinzas] **1.** *Sotalia guianensis* ● Cetáceo fluvial que pode ser encontrado nas bacias dos rios Amazonas e Orenoco. De aproximadamente 2 m e 55 Kg, apresenta coloração cinza escura no dorso que varia ao cinza claro ou rosa no ventre. Pode apresentar ainda faixas de coloração mais clara nas laterais do corpo. Ainda não está incluído na lista das espécies ameaçadas de extinção, embora alguns especialistas afirmem que deva ser incluída. → *Com este estudo procurou-se obter informações sobre o comportamento, dieta e área de ocorrência do boto-cinza (Sotalia guianensis) presente na costa dos Estados da Bahia, do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, de acordo com as informações relatadas por pescadores locais.* ⇨ *O boto-cinza (Sotalia guianensis) é um pequeno golfinho de coloração cinza, que pode variar de cinza claro ao escuro, com duas faixas de coloração mais claras na lateral.* **2.** *Sotalia fluviatilis* ● Cetáceo marinho que pode ser encontrado desde o norte de Honduras até o sul do Brasil. Apresenta região dorsal e as nadadeiras de coloração acinzentada e a região ventral mais clara, podendo apresentar traços rosados nas laterais. **SIN. ASSOPRADOR, BOTO-COMUM, BOTO-PRETO, BOTO-TUCUXI, PIRAJAGUARA, TUCUXI**

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-28052010000100003&script=sci_arttext
http://www.aquasis.org/subprograma.php?id_oquefazemos=5

ORDEM: CETACEA; FAMÍLIA: INIIDAE

BOTO-BRANCO [s.m.; pl. botos-brancos] *Inia geoffrensis* **V. BOTO-COR-DE-ROSA**

BOTO-COR-DE-ROSA [s.m.; pl. botos-vermelhos; var. boto cor-de-rosa] *Inia geoffrensis* ● Cetáceo fluvial que ocorre nas bacias dos rios Amazonas e Orenoco da Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Brasil. Atingindo em média 2,5 m de comprimento e 200 Kg, apresenta rostro longo, corpo alongado de coloração que varia do cinza quando jovem ao rosado quando adulto, olhos pequenos, nadadeira dorsal reduzida a uma corcova baixa, nadadeiras peitorais largas, achatadas e flexíveis, dentição heterodonte. Tem hábitos diurnos e alimenta-se de peixes. É dócil e está ameaçada de extinção. → *O boto cor-de-rosa (Inia geoffrensis), ou então boto vermelho como é conhecido pelos moradores da bacia amazônica onde este animal ocorre, é um pequeno golfinho pertencente à ordem dos cetáceos e subordem dos odontocetos.* ⇨ *Estudo realizado por cientistas na Amazônia aponta a alta taxa de mortalidade do boto cor-de-rosa.* **SIN. BOTO-BRANCO, BOTO-VERMELHO, IARA, UIARA, BOTO-ROSA, BOTO-MALHADO, COSTA-QUADRADA, CABEÇA-DE-BALDE**

<http://www.infoescola.com/mamiferos/boto-cor-de-rosa/>
<http://jovempan.uol.com.br/.../boto-de-rosa-corre-risco-de-entrar-na-...>

BOTO-VERMELHO [s.m.; pl. botos-vermelhos] *Inia geoffrensis* **V. BOTO-COR-DE-ROSA**

ORDEM: CETACEA; FAMÍLIA: MONODONTIDAE

BALEIA-BRANCA [s.f.; pl. baleias-brancas; var. baleia branca] **1.** *Delphinapterus leucas*
 ● Mamífero cetáceo que habita os mares do hemisfério norte, sobretudo do Ártico. De aproximadamente 5 m de comprimento e 1,5 toneladas, apresenta corpo todo branco, cabeça que corresponde a 1/3 do corpo, 8 a 10 dentes em cada maxila. Alimenta-se de peixes, lulas, crustáceos e polvos. É um animal sociável, capaz de conviver tranquilamente com o homem. Está ameaçada de extinção. → *Pela primeira vez a existência de uma baleia branca foi registrada. Na Rússia, orca macho albina foi fotografada e recebeu o apelido de "Iceberg".* ⇨ *Esse belo exemplar de animal (a baleia branca) é capaz de conviver com humanos e mesmo assimilar seus hábitos se adotado ainda filhote.* **SIN. BELUGA 2.** *Balaena mysticetus* ● Mamífero cetáceo que habita as águas do Oceano Atlântico do hemisfério norte, sobretudo do Ártico. De aproximadamente 20 m de comprimento e 70 toneladas, apresenta corpo todo branco. Está ameaçada de extinção. **SIN. BALEIA-DA-GROENLÂNDIA, BALEIA-FRANCA-BOREAL, BALEIA-BOREAL**

<http://www.sbt.com.br/jornalismo/noticias/?c=18883&t=Existencia+de+baleia+branca+e+reg+istrada+pela+primeira+vez>
www.achetudoeregiao.com.br/animais/baleia_branca.htm

ORDEM: PERISSADACTYLA; FAMÍLIA: RHINOCEROTIDAE

RINOCERONTE-BRANCO [s.m.; pl. rinocerontes-brancos; var. rinoceronte branco] *Ceratotherium simum* ● Mamífero perissodátilo de origem africana. De aproximadamente 2 m de altura, 5 m de comprimento e 4 toneladas, apresenta corpo de coloração acinzentada, dois chifres, sendo o anterior de aproximadamente 1,5m, boca larga com o lábio superior reto, característica que o difere do rinoceronte negro. Alimenta-se de folhas e gramas. É inofensivo. → *O Rinoceronte Branco é o maior rinoceronte da espécie (existem cinco tipos) e o segundo maior mamífero terrestre, perdendo somente para o elefante.* ⇨ *Pesquisas recentes têm tentado usar células-tronco e até clonagem para salvar espécies — como o rinoceronte branco, por exemplo — seriamente ameaçadas de extinção.*

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/rinocerontes/rinoceronte-branco.php>
<http://ipevs.org.br/blog/?tag=rinoceronte-branco>

RINOCERONTE-NEGRO [s.m.; pl. rinocerontes-negros; rinoceronte negro] *Diceros bicornis* ● Mamífero perissodátilo de origem africana. De aproximadamente 1,5 m de altura, 4 m de comprimento e 1,5 tonelada, apresenta corpo de coloração acinzentada, chifre anterior de 50 cm e posterior de 70 cm. Distingui-se do rinoceronte-branco pelo menor porte e pelo lábio superior protuberante, utilizado para agarrar ramos pequenos e folhas. É muito feroz e está ameaçado de extinção. → *Durante o último século, o Rinoceronte Negro sofreu um drástico declínio em sua*

população. ⇨ **Rinoceronte-negro** de variedade ainda não extinta é transportado de helicóptero na África do Sul para formar novas populações em outra parte do país.

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/rinocerontes/rinoceronte-negro.php>
ipevs.org.br/blog/?tag=rinoceronte-negro

ORDEM: ARTIODACTYLA; FAMÍLIA: CERVIDAE

VEADO-ROXO [s.m.; pl. veados-roxos; var. veado roxo] **1.** *Mazama nemorivaga* ● Mamífero campestre nativo da América do Sul, podendo ser encontrado, sobretudo, na região amazônica. De aproximadamente 1 m de comprimento e 20 Kg, apresenta pelagem de coloração castanha com manchas amareladas, orelhas pequenas e não possui galhada. → *O estado de conservação do veado-roxo, Mazama nemorivaga (Cuvier, 1817), foi avaliado de acordo com os critérios da IUCN (2001), com base nos dados disponíveis até 2010. ⇨ O veado roxo, por exemplo, não pode ser tocado pelos homens, senão ele pode morrer devido ao estresse sofrido nesse contato”, exemplifica a produtora de arte.* **SIN. ROXINHO** **2.** *Mazama rufina* ● Mamífero campestre nativo da América do Sul, podendo ser encontrado, sobretudo, na Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e no sul e sudeste brasileiros. Apresenta pelagem de coloração marrom-avermelhado com a região inferior um pouco mais clara; seus chifres são claros e curtos, inclinados para trás; suas pernas anteriores são um pouco mais curtas que as posteriores. Tem hábitos diurnos, escondendo-se à noite em matas fechadas. **SIN. ANHAMBI, CAMOCICA, FOBOCA, GAPOROROCA, GARAPU, GUARAPU, MÃO-CURTA, VEADO-BORORÓ, BORORÓ, VEADO-GARAPU**

<http://www.icmbio.gov.br/revistaelectronica/index.php/BioBR/article/view/240>
<http://bbb.globo.com/BBB7/Internas/0,,PPM1456192-7530,00.html>

VEADO-VERMELHO [s.m.; pl. veados-vermelhos; var. veado vermelho] **1.** *Cervus elaphus* ● Mamífero campestre de grande porte nativo do hemisfério norte. De aproximadamente 1 m de altura, 2,5 m de comprimento e 250 Kg, apresenta pelagem que varia entre o castanho-avermelhado e o marrom escuro. O macho é mais pesado e tem o pescoço mais robusto com galhada ramificada. → *A morte de um veado vermelho na zona rural de Rackenford, no sudoeste da Grã-Bretanha, vem causando polêmica no país. ⇨ O veado-vermelho (Cervus elaphus) é uma espécie cinegética de importante valor económico da família dos cervídeos (Cervidae) que se expandiu para território português (a partir da reintrodução na Reserva Regional de Caza Sierra de la Cullebra, que faz fronteira a NE com o Parque Natural de Montesinho) a partir da década de 1970.* **2.** *Mazama americana* ● Mamífero campestre nativo da América Latina que pode ser encontrado em matas fechadas desde o México até a Argentina. De aproximadamente 1 m de comprimento, apresenta pelagem marrom-avermelhado, cabeça acinzentada e chifres curtos e retos, sem ramificações. Alimenta-se de frutos e fungos. **SIN. VEADO-MATEIRO, VEADO-PARDO, CATINGUEIRO, GUATAPARÁ, GUAÇUPITA, GUAÇUETÊ, SUAÇUPITA, SUAÇUAPITA**

www.bbc.co.uk/portuguese/.../101026_veado_imperador_mdb.shtml
<http://fauna-selvagem.forumeiros.com/t6-veado-vermelho-cervus-elaphus>

ORDEM: CARNIVORA; FAMÍLIA: URSIDAE

URSO-BRANCO [s.m.; pl. ursos-brancos; var. urso branco] *Ursus maritimus* ● Mamífero carnívoro encontrado nas regiões árticas ao redor do polo norte. Com até 3 m de comprimento, 1,6 m de altura e 700 Kg, apresenta coloração branca em todo o corpo e possui patas adaptadas para nadar. Alimenta-se basicamente de focas. Devido à exploração de petróleo e gás natural, bem como a caça predatória e as mudanças climáticas, é considerado como vulnerável e corre perigo de extinção. Vive em média 30 anos. → *O urso polar (ou urso branco) tem o corpo revestido por uma compacta camada de pelos brancos e grossos e uma espessa superfície adiposa, que mantém sua temperatura normal mesmo enquanto nada nas águas geladas dos mares do Norte.* ⇨ *O urso-polar (*Ursus maritimus*), também conhecido como urso-branco, é um mamífero membro da família dos Ursídeos, típico e nativo da região do Ártico e atualmente um dos maiores carnívoros terrestres conhecidos.* **SIN. URSO-DO-NORTE, URSO-DO-MAR, URSO-POLAR**

http://www.webciencia.com/14_ursopolar.htm

<http://lindosursos.blogspot.com.br/>

URSO-CINZENTO [s.m.; pl. ursos-cinzentos; var. urso cinzento] *Ursus arctos* ● Mamífero carnívoro de ampla distribuição que pode ser encontrado na Europa, Ásia, África e América do Norte. De aproximadamente 2,8 m de comprimento e 780 kg, apresenta pelagem de coloração marrom-escuro, mas que pode variar entre o creme até o negro. → *Nesta terça-feira, o governo americano propôs a retirada do urso cinzento de sua lista de animais ameaçados nos Estados de Idaho, Montana e Wyoming.* ⇨ *Os filhotes do urso cinzento nascem com meio quilo. Em compensação, no período de um ano, atingem os noventa quilos.* **SIN. URSO-PARDO**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u48152.shtml>

curiosidadesobreosanimais.blogspot.com/2012/02/urso-cinzento.html

URSO-NEGRO [s.m.; pl. ursos-negros; var. urso negro] *Ursus americanus* ● Mamífero carnívoro endêmico da América do Norte, que pode ser encontrado desde o Alasca ao Norte do México. De aproximadamente 2 m de comprimento, 1 m de altura e 300 kg, apresenta pelagem do corpo de coloração negra ou marrom escuro, exceto pelo focinho que é de coloração bege. Embora seja carnívoro, alimentando-se de pequenos mamíferos e peixes, grande parte de sua dieta (cerca de 70%) é composta por frutos, nozes, raízes, gramíneas e seiva de árvores. → *Os ursos negros são extremamente adaptáveis, sobrevivendo em regiões tão diversas como matas secas e quentes ou as florestas úmidas e frias do Alasca.* ⇨ *Na quinta-feira, Stephanie Stimpson escutou um barulho na porta de sua casa em Longwood e deparou-se com um urso-negro de quase 300 quilos empurrando a porta para entrar.*

<http://www.simbiotica.org/ursonegro.htm>

<http://blogs.jovempan.uol.com.br/conexaoorlando/tag/urso-negro/>

ORDEM: PRIMATES; FAMÍLIA: CALLITHRICIDAE

SAGUI-BRANCO [s.m.; pl. saguis-brancos; sagui branco] *Callithrix argentata* ● Macaco encontrado no Norte e Centro do Brasil, especialmente entre os rios Tapajós e Tocantins, e no Leste da Bolívia. De aproximadamente 25 cm de altura e em média 500 g, apresenta pelagem quase inteiramente branca ou marrom clara, cauda negra ou marrom e orelhas isentas de pelos, o que a diferencia de outras espécies do gênero. Vivem em grupos familiares sempre entre os galhos das copas das árvores à procura de frutas, ovos e pequenos insetos. Está ameaçado de extinção. → *Os sagüis do gênero Callithrix, como o sagui-caratinga (C. jacchus) e o sagui-branco (C. argentata), são os mais comuns e sua altura oscila entre 15 e 25 cm, excluída a cauda de 25 a 40cm. ⇨ O Sagui Branco é um mamífero que possui hábitos diurnos. É mais fácil de ser encontrado em florestas tropicais e subtropicais.*

<http://www.biomania.com.br/bio/conteudo.asp?cod=3419>
wildzoo.blogspot.com/2012/01/vaca-louca.html

ORDEM: PRIMATES; FAMÍLIA: CEBIDAE

CUXIÚ-DE-NARIZ-BRANCO [s.m.; pl. cuxiús-de-nariz-branco, var. cuxiu-de-nariz-branco] *Chiropotes albinasus* ● Macaco endêmico da Amazônia brasileira, muito frequente no Sul do rio Amazonas. De aproximadamente 90 cm de comprimento e 3 Kg, apresenta pelagem negra brilhante e longa em todo o corpo, exceto pelo focinho, que tem pele vermelha-viva, e pelos curtos e brancos entre e ao redor das narinas; sua cauda é comprida. Alimenta-se de frutos, folhas e pequenos insetos. Está ameaçada de extinção. → *Entretanto, uma segunda espécie com necessidade de espaço semelhante, como o cuxiú-de-nariz-branco (Chiropotes albinasus), foi encontrada em um dos fragmentos menores, reforçando observações na Amazônia oriental, que confirmaram o potencial de sobrevivência do gênero em fragmentos com menos de 100ha. ⇨ O Cuxiú-De-Nariz-Branco é um macaco da família dos pitecídeos que habita a região da Amazônia. SIN. CUXIÚ, PIROCOLU*

http://www.biologia.ufrj.br/labs/labvert/Artigos/PROBIO_Mamiferos.pdf
animais.culturamix.com/informacoes/primatas/cuxiu-de-nariz-branco

CUXIÚ-NEGRO [s.m.; pl. cuxiús-negros] *Chiropotes satanás* **V. CUXIÚ-PRETO**

CUXIÚ-PRETO [s.m.; pl. cuxiús-pretos] *Chiropotes satanás* ● Macaco endêmico da Amazônia oriental que pode ser encontrado entre o rio Tocantins, no Pará, e o rio Grajaú, no Maranhão. De aproximadamente 60 cm e 3 Kg, apresenta corpo todo negro com o dorso amarronzado; sua cauda é longa, medindo cerca de 50 cm. Alimenta-se de sementes. Está ameaçado de extinção. → *Dos frutos, o cuxiú-preto gosta mesmo é das sementes quando ainda estão verdes e macias. ⇨ O cuxiú-preto é um macaco único. A maior parte de seu corpo é preto. Tem um rabo peludo e comprido. SIN. CUXIÚ-COMUM, CUXIÚ-JUDEU, CUXIÚ-NEGRO*

<http://www.anda.jor.br/20/11/2009/primata-ameacado-de-extincao>
animais.centralblogs.com.br/post.php?href=cuxiu+preto...

MACACO-PREGO-DO-PEITO-AMARELO [s.m.; pl. *macacos-pregos-do-peito-amarelo* e *macacos-prego-do-peito-amarelo*] *Cebus apella xanthosternos* ● Primata encontrado na Mata Atlântica brasileira. Com aproximadamente 50 cm de altura, cauda que pode chegar a 50 cm e peso que varia entre 1 a 4 Kg, apresenta corpo de coloração amarelada na região do peito e antebraços, negra na parte inferior e amarronzada nas costas; a coloração de sua cabeça varia do negro na região abaixo da boca e das orelhas e amarelada na região superior. Está ameaçado de extinção devido ao desmatamento e à caça. → *O guigó-da-Caatinga (Callicebus barbarabrownae) é o único primata endêmico a esse bioma e está em risco de extinção, assim como o macaco-prego-de-peito-amarelo (Cebus xanthosternos), que também habita a Caatinga, mas tem suas maiores populações na Mata Atlântica nordestina. ⇨ Ele é da espécie macaco-prego-de-peito-amarelo e foi rejeitado pela mãe.* **SIN. MACACO-DE-BANDO**

<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-plano-de-acao/pan-primatas-caatinga/sumario-primatas-nordeste-web.pdf>
blogs.atrevida.com.br/amomeupet/.../macaco-prego-de-peito-amarelo

UACARI-DE-CABEÇA-PRETA [s.m.; pl. *uacaris-negros*] *Cacajao melanocephalus* **V. UACARI-PRETO**

UACARI-NEGRO [s.m.; pl. *uacaris-negros*] *Cacajao melanocephalus* **V. UACARI-PRETO**

UACARI-PRETO [s.m.; pl. *uacaris-pretos*] *Cacajao melanocephalus* ● Macaco nativo das florestas tropicais, habitando as proximidades do rio Negro. De aproximadamente 60 cm de corpo, 15 cm de cauda e 3 Kg, apresenta face negra e sem pelos, corpo de coloração preta com a região do ventre pardo-amarelada e dorso que pode variar do pardo ao negro com cauda mais clara. Alimenta-se de frutos, sementes, brotos e pequenos vertebrados. Está ameaçado de extinção. → *Em 2008, uma nova espécie de uacari-preto foi descoberta, denominada de Cacajao ayresi em homenagem ao pesquisador José Márcio Ayres. ⇨ A fauna é extremamente diversificada, com várias espécies ameaçadas de extinção como a onça-pintada, o uacari-preto e o cachorro-do-mato.* **SIN. UACARI-DE-CABEÇA-PRETA, UACARI-NEGRO**

<http://www.canalciencia.ibict.br/pesquisa/0054-Biologia-ecologia-comportamental-macaco-uacari-amazonia.html>
www.solbrilhando.com.br/Turismo/Parques/.../Pico_da_N.htm

ORDEM: PRIMATES; FAMÍLIA: CERCOPITHECIDAE

MACACO-TOTA-VERDE [s.m.; pl. *macacos-verdes-africanos*] **V. MACACO-VERDE**

MACACO-VERDE [s.m.; pl. *macacos-verdes*; var. *macaco verde*] *Cercopithecus aethiops*, *Cercopithecus sabeus*, *Cercopithecus tantalus* ● Primata nativo das savanas africanas, habitando zonas próximas a fontes de água. Alguns cientistas acreditam que seja essa a espécie de macaco que tenha disseminado o vírus do HIV. → *O surto é associado a laboratórios que realizavam pesquisas com macacos verdes (Cercopithecus aethiops) importados de Uganda. ⇨ O primeiro caso de Aids teria surgido na África Central, entre o fim da década de 1970 e o início dos anos de 1980, como resultado de uma mutação, desencadeada por via indireta de outro vírus, não patológico, identificado em certo tipo de*

macaco africano, o macaco verde (Cercopithecus aethiops). SIN. MACACO-VERVET, MACACO-VERDE-AFRICANO, MACACO-TOTA-VERDE

www.msf.org.br/conteudo/73/febre-marburg/
http://revistageo.blogspot.com.br/2010_03_01_archive.html

MACACO-VERDE-AFRICANO [s.m.; pl. macacos-verdes-africanos] **V. MACACO-VERDE**

ORDEM: PRIMATES; FAMÍLIA: PITHECIIDAE

UACARI-BRANCO [s.m.; pl. uacaris-brancos] *Cacajao calvus calvus* ● Macaco originário da Amazônia que habita a região norte do rio Solimões. De aproximadamente 45 cm de altura, 15 cm de cauda e 3 Kg, apresenta pelagem longa que pode variar entre o laranja-pálido, amarelo, cinza ou branco; tal pelagem cobre uma parte das orelhas e cai sentido o queixo, o que dá impressão de que exista uma barba; sua face é desprovida de pelos e tem coloração avermelhada. Alimenta-se de frutos, brotos, insetos e sementes. → *O uacari-branco tem como principal características a cabeça calva e rodada. ⇨ O Uacari-branco é, na realidade, uma subespécie de C. calvus que ocorre no médio Solimões e estudos recentes mostram que ocorrem também na região do rio Jurupari.* **SIN. MACACO-INGLÊS, UACARI-DE-CABEÇA-VERMELHA**

<http://www.saudeanimal.com.br/uacari.htm>
<http://brasileuafauna.blogspot.com.br/2011/08/uacari-branco.html>

UACARI-DE-CABEÇA-VERMELHA [s.m.; pl. uacaris-brancos] *Cacajao calvus calvus* **V. UACARI-BRANCO**

ORDEM: RODENTIA; FAMÍLIA: MURIDAE

RATO-BRANCO-DE-LABORATÓRIO [s.m.; pl. ratos-brancos; var. rato branco de laboratório] *Rattus norvegicus albinus* var. Wistar ● Roedor albino de aproximadamente 40 cm de comprimento e 500 g, de pelagem toda branca, usado como animal de laboratório, em experiências biológicas. → *A variedade Wistar deste rato, conhecido como rato-branco-de-laboratório, é muito usada em pesquisas. Foram-lhe selecionadas características recessivas, como o albinismo. ⇨ Os roedores que costumam ser vendidos como animais de estimação são, principalmente, o hamster, o camundongo, o rato branco de laboratório e o gerbil, ou esquilo-da-mongólia.*

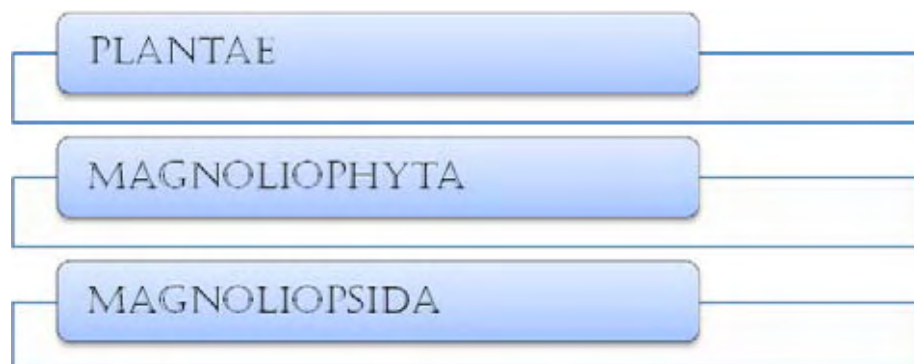
<http://www.unifenas.br/pesquisa/bioterio/animais.asp>
<http://mdemulher.abril.com.br/casa/reportagem/bichos/roedores-estimacao-cuidados-necessarios-628967.shtml>

RATO-PRETO [s.m.; pl. ratos-pretos; var. rato preto] *Rattus rattus* ● Roedor nativo do sudeste da Ásia que pode ser encontrado em todo o mundo. De aproximadamente 20 cm de comprimento, peso que varia entre 80 e 300 g e 6 cm de cauda, apresenta pelagem dorsal que pode variar entre o negro, cinza ou marrom e partes inferiores que variam entre o branco, amarelado ou cinza; sua orelha é grande e sem pelos. Vive geralmente em lugares secos, como armazéns, forros e tetos de casas. É

considerado como uma ameaça para a saúde pública, pois está relacionado à transmissão de doenças como a peste bubônica, a tifo e a toxoplasmose. → *O principal reservatório é constituído pelos roedores sinantrópicos, das espécies Rattus norvegicus (ratazana ou rato de esgoto), Rattus rattus (rato de telhado ou rato preto) e Mus musculus (camundongo ou catita).* ⇨ *O Rato Preto é um dos Roedores mais famosos do Mundo. É muito comum em ambientes Domésticos.* **SIN. RATO-DE-TELHADO, RATO-CASEIRO, RATO-DO-FORRO, RATO-DE-NAVIO, RATO-DE-PAIOL, RATO-INGLÊS, RATO-DE-COURO**

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/gve_7ed_web_atual_leptospirose.pdf

<http://brunochavesanimais.blogspot.com.br/2012/01/rato-preto.html>



ORDEM: ALISMATALES; FAMÍLIA: ARACEAE

MANGARITO-ROXO [s.m./f.; pl. mangaritos-roxos; var. mangarito roxo] *Xanthosoma violaceum*, *Xanthosoma sagittifolium*, *Colocasia antiquorum* ● Planta herbácea originária da América que pode ser encontrada às margens dos rios, lagoas e regiões com clima tropical e subtropical. Suas folhas são cordiformes, grandes, com pecíolo longo, de coloração que varia do verde ao roxo escuro e inflorescência envolta por espata verde-acinzentada com as margens arroxeadas. É utilizada no combate a úlceras, desnutrição, avitaminoses, anemias, apresentando propriedades nutritiva, cicatrizante, emoliente, anti-inflamatória, diurética, energética, mineralizante, antianêmica, lactígena. → *O mangarito roxo, embora menos saboroso, é o mais nutritivo.* ⇨ *As duas últimas variedades são as mais cultivadas e, embora a mangarito roxo seja a mais nutritiva e contenha mais gordura que a mangarito branco, não é considerada a mais tão saborosa quanto esta, que produz raízes maiores.* **SIN. ARÃO, ARO, BEZERRO, JARRO, MANGARITO-GRANDE, PÉ-DE-BEZERRO, TAIÁ, TAIÁ-AÇU, TAIÁÚVA, TAIOVA, TAJÁ, TAJÁ-AÇU, TAJABUÇU, TALO, TARO, TARRO**

<http://books.google.com.br/books?id=5fWZfIJMct4C&pg=PA75&lpg=PA75&dq=%22mangarito-roxo%22&source=bl&ots=y5ttxsURxw&sig=46PEBSxrgDIPEHVXJPS7GHypizI&hl=pt-BR&sa=X&ei=bvh0T533Eerk0QHhoPDQDQ&ved=0CFMQ6AEwCA#v=onepage&q&f=false>
<http://www-mangarito.blogspot.com.br/p/mangarito-o-manga-brasileiro.html>

ORDEM: APIALES; FAMÍLIA: APIACEAE

BRANCA-URSINA [s.f.; pl. brancas-ursinas; branca ursina] *Heracleum sphondylium* ● Planta nativa da Europa que pode chegar a 1,5m de altura. Apresenta caule longo e rígido; folhas verde-acinzentadas grandes e recortadas; flores brancas agrupadas em umbela. → *Há uma grande confusão a respeito do nome “Branca ursina” usado popularmente para designar duas plantas diferentes: Heracleum sphondylium e Acanthus mollis.* ⇨ *Em Portugal a espécie da mesma família é a Heracleum sphondylium L., também conhecida como Branca-ursina.* **SIN. CANABRÁS, ESFONDILIO V. BRANCA-URSINA, família Acanthaceae**

http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/arquivos/arquivo_212_cesaho.pdf
www.proz.com/kudoz/english.../2277115-giant_hogweed.html

ORDEM: ARECALES; FAMÍLIA: ARECACEAE

AÇAÍ-BRANCO [s.m.; pl. açais-brancos; var. açaí branco] *Euterpe oleracea* var. branco
 ● Árvore típica da Amazônia brasileira e muito semelhante ao açaí convencional no sabor e nas propriedades energéticas e medicinais, distinguindo-se deste por seus frutos de coloração verde escura e mesocarpo de coloração creme que produzem um suco também dessa cor. → *Açaí branco* é assim denominado por produzir frutos cuja polpa, quando madura se apresenta de coloração verde escuro brilhante, fornecendo um suco de cor creme claro. ⇨ *Entre todas essas coisas vi o açaí branco, que apesar desse nome tem a sua polpa verde.*

<http://www.cca.ufpb.br/ppga/pdf/mestrado/Carlos-gantus-ms06.pdf>
chefaporter.com.br/tag/acai-branco/

ORDEM: ASPARAGALES; FAMÍLIA: IRIDACEAE

AÇAFRÃO-AMARELO [s.m. pl. açafreões-amarelos; var. açafreão amarelo] *Crocus flavus* (L.) Weston, *Crocus aureus* Sibth. & Sm. ● Planta herbácea, perene, nativa do Sul da Ásia. Apresenta folhas lineares, flores amarelas ou brancas e bulbo perene. É utilizada na culinária e na fabricação de bebidas e corantes. → *O açafreão amarelo é o original, raro e muito caro.* ⇨ *Açafreão-amarelo é a tradução literal do latim Crocus flavus.*
SIN. AÇAFRÃO-DA-ÍNDIA, TURMERIC

http://cozinhapaisapais.folha.com.br/livros/25/mini_glossario.html
<http://obotanicoaprendiznaterradosespantos.blogspot.com.br/2012/01/acafrao-amarelo-crocus-flavus.html>

ORDEM: ASTERALES; FAMÍLIA: ASTERACEAE

ASSA-PEIXE-BRANCO [s.m.; pl. assas-peixes-brancos] *Vernonia polyanthes*, *Vernonia sp.* ● Planta nativa do Brasil, muito comum nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás. Tal arbusto não ultrapassa os 3m e apresenta folhas alternadas, pecioladas, lanceoladas, de coloração verde-escura na parte superior e verde-clara na parte inferior; a inflorescência em capítulos nas extremidades, geralmente branca; o fruto-semente é um aquento pequeno e escuro. Suas folhas comestíveis têm propriedades medicinais antiasmática, antigripal, anti-hemorroidária, antilítica, balsâmica, béquica, diurética, expectorante, hemostática, tônico pulmonar. → *Cerca de 84% dos entrevistados declararam coletar plantas medicinais “para uso próprio”, tais como: para alívio de dores (“Navalhinha”), infecção de garganta (Angico – Anadenanthera sp.), diarreia (raiz de Bacuri – Platanon sp.), pneumonia (sumo de Assa-Peixe-Branco – Vernonia sp.).* ⇨ *O que tem me dado uma melhor qualidade de vida é o chá de Assa-Peixe-branco, faça o chá e tome três vezes ao dia inclusive antes de dormir e ao acordar se quiser tomar mais de três vezes ao dia também funciona.* **SIN. CAMBARÁ-BRANCO, CAMBARÁ-GUAÇÚ, CAMBARÁ-GUASSÚ, CHAMARRITA, ESTANCA-SANGUE, TRAMANHÉM, MATA-PASTO, CAMBARÁ-GUASSU, CAMBARÁ-DO-BRANCO, ERVA-PREÁ, ENXUGA**

<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1871/187115764012.pdf>
<http://inforum.insite.com.br/39641/9673087.html>

ASSA-PEIXE-ROXO [s.m.; pl. assas-peixes-roxos; var. assa peixe roxo] *Lessingianthus glabratus* (Less.) H. Rob., *Vernonia ensifolia* Mart ● Planta nativa do Brasil, encontrada nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, sobretudo no Cerrado, Pampa e Mata Atlântica. Trata-se de uma planta arbustiva que não ultrapassa os 2m de altura, ereta, ramificada, com folhas ásperas e coriáceas, de caule pubescente e com raízes tuberosas e florescência de coloração lilás. → *No sudeste do Brasil, uma das espécies mais visitadas por abelhas é o assa-peixe-roxo (V. westiniana Less) que floresce em lugares úmidos próximos à costa e sobre a Serra do Mar. ⇨ E pra ficar mais mágico, do ladinho dessa do quintal, nasceu também uma árvore de Assa Peixe roxo, que a minha vizinha entendedora de erva diz que é a mais rara na nossa região.*

<http://www.apacame.org.br/mensagemdoce/100/artigo5.htm>

<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=5636660172441007576&cmm=9726983&hl=p t-BR>

CAMBARÁ-BRANCO [s.m.; pl. cambarás-brancos] *Vernonia polyanthes*, *Vernonia sp* **V. ASSA-PEIXE-BRANCO**

CAMBARÁ-DO-BRANCO [s.m.; pl. cambarás-do-branco] *Vernonia polyanthes*, *Vernonia sp* **V. ASSA-PEIXE-BRANCO**

ORDEM: BRASSICALES; FAMÍLIA: MORINGACEAE

ACÁCIA-BRANCA [s.f.; pl. acácias-brancas; var. acacia branca] *Moringa oleifera* ● Árvore originária da região entre a Ásia, Oceania e África, crescendo principalmente em áreas semi-áridas tropicais e subtropicais, sendo o seu habitat preferencial o solo seco e arenoso, mas tolerando também solos pobres, como em áreas costeiras. De aproximadamente 10 m de altura, apresenta folhas bipenadas; grande flores de coloração amarelo-pálido; cápsulas com sementes trialadas. É muito cultivada como ornamental e sua madeira é usada na produção de papel e fibras têxteis. → *Acácia-branca pode ajudar a purificar a água de forma barata e sustentável. ⇨ Olá, saberiam me dizer onde encontro mudas de acácia branca. SIN. ÁRVORE-RABANETE-DE-CAVALO, CEDRO, MORINGUEIRO, QUIABO-DE-QUINA, MORINGA*

<http://www.tecmundo.com.br/saude/18107-pesquisadores-criam-metodo-para-purificar-agua-usando-sementes-de-planta.htm>

flores.culturamix.com/flores/flor-de-acacia

ORDEM: CURCUBITALES; FAMÍLIA: CURCUBITACEAE

ABÓBORA-BRANCA [s.f.; pl. abóbora-brancas; var. abóbora branca] *Benincasa cerifera* ● Fruto da aboboreira, trepadeira e rastejante originária da África e da Ásia. É comprido (35 a 45cm) e cilíndrico, de casca branca (daí sua denominação) e de interior vermelho. É rico em nutrientes como o caroteno e também rico em água, sendo, portanto, pouco calórico. → *Planta prostrada, originária da África e da Ásia, cujos frutos têm os mesmos usos que a abóbora, sendo por isso também conhecida como abóbora-branca. ⇨ A abóbora branca ou caravela é uma das mais compridas, de casca branca e vermelha por dentro, pode pesar de alguns quilos até mais de 40 kg. SIN. CARAVELA*

books.google.com.br/books?isbn=8572550275
 www.nutricaoemfoco.com.br/pt-br/site.php?secao...

MELÃO-BRANCO [s.m.; pl. melões-brancos; var. melão branco] *Cucumis melo* L.
 ● Fruto cuja casca é de coloração branca e seu interior de coloração que varia do verde até o alaranjado. É uma espécie rústica, resistente e de sabor particularmente açucarado. → *Nos anos 70 começa-se a produzir o melão branco. De início houve dificuldade na entrada deste tipo nos mercados, mas a pouco e pouco penetrou bem na produção e comercialização. ⇨ Hoje as pessoas compram nas bancas, à beira da estrada e nos mercados o melão branco do Ribatejo.* **SIN. MELÃO-CAIPIRA**

<http://www.ribatejodigital.pt/RibatejoDigital/Print.aspx?guid=%7B7B846DD8-7CF2-4E76-A854-64156A7D782D%7D>
semanal.omirante.pt/index_access.asp?idEdicao=137&id...

ORDEM: ERICALES; FAMÍLIA: LECYTHIDACEAE

MATAMATÁ-BRANCO [s.m./f.; pl. matamatás-brancos; var. matamatá branco] *Eschweilera coriácea*, *Eschweilera grandiflora*, *Eschweilera pedicelata* ● Árvore nativa da Amazônia, com ocorrência no Brasil, Guianas, Colômbia e Venezuela, de aproximadamente 35 m de altura e 60 cm de diâmetro. Apresenta tronco retilíneo e copa globosa e densa; folhas oblongas e subcoriáceas; flores em panículas de coloração branca ou amarelada; sementes oleaginosas muito procuradas pela fauna. Seus cerne e alburno são de coloração marrom-avermelhado-claro; sua madeira é nobre, resistente e moderadamente dura ao corte transversal manual. É utilizada em estrutura de cobertura (viga, caibro e ripa) e torneado. → *Os resultados apresentados aqui fazem parte de um estudo que investigou as consequências para o matamatá branco (Eschweilera coriacea), uma espécie de árvore de dossel comum na Amazônia, da perda de potenciais dispersores de sementes por causa da fragmentação da floresta no leste da região. ⇨ Esta(e) é a(o) Matamatá-branco. Ela(e) é uma das espécies presentes em nosso projeto biomapas.*

<http://www.seb-ecologia.org.br/viiceb/resumos/438a.pdf>
www.flickr.com/photos/petrobras/4515169543/

MATAMATÁ-ROXO [s.m.; pl. matamatás-roxos; var. matamatá roxo] *Eschweilera pedicellata* ● Árvore nativa da Amazônia, ocorrendo no Brasil e Guianas, de aproximadamente 30 m de altura e 60 cm de diâmetro. Apresenta tronco retilíneo e copa globosa e densa; folhas oblongas e subcoriáceas; flores em panículas de coloração rosada; sementes oleaginosas muito procuradas pela fauna. Seus cerne e alburno são de coloração marrom-avermelhado-claro; sua madeira é nobre, inodora, resistente e moderadamente dura ao corte transversal manual. → *Existe uma exceção: o matamatá roxo (Eschweilera pedicellata), árvore de sub-bosque comum, amplamente distribuída nas florestas do Rio Negro, não emite odores detectáveis pelos sentidos humanos, nem mesmo pela tecnologia empregada para extrair e identificar aromas. ⇨ Pedrinho, meu amigo seringueiro que vive lá no Rio Tejo, acha que aquele é um desenho do matamatá roxo.*

<http://ecologia.ib.usp.br/guiaigapo/images/livro/RioNegro04.pdf>
altino.blogspot.com/2006/12/rvore-ou-castanheira.html

ORDEM: ERICALES; FAMÍLIA: SAPOTACEAE

ABIURANA-PRETA [s.f.; pl. abiuranas-pretas; var. abiurana preta] *Pouteria oblanceolata*, *Ecclinusa* sp. ● Árvore nativa da Amazônia de aproximadamente 12 m de altura e 54 cm de diâmetro. Apresenta tronco retilíneo, cerne e alburno marrom-amarelado, madeira de grande durabilidade e muito resistente ao corte manual. É opaca e não tem cheiro. → *Entre as espécies sem valor comercial a mais abundante foi a Bertholletia excelsa Humb. & Bonpl. (castanheira) e Pouteria 12 lasiocarpa (Mart.) Radlk (abiurana-preta) com 25 indivíduos cada, seguida pela Licania octandra (Hoffm. ex Roem. & Schult.) Kuntze (caraempé-roxo) com 23 (Tabela 3).* ⇨ *Tem a abiurana preta que tem nomes diversos, mas não aceita pregos e terá que ser furada ou parafusada para trabalhar.* **SIN. CUTITIRIBARANA, ABIURANA-GRANDE, TUTURUBÁ**

<http://www.if.ufrj.br/inst/monografia/Monografia%20Flavio%20Dias%20Wanderley%20Valente.pdf>

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20120313091927AAL4ykJ>

ORDEM: FABALES; FAMÍLIA: FABACEAE (MIMOSIDAE)

ACÁCIA-AMARELA [s.f.; pl. acácias-amarelas; var. acácia amarela] *Acacia farnesiana* ● Planta arbustiva nativa de regiões temperadas e tropicais. Tal arbusto não ultrapassa os 2m de altura, apresenta troncos com espinhos, folhas bipenadas, fruto em forma de vagem e flores amarelas. É muito utilizada como cerca viva. → *A grande quantidade de uma única espécie de árvore no meio urbano da espécie Acácia Farneziiana (vulgo Acácia Amarela), aliada à ausência, no geral, de uma arborização adequada, quantitativamente e qualitativamente para a cidade, foram os principais motivos que levaram à prefeitura local a repensar em um novo modelo florestal para a cidade.* ⇨ *A Acácia Amarela (Acacia Farneziiana; Leguminosae - Mimosoideae), é uma árvore ornamental cujo fruto em forma de vagem se forma entre os meses de julho e dezembro.*

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAGF8AC/adequacao-arborizacao-urbana-redes-distribuicao-estudo-caso-na-cidade-cachoeira-dourada-mg>

<http://colunasdebiritiba.org.br/institucional/acaciaamarela>

ACÁCIA-NEGRA [s.f.; pl. acácias-negras] *Acacia decurrens*, *Acacia mearnsii*, *Acacia melanoxylon* ● Árvore originária da Austrália, perene, de até 6m de altura com grande copa de ramos longos, flexíveis e recurvos. Apresenta folhas pequenas e lineares, alternas, bipenadas, suavemente pilosas; flores amarelas em cachos; vagem torcida com sementes pretas, madeira branca muito utilizada na fabricação de móveis e papel; cerne de coloração pardo-avermelhado. Sua casca tem 35-40% de tanino de alta qualidade, usado para curar couros duros para sapatos. Possui propriedades antiasmática e adstringente e é aconselhada para o combate de asma brônquica e de bronquite asmática. É muito apreciada como ornamental devido sua beleza. Tem esse nome porque seus frutos e sementes são negros. → *A acácia-negra é uma espécie leguminosa de múltiplos propósitos, tais como restauração de ambientes degradados, fixação de nitrogênio, produção de tanino e de energia, dentre outros.* ⇨ *Mas você deve estar se perguntando, por que o nome Acácia-negra? Também não sei te dizer, já que esta bela árvore possui cachos de flores amarelas e da cor negra não tem nada.* **SIN. ACÁCIA-DA-AUSTRÁLIA, ACÁCIA-PRETA**

<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/AcaciaNegra/CultivodaAcaciaNegra/index.htm>

<http://ferpaonline.blogspot.com.br/2011/01/acacia-negra.html>

ACÁCIA-PRETA [s.f.; pl. acácias-pretas] *Acacia decurrens*, *Acacia mearnsii*, *Acacia melanoxylon* **V. ACÁCIA-NEGRA**

ANGICO-AMARELO [s.m.; pl. angicos-amarelos; var. angico amarelo] *Peltophorum dubium*, *Brasilettia dubia*, *Caesalpinia dubia*, *Peltophorum vogelianum*, *Baryxylum dubium*

☉ Árvore nativa da América do Sul, ocorrendo em florestas estacionais semidecíduais e decíduais e no cerrado. É uma árvore de porte grande que apresenta copa ampla e globosa; o tronco pode atingir 120 cm de diâmetro de casca fina quando jovem que engrossa e se torna escamosa com o passar do tempo; inflorescência de até 30 cm de comprimento em formato de espiga, com flores de coloração amarela; folhas paripinadas, compostas e oblongas, de coloração verde-escura com nervação nítida; frutos no formato de vagens de até 7cm e de coloração marrom. Considerada uma excelente opção para o paisagismo urbano ou rural, também é utilizada em trabalhos de marcenaria e construção civil. → *Segundo Salvador (1989), o angico-amarelo pertence ao grupo ecológico das espécies acompanhantes ciliares, ou seja, espécies de ocorrência em matas ciliares ou de várzeas em solos de boas condições hídricas (úmidos), mas sem excesso de água, e muito freqüentes nas matas de terra firme.* ⇨ *Mais um angico amarelo recompondo a florestinha!* **SIN. CANAFÍSTULA, FARINHA-SECA, SOBRASIL, FAVEIRA, TAMBORIL-BRAVO, IBIRÁ-PUITÁ, GUARUCAIA**

www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100...script=sci...

vemconosco.wordpress.com/.../trindade-paraty-rj-viagem-limpa/

ANGICO-BRANCO [s.m.; pl. angicos-brancos] *Anadenanthera colubrina*, *Albizia polycephala*, *Piptadenia zehntneri* Harms, *Piptadenia colubrina* (Vell.) Benth, *Piptadenia macrocarpa*

☉ Árvore nativa da América do Sul. Apresenta tronco reto que pode chegar aos 25 metros de altura, com ramificação tortuosa e irregular; copa ampla de folhagem rarefeita; sua madeira é avermelhada ou pardo-escura e sua casca varia do branco-acinzentado ao cinza-escuro; as folhas são compostas de folículos; suas pequenas flores brancas são agrupadas em cachos grandes; os frutos têm forma de vagens com 12 cm a 15 cm de comprimento. De sua casca é extraída uma goma usada na indústria e também contra infecções pulmonares. → *Este trabalho teve por objetivo avaliar o desempenho de mudas da espécie angico-branco (Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan), em condições diferenciadas de disponibilidade de fósforo no solo e de saturação por bases.* ⇨ *A espécie mais comum em nossa região é o angico-branco (Anadenanthera colubrina), encontrando-se boa parte das árvores em intensa florada entre novembro e janeiro.* **SIN. ANGICO, CAMBUI-ANGICO, NIOPÓ, ANGICO-CÔCO, ANGICO-ESCURO, ANGICO-LISO, CAMBUÍ, CAMBUÍ ANGICO, CURUPAÍ, ANGICO-DO-CAMPO**

www.scielo.br/pdf/rarv/v28n6/23979.pdf

www.vilamada.com.br/conteudo/vila.../arvores_praca.htm

ANGICO-BRANCO-DO-MORRO [s.m.; pl. angicos-brancos-do-morro. Var. angico branco do morro] *Anadenanthera peregrina* ☉ Planta endêmica do Brasil que ocorre nos estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. Essa árvore chega a 25 m de altura e 60 cm de diâmetro, apresentando folhas com folíolos coriáceos, nítidos, frequentemente falcados; as flores são reunidas em inflorescências de cor branca; os frutos são de coloração marrom, com 10 a 25 cm de comprimento e 17 a 25 mm de largura, contendo entre 10 e 15 sementes. Sua madeira é utilizada em construção civil, produção de celulose e lenha. → **ANGICO BRANCO DO MORRO** - *Espécie pioneira, comum na vegetação secundária, principalmente na fase de capoeirão. ⇨ Mudanças de Angico Branco do Morro e outras espécies. A partir de R\$ 0,20.*

www.ibflorestas.org.br/pt/lista-de-especies-nativas.html?start=15

www.clickmudas.com.br/mudas-de-angico-branco-do-morro-iandenanthera-peregrina-i.html

ANGICO-ROSA [s.m.; pl. angicos-rosas] *Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan, *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan **V. ANGICO-VERMELHO**

ANGICO-ROXO [s.m.; pl. angicos-roxos; var. angico roxo] *Piptadenia pterosperma*, *Piptadenia cebil* ☉ Árvore nativa da América do Sul, porém pouco frequente. Espécie de porte médio que apresenta folhas pinadas; floração em pequenos cachos pendentes de coloração marrom-avermelhadas; frutos em forma de vagem e sementes com pequena asa, o que a diferencia de outras espécies similares. → *Esta árvore é encontrada nativa e em abundância por todo o território nacional e pode pertencer a várias espécies, dentre as quais: angico branco, angico do campo, angico roxo, angico verdadeiro. ⇨ Rodrigo, por aqui temos sementes maduras de angico-roxo e angico-vermelho. Se mais alguém tiver interesse, é só enviar o endereço.*

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-14281998000200006&script=sci_arttext

br.groups.yahoo.com/group/arvores/message/30657

ANGICO-VERMELHO [s.m.; pl. angicos-vermelhos; var. angico vermelho] *Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan, *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenan ☉ Árvore nativa da América do Sul, ocorrendo em florestas estacionais semidecíduais, florestas ombrófilas densas, cerrado, caatinga. Apresenta tronco cilíndrico e reto de 40 a 60 cm de diâmetro com ramificações tortuosas; inflorescência em forma de longas espigas cilíndricas axilares com flores pequenas de coloração branco-amareladas; o fruto é uma vagem plana de 12 a 15 cm de comprimento. Sua madeira tem grande utilidade na carpintaria, marcenaria e construção civil. → *Este trabalho justifica-se pelo angico-vermelho (Anadenanthera macrocarpa (Benth.) Brenan) ser uma espécie de grande importância econômica devido à produção de sua madeira principalmente para carpintaria, marcenaria, confecção de dormentes, construção civil e naval. ⇨ O angico vermelho tem as mesmas propriedades que o branco, podendo ser usado para os mesmos fins e na mesma dosagem. SIN. ANGICO-ROSA, ANGICO-CEDRO, ANGICO-DE-CORTUME*

www.cnpat.embrapa.br/viensub/Trab_PDF/sub_1.pdf

zanattalauro.blogspot.com/.../receita-da-anemia-e-angico-vermelho.html

ESPINHEIRO-PRETO [s.m.; pl. espinheiros-pretos] *Mimosa hostilis*, *Mimosa nigra*, *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir, *Acacia tenuiflora*, *Acacia tenuiflora fo.inermis*, *Mimosa ophthalmocentra* **V. JUREMA-PRETA**

JUREMA-PRETA [s.f.; pl. juremas-pretas; var. jurema preta] *Mimosa hostilis*, *Mimosa nigra*, *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir, *Acacia tenuiflora*, *Acacia tenuiflora fo.inermis*, *Mimosa ophthalmocentra* ● Planta nativa do Brasil, ocorrendo na caatinga, sobretudo na Bahia e em Minas Gerais. Tal arbusto chega a 5 m e possui tronco escuro de 20-30 cm de diâmetro, levemente inclinado, revestido por uma casca grossa e seus ramos novos são recobertos de pelos viscosos; copa rala e irregular; folhas pequenas e alternas; flores brancas aglomeradas em espigas de 4-8 cm de comprimento; vagens pilosas e viscosas de 2-5 cm de comprimento. Sua madeira é resistente e tem grande durabilidade, sendo muito utilizada em obras externas. → *Pelos resultados experimentais constatou-se efeito da jurema preta no tratamento curativo da pododermite necrótica em ovinos, reduzindo as lesões causadas pela enfermidade em estudo, com superioridade na pasta de jurema preta com o mel.* ⇨ *A casca da raiz da árvore jurema-preta tem um papel interessante na história passada e presente do xamanismo psicadélico. É a única planta que se conhece que pode ser usada numa poção para beber que, sem a ajuda de outra planta, induz experiências visionárias semelhantes às da poção de ayahuasca.* **SIN. ESPINHEIRO-PRETO**

http://www.pubvet.com.br/artigos_det.asp?artigo=45

http://azarius.pt/smartshop/psychedelics/ayahuasca/mimosa_hostilis_jurema_preta/

JUREMA-VERMELHA [s.f.; pl. juremas-vermelhas; var. jurema vermelha] *Acacia cebil*, *Acacia niopo*, *Pithecellobium diversifolium*, *Mimosa arenosa* ● Planta nativa do Brasil, ocorrendo na caatinga e na mata pluvial atlântica. Apresenta tronco tortuoso e cilíndrico de até 50 cm de diâmetro; copa ampla e irregular, variando entre os 5 m e 25 m. → *Observa-se, nesta figura que as espécies que apresentaram um maior TST, também apresentaram um maior TTC. Exceção feita à jurema-vermelha que teve o TST menor que o da jurema-preta, tendo apresentado um maior TTC.* ⇨ *Amigo Diego, com certeza irei tentar fazer uma copa compacta para ficar o mais natural possível em relação a nossa flora, se colocar patamares como e um Pinheiro ficará muito artificial, principalmente porque ela tem uma brotação forte e alongada, mas agora fiquei curioso, você disse que tem Jurema Vermelha?*

http://www.dcf.ufla.br/cerne/artigos/10-02-20094298v12_n3_artigo%2004.pdf

<http://bahiabonsaiclube.forumvila.com/viewtopic.php?f=4&t=1040>

ORDEM: FABALES; FAMÍLIA: FABACEAE (CAESALPINIOIDEAE)

BRAÚNA-PRETA [s.f.; pl. braúnas-pretas; var. braúna preta] *Melanoxylon brauna* ● Planta nativa do Brasil que pode ser encontrada nas regiões Nordeste e Sudeste do país. Tal árvore tem uma altura média de 15 a 25 metros e 90 cm de diâmetro. Apresenta folhas imparipinadas com 15 a 29 folíolos de 5 a 7 cm; flores em cachos na extremidade dos ramos, de coloração amarela com pedúnculos alaranjados; seus frutos são em forma de vagem e as sementes são marrons, aladas com envoltório branco; a casca é de coloração cinzenta-escura ou parda; seu cerne

é de coloração pardo-escuro, tendendo ao preto, de superfície opaca, lisa e compacta; a madeira é dura, de alta qualidade e durabilidade. → *A madeira de BRAÚNA-PRETA, em ensaios de laboratório, quando submetida à impregnação, sob pressão, demonstrou ser impermeável às soluções preservantes. ⇨ Braúna preta (Melanoxylon brauna) É uma árvore nativa muito conhecida pela qualidade de sua madeira, porém relativamente rara nas matas e pouquíssimo usada em paisagismo urbano. Sua floração amarela é bem vistosa e ocorre desde Fevereiro até Maio, dependendo da região.*

SIN. BRAÚNA, BARAUNA, GUARAÚNA, MUIRAÚNA, IBIRAÚNA

<http://www.refrima.com/pag/brauna-preta.html>

<http://www.arvores.brasil.nom.br/florin/brauna.htm>

PAU-ROXO [s.m.; pl. paus-roxos] *Peltogyne paniculata, Peltogyne spp, Peltogyne Angustifolia, Peltogyne maranhensis, Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth., Peltogyne maranhensis Hub. Et Ducke, Peltogyne paradoxa Ducke* ● Árvore que ocorre em todo o Brasil, sobretudo nas regiões Norte e central do país. De aproximadamente 12 m de altura e 60 cm de diâmetro, apresenta tronco retilíneo e cerne de coloração roxa e alburno, marrom pálido. Possui densidade média e alta resistência ao corte manual, brilho moderado e cheiro imperceptível. Dentre os seus usos, destacam-se a fabricação de carrocerias em geral, cruzeta, dormente, esquadria (janela, porta maciça, caixilho, portal, escada, alizar e rodapé), estrutura de cobertura (viga, caibro e ripa), piso residencial (tábua corrida e taco), piso industrial interno e piso externo (deque e passarela), viga e tabuleiro ou estrado de ponte, revestimento em geral (parede interna e parede externa), sauna, telha de madeira e torneado. → *A madeira de pau-roxo é considerada de alta resistência ao ataque de organismos xilófagos (fungos apodrecedores e cupins-de-madeira-seca). ⇨ Primeiro por que foram as primeiras fotos que recebi de um arco feito segundo as instruções deste site. E segundo, pois nunca tinha visto alguém que tenha feito um arco de pau-roxo/roxinho revestido com pau-marfim.*

SIN. COATAQUIÇAUÁ, COATAQUIÇAVA, CORACI, QUARABU, GUARABU MULATEIRO-DA-TERRA-FIRME, PAU-ROXO-DA-CAATINGA, PAU-ROXO-DA-VÁRZEA, PAU-ROXO-DA-TERRA-FIRME, PAU-VIOLETA, VIOLETA, ROXINHO

http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/meio_ambiente/fauna_flora/manual_madeira/manual_da_madeira_pau_roxo.pdf

<http://www.toxophilos.com.br/galeria.htm>

PAU-ROXO-DA-CAATINGA [s.m.; pl. paus-roxos-da-caatinga] *Peltogyne paniculata, Peltogyne spp, Peltogyne Angustifolia, Peltogyne maranhensis, Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth., Peltogyne maranhensis Hub. Et Ducke, Peltogyne paradoxa Ducke* **V. PAU-ROXO**

PAU-ROXO-DA-TERRA-FIRME [s.m.; pl. paus-roxos-da-terra-firme] *Peltogyne paniculata, Peltogyne spp, Peltogyne Angustifolia, Peltogyne maranhensis, Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth., Peltogyne maranhensis Hub. Et Ducke, Peltogyne paradoxa Ducke* **V. PAU-ROXO**

PAU-ROXO-DA-VÁRZEA [s.m.; pl. paus-roxos-da-várzea] *Peltogyne paniculata, Peltogyne spp, Peltogyne Angustifolia, Peltogyne maranhensis, Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth., Peltogyne maranhensis Hub. Et Ducke, Peltogyne paradoxa Ducke* **V. PAU-ROXO**

PAU-VIOLETA [s.m.; pl. paus-violetas] *Peltogyne paniculata*, *Peltogyne spp*, *Peltogyne Angustifolia*, *Peltogyne maranhensis*, *Peltogyne confertiflora* (Hayne) Benth., *Peltogyne maranhensis* Hub. Et Ducke, *Peltogyne paradoxa* Ducke **V. PAU-ROXO**

ROXINHO [s.m.; pl. roxinhos] *Peltogyne paniculata*, *Peltogyne spp*, *Peltogyne Angustifolia*, *Peltogyne maranhensis*, *Peltogyne confertiflora* (Hayne) Benth., *Peltogyne maranhensis* Hub. Et Ducke, *Peltogyne paradoxa* Ducke **V. PAU-ROXO**

VIOLETA [s.f.; pl. violetas] *Peltogyne paniculata*, *Peltogyne spp*, *Peltogyne Angustifolia*, *Peltogyne maranhensis*, *Peltogyne confertiflora* (Hayne) Benth., *Peltogyne maranhensis* Hub. Et Ducke, *Peltogyne paradoxa* Ducke **V. PAU-ROXO**

ORDEM: LAMIALES; FAMÍLIA: ACANTHACEAE

BRANCA-URSINA [s.f.; pl. brancas-ursinas; var. branca-ursina] *Acanthus mollis* ☉ Planta herbácea, originária da região mediterrânea, que pode atingir 2 m de altura. Apresenta grandes folhas de cor verde escuro e flores tubulares de cor branca, lilás ou rosa com espinhos verdes ou arroxeados, surgindo acima da folhagem. Floresce no final da primavera ou início do verão. Ela cresce em áreas secas, e é tolerante à seca e à sombra. Suas folhas, flores e raízes apresentam propriedades medicinais, como: adstringente, analgésico, antidiarreico, anti-inflamatório, expectorante, laxante e cicatrizante. → Os sintomas seguintes erradamente foram incluídos na versão anterior do Radar como pertencentes a esta planta devido ao o nome popular **Branca ursina** ser usado para duas espécies diferentes. ⇨ Popularmente é conhecida por Acanto, erva gigante e **branca-ursina**. É uma herbácea vivaz e robusta, originária da região mediterrânica. **SIN. ACANTO, ACANTO-NEGRO, ERVA-GIGANTE, PÉ-DE-URSO, GIGANTE, ACANTO-MANSO** V. BRANCA-URSINA, Família Apiaceae

http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/arquivos/arquivo_212_cesaho.pdf
mariapuresa.blogspot.com/2011/10/acanto-ou-branca-ursina.html

ACANTO-NEGRO [s.m.; pl. acantos-negros] *Acanthus mollis* **V. BRANCA-URSINA**

ORDEM: LAMIALES; FAMÍLIA: BORAGINACEAE

BABOSA-BRANCA [s.f.; pl. babosas-brancas; var. babosa branca] *Cordia superba*, *Cordia atrofusca* Taub., *Cordia blanchetti* ☉ Planta nativa do Brasil que ocorre principalmente no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Tal árvore pode chegar a 10 m de altura com tronco de 20 a 30 cm de diâmetro. Apresenta folhas largas e duras, flores brancas vistosas, fruto redondo branco comestível. Sua madeira é resistente, usada em carpintaria, marcenaria e na fabricação de carrocerias. Embora seja uma árvore com características adequadas para o paisagismo urbano, ainda é pouco conhecida pelos paisagistas. → Constatou-se haver necessidade de transformação dos dados em logaritmo neperiano de diâmetro ao nível do solo (DNS) de angico vermelho e de **babosa branca**, e também de matéria seca da matocompetição. ⇨ A “**Babosa Branca**” é uma árvore ornamental de copa arredondada e porte médio. Possui uma floração muito graciosa tornando-a muito decorativa com suas belas flores brancas em forma de sino. **SIN.**

ACOARAMURU, ÁRVORE-DE-RANHO, CARAPIÁ, GRÃO-DE-GALO, GRÃO-DE-PORCO, JAGUARAMURU, JANGADA-DO-CAMPO, TAIAÇU-CARAPIÁ, TAJAÇU-CARAPIÁ, BABA-DE-BOI

<http://www.if.ufrj.br/inst/monografia/2006II/Monografia%20Daniel%20ferreira%20do%20Nascimento.pdf>

<http://www.lavras24horas.com.br/portal/conheca-a-%E2%80%9Cbabosa-branca%E2%80%9D/>

ORDEM: LAURALES; FAMÍLIA: LAURACEAE

CANELA-AMARELA [s.f.; pl. canelas-amarelas; var. canela amarela] **1.** *Nectandra lanceolata* (Nees & Mart.), *Nectandra leucantha*, *Nectandra oreadum*, *Nectandra pichurim*, *Nectandra puberula*, *Nectandra weddellii*, *Ocotea pichurim*, *Cryptocarya moschata*

● Árvore endêmica da Mata Atlântica, de médio porte que não ultrapassa os 25 m de altura e 90 cm de diâmetro. Sua madeira foi muito usada durante décadas no Brasil na confecção de aberturas, (portas e janelas) por ser uma madeira muito resistente e de fácil manejo. Por consequência, hoje quase não se encontra espécie adulta desta árvore, já que leva em torno de 25 a 35 anos para atingir seu auge.

→ *Caso do pirapitinga, peixe que se alimenta das sementes da canela amarela, árvore que na região de Visconde de Mauá ocorre em 90% da mata ciliar.* ⇒ *A canela amarela e a canela preta fizeram parte da vida de muitos brasileiros que se quer tiveram conhecimento, serviram de assoalhos e tetos durante anos.*

SIN. CANELA-DA-VÁRZEA, CANELA-FEDORENTA, CANELA-LOURO, CANELA-VERMELHA, ESPORA-DE-GALO

2. *Nectandra ambigua* ● Árvore nativa do Brasil, podendo ser encontrada em todo o país. De aproximadamente 10 m, apresenta madeira de coloração amarelada; folhas coriáceas; flores aromáticas de coloração branco-amareladas; bagas ovoides; raiz de casca amarga e tônica. Sua madeira é muito utilizada na marcenaria e carpintaria.

SIN. CANELA-SECA **3.** *Ocotea diospyrifolia* ● Árvore nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil, ocorrendo nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do país. Pode ser encontrada em florestas estacionais semidecíduais, florestas ciliares e em várzeas. Tal espécie é típica de formações abertas, principalmente em matas de galeria e savanas úmidas. De aproximadamente 10 m de altura, apresenta casca tanífera; suas folhas são coriáceas; as flores são suavemente perfumadas e em panículas piramidais; as bagas são globosas. Sua madeira é de boa qualidade, sendo muito utilizada para postes e tábuas de assoalho.

SIN. CANELA-BARAÚNA, BATALHA, CANELA, LOURO-AMARELO, CANELA-LOURO, CANELÃO, CANELÃO-DE-MÓVEIS, CANELEIRO

4. *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez, *Aydendron Tenellum* ● Árvore nativa do Brasil, ocorrendo principalmente nos estados do Amazonas, Minas Gerais e São Paulo, de aproximadamente 20 m. Apresenta folhas esparsas, flores brancas em panículas terminais e casca aromática.

SIN. LOURO-AMARELO, CANELA-AMARELA-DE-CHEIRO, CANELA-BRANCA, CANELA-POCA, CANELA-PORCA, CANELA-PORCA, LOURO-AMARELO-DE-CHEIRO, LOURO-INAMUÍ-DA-TERRA-FIRME

<http://www.viscondeesconde.com.br/historias01.asp?pp=101>

<http://canelasecanelas.blogspot.com.br/>

CANELA-AMARELA-DE-CHEIRO [s.f.; pl. canelas-amarelas-de-cheiro] *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez, *Aydendron Tenellum* **V. CANELA-AMARELA**

CANELA-BRANCA [s.f.; pl. canelas-brancas; var. canela-branca] **1.** *Ocotea spixiana*, *Nectandra membranacea* (Swart) ● Árvore que pode ser encontrada no sudeste do Brasil. De aproximadamente 40 m de altura, apresenta madeira de boa qualidade, folhas simples, ásperas, de 15 cm de comprimento; fruto de 2 cm de diâmetro com pedúnculo bem destacado e odor forte característico dotado de uma única semente de 1 cm de diâmetro. É apropriada para o reflorestamento devido seu crescimento rápido. → “*Estudamos a folha da canela-branca e conseguimos obter substâncias que tinham atividade antiviral contra dois principais vírus da herpes*”, aponta o farmacêutico Rafael Garrett da Costa. ⇨ *Existem mais de uma espécie de Canela branca na região.* **SIN. CANELINHA, LOURO** **2.** *Cinnamodendron axillare* ● Árvore nativa do Brasil, de folhas alternas; flores em panículas axilares de coloração amarelada e aromáticas; frutos amarelados e aromáticos; a casca também é aromática, sendo dotada de propriedades estomáquicas e tônicas. **3.** *Cryptocarya hirsuta* ● Árvore nativa do Brasil, ocorrendo do norte ao sul do país, que pode chegar a 25 m. Apresenta madeira branca de ótima qualidade; casca aromática com propriedades adstringentes; folhas coriáceas; flores aromáticas e bagas elipsoides. **SIN. CANELA-CHEIROSA** **4.** *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez, *Aydendron Tenellum* **V. CANELA-AMARELA**

<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/05/medicamentos-naturais-brotam-ate-na-areia-de-reserva-ambiental-no-rj.html>
ilovenature123.blogspot.com/2012/01/arvores-do-brasil-31.html

CANELA-PRETA [s.f.; pl. canelas-pretas] **1.** *Nectandra mollis*, *Ocotea catharinensis* Mez., *Nectandra megapotamica* (Spreng.) ● Árvore nativa da Mata Atlântica, ocorrendo em todo o sudeste e sul do Brasil. Tal árvore tem em média 12 m de altura e apresenta cerne escuro; ramos amarronzados, lenticelados, glabrescentes; gemas axilares e apicais, lanceoladas, áureo-seríceas; folhas alternas em todo o ramo; pecíolo canaliculado, glabro; domácias em tufo de pêlos na axila do primeiro par de nervuras secundárias; sinflorescência terminal, corimbiforme de botriíodes. Devido à alta qualidade de sua madeira e ao amplo uso, foi muito explorada e está ameaçada de extinção. → *O local é coberto pela Floresta Atlântica e, além da canela-preta, encontra-se também grande quantidade de palmiteiros.* ⇨ **CANELA-PRETA** (*Ocotea catharinensis*), espécie de árvore da Mata Atlântica ameaçada de extinção, que foi abatida há mais de 30 anos e esquecida na mata, onde hoje foi criada a RPPN Corredeiras do Rio Itajai. **SIN. CANELA-SEBO, CANELA-RAJADA** **2.** *Nectandra globosa* ● Árvore nativa da Guiana e que ocorre no Brasil desde o estado do Amazonas até a Bahia. De aproximadamente 20 m de altura, apresenta folhas coriáceas; flores amareladas aromáticas; bagas elipsoides. Sua madeira é de coloração vermelho-escura e a casca é dotada de propriedades aromática, tônica e excitante. **SIN. CEDRO-PRETO, LOIRO-VERMELHO, LOURO-VERMELHO, SIRUBALE, SURINEIA** **3.** *Ocotea pulchella* ● Arbusto nativo do Brasil, ocorrendo, sobretudo, nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Apresenta folhas coriáceas, flores verde-amareladas e bagas elipsoides. **SIN. CANELA-DO-BREJO, CANELINHA**

http://www.fatma.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=79&Itemid=163

<http://ra-bugio.blogspot.com.br/2011/08/arvore-da-mata-atlantica-ameacada-de.html>

CANELA-ROSA [s.f.; pl. canelas-rosas] *Persea cordata*, *Persea pyriformis*, *Aniba firmula*
 ● Planta nativa do Brasil, muito frequente no sudeste e sul do país, de até 20 m de altura e 60 cm de diâmetro. Apresenta madeira vermelha, folhas elípticas, oblongas, flores vilosas, em panículas, e bagas esféricas. Sua madeira é muito procurada pela beleza e cor avermelhada. É utilizada na construção civil e marcenaria, bem como no paisagismo. → A madeira de **CANELA-ROSA**, em ensaios de laboratório, demonstrou ter baixa resistência ao apodrecimento e ao ataque de cupins de madeira seca. ⇒ Nesta semana conheceremos a árvore **canela-rosa**, que é mais conhecida por **maçaranduba**. **SIN. ABACATE-DO-MATO, ABACATEIRO-DO-MATO, MAÇARANDUBA, PAU-ANDRADE**

<http://www.refrima.com/pag/canela-rosa.html>
planetaterra.info/magia_das_arvores.htm

CANELA-VERMELHA [s.f.; pl. canelas-vermelhas] *Nectandra lanceolata* (Nees & Mart.), *Nectandra leucantha*, *Nectandra oreadum*, *Nectandra pichurim*, *Nectandra puberula*, *Nectandra weddellii*, *Ocotea pichurim*, *Cryptocarya moschata* **V. CANELA-AMARELA**

CEDRO-PRETO [s.m.; pl. cedros-pretos] *Nectandra globosa* **V. CANELA-PRETA**
LOIRO-VERMELHO [s.m.; pl. loiros-vermelhos] *Nectandra globosa* **V. CANELA-PRETA**

LOURO-AMARELO [s.m.; pl. louros-amarelos] *Ocotea diospyrifolia* **V. CANELA-AMARELA**

LOURO-AMARELO [s.m.; pl. louros-amarelos] *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez, *Ay dendron Tenellum* **V. CANELA-AMARELA**

LOURO-AMARELO-DE-CHEIRO [s.m.; pl. louros-amarelos-de-cheiro] *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez, *Ay dendron Tenellum* **V. CANELA-AMARELA**

LOURO-VERMELHO [s.m.; pl. louros-vermelhos] *Nectandra globosa* **V. CANELA-PRETA**

ORDEM: LILIALES; FAMÍLIA: LILACEAE

AÇUCENA-BRANCA [s.f.; pl. açucenas-brancas; var. açucena branca] *Lilium candidum*
 ● Planta herbácea nativa da Ásia, de folhas lanceoladas que diminuem de dimensão de baixo para cima; caule ereto que pode chegar a 1m de altura; bulbo ovóide e flores brancas de aroma delicado. Os bulbos fornecem um óleo essencial que é utilizado na fabricação de remédios para o tratamento de dor de ouvido e outros. → Encontramos o bulbo escamoso na **açucena-branca** (*Lilium candidum*), e no **martagom** (*Lilium martagon*). ⇒ Um outro símbolo de beleza e pureza é o lírio ou **açucena branca**, que também significa esperança. **SIN. BORDÃO-DE-SÃO-JOSÉ, CEBOLA-CECÉM, CECÉM, COPO-DE-LEITE, LÍRIO, LÍRIO-BRANCO, LÍRIO-DOS-POETAS, LIS**

www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/caule/caule-35.

www.phytoarte.com.br/.../significado%20das%20flores.doc

ORDEM: MAGNOLIALES; FAMÍLIA: MYRISTICACEAE

BICUÍBA-BRANCA [s.f.; pl. bicuíbas-brancas; var. bicuíba branca] *Virola bicuhyba*, *Virola officinalis* ● Planta nativa do Brasil que pode ser encontrada nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, geralmente em florestas pluviais. É uma árvore de porte médio, podendo chegar a 25 m de altura. Apresenta folhas simples, inteiras, alado-pecioladas, ovado-oblongas; flores apétalas dispostas em racimos axilares; fruto baga drupácea, globosa e pequena. Sua madeira é de coloração pardo-clara, passando a vermelho-pardacenta com o decorrer do tempo; é moderadamente pesada, resistente e durável, sendo fácil de trabalhar. → Sua área de ocorrência é na floresta pluvial que se estende de Pernambuco ao Rio de Janeiro, ocorrendo no Parque Florestal do Rio Doce (MG) alguns exemplares de 50 m de altura e 0,72 m de diâmetro e, na mesma área, ocorre uma espécie afim, denominada **Bicuíba branca** (*Virola officinalis*). ⇒ O gênero *Virola* é bem representado por outras espécies, nas demais regiões do país, principalmente na zona litorânea, desde o Estado do Espírito Santo até o Estado de Santa Catarina, conhecidas por **BICUIBA-BRANCA**, **BICUÍBA-ROSA**, **BUCUVA** e **BUCUVUÇU** e, eventualmente, por **VIROLA**. **SIN. BICUÍBA-REDONDA, BICUÍBA, BUCUVA, BUCUVUÇU, VIROLA, BICUIBAÇU**

<http://ipr.dnit.gov.br/manuais/Manual%20de%20Vegetacao%20Rodoviaria%20-%20VOLUME%201.pdf>

<http://www.refrima.com/pag/ucuuba-branca.html>

UCUUBA-BRANCA [s.f.; pl. ucuubas-brancas; var. ucuuba branca] *Virola surinamensis* ● Planta nativa do Brasil que pode ser encontrada nas margens alagáveis dos rios e igapós, como também em várzeas, principalmente nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá, Pará, Tocantins, Maranhão e Ceará e nos países da Amazônia Central. É uma árvore de grande porte, medindo aproximadamente 30 a 35 m de altura e 60 a 100 cm de diâmetro, com troncos retos, horizontais. As folhas são alternas, disticas, curto-pecioladas e simples; a lâmina possui formato oblongo, oblongo-lanceolado ou lanceolado, consistência coriácea, de 10-25 cm de comprimento e 2-5 cm de largura; as flores são de coloração amarelo-pálido. Sua madeira possui textura média; albúrnio de coloração creme-claro; e cerne mais escuro, variando do levemente rosado ao castanho-vermelho intenso. É empregada em construção de interiores, carpintaria, marcenaria e na fabricação de caixas, palitos de fósforo, laminados, compensados, celulose e papel. → O resultado mostrou que na análise sensorial feita com as espécies não houve diferença estatística ($P > 0,05$) entre as madeiras angelim-rosa (*Platycyamus regenellii* Benth, 1974), muiracatiara (*Astronium lecointei* Ducke, 1988) e virola ou **ucuúba-branca** (*Virola surinamensis* (Rol.) Warb, 1988), porém a defumação feita com mandioqueira (*Ruizterania albiflora* Marcano Bert, 1988) foi diferente apenas para a sardinha. ⇒ *Virola Surinamensis* que eu encontrei na praia. (**Ucuúba Branca**). **SIN. UCUÚBA, UCUÚBA-CHEIROSA, UCUÚBA-DE-IGAPÓ, UCUÚBA-DA-VÁRZEA, UCUÚBA-VERDADEIRA, ÁRVORE-DE-SEBO, VIROLA**

http://www.pubvet.com.br/artigos_det.asp?artigo=172dc381.4shared.com/doc/ADqR_6kR/preview.html

UCUUBA-VERMELHA [s.f.; pl. ucuubas-vermelhas; var. ucuuba vermelha] *Virola sebifera* ● Árvore nativa do Norte da América do Sul. Apresenta casca com seiva de coloração avermelhada folhas coriáceas; flores em panículas; e frutos ovoides, cujo endocarpo contem uma espécie de gordura de cor amarela clara, consistente, muito usada na fabricação de velas e sabões. → *Também apresenta semelhança com a V. sebifera, conhecida como ucuuba-vermelha devido à seiva avermelhada da casca, da qual se diferencia por possuir seiva incolor.* ⇨ *Informações fidedignas bem colocadas, a casca da ucuuba vermelha tem também um valor olfativo muito bom.* **SIN. ÁRVORE-DE-SEBO, BICUÍBA, BUCUVA, CANANGA, UCUUBA, UCUUBEIRA, UXICURUÁ, UCUÚBA-DO-CERRADO, GORDURA-DE-VIROLA**

www.iepa.ap.gov.br/arquivopdf/itucuubabranca.pdf

blog.multivegetal.com/ucuuba-fonte-de-beleza-e-saude-para-a-pele/

ORDEM: MALPIGHIALES; FAMÍLIA: FLACOURTIACEAE

CACAU-BRANCO [s.m.; pl. cacaos-brancos; var. cacau branco] *Carpotroche longifolia* ● Fruto do cacauzeiro-branco, árvore nativa da Amazônia, de folhas lanceoladas, pequenas flores caulinares, solitárias e aromáticas, e cápsulas globosas de coloração branca com várias sementes. → *Além de matéria-prima, o RECA produz uma série de derivados, que são produtos finais para o mercado, como licores, doces, marmeladas e sabonetes de manteiga de cacau branco, ainda elaborados de forma artesanal.* ⇨ *Mariella Balbi, proprietária da pequena empresa Guanni Chocolates, vende caixas com 12 trufas de chocolate amargo feitas com cacau branco nativo do Peru e recheadas com ingredientes locais, como aguardente pisco e frutas amazônicas, (...)* **SIN. FRUTA-DE-COTIA, FRUTA-DE-CUTIA**

<http://www.cepal.org/publicaciones/xml/8/44588/da-innovacao-a-politica-publica.pdf>

http://infosurhoy.com/cocoon/saii/xhtml/pt/photo_essay/saii/photo_essay/2012/05/02/photo_essay

CACAUEIRO-BRANCO [s.m.; pl. cacauzeiros-brancos] *Carpotroche longifolia* **V. CACAU-BRANCO**

ORDEM: MALPIGHIALES; FAMÍLIA: EUPHORBIACEAE

PIÃO-ROXO [s.m.; pl. piões-roxos] *Jatropha gossypifolia*, *Jatropha curcas* L. **V. PINHÃO-ROXO**

PINHÃO-ROXO [s.m.; pl. pinhões-roxos; var. pinhão roxo] *Jatropha gossypifolia*, *Jatropha curcas* L. ● Árvore nativa do Brasil, sendo muito frequente no estado de São Paulo. Apresenta folhas alternas, grandes e palmadas, flores de coloração roxa em cimeiras paniculadas e frutos capsulares monospermos. Suas flores e frutos são tóxicos. → *O pinhão roxo (Jatropha gossypifolia L.) é uma planta da família euforbiácea que, após sua domesticação, tende a se tornar uma forte tendência de opção agrícola para a região Nordeste do Brasil por ser uma espécie nativa, exigente em insolação e com forte resistência à escassez hídrica.* ⇨ *Mas que ela tinha plantado na porta de sua casa, depois da cheia que levou seus móveis, um pé de pinhão roxo porque acreditava que aquilo ali ajudaria*

a afastar o mal olhado na sua família que era muito pobre, mas não tinha bandidos. **SIN. PINHÃO-DE-PURGA, PINHÃO-PARAGUAIO, PINHÃO-BRAVO, PINHÃO, PIÃO, PIÃO-ROXO, MAMONINHO, PURGANTE-DE-CAVALO**

<http://www.cbmamona.com.br/pdfs/MAN-62.pdf>

<http://assumoospecados.blogspot.com.br/2008/01/p-de-pinho-roxo.html>

ORDEM: MYRTALES; FAMÍLIA: MYRTACEAE

ARAÇÁ-AMARELO [s.m.; pl. araçás-amarelos] *Psidium cattleianum* Sabine, *Guajava cattleiana* Ktze., *P. indicum* Boj., *P. littorale* Raddi e *P. variabile* Berg. **V. ARAÇÁ-VERMELHO**

ARAÇÁ-CINZENTO [s.m.; pl. araçás-cinzentos; var. araçá cinzento] *Psidium cinereum* Mart. ex DC, *P. incanum* Berg ☉ Planta nativa do Brasil, ocorrendo naturalmente na Mata Atlântica, na região sudeste e sul do país e no cerrado. Apresenta altura variante entre 2 e 4 m; suas folhas são aromáticas, com até 6 cm de comprimento; seu fruto é uma baga, ovóide, verde-amarelada, com polpa de sabor doce-ácido. Tal espécie está na lista das espécies ameaçadas de extinção. → De acordo com Mattos (1978), são também encontradas no sul do país as espécies: *P. cattleianum* Sabine, popularmente chamado de araçazeiro comum ou araçá-de-coroa, (...) e *P. incanum* Berg, o araçá cinzento. ⇨ O araçá-cinzento (*Psidium cinereum* Mart. ex DC) é um arbusto frutífero da família das mirtáceas. **SIN. ARAÇÁ-FUMAÇA, ARAÇÁ-DO-CAMPO, ARAÇÁ-FELPUDO**

www.cpac.embrapa.br/download/1515/t

www.tiosam.com/?q=Psidium_cinereum

ARAÇÁ-ROSA [s.m.; pl. araçás-rosas] *Psidium cattleianum* Sabine, *Guajava cattleiana* Ktze., *P. indicum* Boj., *P. littorale* Raddi e *P. variabile* Berg. **V. ARAÇÁ-VERMELHO**

ARAÇÁ-ROXO [s.m.; pl. araçás-roxos; var. araçá roxo] *Psidium myrtoide*s (O. Berg), *Psidium rufum* (Mart. ex DC.) ☉ Planta nativa do Brasil, ocorrendo naturalmente na floresta ombrófila densa da Mata Atlântica, especificamente no litoral norte do estado de São Paulo. Tal árvore pode chegar a 8 m de altura e apresenta tronco ereto de até 35 cm de diâmetro; casca fina quase lisa; folhas simples rígido-cartáceas, de 4 a 7 cm de comprimento; flores solitárias, axilares, de coloração branca; bagas globosas e brilhantes de coloração vermelho-escura com polpa carnosa de sabor adocicado e levemente ácido, contendo uma única semente. Está ameaçada de extinção. → A extração pelo método A (acetona PA) resultou em maior teor de fenóis totais do que pelo método B (acetona 80%), porém, para extratos de araçá roxo, não houve diferença significativa no conteúdo de fenóis totais entre os métodos de extração (Tabela 1). ⇨ Já o araçá roxo é um fruto com polpa mucilaginoso e macia, muito doce e mais ácida que a goiaba, com sabor muito marcante (goiaba, pitanga, jabuticaba). **SIN. ARAÇÁ-PERINHA, ARAÇÁ-CAGÃO**

www.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/CA/CA_00796.pdf

<http://come-se.blogspot.com/2008/05/porto-alegre-parte-6-ara-e-feijoa-ou.html>

ARAÇÁ-VERDE [s.m.; pl. araçás-verdes; var. araçá verde] *Psidium Cuneatum*, *Psidium densicomum* ☉ Planta nativa do Brasil, ocorrendo principalmente nas terras marginais às águas de superfície do Alto Amazonas. Tal árvore pode chegar a 8 m de altura, apresentando copa ampla e densa; folhas pecioladas, ovalado-oblongas e membranosas; flores brancas reunidas em pedicelo axilares; o fruto é uma baga amarela globosa que pode chegar a 2 cm de diâmetro e de sabor azedo. → *As maiores respostas eletroantegráficas de fêmeas de A. fraterculus foram registradas para os extratos de guabiroba verde e madura, araçá maduro e pitanga verde, seguidos pelo extrato de araçá verde; os demais não diferiram significativamente do controle (etanol) e nem entre si.* ⇨ *Sou de Salvador-Ba, lá é comum encontrar araçá verde, mas aqui em Lins-SP onde estou morando agora é novidade pra mim o araçá vermelho.* **SIN. ARAÇÁ-AZEDO, GOIABA-AZEDA-DO-AMAZONAS**

www.scielo.br/scielo.php?pid=S0073-47212010000200007...

www.apremavi.org.br/.../aracavermelho-o-fruto-que-tem-olhos

ARAÇÁ-VERMELHO [s.m.; pl. araçás-vermelhos; var. araçá vermelho] *Psidium cattleianum* Sabine, *Guajava cattleyana* Ktze., *P. indicum* Boj., *P. littorale* Raddi e *P. variabile* Berg. ☉ Planta perenifolia ou semidecídua, nativa do Brasil, característica da mata pluvial atlântica, podendo ocorrer naturalmente desde a Bahia até o Rio Grande do Sul. Sua altura varia entre 2 e 7 m; suas folhas são simples, coriáceas, glabras, de 5 -10 cm de comprimento; flores de coloração amarela; os frutos são bagas globosas de coloração que varia entre amarelo e vermelho; tronco liso e casca descamante. → *Frutos de araçá-vermelho devem ser colhidos no estágio maduro e imediatamente armazenados a temperaturas próximas de 0°C, visando a prolongar a sua conservação, já que apresentam elevadas taxas respiratórias e rápido amadurecimento à temperatura ambiente (20°C).* ⇨ *Já que estais falando em araçá vermelho, acabei de classificar algumas fotos do mesmo e anexo algumas.* **SIN. ARAÇÁ-ROSA, ARAÇÁ-DE-COROA, ARAÇÁ-DE-COMER, ARAÇÁ-COMUM, ARAÇÁ-DA-PRAIA, ARAÇÁ-DO-CAMPO, ARAÇÁ-DO-MATO, ARAÇAZEIRO, ARAÇÁ-AMARELO, ARAÇÁ**

www.scielo.br/pdf/abb/v22n4/a22v22n4.pdf

br.groups.yahoo.com/group/arvores/message/2674

CAMBUÍ-VERMELHO [s.m.; pl. Cambuís-vermelhos; var. cambuí vermelho] *Myrciaria floribunda* ☉ Planta originária da América do Sul, muito recorrente no Brasil. É uma árvore de porte pequeno, não ultrapassando os 4 m de altura. Seus ramos e galhos são esparsos formando copa rala; o tronco é reto e liso com casca descamante no sentido longitudinal e de coloração avermelhada; as folhas são simples; as flores são minúsculas, nascendo em grupos de 3 a 5 e contendo 5 sépalas e 5 pétalas brancas; seu fruto é pequeno e redondo de coloração avermelhada quando maduro. → *A espécie Myrciaria floribunda (cambuí vermelho) ocorre em varias formações florestais da América do Sul e Brasil.* ⇨ *O Cambuí vermelho foi plantado setembro de 2.004 e ainda não frutificou.*

<http://sec.s bq.org.br/cdrom/34ra/resumos/T3356-2.pdf>

<http://frutasararas.sites.uol.com.br/eugeniamyrciaria.htm>

ORDEM: PINALES; FAMÍLIA: PINACEAE

ABETO-BRANCO [s.m.; pl. abetos-brancos; var. abeto branco] *Abies alba* ● Árvore nativa das regiões montanhosas da Europa. Tem como características copas no formato piramidal e folhas em formato de agulhas achatadas de coloração verde-azulada na parte superior e branca na parte inferior. Seu tronco é colunar, desprovido de ramos em sua parte inferior, podendo chegar a 6 metros de diâmetro e até 60 metros de altura. É muito cultivada pela utilização de sua madeira em marcenaria, carpintaria e papelaria. → *A transformação de povoamentos puros equiâneos de Picea ou Abies, em povoamentos mistos e floresta jardinada respectivamente, é uma meta comum nas áreas onde Abies (Abeto branco) é naturalmente distribuído: nas altas altitudes da Floresta Negra.* ⇨ *As suas características específicas devem-se à área geográfica, coberta por florestas de coníferas singularizadas pela elevada proporção de abeto branco (Abies alba).* **SIN. ABETO-PRATEADO**

www.ufsm.br/cienciaflorestal/artigos/v10n2/art13v10n2.pdf
www.linguee.pt/ingles-portugues/traducao/abies+alba.html

ORDEM: POALES; FAMÍLIA: CYPERACEAE

TIRIRICA-AMARELA [s.f.; pl. tiriricas-amarelas; var. tiririca amarela] *Cyperus Esculentus* ● Planta herbácea, perene, de altura variável entre os 40 e 60 cm. Apresenta uma parte subterrânea constituída por bulbos basais, os quais originam os rizomas e, nas extremidades destes, originam-se os tubérculos. Dos bulbos basais emerge o pseudocaule, ereto e esverdeado. As folhas emergem em conjunto de três e na base da inflorescência ramificam-se em conjuntos de três a nove folhas de comprimento variado. A inflorescência é de coloração amarelada. Uma vez que se desenvolve rapidamente em áreas ensolaradas e várzeas úmidas, é um grande problema para as culturas de arroz irrigado. Seu rizoma é comestível e conhecido desde a Antiguidade, sendo no Antigo Egito utilizado como bebida e na fabricação de farinha. → *Dez dos isolados estudados foram obtidos de tiririca roxa (C. Rotundus) e os outros dois de tiririca amarela (C. Esculentus). Todos os isolados causaram doença na tiririca roxa, mas apenas os dois isolados de tiririca amarela foram patogênicos a este hospedeiro.* ⇨ *A variedade correta para fazer a orchata é a conhecida com tiriricão, junquinho ou tiririca amarela.* **SIN. JUNQUINHO, COCO-CAPIM, JUNÇA, CHUFA, TIRIRICÃO**

<http://www.zoonews.com.br/noticias2/noticia.php?idnoticia=2451>
<http://come-se.blogspot.com.br/2008/01/batatinhas-de-tiririca-ou-chufas.html>

TIRIRICA-ROXA [s.f.; pl. tiriricas-roxas; var. tiririca roxa] *Cyperus rotundus* ● Planta herbácea, perene, com ampla distribuição geográfica. De altura variável entre os 40 e 60 cm, apresenta uma parte subterrânea constituída por bulbos basais, os quais originam os rizomas e nas extremidades destes se originam os tubérculos. Dos bulbos basais emerge o pseudocaule, ereto e esverdeado. As folhas emergem em conjunto de três e na base da inflorescência ramificam-se em conjuntos de três a nove folhas de comprimento variado. A inflorescência é de coloração avermelhada. Acredita-se que tal planta foi introduzida no Brasil pelos portugueses e, atualmente, estima-se que 50% dos solos brasileiros esteja infestado por ela. Tal espécie é a mais nociva. → *Apesar das inúmeras tentativas com métodos químico, mecânico e cultural, as perspectivas de um controle eficaz da tiririca roxa não são*

animadoras. ⇒ *Estandes naturais de tiririca amarela, em áreas irrigadas do projeto Gorutuba em Janúba-MG (A), de tiririca roxa na horta do fundão do Departamento de Fitotecnia da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG (B), de tiririca roxa na área experimental da Embrapa Hortaliças em Brasília_DF (C) e a biomassa subterrânea produzida sob condições de campo (C) e de casa-de-vegetação em vaso (D).*

http://www.cpact.embrapa.br/imprensa/artigos/2009/tiririca_Glauria.pdf

<http://www.redepeavirus.com.br/redes/form/comunidade?id=1774>

ORDEM: POALES; FAMÍLIA: BROMELIACEAE

ABACAXI-BRANCO [s.m.; pl. abacaxis-brancos; var. abacaxi branco] *Ananas comosus*
 ● Planta nativa da América tropical, de cultivo anual em terrenos sílico-argilosos, conhecida popularmente como abacaxi. Apresenta propriedades anti-inflamatórias, digestivas e diuréticas, além de ser usada nas dietas de emagrecimento, devido a seu alto índice de fibras. → *Estarão no programa cerca de 30 produtores de manga, maçã, mamão papaya, melão, uva de mesa, limão tayti, banana prata e abacaxi branco.* ⇒ *Meu Deus! eu tinha conhecido um abacaxi branco e muito azedo, considerado "s sofisticado"; todos comiam fechando os dentes com tanta aspereza, nunca imaginei ter sido enganada em salões que jamais saberiam a verdade - o verdadeiro abacaxi só era encontrado lá, naquelas praias, e só podia ser apreciado daquela maneira, comido com as mãos.* **SIN. ANANÁS, ABACAXI, ANANASEIRA, BROMÉLIA-ANANÁS, NANÁS.**

www.revistadigital.com.br/impresao_conteudo.asp?CodMateria...

http://correiogourmand.com.br/info_01_cultura_gastronomica_03_cozinhas_do_mundo_italia_09.htm

ORDEM: ROSALES; FAMÍLIA: CECROPIACEAE

EMBAÚBA-BRANCA [s.f.; pl. embaúbas-brancas; var. embauba branca] **1.** *Cecropia palmata* ● Árvore nativa do Brasil que pode ser encontrada desde o Pará até as Guianas. Apresenta tronco ereto e folhas orbiculares, cordiformes, com cinco, sete ou nove lobos, cobertas de leve tomento branco. → *O incremento periódico anual (IPA) médio encontrado para Embaúba-vermelha e Embaúba-branca sofreu uma redução gradativa (Figura 1), essa redução está ligada ao grupo ecológico no qual a Cecropia está inserida, que sofrem desfavorecimento à medida que a floresta tende ao equilíbrio.* ⇒ *Aqui a embauba branca ocorre principalmente em áreas mais úmidas, pode ter alguma relação sim com excesso de água.* **SIN. MATATAÚBA, SAMBACUIM** **2.** *Cecropia leucoma, Cecropia hololeuca* ● Árvore nativa do Brasil que pode ser encontrada no estado do Rio de Janeiro. Apresenta tronco ereto e folhas coriáceas com até 10 lobos, cobertas por tomento branco que, quando em contato com a luz solar, se torna prateada. Pode chegar aos 12 m de altura. Tem propriedades diuréticas, tônicas, adstringentes e emenagogas. **SIN. EMBAÚVA-BRANCA, EMBAÚBA-PRATEADA, EMBAÚVA-PRETA, UBAÚBA-BRANCA** **3.** *Cecropia distachya* ● Árvore nativa do Brasil encontrada na Amazônia. Apresenta tronco ereto e folhas orbiculares e coriáceas, palmatissectas, com sete lobos. Sua parte inferior é de coloração verde-esbranquiçada. **SIN. EMBAÚBA-DA-MATA**

1. <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/880196/1/DIANABENTES.pdf>
br.groups.yahoo.com/group/agroflorestal/message/6007

EMBAÚBA-VERMELHA [s.f.; pl. embaúbas-vermelhas] *Cecropia carbonaria*, *Cecropia sciadophylla* ● Árvore nativa do Brasil que pode chegar aos 15 m de altura. Apresenta tronco ereto e folhas rígidas e coriáceas, de coloração inferior prateada e brotos vermelhos, com até 11 lobos, e inflorescências axilares. Seu tronco é oco, servindo como abrigo para as chamadas “formigas-de-embaúba”. → *A partir destes fatores foi realizada a caracterização da dinâmica das espécies do gênero Cecropia, sendo as espécies Embaúba-vermelha e Embaúba-branca, em uma área explorada há 30 anos na Flona Tapajós. ⇨ Em frente à nossa casa há uma árvore típica de Mata Atlântica chamada Embaúba-vermelha. Ela dá frutos que atraem diversas espécies de animais, como os tucanos.*

<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/880196/1/DIANABENTES.pdf>

<http://taminogruber.com/serra/>

EMBAÚVA-BRANCA [s.f.; pl. embaúvas-brancas] *Cecropia leucoma*, *Cecropia hololeuca*
V. EMBAÚBA-BRANCA

EMBAÚVA-PRETA [s.f.; pl. embaúvas-pretas] *Cecropia leucoma*, *Cecropia hololeuca* **V.**
EMBAÚBA-BRANCA

UMBAÚBA-BRANCA [s.f.; pl. umbaúbas-brancas] *Cecropia leucoma*, *Cecropia hololeuca*
V. EMBAÚBA-BRANCA

ORDEM: ROSALES; FAMÍLIA: MORACEAE

AMEIXA-AMARELA [s.f.; pl. ameixas-amarelas; var. ameixa amarela] *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lind ● Fruto da ameixeira-amarela, planta originária da Ásia (ameixeira-europeia), muito cultivada no globo todo, sendo também comum no Brasil. Pode atingir 8 m de altura, apresentando tronco de coloração avermelhada, folhas alternas e lanceoladas com ápice afilado e acuneadas na base, dentadas e cobertas por uma lanugem na parte inferior, usadas no tratamento de diarreia e disfunções estomacais; seu fruto é uma baga de coloração amarelada, apresentando 1 ou até 5 sementes, comestível e usado na fabricação de doces; suas flores são branco-amareladas, aromáticas e dispostas numa inflorescência ramificada terminal. → *Sem desbaste, é uma fruta pequena, de cor amarela e casca aveludada, de modo errôneo chamada popularmente de ameixa-amarela ou ameixa-japonesa. ⇨ Meninas, aqui em casa tem um pé de ameixas amarelas e outro dia minha mãe cismou de fazer um doce.* **SIN. NÊSPERA, AMEIXA-AMERICANA, AMEIXA-JAPONESA, AMEIXA-DO-JAPÃO, NESPEREIRA**

http://www.infobibos.com/Artigos/2006_3/nespereira/index.htm

<http://www.alertadetendencia.com/2012/09/delicia-da-semana-doce-de-ameixa-amarela.html>

AMEIXA-ROXA [s.f.; pl. ameixas-roxas; var. ameixa roxa] *Eriobotrya japonicaestica*, *Prunus domestica* L., *Prunus salicina* ● Fruto da ameixeira-roxa, arbusto nativo da Europa que pode chegar a 6 m de altura. Apresenta uma película de coloração que varia entre o azul e o roxo e polpa vermelho-escura devido à grande quantidade do pigmento *antocianina*, substância que age no controle da obesidade. → *Algumas frutas contêm pigmentos (responsáveis pela cor da fruta) como a antocianina, encontrada em frutas como a uva e ameixa roxa que ajudam no combate aos radicais livres e até mesmo no*

controle da obesidade. ⇨ A **ameixa roxa** contém boas quantidades de minerais como cálcio, fósforo, ferro e vitaminas A, C e do complexo B. **SIN. AMEIXA-EUROPÉIA**

<http://www.meunutricionista.com.br/colunas.exibir.php?id=21>
confrariadahorta.pt/?p=236

AMEIXA-VERMELHA [s.f.; pl. ameixas-vermelhas; var. ameixa vermelha] *Prunus domestica* ● Fruto da ameixeira-vermelha, arbusto nativo da Europa que pode chegar a 6 m de altura. Apresenta folhas serreadas, flores branco-esverdeadas e fruto comestível, dotado de uma película de cor vermelha e polpa amarelo-alaranjada. De alto valor nutritivo, é rico em açúcar, sais minerais (cálcio, fósforo e ferro), vitaminas do complexo B, que evitam problemas de pele e reumatismo, e fibras. → Por exemplo, a **ameixa-vermelha** é rica em provitamina A, ao passo que as outras variedades são relativamente pobres. ⇨ Uma das frutas que adoro e para mim tem gosto de Final de Ano é a **Ameixa Vermelha**, pequena, suculenta e ao mesmo tempo doce e azedinha, é uma perdição!

www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/.../ameixa-4.php
<http://mangiachetefabene.wordpress.com/2007/11/08/torta-de-ameixa-vermelha/>

AMEIXEIRA-AMARELA [s.f.; pl. ameixeiras-amarelas] *Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl **V. AMEIXA-AMARELA**

AMEIXEIRA-ROXA [s.f.; pl. ameixeiras-roxas] *Eriobotrya japonica* *estica*, *Prunus domestica* L., *Prunus salicina* **V. AMEIXA-ROXA**

AMEIXEIRA-VERMELHA [s.f.; pl. ameixeiras-vermelhas] *Prunus domestica* **V. AMEIXA-VERMELHA**

AMORA-BRANCA [s.f.; pl. amoras-brancas; var. amora branca] *Morus Alba* ● Fruto da amoreira-branca, planta nativa da China, mas que pode ser encontrada em toda a parte do globo, sendo cultivada principalmente para a criação do bicho-da-seda. Seus frutos, quando maduros, apresentam uma coloração clara que a distingue da espécie *Morus nigra*. Suas Folhas, frutos, raízes e cascas apresentam propriedades laxativa, sedativa, expectorante, refrescante, emoliente, calmante, diurética, antidiabética, antiinflamatória e tônica. → Também não foi possível fazer análise comparatória com a **amora branca** nativa. ⇨ A **amora branca** é conhecida por suas propriedades diuréticas, é muito usada no controle do colesterol, da diabetes, da hipertensão e nos problemas dos rins e bexiga. **SIN. AMORA-DO-MATO, AMORA-BRAVA**

<http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/141/219>
www.lojadojardim.com/Produto-Organicos-Chas-Organicos-Cha-Organico-Amora-Branca---Vemat---VEMCHA018-versao-11-17.aspx

AMORA-NEGRA [s.f.; pl. amoras-negras] *Morus nigra* L. **V. AMORA-PRETA**

AMORA-PRETA [s.f.; pl. amoras-pretas] *Morus nigra* L. ● Fruto da amoreira-preta, planta asiática, mas que pode ser encontrada em toda a parte do globo, sendo cultivada principalmente para a criação do bicho-da-seda. É uma árvore decídua e perene que pode chegar a 12 m; suas folhas são simples, ovadas a cordiformes, cartáceas, de margens dentadas e recobertas por uma pilosidade; as inflorescências surgem no final do inverno e apresentam o formato de espiga, pendentes, onde se reúnem flores brancas minúsculas; seus frutos são pequenos aquênios ricos em vitamina C, de coloração que varia entre o avermelhado ao negro e são reunidos em infrutescências. Suas folhas, frutos, raízes e cascas apresentam propriedades laxativa, sedativa, expectorante, refrescante, emoliente, calmante, diurética, antidiabética, antiinflamatória e tônica. → *Amora ou amora-preta (Morus nigra L.), pertencente da família Moraceae, a árvore é caducifolia de 7-12 m de altura, originária da China, propagada principalmente por estaquia. Os frutos são comestíveis, utilizados para o preparo de geléias e muito apreciados pela avifauna. ⇒ Os ramos da Amora-preta (Morus nigra) são usados popularmente contra a hipertensão, as folhas para a diabetes, a raiz é contra a solitária e as frutas contra a fraqueza, úlceras e vertigem.* **SIN. AMORA-NEGRA, AMOREIRA, AMORA, AMOREIRA-DO-BICHO-DA-SEDA**

<http://www.plantasmedicinasefitoterapia.com/plantas-mediciniais-amora.html>

http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bis/33004099079P1/2007/silva_am_me_ilh a.pdf

AMORA-VERMELHA [s.f.; pl. amoras-vermelhas; var. amora vermelha] *Rubus rosifolius* ● Fruto da amoreira-vermelha, arbusto nativo do Brasil, ocorrendo no Cerrado e Mata atlântica, que não ultrapassa 1,50 m de altura e é repleto de espinhos no caule e nas folhas. Suas flores são brancas; frutos apocárpicos, constituídos de drupéolas vermelhas; folhagem recortada. → *Estudos sobre a caracterização química dos frutos de amora-vermelha ainda são inexistentes. Portanto, esse trabalho objetivou estudar os teores dos minerais (P, K, Ca, Mg, S, B, Cu, Mn, Zn e Fe) em frutos de amora vermelha. ⇒ A Rubus rosifolius, conhecida como moranguinho silvestri e amora-vermelha, é uma frutífera nativa do Brasil, mais precisamente da Mata Atlântica.* **SIN. FRAMBOESA, MORANGO-SILVESTRE, MORANGUINHO-SILVESTRE, AMORA-BRAVA, ROSA-CANINA, ROSA-SELVAGEM**

<http://sec.sbq.org.br/cdrom/34ra/resumos/T2254-1.pdf>

<http://frutastemperadas.blogspot.com/2011/01/rubus-rosifolius-fruta-de-tamanho.html>

AMOREIRA-BRANCA [s.f.; pl. amoreiras-brancas] *Morus Alba* **V. AMORA-BRANCA**

AMOREIRA-PRETA [s.f.; pl. amoreiras-pretas] *Morus nigra* **V. AMORA-PRETA**

AMOREIRA-VERMELHA [s.f.; pl. amoreiras-vermelhas] *Rubus rosifolius* **V. AMORA-VERMELHA**

ROSA-CANINA [s.f.; pl. rosas-caninas] *Rubus rosifolius* **V. AMORA-VERMELHA**

ROSA-SELVAGEM [s.f.; pl. rosas-selvagens] *Rubus rosifolius* **V. AMORA-VERMELHA**

ORDEM: SAPINDALES; FAMÍLIA: ANARCADIACEAE

AROEIRA-BRANCA [s.f.; pl. aroeiras-brancas; var. aroeira branca] *Lithraea molleoides*
 ● Árvore que ocorre em todo Brasil, sobretudo nas regiões abrangidas pela Mata Atlântica. Considerada de médio porte, pois atinge 12 m de altura, com tronco de 20-40 cm de diâmetro, geralmente curto e tortuoso, apresenta flores melíferas de coloração verde-amareladas; folhas aromáticas e com componentes medicinais; frutos de coloração cinza-esverdeada que contêm um óleo essencial. Sua casca tem coloração pardo-vermelho-escura, é usada como agente tintorial. → *Contudo, não foi possível inferir sobre a presença de anormalidades relacionadas à morfologia do embrião como nos trabalhos realizados com sementes de milho (Cícero e Banzatto Junior, 2003), canafístula (Oliveira et al., 2003), aroeira-branca (Machado & Cícero, 2003) e ipê-roxo e amarelo (Oliveira et al., 2004), em razão ao alto grau de umidade apresentado pelas sementes reduzir a densidade óptica dos tecidos (Simak, 1991).* ⇒ *Este recurso traz uma imagem do pólen da planta Aroeira branca (Lithrea molleoides), também conhecida como Aroeira brava, é uma planta nativa do Brasil e pode ser encontrada principalmente no Sul e Sudeste do país.* **SIN. AROEIRA-BRAVA, AROEIRA-DE-CAPOEIRA, AROEIRINHA, BUGREIRO, AROEIRA-DO-BREJO**

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31222007000300020&script=sci_arttext&tlng=en
<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/handle/mec/6623>

ORDEM: SAPINDALES; FAMÍLIA: BURSERACEAE

BREU-BRANCO [s.m.; pl. breus-brancos; var. breu branco] *Protium heptaphyllum*, *Protium paniculatum* ● Árvore aromática de médio porte que ocorre nas matas de terra firme em todo o Brasil. Apresenta altura variável entre os 10 e 20 m, tronco espesso com cerca de 50-60 cm e casca vermelho-escura. Sua utilização é amplamente difundida, sendo usada na medicina popular como analgésico, cicatrizante e expectorante, na indústria de verniz, na calafetagem de embarcações e como incenso em rituais religiosos. → *Protium heptaphyllum (Bourseraceae), conhecida comumente como almecegueira, breu branco e/ou almêcega do Brasil, caracteriza-se pela grande produção de resina amorfa, usada popularmente como antiinflamatória, cicatrizante, expectorante e analgésica.* ⇒ *O Breu branco (Protium heptaphyllum ou P. pallidum) não é comercializado por aqui, pois a extração comercial dessa madeira ainda não se consolidou.* **SIN. BREU-BRANCO-VERDADEIRO, BREU, ALMACEGUEIRA, ALMÊCEGA-DO-BRASIL**

<http://sec.s bq.org.br/cdrom/32ra/resumos/T1719-2.pdf>
forum.cifraclub.com.br/forum/3/174655/p1

BREU-BRANCO-VERDADEIRO [s.m.; pl. breus-brancos; var. breu branco] *Protium heptaphyllum*, *Protium paniculatum* **V. BREU-BRANCO**

BREU-PRETO [s.m.; pl. breus-pretos; var. breu preto] *Protium caraná*, *Protium tenuifolium* ● Árvore aromática originária da Amazônia de aproximadamente 6 m de altura e 40 cm de diâmetro. Apresenta madeira branca e leve; cerne de coloração

marrom-claro; alburno cinza-rosado; folíolos acuminados; flores em panículas; e resina negra. →A população de **Breu preto** apresentou baixo coeficiente de regressão (Tabela 3), o que, associado aos resultados do grau de iluminação (Tabela 4), sugere que essa espécie apresenta uma maior exigência de luminosidade nas etapas iniciais de sua regeneração (classe diamétrica 1).⇒Para aromatizar o sabonete, eu usei apenas o óleo essencial de **breu preto**, uma madeira originária também da Amazônia.

<http://www.cnps.embrapa.br/publicacoes/pdfs/circ082001padroessilvicamapa.pdf>
<http://supasoap.wordpress.com/tag/breu-preto/>

BREU-VERMELHO [s.m.; pl. breus-vermelhos] *Protium puncticulatum* ●Árvore aromática nativa do Brasil. De aproximadamente 10 m de altura e 60 cm de diâmetro, apresenta casca lisa de coloração vermelho-escuro, cerne de cor bege-claro e alburno marrom-avermelhado-claro. →Já a espécie **breu-vermelho** possui uma estabilidade dimensional para ser usada nas mesmas finalidades acrescentando-se também seu uso na carpintaria, marcenaria, lambris, molduras e rodapés. ⇒A suave curva do assento bicolor, feito em madeiras roxinho e **breu-vermelho**, harmoniza-se aos traços retilíneos da estrutura, criando um produto para ser colocado em qualquer ambiente. **SIN. BREU**

<http://www.celuloseonline.com.br/noticias/Pesquisa+mostra+especies+de+madeira+da+Amazonia+para+industria>
<http://www.designbrasil.org.br/produtos/banco-trovador>

ORDEM: SAPINDALES; FAMÍLIA: MELIACEAE

CAMBARÁ-ROSA [s.m.; pl. cambarás-rosas; var. cambará rosa] *Guarea balansae* ●Árvore nativa da América do Sul de até 6 m de altura. Apresenta madeira nobre de coloração castanho-avermelhada-claro, de gosto e cheiro indistintos; folhas penadas; flores em panículas de coloração vermelha escura; frutos capsulares. Não é durável, tendo pouca resistência ao ataque de fungos. É muito utilizada na construção civil, na fabricação de laminados, compensados e embalagens. →Desta vez, foram 17 m³ de **cambará rosa**, sem origem legal, que estavam sendo vendidos também sem qualquer tipo de licença. ⇒Tenho uma conhecida que fez direto o chá do **cambará rosa** para o marido e ele ficou curado de uma tosse crônica causada por gripe forte. **SIN. CAMBARA, CEDRINHO, CEDRILHO, QUARUBARANA**

www.estadao.com.br/.../geral,ibama-apreende-madeira-irregular-em-...
saojoaquimonline.com.br/.../pesquisadores-confirmam-propriedades-...

ORDEM: SAPINDALES; FAMÍLIA: RUTACEAE

AMARELÃO [s.m.; pl. amarelões] *Euxylophora paraensis* Huber **V. PAU-AMARELO**

AMARELINHO [s.m.; pl. amarelinhos] *Euxylophora paraensis* Huber **V. PAU-AMARELO**

AMARELO-CETIM [s.m.; pl. amarelos-cetins] *Euxylophora paraensis* Huber **V. PAU-AMARELO**

ARAPOCA-BRANCA [s.f.; pl. arapocas-brancas; var. arapoca branca] *Raputia Alba*
 ● Árvore nativa do Brasil, podendo ser encontrada em diversas regiões principalmente no sudeste. Sua madeira é nobre e a casca tem efeitos antitérmicos. Apresenta folhas coriáceas, flores brancas e seus frutos são de coloração verde na parte externa e rósea na parte interior. → **RAPÚTIA BRANCA**: Também chamada de "arapoca" ou "arapoca branca", é eupéptica e febrífuga, devendo ser usada em doses reduzidas. ⇒ **Arapoca-branca**: Suas folhas são utilizadas nas obrigações de cabeça e nos abô; no Candomblé são usadas em sacudimentos pessoais. **SIN. ARAPOCA-VERDADEIRA, RAPÚTIA-BRANCA, GUARATÁ**

www.coluna-da-sal.com/herbarium/herba_6r.htm

blog.clickgratis.com.br/umbandadivina/.../ERVAS+DE+OXUM.html

PAU-AMARELO [s.m.; pl. paus-amarelos; var. pau amarelo] *Euxylophora paraensis* Huber
 ● Árvore nativa do Brasil, distribuindo-se pelas matas de terra firme da região norte, sobretudo no Pará. Considerada de grande porte, pois pode chegar a 40 m de altura e 1 m de diâmetro, apresenta casca castanho-acinzentada; cerne e alborno de coloração amarela; folhas alternas ovais subcoriáceas; face dorsal com tênues pelos amarelados; flores aromáticas branco-amareladas; fruto cápsula de 2 cm de diâmetro. É muito apreciada pela qualidade de sua madeira que, devido a sua densidade média, e por consequência à facilidade em torneá-la, tem grande utilização na fabricação de móveis e na construção civil e naval. → *Martini et al (prelo) apontam as 3 espécies mais valiosas da floresta amazônica e que são também muito susceptíveis aos impactos da exploração: o "mogno" (Swietenia macrophylla King) que ultrapassa US\$ 700.00/m³ de madeira serrada, o "pau amarelo" (Euxylophora paraensis Huber) que chega a até US\$ 400.00/m³ de madeira serrada e a cerejeira (Torresea acreana Ducke) com valor superior a US\$ 300.00/m³ de madeira serrada.* ⇒ Posso citar outros exemplos também, todos utilizados na indústria têxtil para a produção de pigmentos, como o **Pau-Amarelo** (*euxylophora paraensis*), que apresenta uma cor amarela bastante forte e o **Pau-Rainha** (*centrolobium paraense*), de cor laranja. **SIN. AMARELÃO, AMARELINHO, AMARELO-CETIM, CETIM, ESPINHEIRO, LIMÃORANA, MUIRATANÁ, MUIRATAUÁ, PAU-CETIM, PEQUIÁ-CETIM, PIQUIÁ-CETIM**

http://www.interciencia.org/v20_01/art03/

http://br.gloog.com.br/answer/pt_br/answer_20100503165251AANdJYR.html?categoryId=396545397

RAPÚTIA-BRANCA [s.f.; pl. rapútias-brancas] *Raputia Alba* **V. ARAPOCA-BRANCA**

ORDEM: SAPINDALES; FAMÍLIA: SAPINDACEAE

CAMBOATÁ-BRANCO [s.m.; pl. camboatás-brancos; var. camboatã branco; camboatá branco] *Matayba elaeagnoides* Radlk., *Matayba guyanensis* ● Árvore perenifólia nativa das Guianas e do Brasil, ocorrendo do Amazonas até o Paraná. De aproximadamente 15 m de altura, apresenta tronco curto e tortuoso de 50-80 cm de diâmetro; madeira moderadamente pesada, dura, de resistência média e de boa durabilidade, de coloração branca com casca rugosa e escura; folhas compostas; flores brancas em panículas axilares; cápsulas verrucosas com sementes ariladas. É utilizada na construção civil como caibros, vigas, ripas, para obras internas e para lenha e carvão. → **O Camboatã Branco**, ou *Matayba sp*, é uma das esperanças do Banco de Extratos

para o tratamento da malária. ⇒ Aqui no Rio Grande do Sul é conhecido como **camboatã branco**, vou ver o nome científico pra você assim que tiver tempo. **SIN. ATOUAOU, CAMBOATÃ-BRAVO, JATUAÚBA, MAMA-DE-PORCA, PARICÁ, PAU-DE-ESPETO, TOUAOU,**

www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria.../mostra_noticia.php?codigo...
br.groups.yahoo.com/group/arvores/message/11633

ORDEM: SOLANALES; FAMÍLIA: CONVULVULACEAE

CAMPAINHA-AMARELA [s.f.; pl. campainhas-amarelas] *Merremia tuberosa*, *Operculina tuberosa* Meissn. ● Planta que pode ser encontrada em zonas de clima tropical, crescendo apoiada sobre uma superfície. Apresenta raiz tuberosa, folhas palmatissectas, flores amarelas, e cápsulas globosas. → A *trepadeira elefante* (*Argyreia nervosa*), não deve ser confundida com a **campainha-amarela** (*Merremia tuberosa*), pois em inglês os nomes são parecidos (*Hawaiian Baby Woodrose* e *Hawaiian Woodrose*). ⇒ As folhas são em forma de coração e as flores roxas tem 5 a 7 cm e transformam em belas vagens que parecem os botões da **campainha-amarela** (*Merremia tuberosa*). **SIN. CIPÓ-BRASIL, FLOR-DE-MADEIRA, FLOR-DE-PAU, CAMPAINHA-DE-OURO**

http://azarius.pt/encyclopedia/6/Trepadeira_elefante/
<http://todaoferta.uol.com.br/comprar/argyreia-nervosa-var-havaiana-100-sementes-frete-gratis-RTAXUEU1SW#rmcl>

CAMPAINHA-VERMELHA [s.f.; pl. campainhas-vermelhas] *Ipomoea quamoclit*, *Ipomoea Horsfalliae* ● Planta originária da América que pode ser encontrada em zonas de clima tropical, subtropical e temperado, crescendo apoiada sobre uma superfície, e podendo chegar aos 6m de altura. Apresenta caule herbáceo, volúvel, ascendente e ramificado; folhas em forma de pena, lobadas com segmentos afilados, de coloração verde-clara; flores pequenas, tubulares, com abertura em forma de estrela de cinco pontas e coloração vermelho escarlate, com anteras brancas; os frutos são cápsulas glabras, com grandes sementes marrom-avermelhadas. → A **campainha-vermelha** cresce bem subindo em treliças ou latadas. ⇒ Planta *Ipomoea Horsfalliae* (**Campainha-vermelha**), *trepadeira volúvel de folhagem permanente e escura, produz muitas flores vermelhas brilhantes e pendentes*. **SIN. BOA-TARDE, CAMPAINHA, ESQUELETO, CARDEAL, CIPÓ-ESQUELETO, CORDA-DE-VIOLA, CORRIOLA, FLOR-DE-CARDEAL, PRIMAVERA, PRIMAVERA-GRANDE, PRÍMULA**

<http://www.soflor.com.br/produtos.asp?produto=2681>
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070120192041AA1hfuN>

ORDEM: SOLANALES; FAMÍLIA: SOLANACEAE

COERANA-AMARELA [s.f.; pl. coeranas-amarelas; var. coerana amarela] *Cestrum cotymbosum*, *Cestrum corymbosum* ● Planta nativa das Américas, que pode ser encontrada, sobretudo, nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. Tal arbusto é lenhoso e ramificado e não ultrapassa os 2m de altura. Apresenta folhas simples, alternas, coriáceas, elípticas ou elíptico-ovaladas; inflorescências terminais ou agrupadas em ramos laterais curtos com flores adensadas, de corola tubulosa amarela. É

encontrada em clareiras, bordas de florestas e capoeirinhas, sendo muito comum em áreas mais úmidas. → Os materiais já vistos e coletados em Santa Catarina correspondem tanto a *C. euanthes* quanto a *C. corymbosum*. Os nomes populares mencionados nas etiquetas de coleta são *coerana*, **coerana-amarela** e **quina-do-mato**. ⇨ **COERANA AMARELA**. É usada no tratamento das hemorróidas e como emoliente em geral, preparada por decocção ou macerada para banhos. **SIN. COERANA-DO-BREJO, QUINA-DO-MATO**

www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6808/000535683.pdf?...
www.coluna-da-sal.com/herbarium/herba_1c_8.htm

JASMIM-VERDE [s.m.; pl. jasmim-verdes; var. jasmim verde] *Cestrum nocturnum*, *Cestrum leucocarpum*, *Cestrum parqui* ● Planta arbustiva originária da América Tropical. Apresenta caule ereto e ramos sinuosos; folhas simples, perenes, ovais a lanceoladas, brilhantes, coriáceas e sustentadas por longos pecíolos; flores tubulares, de coloração creme-esverdeada; bagas de coloração branca e translúcidas. Tal arbusto pode chegar a 4 m de altura e é muito conhecida pelo aroma de suas flores durante a noite. → *Cestrum nocturnum*, L. *Dama da noite*; **jasmim verde**, cultivada como planta ornamental em jardins, utilizada também revestindo cercas e caramanchões ⇨ Além disso, também providenciamos jasmim pérola do chá verde produtos relacionados, tais como chá de jasmim puro, chá de **jasmim verde** (...). **SIN. DAMA-DA-NOITE, FLOR-DA-NOITE, JASMIM-DA-NOITE, RAINHA-DA-NOITE, COIRANA, COERANA**

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/dama-da-noite/dama-da-noite-3.php>
portuguese.alibaba.com

SAIA-BRANCA [s.f.; pl. saias-brancas] *Datura suaveolens*, *Brugmansia suaveolens* G. Don., *Datura arborea* L. ● Planta originária da América do Sul, de aproximadamente 3 m de altura, caule ramoso, folhas alternas, curto-pecioladas, ovado-oblongas, assimétrica na base, de 30 cm de comprimento. Tal arbusto apresenta flores de coloração variante entre o branco e o amarelo-creme, pendentes, cálice tubular, pentâmero. É considerada tóxica, sendo muito utilizada pelos indígenas devido suas propriedades psicotrópicas que resultam da presença de alcalóides tropânicos. Sua ingestão pode provocar boca seca, pele seca, taquicardia, dilatação das pupilas, rubor da face, estado de agitação, alucinação, hipertermia e, nos casos mais graves, pode levar à morte. → Em outras cidades do Brasil também é fácil de encontrar nas ruas, áreas verdes e em terrenos baldios, plantas como: (...) **saia-branca** (*Datura suaveolens*) e **urtiga** (*Fleurya aestuans*). E as pessoas desconhecem que estas plantas possam ser tóxicas. ⇨ A escopolamina, por exemplo, é o principal alcalóide presente em espécimes jovens de **saia-branca** (*Datura suaveolens* L), enquanto a hiosciamina é predominante nas plantas mais velhas (Schvartsman, 1979). **SIN. ERVA-DO-DIABO, TROMBETEIRA, TROMBETA-DE-ANJO, BELADONA, FIGUEIRA-DO-INFERNO, AGUADEIRA, CANUDO, LÍRIO, ZABUMBA**

http://www.floresta.ufpr.br/~paisagem/dicas_de_paisagismo_toxicas.htm
<http://www.lyndha.com/plantas/toxicas.htm>

BANANA-BRANCA [s.f.; pl. bananas-brancas; var. banana branca] *Musa acuminata* Colla, *Musa balbisiana* Colla ● Fruto de uma espécie de bananeira do subgrupo *Prata*. De aproximadamente 15 cm e 160 g, é ligeiramente curva, tem casca pouco espessa, amarelo-clara, e polpa branca. De aroma peculiar, diferente das outras espécies, e sabor adstringente muito apreciado, devido ao teor de tanino, é recomendada na alimentação de bebês, visto que ajuda a regularizar o funcionamento do intestino. Contém vitaminas B (que ajudam na regularização do sistema nervoso e aparelho digestivo) e C (que dá resistência aos vasos sanguíneos, evita a fragilidade dos ossos e dentes, age contra infecções e ajuda a cicatrizar ferimentos). → *Em experimento conduzido por Guerra et al. (1986), com a banana “Branca” (Subgrupo Prata), verificaram que não houve efeito do N no peso do cacho; entretanto, para o potássio, observaram aumento significativo em relação à testemunha a partir da dose de 400 kg de K₂O/ha. ⇨ Banana branca chega a variar 177% de um mercado para outro.* **SIN. BANANA, BANANA-MAÇÃ**

<http://www.scielo.br/pdf/rbf/v25n1/a42v25n1.pdf>
portal.jaraguadosul.com.br/modules/news/article.php?storyid=4066

ORDEM: ZINGIBERALES; FAMÍLIA: ZINGIBERACEAE

AÇAFRÃO-VERMELHO [s.m. pl. açafrões-vermelhos; var. açafrão vermelho] *Curcuma roscoeana* Wall. ● Planta herbácea, perene, nativa do sudeste europeu e sudoeste da Turquia e cultivada no Brasil, sobretudo, nos estados de Minas Gerais e Goiás. Apresenta folhas lineares, flores amarelas ou brancas e bulbo perene. Sua raiz é utilizada na culinária, na medicina para prevenção de doenças como o câncer e na fabricação de bebidas e corantes. → *A qualidade do açafrão vermelho é inferior, mas o seu preço é bem mais acessível. ⇨ Para um presente original, procure as ervas em Iraklion; aqui há açafrão vermelho a bom preço.*

http://cozinhapaisapais.folha.com.br/livros/25/mini_glossario.html
viagem.br.msn.com/destinos-artigo.aspx?cp-documentid...page=5

CANA-BRANCA [s.f.; pl. canas-brancas] *Costus spiralis*, *Costus spicatus* Jacq. ● Planta herbácea nativa do norte da América do Sul, muito encontrada na Mata Atlântica e Região Amazônica, que pode atingir 1,80 m de altura. Apresenta folhas espessas, dispostas em espiral; hastes semelhantes a da cana; inflorescências terminais, curtas, densas, cônicas, com flores brancas, róseas ou vermelhas e brácteas vistosas de coloração verde ou vermelha. É muito cultivada como ornamental. Por não tolerar clima frio, é indicada apenas para regiões tropicais e subtropicais. → *Cana-do-brejo (Costus spicatus Jacq.), também conhecida como cana-demacaco, cana-do-mansa, caatinga, cana-branca, cana-do-mato, é nativa em quase todo o Brasil, principalmente em áreas de Mata Atlântica e Amazônica, onde é tradicionalmente utilizada como medicinal e ornamental, devido a sua ação diurética e beleza. ⇨ Creio se tratar de uma Cana-Branca (costus spiralis), da família das zingiberáceas!* **SIN. CANA-DE-MACACO, CANA-DO-MANSA, CAATINGA, CANA-DO-MATO, CANA-DO-BREJO**

http://www.cpatc.embrapa.br/publicacoes_2011/f_01.pdf
www.jardineiro.net/phpBB/viewtopic.php?t=1436

Índice – Fauna

Expressão Cromática	página
Acaraúna-azul	152
Agulha-branca	151
Agulhão-azul	153
Agulhão-branco	153
Agulhão-negro	153
Agulha-preta	152
Albacora-azul	158
Albacora-branca	158
Anambé-branco-de-bochecha-parda	162
Anambé-branco-de-rabo-preto	162
Andorinha-de-rabadilha-branca	161
Andorinha-de-sobre-branco	162
Anu-branco	161
Araçari-de-bico-branco	164
Araçari-negro	164
Araçari-preto	164
Araponguinha-de-cara-preta	163
Araponguinha-de-rabo-preto	163
Arara-amarela	165
Arara-azul-e-amarela	165
Arara-de-asa-verde	165
Arara-vermelha	165
Asa-branca	161
Atum-amarelo	158
Atum-azul	158
Atum-branco	158
Atum-de-barbatana-azul	158
Atum-preto	159
Atum-vermelho	159
Bacurau-branco	160
Bacurau-de-rabo-branco	160
Baleia-branca	169
Barbeiro-amarelo	152
Barbeiro-azul	152
Boto-branco	168
Boto-cinza	168
Boto-cor-de-rosa	168
Boto-vermelho	169
Branquinha	152

Cacatua-branca	164
Cacatua-de-crista-amarela	165
Cirurgião-azul	153
Cisne-negro	160
Coró-branco	154
Cuxiú-de-nariz-branco	172
Cuxiú-negro	172
Cuxiú-preto	172
Damizela-de-cauda-amarela	156
Donzela-amarela	156
Donzela-azul	156
Donzela-azul-de-cauda-amarela	157
Donzela-azul-de-rabo-amarelo	157
Donzela-marrom	157
Donzelinha-amarela	157
Iguana-verde	146
Jararaca-do-rabo-branco	146
Jararaca-verde	149
Jararaquinha-do-rabo-branco	149
Jiboia-verde	147
Jiboia-vermelha	147
Macaco-prego-do-peito-amarelo	173
Macaco-tota-verde	173
Macaco-verde	173
Macaco-verde-africano	174
Maria-preta	157
Maria-preta-de-bico-azulado	163
Maria-preta-de-garganta-vermelha	163
Marlim-azul	153
Marlim-branco	154
Moreia-amarela	151
Moreia-preta	151
Papagaio-cinzento-africano	166
Papagaio-de-cabeça-azul	166
Papagaio-de-cara-roxa	166
Papagaio-de-fronte-azul	167
Papagaio-de-peito-roxo	167
Peito-roxo	167
Peixe-anjo-de-banda-amarela	155
Peixe-cirurgião-azul	153
Perca-amarela	155
Perereca-azul	150
Pítton-verde-da-árvore	148

Pomba-asa-branca	161
Rato-branco-de-laboratório	174
Rato-preto	174
Rinoceronte-branco	169
Rinoceronte-negro	169
Saberê-amarelo	158
Sagui-branco	172
Sangrador-azul	153
Sapo-verde	160
Sucuri-amarela	148
Sucuri-preta	148
Sucuri-verde	148
Tartaruga-de-orelha-vermelha	146
Tartaruga-verde	146
Uacari-branco	174
Uacari-de-cabeça-preta	173
Uacari-de-cabeça-vermelha	174
Uacari-negro	173
Uacari-preto	173
Urso-branco	171
Urso-cinzentos	171
Urso-negro	171
Veado-roxo	170
Veado-vermelho	170

Índice – *Flora*

Expressão Cromática	página
Abacaxi-branco	194
Abeto-branco	193
Abiurana-preta	180
Abóbora-branca	178
Acácia-amarela	180
Acácia-branca	178
Acácia-negra	180
Acácia-preta	181
Açafrão-amarelo	177
Açafrão-vermelho	203
Açaí-branco	179
Acanto-negro	185
Açucena-branca	175
Amarelão	199

Amarelinho	199
Amarelo-cetim	199
Ameixa-amarela	195
Ameixa-roxa	195
Ameixa-vermelha	196
Ameixeira-amarela	196
Ameixeira-roxa	196
Ameixeira-vermelha	196
Amora-branca	196
Amora-negra	196
Amora-preta	197
Amora-vermelha	197
Amoreira-branca	197
Amoreira-preta	197
Amoreira-vermelha	197
Angico-amarelo	181
Angico-branco	181
Angico-branco-do-morro	182
Angico-rosa	182
Angico-roxo	182
Angico-vermelho	182
Araçá-amarelo	191
Araçá-cinzentos	191
Araçá-rosa	191
Araçá-roxo	191
Araçá-verde	192
Araçá-vermelho	192
Arapoca-branca	200
Aroeira-branca	198
Assa-peixe-branco	177
Assa-peixe-roxo	178
Babosa-branca	185
Banana-branca	203
Bicuíba-branca	189
Branca-ursina	176
Branca-ursina	185
Braúna-preta	183
Breu-branco	198
Breu-branco-verdadeiro	198
Breu-preto	199
Breu-vermelho	199
Cacau-branco	190
Cacaueiro-branco	190

Cambará-branco	178
Cambará-do-branco	178
Cambará-rosa	199
Camboatã-branco	200
Cambuí-vermelho	192
Campainha-amarela	201
Campainha-vermelha	201
Cana-branca	203
Canela-amarela	186
Canela-amarela-de-cheiro	186
Canela-branca	187
Canela-preta	187
Canela-rosa	188
Canela-vermelha	188
Cedro-preto	188
Coerana-amarela	201
Embaúba-branca	194
Embaúba-vermelha	195
Embaúva-branca	195
Embaúva-preta	195
Espinheiro-preto	183
Jasmim-verde	202
Jurema-preta	183
Jurema-vermelha	183
Louro-amarelo	188
Louro-amarelo	188
Louro-amarelo-de-cheiro	188
Louro-vermelho	188
Mangarito-roxo	176
Matamatá-branco	179
Matamatá-roxo	179
Melão-branco	179
Pau-amarelo	200
Pau-roxo	184
Pau-roxo-da-caatinga	184
Pau-roxo-da-terra-firme	184
Pau-roxo-da-várzea	184
Pau-violeta	185
Piã-roxo	190
Pinhão-roxo	190
Rapútia-branca	200
Rosa-canina	197
Rosa-selvagem	197
Roxinho	185

Saia-branca	202
Tiririca-amarela	193
Tiririca-roxa	193
Ucuuba-branca	189
Ucuuba-vermelha	177
Umbaúba-branca	195
Violeta	185

CONCLUSÕES

Quando o que está em pauta são os estudos da linguagem, um fator a se considerar é a cultura do povo em questão, principalmente no que concerne à construção do léxico, pois este estabelece uma relação intrínseca com o universo extralinguístico da sociedade que o utiliza. Uma vez entendidos como parte do léxico geral da língua, os itens lexicais especializados estão sujeito a todas as variações e imposições culturais, da mesma forma que o vocabulário do discurso comum.

O presente estudo buscou, em primeiro lugar, salientar a utilização dos nomes de cores para a ampliação lexical do léxico especializado em língua portuguesa, atentando para o seu uso e contribuição na divulgação do saber científico por meio da popularização de conceitos e, conseqüentemente, da intermediação entre o discurso comum e especializado. Em segundo lugar, esta pesquisa propôs a elaboração de um dicionário temático voltado para especialistas, com modelos de macro e microestrutura direcionados a esse perfil de usuário.

Desse modo, procuramos dividir esse texto de forma que resultasse de fácil compreensão os fatores que nos impulsionaram a desenvolver essa pesquisa. Para tanto, no primeiro capítulo, fizemos uma retrospectiva do estudo das cores para então tratarmos de sua abordagem linguística. Vimos que o estudo linguístico tem suas origens no embate entre o Universalismo e o Relativismo que, de um lado, defende a existência de universais linguísticos, de outro, afirma que cada língua descreve a realidade de uma forma própria e que a existência de características comuns é proporcionada pela difusão cultural. Retrataros as perspectivas atuais que têm dado destaque para fatores cognitivos, abordando sobretudo a percepção e nomeação do espectro cromático. Em seguida, discorreremos sobre a presença das cores no meio ambiente e dos motivos que nos levaram a trabalhar com tal fatia lexical.

Defendemos que as cores assumem valores culturais e simbólicos diferentes, a depender da sociedade que as emprega, e que seu estudo não deve ser o da segmentação do espectro cromático, mas sim de seus valores semânticos e na implicação de tais fatores nas estruturas linguísticas compostas pelas cores.

Em se tratando de seu estudo linguístico, concordamos com o estabelecimento de tipologias fixadas a partir do molde que a(s) língua(s) em questão faz(em) do espectro cromático, modelagem essa que reflete as características sócio-históricas, culturais, econômicas e tecnológicas de um povo expressas no uso que uma determinada comunidade faz das cores na sua língua.

No segundo capítulo, nos concentramos no tratamento das variantes denominativas pela Terminologia. Por isso, retratamos as tendências atuais nos estudos de base comunicativa que abordam as terminologias como parte constituinte do léxico de uma língua; o texto especializado é visto como fator fundamental na constituição dos itens lexicais especializados; a linguagem especializada remete ao conjunto de recursos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos associados a uma determinada situação de comunicação (MACIEL, 2010) e, portanto, é tratada como uma variedade da língua geral utilizada em uma dada circunstância; o discurso especializado, por sua vez, é o motivador da divulgação científica, representando uma concepção dinâmica da língua que direciona os estudos em terminologia para uma perspectiva cognitiva e social (CABRÉ et al., 2007). Atentamos para as diferenças e semelhanças entre a Lexicografia e a Terminografia, abordando as características da Lexicografia Especializada e, em especial, do dicionário em questão.

No terceiro capítulo, discorremos sobre a Onomasiologia e dicionários onomasiológicos. Enfatizamos nessa parte a relação entre a Onomasiologia com o estudo do significado, retratando algumas teorias que abordaram tal assunto, para então tratar da interdependência entre Onomasiologia e Semasiologia. Em seguida, retratamos o percurso

onomasiológico e semasiológico, argumentando a favor da presença destes dois percursos nos dicionários.

No quarto capítulo, discutimos algumas questões teóricas sobre a elaboração de dicionários, sobretudo daqueles considerados temáticos, tais como os modelos de macro e microestrutura, bem como da definição, da presença dos contextos e do *corpus* utilizado. Dissertamos também sobre questões que giram em torno da sinonímia científica, da homonímia e da polissemia presente nesse vocabulário para então, no quinto capítulo, relatar a metodologia adotada no processo de elaboração do dicionário.

Por fim, no sexto capítulo, descrevemos as análises resultantes da observação da construção e comportamento das expressões cromáticas, além de apresentar o dicionário. Faulstich (1995), baseando-se em Sager (1993), ressalta a existência da variação terminológica, afirmando que esta pode ocorrer em vários níveis, manifestando-se em intensidade diferente, a depender do contexto em que ocorre, fato este que comprova a presença de características sócio-históricas e culturais também no discurso especializado.

Barros (2006) atenta para a linha tênue que separa o comum do especializado, pois muitas palavras que pertencem a campos específicos são popularizadas e passam a flutuar entre esses dois domínios. Podemos afirmar que é o caso da fatia lexical com a qual nos propusemos a trabalhar. Nossa pesquisa culminou na comprovação de que existem vários níveis de especialidade de grau conceitual (CIAPUSCIO, 1998) na terminologia da *Fauna* e da *Flora*, configurada pela existência de sinônimos na denominação das espécies. Comprovamos que as expressões cromáticas são responsáveis pela popularização dos conceitos dessa área, estando presentes tanto no discurso comum quanto no especializado. Tais itens, ao contrário dos nomes científicos que não ultrapassam a comunicação entre os profissionais de um dado domínio, atingem todos os níveis de especialização do discurso, levando o conhecimento científico até o leigo. Concluimos que, dentre as formas de

denominação de uma mesma espécie, as expressões cromáticas situam-se em um nível intermediário de especialização, sendo utilizadas tanto por especialistas, como por técnicos, apreciadores da *Fauna e Flora* ou pelo falante comum, difundindo conceitos e mediando a comunicação entre os diversos perfis de interlocutores.

Em se tratando do registro das unidades lexicais especializadas, as características culturais têm se definido como um fator relevante também para a compilação das obras temáticas. Cabré (1993), Faulstich (1995), Krieger e Finatto (2004), Barros (2004), dentre outros, relevam a importância de se observar a unidade lexical especializada em seu contexto real de uso e de analisar e descrever a terminologia no espaço de interação social. Dessa forma, tais fatores passam a ser empregados na elaboração de dicionários especializados, atentando assim para a vertente social do discurso especializado e abordando as variações e as denominações populares.

Assim, a elaboração de um dicionário composto apenas por expressões cromáticas especializadas busca atender para a importância das variantes denominativas na popularização do saber científico e de sua compilação em obras de referência. A opção pela estrutura onomasiológica busca proporcionar ao usuário o estabelecimento de relações conceituais e, por conseguinte, uma melhor apreensão do conhecimento científico.

Dando continuidade ao nosso trabalho, em um projeto futuro, visaremos à ampliação da obra, inserindo na microestrutura do dicionário os equivalentes em língua inglesa e italiana. Nessa segunda fase, estaremos envolvidos com questões que giram em torno dos fatores culturais na tradução e na composição das expressões cromáticas especializadas. Visto que a grande maioria dos cromônimos encontrados descrevem espécies nativas da América, em especial, da Amazônia, a hipótese que se faz é de que o reflexo das características físicas das espécies na sua denominação em língua portuguesa esteja influenciado pela proximidade

entre o homem e o meio em que a espécie ocorre, apontando para uma relação intrínseca com a posição geográfica em que se encontra o Brasil.

Desse modo, tomaremos como ponto de partida a busca pelos correspondentes das expressões cromáticas nas línguas italiana e inglesa, observando se estes são compostos também por nomes de cores, em caso positivo, analisaremos a composição e formação das expressões cromáticas nessas duas línguas, discorrendo sobre os problemas tradutórios decorridos das diferenças culturais na percepção das cores. Além disso, examinaremos se as mesmas conclusões que puderam ser feitas em língua portuguesa, isto é, a livre transição dos cromônimos entre discurso comum e especializado, também estão presentes em línguas italiana e inglesa.

Visto que os grandes usuários das obras especializadas são os profissionais que agem na difusão do conhecimento científico, em especial, tradutores e intérpretes, nessa segunda fase, ampliaremos nosso público-alvo, focando também em tais profissionais. Por isso, formularemos um modelo de microestrutura que agrade a ambas as classes de consulentes.

Nossos objetivos futuros também estarão concentrados na implementação de uma plataforma *online* do dicionário, que proporcionará a divulgação imediata do nosso trabalho e que possibilitará a sua ampliação constante.

Por fim, esperamos que esta pesquisa sirva para enriquecer o amplo leque de estudos que abordam o tratamento do léxico e que incentive o estudo das ULEs e a elaboração de dicionários temáticos. Esperamos ainda que a obra em questão incite a curiosidade tanto pelo leigo quanto pelo especialista em consultar uma obra onomasiológica que aponta para o colorido da nossa *Fauna e Flora*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I.M. Qual a relevância da inclusão de exemplos ou de abonações nos dicionários, considerando os diferentes tipos de obras lexicográficas? In: XATARA, C; BEVILACQUA, C; HUMBLÉ, P. R. M. *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. *Conceitos de Biologia*. São Paulo: Moderna, 2001.
- ARCAINI, E. *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna: Patron Editore, 1991.
- AUBERT, F. H. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe*. São Paulo: Humanitas, 1996.
- BABINI, M. *Onomasiologie et dictionnaires onomasiologiques*. São José do Rio Preto: Beatriz, 2001.
- BALDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia. *ALFA*, v.9, p.7-36, 1966.
- BALDINGER, K. *Teoria Semantica: hacia una semantica moderna*. Madri: Alcalá, 1970.
- BARONCHELLI, A.; GONG, T.; LORETO, V.; PUGLISI, A. Modeling the emergence of universality in color naming patterns. *PNAS*, v. 107, n.6, p.2403-2407, 2010.
- BARROS, L. A. *Curso básico de Termiologia*. São Paulo: EdUSP, 2004.
- BÉJOINT, H. *Modern Lexicography: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BERBER SARDINHA, T. Que tipo de *corpus* é a Web? *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 15, p.191-220, jul/dez 2003.
- BERBER SARDINHA, T. *Lingüística de Corpus*. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.
- BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. *Manual of Specialised Lexicography: The Preparation of Specialised Dictionaries*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- BERLIN, B.; KAY, P. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1969.
- BEVILACQUA, C.R.; FINATTO, M.J.B. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. *Alfa*. São Paulo, v. 50, n.2, p.43-54, 2006.
- BIDERMAN, M.T. A estrutura mental do léxico. *Estudos de Filologia Linguística*. São Paulo: Queiroz/EDUSP, 1981.
- BIDERMAN, M.T.C. O léxico, testemunho de uma cultura. *Actas do 19º Congresso Internacional de Linguística e Filología Românicas*, Coruña, 1992.
- BIDERMAN, M.T.C. A definição lexicográfica. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, Instituto de Letras da UFRGS, n. 10, p.23-43, jul. 1993.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Linguística*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIZZOCCHI, A. *Léxico e ideologia na Europa Ocidental*. São Paulo: Annablume, 1998.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução Aos Estudos Lingüísticos*. CAMPINAS: PONTES, 1991.
- BOWKER, L. Specialized lexicography and specialized dictionaries. In: STERKENBURG, P.V.(ed.) *A Practical Guide to Lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

- BROWN, A. M.; LINDSEY, D. T. Word color survey color naming reveals universal motifs and their within-language diversity. *PNAS*, v. 106, n.47 p.19785-19780, 2009.
- CABRÉ, M.T. *La terminologia: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- CABRÉ, M. T. *La Terminologia: Representación y comunicación*. Universitat Pompeu Fabra: Barcelona, 1999.
- CABRÉ, M. T.; BACH, C.; CASTELLÀ, J. M.; MARTÍ, J. La caracterización lingüística del discurso especializado. In: MAIRAL, R. et. al. (ed.). *Aprendizaje de lenguas, uso del lenguaje y modelación cognitiva: perspectivas aplicadas entre disciplinas. Actas del XXIV Congreso Internacional de AESLA*. Madrid: UNED-AESLA, p.851-857, 2007.
- CARBALLO, M. A. C. La macroestructura del diccionario. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. Editorial Ariel, S.A.: Barcelona, 2003.
- CIAPUSCIO, G. E. La Terminología desde el Punto de Vista Textual: selección, tratamiento y variación. *Organon*, Porto Alegre, v. 2, n. 26, p. 43-65, 1998.
- CLAIDIÈRE N.; JRAISSATI Y.; CHEVALLIER C. A colour sorting task reveals the limits of the universalist/relativist dichotomy: colour categories can be both language specific and perceptual. *Journal of Cognition and Culture*, v. 8, n.3-4, p.211-233, 2008.
- COLSON, J.-P. The World Wide Web as a *Corpus* for Set Phrases. In: BURGER, H., DOBROVOL'SKIJ, D., KÜHN, P. & NORRICK, N. (org.) *Phraseologie/Phraseology, Handbooks of Linguistics and Communication Science*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- DAPENA, J. A. P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arcos/Libros, S.L., 2002.
- EDO MARZÁ, N. Lexicografía especializada y lenguajes de especialidad: fundamentos teóricos y metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados. *Lingüística*, v. 26, p.98-114, jun. 2012.
- ENDRESS, P. K. *Diversity and Evolutionary Biology of Tropical Flowers*. 1st ed. Cambridge University Press, 1994.
- FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995.
- FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Cienc.Cult.* 2006, v. 58, n. 2, p. 27-30. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2.pdf>>. Acesso em: 11 jun 2011.
- FINATTO, J.M.B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. In.: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.
- FRESU, R. Neologismi a colori: per una semantica dei cromonimi nella lingua italiana. *Lingua italiana d'oggi*, v. 3, p.153-179, 2006.
- GONZÁLEZ, A. C. J. Percepción del color y lenguaje: Sobre la vuelta del relativismo. *Ciencia Cognitiva: Revista Electrónica de Divulgación*, v.2, n.2, p.62-64, 2008.
- GRACCI, S. India, elefanti e colori: etimologie e simboli per un'ipotesi di ricostruzione culturale. *Studi Linguistici e Filologici online*, v. 1, p.177-197, 2003.
- GROSSMANN, M. *Colori e lessico: studi della struttura semântica degli aggettivi di colore in catalano, castigliano, italiano, romeno, latino ed ungherese*. Tübingen: Narr, 1988.

- GUERRA, A. M. M. La microestructura del diccionario: la definición. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española. España*: Editorial Ariel, S.A., 2003.
- ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.
- KAY, P.; REGLER, T. Resolving the question of color naming universals. *PNAS*, v. 100, n.15, p.9085-9089, 2003.
- KAY, P.; REGIER, T. Language, thought and color: recent developments. *TRENDS in Cognitive Sciences*, v.10, n.2, 2006.
- KRIEGER, M.G. Terminologia revisitada. In.: KRIEGER, Maria da Graça, MACIEL, Anna Maria Becker. (Org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001a.
- KRIEGER, M.G. O termo: questionamentos e configurações. In.: KRIEGER, Maria da Graça, MACIEL, Anna Maria Becker. (Org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001b.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KRIEGER, M. G. A identidade da terminologia e o perfil do terminólogo. *Revista Trama*, vol. 2, n.4, p.155-164, 2006.
- LANDAU, S. I. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. New York, Sidney: The Cambridge University Press, 1989.
- MACIEL, A. M. B. Terminologia, linguagem de especialidade e dicionários. In: KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.
- MACIEL, A.M.B. Linguagens especializadas e Terminologia: o passado projetando o futuro. In. PERNA, C. L.; DELGADO, H. K.; FINATTO, M. J. (Orgs.). *Linguagens Especializadas em Corpora*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MARELLO, C. *Le parole dell'italiano: lessico e dizionari*. Bologna: Zanichelli, 1996.
- MORAES FILHO, W. B. *Uso conotativo das designações das cores em português e em inglês*. São Paulo, 1995. 593f. Dissertação. (Mestrado em Língua e Literatura Norte-Americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- NUNES, J.H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006.
- OLIVEIRA, M.E.O. Enfoque onomasiológico y fraseografía: cuestiones teórico-prácticas. In: PAMIES, A.; LUQUE, L.; BRETANA, J.; PAZOS, M. (org.) *Multi-lingual phraseography: Second Language Learning and Translation Applications*. Schneider Verlag: Baltmannsweiler, 2011.
- PÉREZ HERNÁNDEZ, M. C. Explotación de los corpóra textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. In: *Estudios de Lingüística Española*, v.18, 2002.
- POUGH, F. H. *A vida dos vertebrados*. São Paulo: Atheneu, 1993.
- QUICKE, Donald L.J. *Principles and Techniques of Contemporary Taxonomy*. 2nded. London: Blakie Academic Professional, 1996.

- RIVA, Huéilton Cassiano. *Dicionário Onomasiológico de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa do Brasil*. São José do Rio Preto, 2009. 290f. Tese (Doutorado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- ROBERSON; DEBI; DAVIES; IAN; DAVIDOFF, J. B. Color categories are not universal: replications and new evidence. In: SAUNDERS, B.; BRAKEL, J. V. (eds.) *Theories, Technologies, Instrumentalities of Color: Anthropological and Historiographic Perspectives*. Lanham, MD: University Press of America, p.25-35. ISBN 978-0-7618- 2265-3 [Book Section]: Goldsmiths Research Online. Disponível em: <<http://eprints.gold.ac.uk/4950/>>. Acesso em: 11 jun 2011.
- ROBERSON, D.; DAVIDOFF, J.; DAVIES, I.R.L.; SHAPIRO, L.R. Color categories: Evidence for the cultural relativity hypothesis. *Cognitive Psychology*, v. 50, p.378–411, 2005.
- RODRIGUES, C.C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- RODRÍGUEZ, A. M. Universalismo e relativismo lingüístico. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, v. 11, p.27-37, 1998.
- ROUSSEAU, René-lucien. *A linguagem das cores: a energia, o simbolismo, as vibrações e os ciclos das estruturas coloridas*. Trad. J. Constantino K. Riemma. São Paulo: Pensamento, 1980.
- SAGER, J.C. Prefácio. In: CABRÉ, M.T. *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- SILVA, O.L. da. *Das Ciências do Léxico ao léxico nas ciências: uma proposta de dicionário português-espanhol de Economia Monetária*. Araraquara, 2008. 334f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- SIOK, Wai Ting; KAY, Paul; WANG, William S. Y.; CHAN, Alice H. D.; CHEN, Lin; LUKE, Kang-Kwong; TAN, Li Hai. Language regions of brain are operative in color perception. *Proceedings of the National Academy of Sciences. PNAS*, v. 106, n.20, p.8140-8145, 2009.
- TOSQUI-LUCKS, P. Os dicionários onomasiológicos como instrumento didático-pedagógico: uma análise do campo semântico do turismo em dicionários de língua inglesa. In: XATARA, C. M.; HUMBLÉ, P. (org.). *Pesquisas em Lexicografia Pedagógica*. Florianópolis - SC: EDUFSC, vol. 1, p.231-243, 2008.
- ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VALENZUELA, J. Relativismo lingüístico: ¿Qué tal suena? *Ciencia Cognitiva: Revista Electrónica de Divulgación*, vol.1, 1, p.15-17, 2007.
- VALENZUELA, J. Sobre colores y lenguas. *Ciencia Cognitiva: Revista Electrónica de Divulgación*, v.2, n.2, p.56-58, 2008.
- VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra:Almedina, 1979.
- WELKER, A. H. *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WYLER, Siegfried. *Colour and language: Colour Terms in English*. Tübingen: Narr, 1992.

YENDRIKHOVSKIJ, S.N. Computing color categories from statistics of natural images. *Journal of Imaging Science and Technology*, v.45, n.5, p.409-417, September/October 2001.

ZAVAGLIA, C. *Os cromônimos no italiano e no português do Brasil: uma análise comparativa*. São Paulo, 1996. 264f. Dissertação. (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZAVAGLIA, C.; ZAVAGLIA, A. A elaboração de um dicionário trilingüe temático de cromônimos italiano-português-francês/francês-português-italiano: reflexões e considerações. *Linguística*. São Paulo, v. 12, p.235-247, 2002.

ZAVAGLIA, C. Ambigüidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. *D.E.L.T.A.*, v.19, n.2, p.237-266, 2003.

ZAVAGLIA, C. Dicionário e Cores. *Alfa*. São Paulo, v.50, n.2, p.25-41, 2006.

ZAVAGLIA, C. A prática lexicográfica multilingüe: questões concernentes ao campo das cores. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 1.ed. Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas, v. 3, p.209-222, 2007.

ZAVAGLIA, C. *Sistematização crítica em Lexicografia e Lexicologia*. São José do Rio Preto, 2009. 92f. Tese (Livre-docência em Lexicologia e Lexicografia) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

Dicionários:

CARVALHO, C.T. de. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. 2.ed. rev. São Paulo: Nobel, 1979.

CORRÊA, M. Pio. *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1926.

CRUZ, Gilberto Luis da. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0*. 5.ed. Curitiba: Positivo Informática LTDA, 2010.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

PEREIRA, Antônio Batista; PUTZKE, Jair. *Dicionário brasileiro de botânica*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

TIERNO, João Cayolla. *Dicionário zoológico: contendo, por ordem inversa, todos os termos registrados nos dicionários mais correntes da língua portuguesa*. Lisboa: Tertulia Edipica, 1954.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ÁLVAREZ GONZÁLEZ, C. J. Percepción del color y lenguaje: Sobre la vuelta del relativismo. *Ciencia Cognitiva: Revista Electrónica de Divulgación*, v.2, n.2, p.62-64, 2008.

ALVES, I. M. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. *Alfa*, v.40, p.11-16, 1996.

BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v.58, n.2, Abril/Junho 2006.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BOWKER, L. Specialized lexicography and specialized dictionaries. In: STERKENBURG, P.V. (ed.) *A Practical Guide to Lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003.

BRUSATIN, M. *Storia dei colori*. Torino: Giulio Einaudi editore s.p.a., 1983.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. 2.ed. Tradução de Marcos Martínez. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

GOODWIN, Charles. Practices of color classification. *Cognitive Studies*, v. 3, n.2, p.62-82, 1996.

KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

L'HOMME, M.C. ; POLGUÈRE, A. Mettre en bons termes les dictionnaires spécialisés et les dictionnaires de langue générale. In : Maniez, F. ; Dury, P. (dir.). *Lexicographie et terminologie: histoire de mots. Hommage à Henri Béjoint*. Lyon: Presses de l'Université de Lyon, p.191-206, 2008.

MEXIAS-SIMON M. L. Os nomes e sua possível motivação. In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olivia Maria; SILVA, Fatima. (org.) *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mario Vilela*. 1.ed. Porto: Faculdade de Letras da Cidade do Porto, v. 02, p.695-710, 2005.

SAGER, J.C. *A Practical Course in Terminology Processing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins publishing company, 1990.

TAKAHASHI, Shin'ya. Psychological study of environmental colors (1): Effects of color lighting on the performance of simple task. *Journal of Human Environmental Studies*, v. 3, n.1, p.41-46, 2005.

VILELA, Mário. *Léxico e gramática*. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1998.

XATARA, C. M. . A web para um levantamento de frequência. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (org.). *Múltiplas perspectivas em lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p.770-777.

XATARA, C; BEVILACQUA, C; HUMBLÉ, P. R. M. *Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ZAVAGLIA, C. Aspectos semânticos dos cromônimos entre as línguas italiana e portuguesa do Brasil. In: *Estudos Linguísticos*, v. 27, São Paulo, p. 912-917, 1998.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 11 de março de 2013.

Assinatura